



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA –
EDUCANORTE
ASSOCIAÇÃO PLENA EM REDE

A FESTA JUNINA E A EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO AMAZÔNICO:
TERRITORIALIDADE, CULTURA E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA CIDADE
DE BOA VISTA-RR

GLAUCIENE DUTRA SILVA

BOA VISTA/RR
2024

**A FESTA JUNINA E A EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO AMAZÔNICO:
TERRITORIALIDADE, CULTURA E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA CIDADE
DE BOA VISTA-RR**

GLAUCIENE DUTRA SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia/PGDA, Associação Plena em Rede, como requisito para obtenção do título de grau de doutoramento em Educação.

Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes, Linguagem E Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leila Adriana Baptaglin.

**BOA VISTA/RR
2024**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva, Glauciene Dutra
S586f A festa junina e a educomunicação no contexto amazônico: :
territorialidade, cultura e a educação não formal na cidade de Boa
Vista-RR / Glauciene Dutra Silva . 2024
290 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Leila Adriana Baptaglin.
Tese (Doutorado em Educação na Amazônia) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Informação. 2. Educomunicação . 3. Cultura. 4. Educação não
formal. I. Baptaglin., Leila Adriana. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

**A FESTA JUNINA E A EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO AMAZÔNICO:
TERRITORIALIDADE, CULTURA E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA
CIDADE DE BOA VISTA-RR**

GLAUCIENE DUTRA SILVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia/PGDA, Associação Plena em Rede, como requisito para obtenção do título de grau de doutoramento em Educação.

Apresentado em 14 de junho de 2024 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **LEILA ADRIANA BAPTAGLIN**
Data: 15/07/2024 18:48:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra; Leila Adriana Baptaglin (Orientador/UFRR)

Documento assinado digitalmente
 **LEILA MARIA CAMARGO**
Data: 16/07/2024 08:31:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Leila Maria Camargo (Membro externo/UERR)

Documento assinado digitalmente
 **ARTUR ROSA FILHO**
Data: 16/07/2024 16:49:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Artur Rosa Filho (Membro/ UFRR)

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO ALVES GOMES**
Data: 17/07/2024 12:39:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Alves Gomes (Membro interno/ PPGL UFRR)

Documento assinado digitalmente
 **VILSO JUNIOR CHIERENTIN SANTI**
Data: 15/07/2024 19:00:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vilso Junior Chierentin Santi (Membro/UFRR)

Boa Vista, RR, Brasil

2024

Dedico, primeiramente, a Deus pela benção de seguir com meu sonho em um doutoramento. Ao meu esposo e meus filhos. Aos meus pais Antônio Marques Silva e Maria da Solidade Dutra Silva, irmãos e sobrinhos. E a Antônio Tolrino Rezende Veras (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar os agradecimentos, a primeira coisa que me passa na cabeça é minha gratidão a Deus. Em primeiro lugar agradeço a ele a finalização dessa tese, toda honra e toda glória são dedicados a Ele. Por permitir que eu conseguisse alcançar um projeto profissional que tanto desejei e orei. Agradeço a Deus por ter depositado em mim a sua confiança, na responsabilidade de cuidar da família e da escrita desta tese, conseguindo finalizar com saúde mental, paz e tranquilidade e com muita gratidão. Pois, na semana que iniciou doutorado, o meu primogênito nasceu. Ao iniciar as inscrições para o processo de doutorado, eu descobri minha gravidez. Poderia por medo desistir, e não continuar a inscrição. Mas não desisti, eu fiz a inscrição e em cada etapa, eu orava e falava com Deus: “Deus, se for da sua vontade eu passar nesse doutorado mesmo grávida, pode me abençoar com essa aprovação, que a tua filha está pronta de fazer um doutorado e ser mãe de primeira viagem”.

E assim, Deus me abençoou com a aprovação, e no início das aulas meu querido Menino Sérgio nasceu, como carinhosamente o chamo. E estive presente em todas as aulas, cumprindo com cada compromisso e datas do doutorado. Qualifiquei tudo dentro prazo, ou talvez, adiantada. E para a minha surpresa já tinha qualificado com meu segundo filho no ventre. Ao saber, mais uma vez eu orei, e disse: “Deus, se você me abençoou com outro filho, é porque sabes que tua filha vai conseguir cumprir com que o Senhor me deu”.

Só que eu não imaginava que ao nascer meu segundo filho Mário, eu iria ter minha vida virada de cabeça para baixo, com diagnóstico de câncer do meu esposo. Com um mês e 20 dias do nascimento do meu segundo filho, ele descobriu essa doença e já automaticamente teve que passar por uma cirurgia que corria risco de morte. Lembro-me que a doutora me disse: “Não sei o tamanho da sua fé, mas o primeiro milagre já aconteceu, agora quero que ele apenas acorde e passa por todas as complicações que ele pode ter na UTI”. Meu chão se abriu, como se não tivesse força para sustentar meu pé no chão. E sim, ele passou por todas as complicações dentro daquele leito de UTI, mas em nenhum momento Deus o abandonou.

E com tantos problemas eu não me permiti fraquejar com as dificuldades. Apenas entreguei nas mãos de Deus e permaneci tranquila na minha fé, pois sabia que ele tinha tomado a frente e tinha a solução para nossos problemas. E com saída dele do hospital, já iniciando o tratamento, com a vida meio que organizada com aquela rotina, creio em Deus

que esse será apenas um processo que sairemos vencedores. Assim, logo voltei a escrita da tese. Não usei dos meus problemas para deixar de lado minhas responsabilidades, pois, sabia que Deus era comigo e com minha família.

Agradeço de coração a minha família, meu esposo que sempre me incentivou em tudo que desejava fazer, alegrando-se com minhas conquistas e contribuindo com cada uma delas. Meus pais, meus irmãos e meus sobrinhos, cunhados, que inúmeras vezes cuidaram dos meus filhos para estudar sem preocupações. As minhas irmãs que me ligavam cobrando-me para estudar, que era só deixar os meninos com elas, ou mesmo elas vinham até mim. Minha conquista também é da minha família. Meus sobrinhos que passavam horas brincando com meus filhos, para que eles não sentissem tanto a minha falta, mesmo estando na mesma casa, mas trancada em um quarto para estudar. Deus, Marido (como eu chamo), filhos e família: eu amo vocês.

Quero agradecer também a minha querida orientadora Leila Baptaglin, a qual com sua paz, tranquilidade e empatia, me orientou com amor. Uma orientadora humana, que tornou esse doutorado leve, sem ter uma carga de medo, estresse e desespero. Que bom seria se todos pudessem ter a benção de Deus em ter uma pessoa que cobra com responsabilidade, sem humilhar, sem afetar a saúde mental de seu orientando. Sempre atenta aos prazos e nos notificando sobre as datas e eventos, disciplinas e horários. Às vezes eu pensava: como ela consegue fazer tantas coisas? E isso fazia-me ter ainda mais força e disposição para cumprir com meus prazos, pois não era justo com Deus, no qual me ouviu e me abençoou com a aprovação e com sonho de ser mãe, nem era justo atrasar com a professora Leila. Com tantas obrigações ela tinha a responsabilidade para conosco, seus orientandos. E tantas vezes falei com meu marido: “amanhã preciso ficar o dia todo na casa da mamãe escrevendo, para cumprir com o prazo, pois além do meu nome, tem nome da professora Leila, e não posso “sujar” o nome dela, sendo uma orientanda que não cumpre com sua responsabilidade”. Professora Leila, obrigada pela pessoa que foi comigo nessa caminhada, que Deus te abençoe sempre.

Esse doutorado também me trouxe uma amizade que fez com que minhas angústias passassem mais rápido. No qual diversas vezes trocamos nossas ansiedades e medos, medo de não ter entendido um texto, e lá íamos nós dizer uma à outra o que tínhamos entendidos, para não errar diante das falas e argumentos nas aulas. E quantas vezes a gente se sentia pequena ou mesmo inferior daquelas pessoas que falavam e falavam nas aulas. Até que uma vez, a gente trocou uma mesma ideia, quando entendemos que aquelas pessoas que falavam muito, falavam, mas não era do texto, e nos

perguntávamos: “será que eles leram o texto?” Amiga, a gente não é inferior a ninguém, só não sabíamos entrar em uma discussão que fugia do texto, talvez, por falta de experiências do que eles tinham vivido. Nós fazíamos as leituras com fichamento, sabíamos do começo ao fim o que entendemos do texto. Então, decidimos falar nossas compreensões logo no início, pois, quem iniciava acabava levando para outro rumo e a gente perde nosso lugar de fala. Essa organização era algo que elogiávamos na nossa orientadora, professora Leila, ela conseguia fazer um debate em cima do texto, e assim, a gente se sentia segura para participar. Amiga, Wellen, obrigada por sua amizade e carinho. Agradeço também as trocas de experiências com meus outros colegas do curso, Rafael e Sandra.

Agradeço a Eva Vilma, amiga de infância que sempre ora e jejuam comigo. Ela sempre esteve em oração por mim e por minha família e para que tivesse sabedoria para terminar esse doutorado. Minha amiga de faculdade Kely, que me acompanhava grávida, com barrigão, quase para ter menino, nas minhas coletas de dados em campo.

Agradeço aqui, aos professores que fizeram parte da minha qualificação, que com suas leituras contribuíram para uma melhor escrita dessa tese. Obrigada, Prof. Dr. Artur Rosa Filho, Prof. Dra. Leila Maria Camargo, Prof. Dr. João Luiz da Costa Barro e Prof. Dr. Vilso Junior Chierentin Santi.

Quero aqui deixar meu carinho e agradecimento para com os organizadores do Boa Vista Junina, em especial Chiquinho Santos, que me cedeu inúmeros dados em campos para minhas análises, e aos grupos de quadrilhas Zé Monteirão e Eita Junina, os quais me permitiram fazer o estudo, com registros, entrevistas e questionários. E aos espectadores que cederam suas respostas para o questionário.

Não posso de deixar de agradecer meu Professor Antônio Tolrino Rezende Veras (in memoriam), que me acompanhou durante a faculdade e mestrado, apresentando a professora Leila como coorientadora, e me que ajudou no meu crescimento acadêmico. Agradeço por ter me apresentando esse tema para trabalhar no mestrado e por sempre ter me incentivado a continuar com tema em um possível doutorado, e aqui estou encerrando essa caminhada. Lembro e guardo com carinho, sua última mensagem enviada em 2020, antes de falecer de COVID-19, dizendo: “minha filha, não fique só namorando, vai publicar e estudar para fazer um doutorado”. Obrigada, Veras, por cada incentivo e cobrança.

Obrigada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia/PGDA, pelo privilégio de cursar um doutorado. Meu coração só é gratidão a Deus.

“Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro[...] A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser farsa” (FREIRE, 1997, p. 97).

RESUMO

A presente tese-intitulada “a festa junina e a educomunicação no contexto amazônico: territorialidade, cultura e a educação não formal na cidade de Boa Vista-RR”. Trata da importância da cultura como um caminho para o desenvolvimento social. Para tanto, teve como objetivo geral compreender como a estrutura da festa junina em Boa Vista/RR, em sua totalidade, realiza o processo da educação dos sujeitos envolvidos. Diante disso, no estado do conhecimento são discutidas teses e dissertações encontradas sobre a temática festa junina, nas quais foi possível perceber diferentes abordagens da cultura junina, contudo, nenhuma enfatizou a educação não formal em um contexto educ comunicativo, como proposto nesta pesquisa. O método adotado foi o fenomenológico, buscando as possíveis relações das festas juninas com a educação. Como instrumentos utilizou-se entrevistas e questionários aplicados aos envolvidos com a festa junina e com a dança. O embasamento teórico está fundamentado com a educomunicação e suas aplicabilidades, especialmente, sob o olhar de Paulo Freire. Também são apontadas as dinâmicas dos territórios e territorialidades com interlocução da cultura e educação, bem como a festa junina como um dos saberes da cultura da Amazônia. Em seguimento, os dados coletados em campo foram analisados e discutidos. Em síntese os resultados direcionam para a noção de que as festas juninas em Boa Vista/RR buscam realizar um trabalho cultural a fim de que esse movimento continue sendo valorizado, para tanto, os grupos de quadrilhas realizam um trabalho social, de conscientização e apoio aos seus brincantes. De modo que os brincantes possam ter um bom desempenho como cidadãos e serem provedores de cultura, com prestígio e respeito por parte da sociedade. Outro resultado relevante trata-se da importância da educomunicação na festa junina para abrir novos meios entre comunicação, educação e informação, com isso gerando desenvolvimento local e valorização da cultura, além de auxiliar na construção de uma sociedade mais respeitosa e empática. A partir dos resultados obtidos é possível concluir que a festa junina de Boa Vista/RR e os grupos de quadrilha são responsáveis por dinamizar o desenvolvimento local e econômico, sendo ambientes que contribuem na construção de valores sociais e na educação dos brincantes, por meio de diálogos entre diferentes sujeitos socioculturais. Portanto, aprender e se informar ultrapassa os muros dos espaços formalizados.

Palavras-chave: Informação. Educomunicação. Educação. Cultura.

ABSTRACT

This thesis is entitled “the junine party and educommunication in the Amazonian context: territoriality, culture and non-formal education in the city of Boa Vista-RR”. It deals with the importance of culture as a path to social development. To this end, the general objective was to understand how the structure of the junine party in Boa Vista/RR carries out the process of educating the subjects involved. In view of this, the state of knowledge discusses theses and dissertations about the junine party, in which it was possible to perceive different approaches to junine culture, but none emphasized non-formal education in an educommunicative context, as proposed in this investigation. The method adopted was phenomenological, looking for possible relationships between junine party and education. The instruments used were interviews and questionnaires applied to those involved in the junine party and dance. The theoretical framework is based on educommunication and its applicability, especially from the perspective of Paulo Freire. The dynamics of territories and territorialities with the interlocution of culture and education are also pointed out, as well as the junine party as one of the cultural skills of the Amazon. The data collected in the field was then analyzed and discussed. To sum up, the results suggest that the junine party in Boa Vista/RR seek to carry out cultural work so that this movement continues to be valued. To this end, the groups carry out social work, raising awareness and supporting their dancers. This is so that the dancers can perform well as citizens and be providers of culture, with prestige and respect from society. Another relevant result is the importance of educommunication in the junine party to open new means of communication, education, and information, thereby generating local development and valuing culture, as well as helping to build a more respectful and empathetic society. Based on the results obtained, it is possible to conclude that the junine party in Boa Vista/RR and the groups are responsible for boosting local and economic development, being environments that contribute to the construction of social values and the education of the dancers, through dialogues between different socio-cultural subjects. Therefore, learning and being informed go beyond the walls of formalized spaces.

Keywords: Information. Educommunication. Education. Culture.

RESUMEN

Esta tesis se titula “La fiesta junina y la educomunicación en el contexto amazónico: territorialidad, cultura y educación no formal en la ciudad de Boa Vista-RR”. Trata de la importancia de la cultura como camino para el desarrollo social. El objetivo general fue comprender cómo la estructura de la fiesta junina en Boa Vista/RR, como un todo, cumple el proceso de educación de los sujetos involucrados. El estado del conocimiento discute tesis y disertaciones encontradas sobre el tema de la fiesta junina, en las que fue posible percibir diferentes abordajes de la cultura junina, pero ninguna enfatizó la educación no formal en un contexto educomunicativo, como se propone en esta investigación. El método adoptado fue fenomenológico, buscando posibles relaciones entre las fiestas juninas y la educación. Los instrumentos utilizados fueron entrevistas y cuestionarios aplicados a los implicados en las fiestas y bailes juninos. El marco teórico se basa en la educomunicación y su aplicabilidad, especialmente desde la perspectiva de Paulo Freire. También se señalan las dinámicas de los territorios y las territorialidades con la interlocución de la cultura y la educación, así como la fiesta junina como uno de los saberes culturales de la Amazonia. A continuación, se analizan y discuten los datos recogidos. En resumen, los resultados sugieren que las fiestas juninas de Boa Vista/RR buscan realizar un trabajo cultural para que este movimiento siga siendo valorado. Los grupos de cuadrilla realizan un trabajo social, de sensibilización y de apoyo a sus bailarines. Esto es para que los bailarines puedan desempeñarse bien como ciudadanos y ser proveedores de cultura, con prestigio y respeto de la sociedad. Otro resultado relevante es la importancia de la educomunicación en la fiesta junina para abrir nuevos medios de comunicación, educación e información, generando así desarrollo local y valorización de la cultura, además de ayudar a construir una sociedad más respetuosa y empática. A partir de los resultados obtenidos, es posible concluir que la fiesta junina en Boa Vista/RR y los grupos de cuadrillas son responsables de impulsar el desarrollo local y económico, siendo entornos que contribuyen a la construcción de valores sociales y a la educación de los actores, a través de diálogos entre diferentes sujetos socioculturales. Por lo tanto, aprender y estar informado va más allá de los muros de los espacios formalizados.

Palabras clave: Información. Educomunicación. Educación. Cultura.

LISTA DE SIGLAS

BVJ – Boa Vista Junina

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FETEC – Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

UFRR – Universidade Federal de Roraima

FERQUAJ – Federação Roraimense de Quadrilheiros Juninos

QEJ – Quadrilheiro da Eita Junino

QZM – Quadrilheiro Zé Monteirão

QDR – Quadrilheiro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: o campo da fenomenologia.	60
Figura 2: visão geral da fenomenologia.	61
Figura 3: coleta de dados por triangulação.	73
Figura 4: delineamento da pesquisa fenomenológica.	74
Figura 5: ideias opostas de integração e adaptação.	87
Figura 6: proposta do círculo de cultura.	88
Figura 7: esquematização de círculo de cultura por Paulo Freire.	90
Figura 8: acomodação e o mutismo.	92
Figura 9: elementos base para território.	104
Figura 10: integração dos elementos sujeito-espaco-cultura.	110
Figura 11: territorialidades dos espaços físicos e digitais.	119
Figura 12: a relação da Educomunicação com o Boa Vista Junina.	121
Figura 13: apontamentos sobre a geografia cultural.	126
Figura 14: o desenvolvimento do sujeito.	133
Figura 15: a relação da Educomunicação com o BVJ.	143
Figura 16: mapa de localização de Boa Vista/RR.	152
Figura 17: evolução do Boa Vista Junina (a); (b); (c); (d); (e); (f); (g); (h); (i).	159
Figura 18: evolução do BVJ (j); (k); (l); (m); (n); (o); (p); (q); (r); (s).	160
Figura 19: Boa Vista Junina antes da Pandemia COVID-19 (a); (b); (c); (d).	161
Figura 20: Boa Vista Junina na Pandemia COVID-19 (a); (b); (c).	161
Figura 21: Boa Vista Junina pós pandemia COVID-19 (diminuição dos casos) (a); (b); (c); (d).	162
Figura 22: evolução da Grupo Zé Monteiro (a); (b); (c); (d); (e); (f).	165
Figura 23: evolução do Grupo Eita Junino (a); (b); (c); (d); (e); (f).	166
Figura 24: BVJ em live (a); (b).	169
Figura 25: Boa Vista Junina Live (a); (b); (c); (d).	170
Figura 26: evolução do BVJ (a); (b); (c); (d).	171
Figura 27: criatividade do BVJ (a); (b); (c); (d).	172
Figura 28: temas socioculturais do BVJ (a); (b); (c); (d); (e).	173
Figura 29: dinâmica do BVJ para uma economia criativa.	183
Figura 30: troféu da campeã de 2023.	189
Figura 31: edições da Revista Anarriê.	194
Figura 32: educação e cultura.	197
Figura 33: profissional capacitando e avaliando o desenvolvimento do grupo.	200
Figura 34: explanação da educação na quadrilha junina.	207
Figura 35: indústria cultural para Adorno.	209
Figura 36: motivos de dançarem quadrilha.	214
Figura 37: relação do grupo.	217
Figura 38: a dança e seus valores sociais.	221
Figura 39: dinâmica da Educomunicação com os sujeitos das quadrilhas.	226
Figura 40: sentimento pela festa junina.	2288
Figura 41: pontos positivos e negativos do grupo.	2444

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: idade dos quadrilheiros por quadrilha.	213
Gráfico 2: idade dos quadrilheiros.....	2333
Gráfico 3: naturalidade dos quadrilheiros.	2344
Gráfico 4: escolaridade dos quadrilheiros.	2355
Gráfico 5: estado civil dos quadrilheiros.....	2366

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: dissertações e teses.	39
Tabela 2: características dos sujeitos em estudos sobre os grupos de quadrilhas.	65
Tabela 3: instrumentos de pesquisa.	69
Tabela 4: espaços onde ocorreram as festas juninas de Boa Vista/RR.	118
Tabela 5: tipo de festa junina em Boa Vista/RR.	155
Tabela 6: dinâmica dos empregos diretos e indiretos do BVJ.....	156
Tabela 7: festas populares dos estados do norte.	177
Tabela 8: organização das categorias de análises dos dados.	178
Tabela 9: quesitos julgados.	186
Tabela 10: categorias dos grupos de quadrilhas de Roraima.....	187
Tabela 11: organização das categorias de análises dos dados – presidentes, diretores e animadores.....	198
Tabela 12: organização das categorias de análises dos dados – entrevista quadrilheiros.	212
Tabela 13: organização das categorias de análises dos dados – questionário quadrilheiros.	231
Tabela 14: profissões dos quadrilheiros.	2366
Tabela 15: respostas do questionário aplicado aos quadrilheiros acerca do BVJ e das quadrilhas.	24040
Tabela 16: respostas do questionário aplicado aos quadrilheiros com foco na educação não formal, comunicação e educomunicação.	2455
Tabela 17: categorias de análises do público.	2499
Tabela 18: costumes de assistir as apresentações das quadrilhas anualmente.	2499
Tabela 19: como enxerga a cultura da quadrilha junina.	2511
Tabela 20: como analisa a valorização da cultura junina local.	2522
Tabela 21: entendimento sobre o tema que a quadrilha leva ao tablado.	2533
Tabela 22: compreensão acerca da quadrilha junina como processo de linguagem-comunicação com o público.	2544
Tabela 23: os motivos de assistir as quadrilhas e o que percebem de inovador.....	2566
Tabela 24: consegue perceber a educação não formal presente nas festas juninas e nas quadrilhas.	2577
Tabela 25: tipos de aprendizagens que conseguem construir com cultura junina.....	2599
Tabela 26: ouviu falar sobre a Educomunicação.....	26060

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A: APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA	2833
---	------

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA FETEC	2855
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PRESIDENTE E ANIMADOR....	2866
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA QUADRILHEIROS	2877
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO QUADRILHEIROS	2888
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO AO PÚBLICO	2899

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
2 A FESTA JUNINA COM DIFERENTES OLHARES: ESTADO DO CONHECIMENTO.....	37
2.1 Festa junina e a cultura do lugar	42
2.2 Festa junina e ambiente escolar	48
2.3 Festa junina e memória/tradição/representação	51
3 METODOLOGIA.....	57
3.1 Lócus de insvestigação.....	61
3.2 Sujeitos da investigação.....	64
3.3 Instrumentos de pesquisa.....	67
3.4 Etapas da análise fenomenológica.....	71
4 REFERENCIAL TEÓRICO	75
4.1 A Educomunicação e sua aplicabilidade	75
4.1.1 A Educomunicação sob o olhar de Paulo Freire.....	85
4.2 Amazônia: a formação territorial, sociocultural e suas influências no processo educacional da sua população	93
4.2.1 Território e a interlocução com a cultura e a educação	1022
4.2.2 Territorialidades físicas e digitais	113
4.3 A festa junina como um dos saberes da cultura da Amazônia.....	121
4.3.1 Geografia cultural e as suas contribuições para a valorização da cultura ...	125
4.3.2 A Festa e a dança como arte da comunicação	135
4.3.3 A dança como linguagem comunicacional.....	144
4.3.4 As Festas Juninas em Boa Vista/RR	149
4.3.5 “Manter a tradição para preservar”: processos de transformação e (des) territorialização dos grupos Eita Junino e Zé Monteirão, com destaque no período pandêmico.....	162
5 “VAMOS ACENDER A TRADIÇÃO NO MAIOR ARRAIAL DA AMAZÔNIA”	175
5.1 Gestão e organização da FETEC	175
5.2 “Boa Vista és minha menina tu és junina és minha paixão”: FETEC e a relação com a festa	179
5.3 “Veja como ele está lindo, olha pra'quele balão multicolor”: ação e prática da FETEC	190
6 “OLHA QUEM TÁ FORA QUER ENTRAR, QUEM TÁ DENTRO NÃO SAI”	199

6.1 A construção da dança quadrilha	199
6.2 A dança quadrilha como um caminho para a educação não formal: ação e prática dos grupos de quadrilha	203
6.3 “Orgulho de viver essa emoção”: relação com o grupo	212
6.4 Prática educativa com a quadrilha junina	219
7 CUMPRIMENTO ÀS DAMAS E CAVALHEIROS: QUEM SÃO OS SUJEITOS DA DANÇA QUADRILHA	2333
7.1 Quadrilheiros e relação com a festa e dança junina.....	2399
7.2 E cumprimentou o público! A comunicação da dança com os espectadores	2499
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	2622
REFERÊNCIAS	2688
ANEXOS	2822
APÊNDICES	2844

APRESENTAÇÃO

Eu, pesquisadora desta tese, possuo formação em Licenciatura/Bacharel em Geografia (UFRR), Licenciatura em Pedagogia (UNINTER), Bacharel em psicopedagogia (UNINTER) e duas especializações na área da educação. Atuo laboralmente como professora da educação básica desde 2014, na rede pública e privada, lecionando a disciplina de Geografia.

Apresento a pesquisa intitulada “As festas juninas e a Educomunicação: territorialidade, cultura e educação na cidade de Boa Vista-RR”. A qual trata-se de uma continuidade da pesquisa de mestrado que realizei pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira/UFRR, onde pesquisei “O maior arraial da Amazônia: um olhar geográfico sobre o Patrimônio Imaterial dos Festejos Juninos em Boa Vista/RR”. Sendo este o meu primeiro contato com o movimento cultural, no caso, as festas juninas de Boa Vista/RR. Meu objetivo geral foi investigar a dinâmica da festa junina no município de Boa Vista/RR enquanto patrimônio cultural imaterial, analisei as influências políticas, socioculturais e econômicas envolvidas.

Antes desta pesquisa minha visão era superficial acerca da importância desse movimento para a cultura local. Com o aprofundamento do estudo pude interpretar melhor a necessidade de valorizar as diferentes culturas de cada lugar. De modo que, cada cultura é uma identidade, história, memória de cada indivíduo, com o seu lugar de pertencimento, o qual muitas vezes traz os traços históricos de outros lugares e faz desse espaço um novo lugar para as suas manifestações culturais.

Visto isso, a própria banca no ato da defesa identificou uma lacuna para o desenvolvimento de uma futura pesquisa em um doutoramento, no qual destacaram que com a caracterização da dinâmica da festa junina em Boa Vista/RR foi possível perceber as construções de novos elementos sociais presentes na festa. Por essa razão, a banca estimulou uma provável relação da educação permeando-se por esse movimento. Além disso, destacaram a possibilidade dos sujeitos envolvidos com a festa junina e, principalmente, os que dançam a quadrilha junina, terem acesso a informações que possam levar a construção de novos saberes socioculturais, ou mesmo, terem acesso ao conhecimento até então desconhecido por eles, realçando a educação não formal junto à cultura.

Neste sentido, a presente pesquisa de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia/PGDA, Associação Plena em Rede,

contempla a terceira linha do programa, Saberes, Linguagens e Educação, devido ao fato de apontar a festa junina em Boa Vista/RR como um dos saberes amazônicos. Tendo em vista que os saberes e vivências amazônicas são todas as representações socioculturais manifestadas na região, como, por exemplo, a cultura, arte, memórias, tradições, valores, religiosidade, entre outros fatores.

Respectivos fatores aliados a uma rica diversidade sociocultural colocam a Amazônia brasileira em grandes debates. Devido ao seu processo histórico de povoamento e grande extensão territorial, novos saberes dos povos que adentravam na região foram construídos, juntamente com os saberes dos povos originários, formando uma valiosa dinâmica de saberes e vivências.

As festas juninas, a linguagem e a educação fazem parte de tal dinâmica. As festas juninas se destacam por mediar-se pelos saberes da Amazônia e estarem presentes dentro das manifestações culturais dos seus povos. Enquanto a linguagem é contemplada na comunicação gerada entre todos os envolvidos com as festas. Vale destacar, contudo, que essa comunicação terá interesses diferentes por quem vivencia e frequenta as festas juninas. E, por fim, tem-se a educação, a qual permeia toda a integração e a valorização das festas juninas, fazendo com que os sujeitos envolvidos possam, de alguma forma, ter ou construir uma compreensão, seja por parte da consciência, valorização, importância da cultura local, ou por construir saberes, informações, conhecimentos que possam aliar-se à vida social, pessoal e profissional.

Em suma, tem-se nesta tese uma pesquisa que é continuação daquela iniciada no mestrado, cujo interesse me foi despertado pelo fato de poder ampliar meus conhecimentos e estudos nas diversas dinâmicas, valores e saberes que a cultura pode estar criando.

Cultura é algo vivo e mutável de acordo com quem realiza. Até hoje muitos percebem a festa junina como uma simples festa tradicional, mas, para os apreciadores trata-se de uma inovação e renovação da sociedade do ontem e do hoje, que acompanha as mudanças sociais a cada ano. Por isso, este tema é tão interessante de ser aprofundado.

Quem vivencia a festa junina sente um orgulho de fazer parte, de se reconhecer, tratando-se da sua identidade cultural e do seu momento de sentir-se valorizado no meio social. Enquanto quem pesquisa, como eu, encontra novas descobertas sobre como a cultura pode transformar os sujeitos, ampliando os conhecimentos em cada categoria e conceitos analisados em relação a vivência na prática, no ato de cada movimento cultural, passando a compreender toda a sua essência e significação.

1 INTRODUÇÃO

*Chegou a hora da fogueira! É noite de São João...
O céu fica todo iluminado, fica o céu todo estrelado,
Pintadinho de balão...
Pensando na cabocla a noite inteira, também fica uma
fogueira dentro do meu coração...
Quando eu era pequenino de pé no chão,
eu cortava papel fino para fazer balão...
E o balão ia subindo para o azul da imensidão...
Hoje em dia o meu destino não vive em paz,
o balão de papel fino já não sobe mais...
O balão da ilusão...Levou pedra e foi ao chão...
(Lamartine Babo).*

A letra da música de autoria de Lamartine Babo representa a objetividade dessa pesquisa ao retratar a festa junina como um acontecimento que passou por mudanças, perdendo, talvez, alguns símbolos, como, por exemplo, soltar balão ao ar, mas que apesar disso permanece com as noites iluminadas e coloridas para celebrar as noites de São João, os “arraiais”, ou festas juninas, como muitos denominam essas celebrações.

Festejar e celebrar os acontecimentos da vida, desde as conquistas mais simples até as complexas sempre foram ensejos para os sujeitos, independentemente de qual fase a sociedade se encontre. As festas reiteradamente estiveram presentes, sendo parte da estrutura da sociedade, na qual apenas se reconstrói de acordo com o momento e contexto vigente, apresentando maneiras distintas de se representar, despertando desejos e objetivos diferentes, que vão desde as festas sagradas até as mais profanas. Seja qual for o tipo de festa, todas promovem aos seus apreciadores o prazer e o regozijo de participar. Dessa forma, em todo o território brasileiro tem-se diferentes movimentos culturais que são celebrados por meio de grandes festejos.

Os movimentos culturais, assim como toda e qualquer atividade humana, são também responsáveis pelas mudanças dos espaços de integração. Os espaços urbanos são repensados para que a cultura popular seja promovida e apreciada, e concomitantemente, a sociedade possa acompanhar essas modificações de acordo com os agentes

modificadores no processo de mundialização. Os espaços urbanos (espaços concretos e vividos pelo grupo social) ganharam por quase três anos uma nova abordagem, passaram a ser espaços vazios (para evitar contaminações do COVID-19), enquanto os espaços virtuais ganharam uma significação maior, articulando a produção cultural de forma interativa com o público.

Neste contexto, destaca-se que a presente pesquisa teve início no ano de 2021, onde a sociedade mundial foi tomada pelo COVID-19, o qual fez com que todos os indivíduos buscassem novos meios para se relacionar, isto é, socializar sem contato físico. De acordo com os dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2), é uma condição de resfriado e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca, síndrome respiratória, entre outros tipos de sintomas¹. O vírus se apresenta de forma variada nos humanos, tendo os assintomáticos, casos leves, graves e até mesmo mortal. “O novo coronavírus (nCoV) é uma nova cepa de coronavírus que havia sido previamente identificada em humanos. Conhecido como 2019-nCoV ou COVID-19, ele só foi detectado após a notificação de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019” (OPAS, 2021).

O distanciamento foi o procedimento adotado para evitar a disseminação do vírus, sendo essa uma técnica para proteger e mostrar empatia ao próximo e, naquele momento, qualquer tipo de integração social passou a ser visto como um risco à saúde e/ou mesmo à vida. Devido a crise na saúde presenciou-se um novo protocolo mundial sobre a integração social na modalidade presencial, sendo a mínima possível. Trabalhos e estudos passaram a ser, em sua maioria, *home office* para evitar a proliferação do vírus que deixa um marco no número de infectados e mortos em todo o mundo. De modo que, não somente trabalhadores e estudiosos foram afetados, mas também todas as representações culturais (cantores, artistas, produtores musicais, comediantes, espetáculos de danças e

¹ Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus. A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar. Qualquer pessoa pode pegar e apresentar sintomas graves (OPAS, 2021). Disponível em <https://www.paho.org/pt/brasil>. Acesso em: 20 de maio de 2021, às 14:50.

outros) tiveram que recorrer às plataformas digitais para se manterem diante dessa nova realidade social.

Por esse motivo, as festas juninas em Boa Vista/RR, lócus desta pesquisa, foram suspensas durante os anos de 2020 e 2021. Porém, as quadrilhas juninas conseguiram se apresentar. As apresentações ocorreram de forma isolada da sociedade, respeitando a não aglomeração, sendo transmitidas e assistidas pelas plataformas digitais e nas redes sociais como *Facebook, Instagram e YouTube*.

As festas juninas em Boa Vista/RR em 2020 e 2021 aconteceram de forma restrita e sem público, somente a organização do evento e as quadrilhas que se apresentariam no dia poderiam estar no local de transmissão. Para tanto, tudo foi planejado/ornamentado em um local aberto com o tablado para as apresentações de quadrilhas, no qual cada grupo tinha um tempo de permanência até o momento de sua apresentação. Após a performance o espaço era liberado para o próximo grupo, evitando, assim, evitando o contato direto/próximo com demais organizadores e grupos. As apresentações foram transmitidas apenas pela TV aberta e pelas mídias supracitadas.

As festas de São João e as quadrilhas que ocorriam com muita interação com o público, ficaram suspensas, não apenas em Boa Vista/RR. Muitos lugares do Brasil e do mundo tiveram as comemorações proibidas e, se aconteciam, eram ilegais por não respeitarem as normas estabelecidas pelas autoridades locais. Nesse cenário, as festas passaram a ser uma integração social mais restrita, com um número mínimo de pessoas.

Dessa maneira, os festejos juninos que sempre promoveram a integração social em espaços concretos que, por sua vez, conquistam espaços planejados para as suas realizações, se viram obrigados a repensar seus campos de atuação, pois, o momento exigia um novo recorte da festa e das quadrilhas juninas, a fim de que pudessem se manter presentes, mesmo em um cenário pandêmico.

Esse movimento cultural junino alcança diferentes públicos, em que cada envolvido apresenta sentimentos distintos de apego. Um grupo espera pelo evento para dançar a quadrilha junina, enquanto outro grupo prestigia o evento, geralmente pelas comidas típicas e brincadeiras que a festa oferece, dentre outros motivos. A festa junina abrange uma diversidade de ganhos alinhados a um movimento cultural, os quais podem se encaminhar para o âmbito educacional.

Portanto, como já mencionado na apresentação, vale reafirmar que o interesse em pesquisar os processos educacionais dentro dos festejos juninos se deu pela continuidade

da pesquisa que foi iniciada no Mestrado em Sociedade e Fronteira, pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), na qual foi possível perceber a grandeza das festas juninas em Boa Vista/RR, bem como, a forma como esse movimento cultural consegue incorporar novos valores para se manter presente na sociedade, sem perder a sua ideia original.

Nesse tocante, fica evidente que as festas, como um saber cultural, proporcionam além do entretenimento capitalista vinculado à indústria cultural, também um processo de integração e mudança social a partir do conhecimento, transitando pela educação não formal. Isso ocorre devido à temática que a festa junina trabalha anualmente, considerando que as quadrilhas criam a dança em cima do tema geral, com escolhas específicas. De modo que a cultura possibilita a aquisição de conhecimentos tanto para os envolvidos internamente, os brincantes de quadrilhas, como para o público externo, os espectadores, que apreciam esse movimento cultural.

As festas e as quadrilhas juninas, enquanto movimentos culturais, também passam por transformações e incorporam novos modelos virtuais/tecnológicos, inserindo e aderindo novas estratégias. A sociedade como um todo, em especial, a urbana, reconstruiu a sua ressignificação no contexto do distanciamento social, devido ao cenário pandêmico (COVID-19), no qual aderiu por quase três anos a novos espaços para a socialização. Possivelmente o distanciamento social não seja a melhor opção de inserção a espaços culturais, contudo, na condição da impossibilidade da participação presencial, os modelos virtuais/tecnológicos passaram a suprir uma demanda cultural significativa em nossa sociedade.

Diante de novos elementos inseridos nas festas juninas, que serão discutidos nesta pesquisa, a educação não formal se mostra presente por meio da Educomunicação. Respectivo termo é considerado recente, passando a ter visibilidade nos anos de 1990, mais especificamente em 1999, quando Ismar Soares, uma das referências na Educomunicação no Brasil, concluiu a pesquisa em Educação e Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Educomunicação é direcionado para abranger a relação da educação com as várias formas de comunicação que envolvam a aprendizagem. Os autores Marques e Borges (2016) definem Educomunicação como uma área de conhecimento transdisciplinar e interdiscursiva, a qual tem como base o diálogo entre os campos da Comunicação e Educação, porém, não se limita a eles.

A autor Citelli (2015) amplia o conceito de Educomunicação contextualizando-a com quatro variáveis. A primeira tem como foco a abrangência dos meios de comunicação. A segunda trata das reconfigurações sociotécnicas e tecno tecnológicas. A terceira enfoca os requisitos impostos por operacionalidades suscitadas pelos dispositivos comunicacionais. Já a quarta variável concerne as novas formas de ser e estar dos sujeitos sociais frente à comunicação, aos processos de ensino-aprendizagem, ao acesso à informação e ao conhecimento. Como resultado, o autor defende que a Educomunicação não se limita apenas à educação e à comunicação, pois trata-se de uma representação das diferentes expressões sociais que geram conhecimento, uma vez que as sociedades têm inumeráveis maneiras de se comunicar, formando novos ensinamentos e aprendizagens.

Dessarte, a Educomunicação e as dinâmicas culturais, como as encontradas nas festas juninas por exemplo, objeto desta pesquisa, ganham relevância por agregarem no campo social um sentimento de valor, apego, respeito a essa festa, onde os indivíduos envolvidos criam uma dedicação para mantê-las presentes no meio social, independente do momento no qual a sociedade se encontre. Não somente com as festas juninas, mas com qualquer movimento cultural que seja relevante para cada regionalização, tem-se um processo de pertencimento que vai além da data e da apresentação cultural efetivada em determinado momento.

À vista disso, a importância de manterem “vivas” as festas juninas, abrange também os agentes econômicos, políticos e socioculturais. As festas têm grande poder econômico para a localidade, gerando empregos diretos e indiretos por períodos de até seis meses, com as confecções das roupas, dos adereços, cenários, bem como, nos dias do evento com as vendas de comidas típicas, bebidas, brinquedos e outros produtos.

Além disso, tem-se a comercialização das músicas criadas pelos grupos de quadrilhas, as quais são vendidas antes de serem apresentadas nos dias dos festejos. Dessa forma, os grupos de quadrilhas criam e lançam suas músicas nas plataformas digitais. Caso algum grupo de outro estado tenha interesse em comprar determinada música, o grupo responsável pela letra/música decide comercializar ou não, desde que o grupo crie uma música (original/única) para suas apresentações. Essa possibilidade de comercializar as músicas antes das apresentações fez com que o estado de Roraima ganhasse visibilidade, por produzir músicas juninas de qualidade. As músicas escolhidas pelos grupos de quadrilhas devem ser inéditas e devem apresentar o tema que o grupo vai abordar em sua dança, sendo um quesito avaliado pelos jurados.

A comercialização valoriza o modo como Boa Vista vem se promovendo culturalmente em suas atuações, no que diz respeito à realização das festas e quadrilhas juninas. Não se entende, nesta pesquisa, o processo de comercialização cultural como o objetivo, mas sim como um dos elementos que fazem parte das quadrilhas juninas e que possibilitam que elas tenham visibilidade em âmbito regional, nacional e até internacional. Boa Vista/RR conseguiu alcançar o *status* de uma das mais importantes produtoras de festas juninas em nível nacional e um dos principais movimentos culturais da região norte. Dedicção e valorização da cultura local são elementos dos grupos de quadrilhas que os fazem reiteradamente referência para quadrilhas de outros estados. A partir dessas construções coletivas as festas juninas se tornaram relevantes e mais valorizadas pelos agentes sociais.

A nova maneira da festa junina em Boa Vista/RR se representar fez surgir as influências de nuances diversificadas dentro das festas como, a arte do saber, do conhecimento, de aprender sobre assuntos (muitos deles poderiam ser vistos apenas em salas de aulas), que são descritos dentro da produção cultural, sendo isso um modo de educação não formal.

Atualmente, além da educação não formal, que gera aprendizagem fora dos espaços institucionalizados, as quadrilhas juninas se reconfiguraram nos meios digitais, divulgando atividades culturais, fazendo com que o público veja que eles permanecem ativos mesmo fora do período junino. Neste aspecto, é onde se sobressai a importância das tecnologias para reaproximar as pessoas. As diferentes formas de realizar educação/conhecimento dentro das manifestações culturais serão palco para a discussão da presente tese.

A educação não formal se inseriu nas festas juninas por meio dos conhecimentos das experiências oriundas do ato de dançar. Saberes esses que fazem dos brincantes serem considerados profissionais na dança quadrilha, ao ponto de concorrerem em um concurso de quadrilhas. Para isso, tem-se os ensaios que permitem aprimorar as performances, resultando em novos saberes e conhecimentos vividas pela arte da dança. Quanto aos saberes por meio das suas vivências. Laiola e Therrien (2003, p. 07) destacam “a ‘experiência profissional’, que constitui ao mesmo tempo um espaço de aprendizagem incontornável e um método organizador”. Uma vez que, os dançarinos de quadrilhas consideram-se qualificados no qual, muitos são professores dança. De tal modo que os grupos de quadrilha possuem um nível de organização profissional, onde é pensado, planejado e pesquisado cada detalhes de suas apresentações.

É interessante destacar que os saberes são construídos individualmente, contudo, são acumulados por meio das experiências sociais e profissionais (familiar, escolar e cultural), como destacam os autores Laiola e Therrien (2003). “Aos quais se associam hábitos, atitudes e valores. Estabelece-se um diálogo entre saberes de formação e saber de experiência” (LAIOLA E THERRIEN, 2003, p. 08).

De acordo com Laiola e Therrien (2001), os saberes de experiências podem ser entendidos como um registro do conhecimento que gera autonomia através da prática-ação e saber-fazer. O saber da experiência se torna uma prática social que se constrói ao decorrer de anos de trabalho, com repertório de ações dentro de um contexto social. A partir do momento em que se coloca no campo de atuação, requer uma reflexão sobre a ação feita, o que justifica a aprendizagem sendo construída, por darem importância para aquela determinada ação.

Diante disso, nota-se que as quadrilhas juninas surgem com a presença da educação não formal com os brincantes de quadrilhas, uma vez que os dançarinos buscam e absorvem conhecimentos sobre a temática durante meses, como uma forma de aderirem aos personagens do tema no momento da dança.

Devido ao fato de os conhecimentos serem construídos pelas experiências das festas juninas e criar um sentimento de apego entre o território e a cultura, gerando educação, é o que direciona o interesse desta pesquisa pelas discussões acerca de território e territorialização. Respectivos conceitos são discutidos com base nos conhecimentos geográficos. Os autores Raffestin (1993), Haesbaert (1997), Saquet, Candiotto e Alves (2010), Milton Santos (2013), discutem essa temática. Enquanto a cultura e a educação, também de extrema relevância para discussão neste estudo, são tratadas sob a ótica de autores como Arantes (1990), Libâneo (2005) e Paulo Freire (1967).

A discussão introduz as primeiras compreensões sobre como as quadrilhas juninas de Boa Vista/RR se descontrolam e criam formas de produzirem conhecimento, que por sua vez cria as suas territorializações nos espaços urbanos, assim como, nos meios tecnológicos. Atualmente, as quadrilhas juninas têm grandes movimentos e mobilizações nas redes sociais (*Instagram, Facebook e YouTube*), nas quais tiveram apresentações realizadas e transmitidas pelos territórios digitais, em formato de *live*, nos anos de 2020 e 2021, alcançando o público em diferentes lugares urbanos. Um momento em que produtores de culturas tiveram que se habituar com essa forma de perpetrar os eventos culturais, sociais, políticos e outros.

As práticas de socializar por meio dos recursos digitais despertou o interesse em aprender e ampliar os conhecimentos no campo tecnológico, tendo em vista que a sociedade como um todo ficou dependente da rede de comunicação (internet) em todos os campos sociais. Isso visivelmente pode-se interligar com a indústria cultural. Conforme Adorno (2002, p. 14) a indústria cultural “realiza o conceito de cultura orgânica, que os filósofos da personalidade opunham à massificação. Assim a indústria cultural, o estilo mais inflexível de todos, revela-se justamente como a mera daquele liberalismo ao qual se censurava a falta de estilo”.

A indústria cultural representa para sociedade um ciclo, por vezes vicioso, para o consumo de produtos culturais. No qual a cultura é tratada como uma mercadoria, com o poder de troca. A propaganda é a parte principal para ampliar esse consumo e para isso necessita das influências tecnológicas. A sociedade passa a ser dependente das tecnologias para consumo/mercantilização dos produtos ofertados pela indústria cultural.

Dessa forma, o mundo passou a interagir por meio da tecnologia, o que resultou na procura e oferta de serviços para manuseio de multimídias. Durante o auge da pandemia (2020 e 2021), os sujeitos sociais aderiram mais enfaticamente às tecnologias, utilizando-as como ferramentas para o trabalho, estudo, cultura e lazer. Dessa maneira, o indivíduo foi colocado de frente à adaptação tecnológica, pois, quem não se adapta ou não buscar conhecer os recursos ficará “preso” em uma sociedade em que certos comportamentos de socialização talvez não sejam mais adequados. “Presos” no sentido de não acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas, ficando estagnado em uma era que exige mais do indivíduo, em relação ao conhecimento tecnológico, já que se tornou uma ferramenta onde se pode realizar inúmeras atividades sociais. Mais uma vez, as tecnologias estão exigindo novas experiências, conhecimento e discernimento por parte do indivíduo para se manter e não ser “consumido” nas suas próprias rotinas do cotidiano.

Por essa razão, o momento (anos de 2020 e 2021) exigiu dos movimentos culturais criatividade e originalidade, para permanecerem “vivos” dentro do contexto social. Isso, no entanto, requer inovações sem perder a origem cultural. Para inovar não necessariamente é preciso mudar por completo, é possível haver um equilíbrio e conservar uma memória cultural com os mesmos símbolos, porém, acrescentando vivências e experiências de acordo com seu tempo e com as necessidades advindas dele.

As festas juninas se apresentam como integração social, como cultura popular e representatividade de identidade simbólica por parte dos quadrilheiros². Essa interação é feita através do diálogo simbólico entre os quadrilheiros e o público, por meio da comunicação que a dança quadrilha oferece. Quem dança está utilizando músicas, roupas características do tema e expressão corporal, que fazem da dança ser uma conversação compreendida sobre o que eles querem representar e expressar. Tem-se um diálogo por meio da cultura da dança que interage com o público no ato de assistir, e os fazem entender todo o enredo levado ao tablado junino.

Outrossim, trata-se de uma festa que envolve diversas formas de atividades artísticas como: dança, culinária, as músicas, os adereços das festas. Nas apresentações culturais são expostas as questões religiosas, como a fé, a crença, e a devoção pelos santos: São Pedro, São João e Santo Antônio. Há situações em que é possível acontecer um casamento real em cima do tablado junino³ (nos últimos anos, têm se adotado o nome arena junina), de casais que se conheceram nas festas e são devotos dos santos. Uma festa que consegue florescer os mais diferentes sentimentos, que permeiam pelas questões educacionais dentro dos espaços culturais.

Toda essa nova performance de fazer quadrilha junina valorizou a sua importância dentro do contexto sociocultural, sendo capaz de reconstruir os espaços urbanos e se reinventar nos meios digitais, criando uma proximidade com o indivíduo, porém, com diferentes anseios. Tem-se o sujeito que prestigia a festa apenas pelas comidas típicas e aquele que frequenta pelo estilo de música. Há os que são encantados pelas apresentações das quadrilhas, assim como as famílias evangélicas que vão com intuito de passear, entre outros interesses.

São as interações socioculturais que criam formas de territorializar o espaço vivido, modificando, construindo e reconstruindo o espaço urbano, resultando em apropriação dos movimentos como parte importante da cultura local, apresentando um sentimento de apego por essa dinâmica sociocultural e se fazendo presente anualmente, acontecendo, dessa forma, a territorialização das festas juninas.

Portanto, os espaços passam a ser associados conforme as dinâmicas territoriais e culturais, representando uma identidade simbólica do lugar. A territorialidade se articula entre a cultura material e imaterial. Para Bonnemaïson (2002) a territorialidade se estabelece na junção daquilo que é fixação e o que é mobilidade.

² É um termo designado ao sujeito que dança a quadrilha junina.

³ Refere-se ao palco destinado somente para as apresentações das quadrilhas.

Nesse sentido, compreende-se que territorializar corresponde a uma produção das ações socioculturais de um determinado lugar geográfico, podendo ser móvel ou fixo. Com o processo de reconstrução e comutação dos valores sociais, os movimentos culturais buscam se reinventar para permanecer inseridos na sociedade, introduzindo novos significados. No que se refere as festas juninas, mais precisamente as quadrilhas, os grupos passam por constantes metamorfoses, levando a originalidade para suas apresentações, devido ao ineditismo que surge com as temáticas. Ou seja, as quadrilhas devem trabalhar com temas que estejam alinhados com a temática geral, produzindo apresentações e contando o processo histórico do ponto escolhido, de modo que tenham um enredo para que os jurados e o público possam entender a mensagem a ser passada.

A dança quadrilha deve se comunicar com todos, por meio da apresentação, incidindo, desse modo, em um processo de educação não formal dentro do movimento cultural, a partir do momento em que os brincantes aprendem com o tema, passando a entender o que até então era desconhecido, seja um assunto que relata um processo histórico ou atual. A educação acontece, primeiramente, aos quadrilheiros e em seguida para quem prestigia os grupos. O que cabe ressaltar nesta pesquisa é a valorização das diferentes culturas, principalmente da dança quadrilha, em virtude das ações que ela promove. A educação permeia pela cultura, realizando a integração dos sujeitos e socializando o território.

Na concepção de Haesbaert (2002), sobre território e territorialização, ambos se confundem por apresentarem influências dentro dos contextos locais e com os desdobramentos dos processos sociais. A territorialização é resultado das ações sociais dentro do espaço vivido, prevalecendo a importância de um determinado movimento cultural, apresenta-se como uma particularidade do lugar por meio do seu modo de fazer cultura, e pelo apreço do lugar para com a cultura. Enquanto o território envolve uma performance mais geopolítica, em que o poder prevalece em cima do espaço habitado articulando com o exercício político, econômico, educacional, científico e sociocultural.

Entende-se, então, a territorialização como particularidade do território e identidade local, criando um sentimento de posse sobre um determinado jeito de fazer cultura. Ao buscar valorizar o espaço/lugar por meio da cultura popular, reside a importância de evoluir com os movimentos culturais, acrescentando novas dinâmicas para não caírem no comum e deixarem de existir com a transição da sociedade.

Com relação à cultura popular, trata-se do tradicionalismo, do folclórico, de danças, músicas e das diversas formas de representação artística. Nas palavras do autor

Arantes (1990) cultura popular é um conceito analisado pelas ciências humanas com definição ampla, que não poderia ser apresentada em um conceito fechado, haja vista que a cultura popular é heterogênea, sendo ela realizada por diferentes sujeitos sociais que interagem de formas distintas e valorizam objetos culturais diferentes. Muito disso tem a ver com a localidade geográfica, por isso não se pode padronizar o que seria cultura popular em algo concreto, pois vai além das ações tradicionais. São as integrações do sujeito com seu meio, se comunicando, criando valores, e se reinventando conforme a periodização das sociedades.

Martins (2001) menciona que a cultura popular tem como instrumento o uso do teatro, da arte, alfabetização, praças de culturas e festa populares. Esses fatores mencionados criam diversas formas de se comunicar, envolvendo relações intrinsecamente com sujeito-espaco-tempo. Assim, a cultura popular vai sobrevivendo dentro de uma sociedade que está se tornando inteiramente tecnológica, realizando novas formas do homem se organizar no espaço. A cultura é um elemento que se modifica, se recria e consegue transpassar seu valor histórico para se manter presente na sociedade, onde, atualmente, a era tecnológica está dominando, por ser a nova maneira de se integrar e se comunicar com o mundo. O novo comportamento da sociedade permeia pelo campo pessoal, educacional e social.

À vista disso, o problema de pesquisa está voltado para as produções socioculturais e suas relações com o campo educacional, no qual a cultura se apresenta como um suporte para (de) marcação das territorialidades dos espaços urbanos, por meio dos sujeitos sociais. Tendo como indagação a seguinte **problemática**: Como na dinâmica do Boa Vista Junina, enquanto movimento cultural permeado pelo processo de transformação e desterritorialização, a educação não formal e a Educomunicação dos sujeitos é trabalhada?

Assim, para tal finalidade, o **objetivo geral** se concentra em compreender como na ação do Boa Vista Junina, na qualidade de um movimento cultural, as condutas da educação não formal e a Educomunicação dos sujeitos (Organizadores do BVJ, Presidente, Animadores, Brincantes e a sociedade espectadora) são desenvolvidas. Tendo como **objetivos específicos**: apresentar os grupos de quadrilha junina de Boa Vista/RR; acompanhar, a partir de um traçado histórico, os processos de transformação e desterritorialização dos grupos Eita Junino e Zé Monteiro, com destaque no período pandêmico; apontar os fatores que fazem da festa junina ser interpretada como um dos saberes da cultura da Amazônia; e verificar como ocorrem as práticas de educação não

formal e educomunicacionais na organização das quadrilhas (relação entre os brincantes/dançarinos e os espectadores).

Diante dos objetivos deixa-se claro que o foco desta pesquisa não é somente analisar as festas juninas no período pandêmico, mas também apresentar como as festas juninas e quadrilhas se apresentaram nos anos de pandemia. Assim, o traçado histórico não terá uma ruptura nos anos de 2020 e 2021, pois a festa e concurso de quadrilhas aconteceram.

A **justificativa** do desenvolvimento dessa pesquisa reside em discutir os novos modelos incorporados nas festas juninas, principalmente, na dança quadrilha, que incorporou na cultura da dança o processo de aprendizagem, de construtora do conhecimento para os brincantes e para quem os prestigiam em suas apresentações. Pois, as danças contam um enredo com temas históricos ou contemporâneos, configurando a cultura como provedora de conhecimento aos sujeitos envolvidos.

Outro modelo inserido nas festas juninas, atualmente, foram os ajustes às tecnologias, sendo que as quadrilhas usam desse meio para realizarem suas apresentações pelos canais de comunicações. Por meio do uso das tecnologias a dinâmica cultural é capaz de estar presente no cotidiano das pessoas, assim, os sujeitos que prestigiavam nos espaços concretos podem acompanhar pelos digitais, e é nesse contexto que as práticas educomunicacionais passam a ser mobilizadas.

Da mesma forma como os espaços concretos são articulados para suportarem a demanda das atividades sociais, territorializando o lugar, os espaços digitais também se renovaram de forma rápida para melhorar as diversas atividades humanas que constantemente se adaptam e necessitam das tecnologias.

Desse modo, com base nas questões mencionadas, a relevância social desta pesquisa, encontra-se em enfatizar as festas juninas como uma produção humana que se reinventa para manter a sua essência também no meio tecnológico, e com isso potencializar as práticas educomunicacionais culturais.

A importância pessoal desta pesquisa é entender a relevância dos grupos de quadrilhas que se identificam como “nação quadrilheira”⁴, que buscam pela originalidade de dançar quadrilha, na qual conseguem envolver a Educomunicação com a cultura popular. Enquanto na visão acadêmica, cabe analisar os dados coletados com os conceitos

⁴ Termo utilizado pelos grupos de quadrilhas. São os brincantes que têm sentimento de apego e fazem parte de um grupo de quadrilha. Mesmo não dançando mais, não deixam de sentir como parte dessa cultura, torcendo e acompanhando seu grupo de quadrilha.

bibliográficos, conforme a atuação e experiências vivenciadas com os sujeitos de estudos, correlacionando com as temáticas de Educomunicação, Educação não formal e Cultura, identificando as possíveis representações de promover cultura e ao mesmo tempo criando espaços de educação dentro dos grupos de quadrilhas e ampliando para quem prestigia a apresentação.

Por meio dessas argumentações, a tese desta pesquisa se configura com base nos elementos: Cultura e Educação não formal, Educomunicação, sendo essas três as principais abordagens que discorrerão sobre essa tese. Busca-se destacar as festas juninas como um dos saberes da Amazônia. Essa região por ser ampla e com muitas riquezas e diversidades, tanto naturais como culturais, desperta nas pesquisas um olhar mais histórico, geográfico e antropológico. O que permite compreender como as novas formas de realizar cultura mantém suas raízes tradicionais, a fim de conservá-las na sociedade atual, onde os interesses pessoais prevalecem, assim como as tecnologias. Sendo que as tecnologias atingem uma dimensão de dominadora em todos os tipos de integração social, em uma escala de tempo muito rápido.

Portanto, a tese se baseia na seguinte premissa: a realização das festas e quadrilhas juninas favorecem o desenvolvimento cultural e territorial a partir dos processos educacionais.

Isso ocorre pela proporção que as festas juninas ganharam, em especial, em Boa Vista/RR, onde sucede esta pesquisa, na qual os festejos juninos alcançaram uma relevância por parte de todos os campos sociais. A partir do momento em que as festas juninas têm um tema central, que desmembra para temas afins, com o intuito dos grupos de quadrilhas trabalharem suas danças em cima disso, ocorre a promoção do conhecimento, pois muitos assuntos acabam sendo desconhecidos pelos grupos, que iniciam suas buscas pela aprendizagem desses temas, que são centrais da sociedade, sejam históricos ou atuais.

Por isso, a cultura e a educação são as chaves interligadas para esse diálogo. As festas juninas enquanto um saber da cultura amazônica e a representatividade que exercem em cima da educação em espaços culturais, totalmente informais, abrem um leque de interpretações e influências. Nesse sentido, as festas juninas e as quadrilhas ainda permanecem dentro do contexto social, isso, porque esses movimentos culturais aprenderam a se reconstruir dentro dos desafios promovidos pelas sociedades contemporâneas. Caso contrário, elas já tinham perdido sua importância cultural de permanecer até hoje, podendo estar apenas nas escolas de ensino iniciais como atividade

folclórica, que permaneceria intacta, sem modificações. As festas juninas, como qualquer outra expressão cultural, são dinâmicas e se reinventam de acordo com as mudanças sociais, utilizando os recursos que estiverem à disposição e os meios tecnológicos.

Para tanto, justifica-se essa pesquisa na linha 3 no Programa EDUCANORTE por contemplar a educação, saberes e linguagem, uma vez que estuda os saberes culturais da Festa Junina de Boa Vista/RR e a mesma como linguagem artística e social. Assim, as festas juninas enquanto movimento cultural apresenta uma variedade de sentimentos e funções em uma única festa, sobressaindo interesses políticos quando usam as festas culturais como provedora de políticas públicas. Interesses econômicos também são observados, com geração de renda extra aos envolvidos na festa, com empregos diretos e indiretos e ampliando o turismo local com os festejos juninos. O social abrange o campo do lazer, do entretenimento e da integração social. Enquanto o cultural se faz da tradição de manter uma festa popular com tantos significados culturais, entre eles, o religioso.

Enquanto na cultura da dança, as quadrilhas juninas carregam a responsabilidade de manter a tradição dos passos, quando essa foi modificada e enraizada pela cultura brasileira, sendo uma herança deixada pelos colonizadores.

A vista do que foi supramencionado, **a pesquisa está estruturada em 8 capítulos:** a introdução aqui apresentada; o estado do conhecimento; a metodologia; o referencial teórico; três capítulos com resultados; e as considerações finais.

No capítulo do estado do conhecimento explora-se as pesquisas realizadas sobre as festas juninas, catalogadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. No capítulo da metodologia, aponta-se os métodos e técnicas utilizadas, sujeitos, instrumentos e etapas.

O capítulos do referencial teórico está composto por inúmeras discussões sobre a Educomunicação: as distintas maneiras dos movimentos culturais se estruturarem no contexto contemporâneo amazônico; a Amazônia: a formação territorial, sociocultural e suas influências no processo educacional da sua população; a festa junina como um dos saberes da cultura da Amazônia. De forma geral, os subcapítulos trazem uma discussão sobre o campo da Educomunicação, suas aplicabilidades e a relevância dos apontamentos de Paulo Freire diante da temática.

Seguindo nos próximos subcapítulos tem-se as discussões sobre Amazônia e sua formação sociocultural. Aqui, estruturou-se algumas discussões acerca do conceito de território e cultura, com ênfase na educação. Buscou-se compreender as territorialidades físicas e digitais e as dinâmicas que estes conceitos constroem dentro dos territórios,

conforme o cotidiano social, no qual juntam a um processo histórico, que não perde seu valor e nem a sua importância. Conceitos que são chaves para compreender as mudanças históricas que esses movimentos passam, porém, vão acrescentando novos valores, como se educar culturalmente, onde promover a cultura também é educação.

Para este subcapítulo, fez-se necessário discutir a territorialidade, na qual Souza e Pedon (2007, p. 135) mencionam que “a territorialidade ao mesmo tempo em que expressa à luta pela manutenção da identidade, representa uma forma específica de ordenação territorial”. Isso, faz-se necessário interpretar as formas como as territorialidades ganham uma identidade por demarcarem seus espaços vividos.

Em seguida discute-se a festa junina como um dos saberes da cultura da Amazônia, inicia-se com a contextualização da Geografia cultural e, posteriormente, a festa e a dança como arte da comunicação e como linguagem comunicacional. O debate visou compreender as festas culturais como agentes influenciadores para as novas linguagens comunicacionais. Enquanto festa, aventa como algo com fim de divertimento, a dança se torna um meio de comunicação a ser julgada (em notas no concurso de quadrilhas), em todo seu conjunto artístico.

Os resultados estão segmentados em 3 capítulos: “Vamos acender a tradição no maior arraial da Amazônia”, com as análises das coletas de dados das entrevistas com os organizadores do Boa Vista Junina; “Olha quem tá fora quer entrar, quem tá dentro não sai”, com as análises das entrevistas com os diretores/presidentes, animadores e brincantes de quadrilhas; “Cumprimento às damas e cavalheiros: quem são os sujeitos da dança quadrilha”, com as análises dos questionários aplicados aos quadrilheiros e espectadores.

Por fim, o último capítulo traz as considerações finais, com um aparato geral e crítico sobre o que foi exposto nesta pesquisa.

2 A FESTA JUNINA COM DIFERENTES OLHARES: ESTADO DO CONHECIMENTO

A festa junina, enquanto uma representação popular, apresenta um símbolo ou tradição diferente de um espaço para outro, o que faz com que essa festa tenha diferentes olhares, com ênfases culturais distintas. A partir disso, a importância do estado do conhecimento na presente pesquisa ocorre devido ao fato de organizar e estruturar os conteúdos a serem discutidos, considerando que o estado do conhecimento possibilita uma ampliação das temáticas que já foram abordadas ou não.

Segundo os autores Morosini e Fernandes (2014, p. 155) o estado do conhecimento trata-se de uma “identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”. Respectivas identificações são essenciais para a construção da tese, pois, as análises reformulam os novos enfoques com diferentes olhares e indagações.

As leituras apontaram uma necessidade de estreitar o campo da cultura com a educação, de modo que foi aguçada ainda mais a perspectiva de ampliar as investigações sobre a educação não formal permeada pelos movimentos culturais, neste caso, as quadrilhas juninas.

Os trabalhos analisados, tanto teses como dissertações, deixaram lacunas para possíveis e novas investigações. Uma delas é a possibilidade dos sujeitos envolvidos com a cultura junina, durante o contato direto com a festa e a dança, construir vivências e experiências que colaboram na construção de novos saberes. Por este motivo delimitou-se averiguar apenas os trabalhos que de fato trabalhassem com as festas juninas sob diferentes enfoques.

Para tanto, inicialmente definiu-se a busca de materiais para a pesquisa do estado do conhecimento. A busca ocorreu no site eletrônico do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), publicados entre os anos de 2016 a 2020, com os seguintes descritores: “festas juninas” (53 trabalhos) e “festa junina” (43 trabalhos), totalizando 96 trabalhos. Uma terceira palavra-chave foi incluída: “São João”, a qual não gerou nenhum resultado na categoria de tese, apenas identificou-se dois trabalhos já encontrados com o termo “festas juninas”. Ressalta-se que o termo “São João” abriu um leque para diversos campos de pesquisas e de diferentes

áreas, haja vista que se caracteriza também como lugar/município. No levantamento com os termos festa(s) junina(s) foi possível perceber que ambos tinham trabalhos com a mesma titulação e autores, porém, nos dois termos identificou-se novos trabalhos que não eram listados no outro termo. Assim, os termos, embora sejam semelhantes, ao serem diferenciados pelo plural e singular fomentaram o maior número de pesquisas a serem analisadas.

Como resultado, das 96 pesquisas encontradas refinou-se apenas as pesquisas de 2016 ao ano atual, assim, foram identificados 37 trabalhos. Ao ter acesso às teses e às dissertações, algumas das pesquisas apenas citavam a festa junina sem aprofundarem-se no tema. Vale destacar que apareceram trabalhos dos anos de 1992, 1996, 2000, 2001, 2003 e 2004, mesmo não sendo listados na coluna do “ano”, como refinamento. O menor ano aparece de 2005 até 2020. Isso significa que mesmo sendo uma metodologia mais eficaz/recente para os levantamentos de pesquisas, a temática das festas juninas/festa junina já era campo de investigação nos últimos 20 anos, em diferentes áreas do conhecimento.

Diante disso, dos 37 trabalhos restaram apenas 27, sendo que desses, 10 somente citavam a festa junina como um exemplo rápido de cultura popular, sem aprofundamento, e devido a isso não constam na tabela 1. Desse modo, os trabalhos foram subdivididos em três categorias com temáticas afins, são elas: festa junina e a cultura do lugar; festa junina e ambiente escolar; festa junina/memória/tradição/representação. A categorização foi feita após a identificação com as palavras-chave, com base nas primeiras leituras dos títulos, resumos, objetivos e categorias teóricas abordadas no textos. Os trabalhos foram discutidos por meio de abordagens com a mesma vinculação, priorizando a sequência de dissertações e, posteriormente, as teses. Na tabela 1 a seguir é possível observar uma síntese dos trabalhos por respectivas categorias, autor, situação, ano e tipo.

Tabela 1: dissertações e teses.

TEMÁTICA FESTA JUNINA E A CULTURA DO LUGAR					
Nº	Título “SUBTEMÁTICAS”	Autor	Situação	Ano	Tipo
01	Discursividade sobre cultura de Roraima produzida pelo estado	Juliana da Silva Moraes	Identificado/analizado	2016	Dissertação
02	Folkmarketing e as políticas públicas para o desenvolvimento local na festa junina de Campina Grande-PB	Debora Odeth Leoncio de Lucena	Identificado/analizado	2016	Dissertação
03	O maior São João do mundo, de Campina Grande – PB e as concepções de desenvolvimento: uma análise de conteúdo das falas de atores envolvidos em sua formulação e realização	Sandra Paula Veras Amorim Costa	Identificado/analizado	2016	Dissertação
04	O maior arraial da Amazônia: um olhar geográfico sobre o “patrimônio imaterial dos festejos juninos”, em Boa Vista/RR	Glauciene Dutra Silva	Identificado/analizado	2017	Dissertação
05	As territorialidades da festa junina de Campina Grande (PB)	Jordania Alyne Santos Marques	O link acessa outro trabalho	2018	Dissertação
06	Vivendo entre tambores: Relações entre o bumba-meu-boi e o tambor de mina em São Luís do Maranhão	Calliandra Sousa Ramos	Identificado/analizado	2019	Dissertação
07	É uma dança portuguesa, com certeza? Um estudo sobre formas de pertencimentos, processos de criação e influências da Dança Portuguesa do Maranhão	Tania Cristina Costa Ribeiro	Identificado/analizado	2016	Tese
08	Rituais e folkcomunicação – um sistema de comunicação simbólico no São João do Maranhão	Francinete Louseiro De Almeida	Identificado/analizado	2018	Tese
09	A representação das Festas de São João pela arte naif no olhar de Prazeres, Djanira e Silva	Livia Cristina Toneto	Identificado/analizado	2019	Tese
10	Lazer e empresa: Uma análise da percepção de associados da GREMIG que trabalham na CEMIG	Eduardo Penna de Sá	Identificado/analizado	2020	Tese
FESTA JUNINA E AMBIENTE ESCOLAR					
Nº	Título	Autor	Situação	Ano	Tipo
01	CULTURA, IMAGINÁRIO E ARTE: A Festa Junina na jornada de religação de saberes e de afetos na escola	Gilmar Oliveira da Silva	O link acessa outro trabalho	2017	Dissertação
02	O corpo na festa junina: reflexões simbólicas e estéticas para a educação física	Nadiel Cavalcante de Sousa	Identificado/analizado	2018	Dissertação
03	O parque infantil do Jardim Casqueiro e Vila Bandeirantes (1956-1966)	Sonia Maria da Silva Onuki	Identificado/analizado	2019	Dissertação

04	Festas Juninas Escolares como elementos constitutivos da cultura escolar e seus desafios contemporâneos	Rafael Sammarco Martins	O link acessa outro trabalho	2020	Dissertação
05	CURRÍCULO COM MÚSICA: normaliza ou faz dançar?	Camila Amorin Campos	Identificado/analizado	2018	Tese
FESTA JUNINA E MEMÓRIA/TRADIÇÃO/ REPRESENTAÇÃO					
Nº	Título	Autor	Situação	Ano	Tipo
01	Adeus Maio! Salve Junho! narrativas e representações dos festejos juninos nos anos de 1950	Elielton Benedito Castro Gomes	Identificado/analizado	2016	Dissertação
02	GALERA, A GENTE VAI BOMBAR! Sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas do espaço urbano em Juazeiro do Norte-CE	Ricardo Cruz Macedo	O trabalho não possui divulgação autorizada	2016	Dissertação
03	Guerreiros do Fogo: uma etnografia da “morte anunciada”	Rodrigo Gomes Wanderley	Identificado/analizado	2016	Dissertação
04	A HISTÓRIA DE UM LUGAR: o núcleo fundacional de Porangatu (GO)	Luana Carla de Souza Silva	O trabalho não possui divulgação autorizada	2017	Dissertação
05	Redes, teias e laços na produção de fogos: tradição e ressignificação em Estância/SE	Robertta de Jesus Gomes	O trabalho não possui divulgação autorizada	2017	Dissertação
06	A Festa do Zé Bagunça em Bueno Brandão-MG (1982-2016): histórias e memórias	Joao Marcos Alexandre	Identificado/analizado	2017	Dissertação
07	Quadrilha Junina Babaçu: processos Folkcomunicacionais, identidade e representações Culturais	Juliana Hermenegildo Da Silva	Identificado/analizado	2017	Dissertação
08	“NA MINHA QUADRILHA SÓ TEM GENTE QUE BRILHA”: corporalidades dissidentes e Direitos Humanos nas Quadrilhas Juninas do Recife/PE. Recife'	Liana de Queiroz Melo	O link acessa outro trabalho	2018	Dissertação
09	Arromba chão que anima o salão, Quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das Quadrilhas juninas em salvador	Soiane Gomes Paula	Identificado/analizado	2020	Dissertação

10	Uma festa “nordestina”: identidade e espetáculo na feira de artes de Banabuiú – Banartes (1989 a 2012)	Iana Nobre Rabelo	O link acessa outro trabalho	2021	Dissertações
11	Brilham estrelas de São João: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém	Rafael da Silva Noleto	Identificado/analizado	2016	Tese
12	A PERFORMATIVIDADE DAS QUADRILHAS JUNINAS: reminiscências da tradição e a espetacularização da dança	Samuel Ribeiro Zaratim	Identificado/analizado	2020	Tese

Fonte: Portal da Capes, organizado pela autora.

Por meio da tabela supra apresentada identifica-se 20 dissertações e 7 teses, as quais foram analisadas com uma maior atenção. Os trabalhos identificados com a palavra-chave festa(s) junina(s), em uma rápida sondagem, traziam em seus resumos (muitas vezes pouco esclarecidos) uma abordagem da festa como uma tradição folclórica, como performances populares, uma brincadeira escolar, ou um ciclo religioso, um lazer. Outros trabalhos apenas mencionavam a festa junina por ser o cenário onde outros movimentos se sobressaíam, sem discutir aprofundadamente sobre o termo.

Concomitantemente, é importante relatar algumas dificuldades que fizeram parte desse processo de levantamento. Foram encontrados muitos trabalhos com uma titulação semelhante ao que se pesquisou, tanto referentes a anos anteriores a 2016, quanto nos últimos 6 anos. Tais trabalhos tinham limitações para serem acessados, apresentando as seguintes mensagens: “trabalho anterior à plataforma sucupira”, “você tentou acessar uma informação que não existe” e/ou o link encaminhava para uma outra pesquisa. Desse modo, salienta-se a relevância de um monitoramento ao site/plataforma, a fim de que os trabalhos e links estejam correspondendo ao trabalho identificado.

Destaca-se também a importância de abrir os arquivos para averiguar a temática, pois, alguns trabalhos não identificavam as festas juninas como palavras-chave em seus resumos e/ou titulação, mas em suas escritas as tinham como abordagem.

Em suma, as pesquisas analisadas deixaram lacunas para futuras pesquisas, e uma destas lacunas é buscar qual a relação das festas juninas com a educação dos sujeitos envolvidos. Para uma melhor compreensão do estado do conhecimento na sequência apresenta-se uma discussão acerca do que foi encontrado sobre o tema, por respectiva categoria pré-delimitada: festa junina e a cultura do lugar; festa junina e ambiente escolar; festa junina e memória/tradição/representação.

2.1 Festa junina e a cultura do lugar

A primeira categoria analisada foi a festa junina como uma dimensão do espaço/lugar, na qual encontrou-se 10 pesquisas (6 dissertações e 4 teses). Alguns apontamentos e discussões enfatizaram a importância da cultura junina para o desenvolvimento e a valorização da cultura do local e ou de um grupo de pessoas, sendo que esses festejos simbolizam uma própria identidade, refletida no modo sobre como se realizam as festas juninas. Dessa maneira, o que os pesquisadores descobriram é que o

que está presente dentro dos festejos juninos representa a territorialização do lugar em virtude de suas práticas culturais.

As festas juninas, em sua ampla contextualização, ganham olhares e perspectivas de estudos diferentes por cada lugar e pessoa que as realizam. Além disso, a sua importância está de acordo com raízes históricas. Os trabalhos evidenciam que, sem dúvidas, as regiões norte e nordeste se destacam pelas suas grandes festas juninas, porém, também são encontrados grandes movimentos dessa cultura nas demais regiões brasileiras.

Diante da grande simbologia das festas juninas, a primeira categoria (festas e cultura local) conta com a dissertação intitulada “Discursividade sobre cultura de Roraima produzida pelo estado”, de autoria de Juliana da Silva Moraes (2016). Nela a autora indagou os processos culturais e seus sentidos sobre a cultura roraimense, a partir de textos produzidos no estado. Nesse viés, a autora realizou análises ao decorrer da sua dissertação. As festas juninas foram abordadas pelo fato de serem uma temática que se destaca no estado e por constarem em constantes produções textuais, já que fazem parte da cultura roraimense. Em suas compreensões, Moraes (2016) destaca que os fatos linguísticos determinaram que as festas juninas fazem parte da cultura de Roraima, devido ao processo histórico, no qual as práticas sociais e os processos ideológicos criam sentidos diante dessa ação, o que faz se estabilizar como cultural local.

Entende-se, assim, que as práticas culturais determinam as ações que serão realizadas em um determinado lugar, conforme o seu processo de desenvolvimento, em que a grande maioria dos lugares tem uma comemoração/festa junina que está ligada ao contexto histórico de pertencimento, o que resulta na estabilidade do evento, devido a sua importância e ao modo como os sujeitos sociais a promovem.

Na dissertação de Debora Odeth Leoncio de Lucena, com o título “Folkmarketing e as políticas públicas para o desenvolvimento local na festa junina de Campina Grande-PB” (2016), a autora traz um outro foco sobre a relevância das festas juninas. Ela defende que a notoriedade está em produzir cultura que visa o desenvolvimento local, sendo que as políticas públicas influenciam a realização, a repercussão e a manutenção da festa junina em Campina Grande. Ao tratar das políticas públicas adotadas para incentivar o desenvolvimento da festa, Lucena (2016) faz uso do termo “folkmarketing⁵”, entendido como a junção das culturas populares com objetivos comunicacionais. A pesquisa dela

⁵ Marketing de pessoas.

contribui para enfatizar a ideia de que a festa é uma produtora de culturas e que as suas ações são benéficas, seja no que tange aos aspectos econômicos, sociais e culturais, bem como para a cidade e para a população local.

Não obstante, Lucena (2016) estabelece uma linguagem e explanação da festa junina de Campina Grande, por meios dos jornais, um meio de comunicação que divulga e amplia todos os acontecimentos da festa. A festa junina em sua amplitude de organização é considerada uma das maiores festas do Brasil que, por sua vez, é de grande importância para o turismo local.

O folkmarketing ganhou destaque nesta pesquisa por ser uma estratégia que evidencia o evento, para que a sua estabilidade não seja discutível e, com isso, continue o processo de desenvolvimento local. A linha de pesquisa em folkmarketing utilizada pela autora permite refletir sobre o quão grande é a festa junina de Campina Grande/PB.

A festa, enquanto cultura e representação social, ganha uma valorização por contribuir para o desenvolvimento, mesmo sendo uma festa que não está livre dos “olhos julgadores” da sociedade, muitos consideram que é apenas uma festa folclórica sem significados e relevância. Contudo, as pesquisas mostram a sua essência enquanto uma produtora de novos incrementos sociais. Devido a isso se destaca a importância de prezar pelas culturas de cada lugar, por serem parte do processo histórico social.

Seguindo essa categoria, a autora Sandra Paula Veras Amorim Costa, em sua dissertação intitulada “O maior São João do mundo, de Campina Grande – PB e as concepções de desenvolvimento: uma análise de conteúdo das falas de atores envolvidos em sua formulação e realização” (2016), também discutiu as festas juninas de Campina Grande, município conhecido por ter o maior São João do mundo. A autora fez um recorte temporal dos festejos nos anos de 2008/2009 e 2014/2015, mostrando períodos diferentes entre governos da cidade.

A pesquisa de Costa (2016) retrata que as festas juninas em Campina Grande surgiram de um contexto econômico em que se buscava o incentivo para o desenvolvimento da região, após o declínio na sua economia. Esse trabalho destaca que o crescimento econômico da região ocorreu por conta da estratégia da gestão pública de investir no campo cultural. Ademais, deixa claro que o desenvolvimento sociocultural não necessariamente acompanha o sustentável e que a gestão pública mostra empenho em gerar emprego, alavancar o turismo e a renda.

Diante da leitura dessa pesquisa percebe-se que foi enfatizada a importância do festejo junino de Campina Grande, o qual sofreu inúmeras mudanças até tornar-se o maior

do Brasil. Seus administradores tiveram um olhar estratégico voltado para o desenvolvimento cultural, visando a economia, a fim de criarem um dinamismo no cenário econômico da população. De modo que, atualmente, Campina Grande é reconhecida como a cidade com a maior festa de São João do Brasil e do mundo.

Os festejos juninos em sua ampla realização conseguem estabelecer novos espaços para a sua atuação, sendo que é por meio da cultura que ocorre a motivação para dinamizar os espaços.

Assim como na pesquisa de Costa (2016), a qual enfatiza as ampliações dos lugares para priorizar o fluxo de pessoas, ou seja, colocar a festa como temática turística, o trabalho de autoria da pesquisadora da presente tese (Glauciene Dutra Silva), realizado na dissertação de mestrado sob o título “O maior arraial da Amazônia: um olhar geográfico sobre o “patrimônio imaterial dos festejos juninos”, em Boa Vista/RR” (2017), também realça essa discussão, na qual a cultura é considerada um agente responsável pela reprodução do espaço urbano, para que as suas festas possam acontecer com uma melhor estrutura.

Silva (2017a) destacou a dinâmica da festa junina no município de Boa Vista/RR, enquanto patrimônio cultural imaterial. A pesquisa aconteceu nos anos de 2015 e 2016, e mostrou que devido a toda a sua dinâmica e fluxo as festas juninas de Boa Vista conseguiram reproduzir o espaço urbano para a sua realização. À medida em que a cidade crescia e o movimento se intensificava, a festa junina se fixava como parte da cultura, tornando-se relevante para certos grupos de pessoas, por contribuir para a economia local, para a gestão política e para o sociocultural.

A pesquisa de Silva (2017a) foi voltada para a descrição das práticas que eram desenvolvidas dentro das noites de arraiais. Tanto que um dos capítulos da dissertação foi “evoluir para preservar”, no qual a autora fez uma reconstituição do ontem e do hoje da festa junina, concluindo que as festas frequentemente estão ganhando novas características e um novo elemento por parte do lugar. Esse elemento é o que difere a festa junina de Boa Vista/RR com a do estado de Campina Grande/PB, estudado pelas autoras Lucena (2016) e Costa (2016) supra mencionadas.

Ou seja, cada festa usará uma performance diferente que permita expressar a linguagem e imagem local. À vista disso, as festas juninas não são uma cultura intacta, elas acompanham a transformações e as mudanças sociais, em conformidade com os interesses vigentes.

No que se refere às dinâmicas presentes nas festas juninas destaca-se a dissertação de Calliandra Sousa Ramos (2019) “Vivendo entre tambores: Relações entre o bumba-meu-boi e o tambor de mina em São Luís do Maranhão”. A autora discute sobre o bumba-meu-boi e tambor de mina, e esclarece que as práticas não se resumem a quadrilha junina, comidas típicas e xote/forró. Ramos (2019) aborda o contexto de festas juninas como vínculos criados com pessoas, entidades e religião. Sua pesquisa ocorre com foco em São Luís do Maranhão, sob a compreensão da religiosidade de tambor de mina com o bumba-meu-boi, no qual essas práticas culturais são apresentadas/realizadas dentro do período junino da cidade, envolvendo toda a comunidade, bairros, casas e brincantes de boi.

A temática da festa junina tratada por Ramos (2019) é exposta como palco de encontros dos grupos de bumba-meu-boi e com o ritual da glorificação dos santos promovido pela igreja católica. Isto é, no período junino cada grupo/religião/entidade comemora saindo nas ruas de São Luís, elevando aquilo que julga ser sagrado em suas comemorações culturais.

Além disso, para Ramos (2019), a relação que existe entre o tambor de mina e o bumba-meu-boi ultrapassa os terreiros, as ruas ou festejos juninos. Portanto, a festa junina é vista como um símbolo do encantado, segundo a autora, por ter uma narrativa de experiências religiosas e de devoção aos santos e entidades. A autora destacou que dentro das festas juninas há a presença de diversas sociabilidades, afetos, religiosidades, um misto de universos, e essas experiências são resultados da dinâmica afro-brasileira.

Tem-se na perspectiva da pesquisa de Ramos (2019) um exemplo de que as festas juninas são capazes de florescer os sentimentos mais diversos dentro do indivíduo, ao ter contato com as suas raízes históricas e, dessa forma, ampliando as experiências com a festa, por ser nela (ou em virtude dela) que irá criar afetos, memórias e laços. A narrativa de troca de experiências por meio de ações diferentes em uma mesma festa possibilita um entendimento análogo ao de uma vizinhança, onde compartilha-se uma múltipla herança histórico-social. Respectiva experiência é distinguida pela forma como os sujeitos praticarão uma determinada cultura, ritual e/ou religiosidade, o que faz fortalecer a história e origem de cada grupo e pessoa.

Dentro dessa mesma abordagem tem-se a tese de Tania Cristina Costa Ribeiro (2016), intitulada “É uma dança portuguesa, com certeza? Um estudo sobre formas de pertencimentos, processos de criação e influências da Dança Portuguesa do Maranhão”, na qual descreve a dança portuguesa realizada dentro das festas, no Estado do Maranhão. A autora desenvolve um estudo voltado para as formas de pertencimento e o processo de

criação da dança portuguesa, tendo como recorte os anos de 2012 a 2014, em São Luís e Pinheiros, Maranhão.

A dança portuguesa se apresenta como uma marca de diversidade e, por conseguinte, de expressão cultural, que se destaca nos períodos juninos. Dentro da festa junina tem-se várias heranças da cultura portuguesa, a qual se consagrou como cultura local de algumas cidades do Maranhão. É importante destacar que o trabalho de Ribeiro (2016) contextualizou a dança portuguesa como representação cultural que busca por autonomia e espaço, sincronicamente, difundindo a cultura do povo maranhense. De forma geral, a pesquisa de Ribeiro (2019) apresenta um apanhado da dança tradicional de Portugal e como se estabeleceu no Brasil, em um outro cenário e realidade, mas que permite entender que as danças trazidas ao Brasil se apropriam de novas performances e elementos, sem perder a originalidade e traços históricos, assim como ocorre com as danças das quadrilhas juninas.

No que se refere a manter a originalidade, a tese da autora Francinete Louseiro de Almeida (2018), denominada “Rituais e folkcomunicação – um sistema de comunicação simbólico no São João do Maranhão” utilizou o conceito de círculo hermenêutico, por meio da leitura da festa junina com foco em seus rituais de comensalidade, indumentária e espacialidade. Para tanto, Almeida (2018) discutiu a comunicação como um agente que ajuda a consolidar essa prática social, como uma experiência e vivência fixada com o lugar. A pesquisa foi direcionada ao estudo do festejo maranhense, ficando subentendido que essa região tem percepção diferenciada às suas ações nos dias de comemorações, sendo que, cada comunidade/localidade do estado tem um formato singular de realizar a festa, mesmo fazendo parte de um mesmo estado.

Almeida (2018) destaca os conceitos de folclore, como cultura popular e utiliza da folkcomunicação para analisar toda a dinâmica promovida pelas festas juninas, caracterizando-se como uma cultura que tem criado um espaço com diferentes identidades e símbolos, justamente pela rica experiência proporcionada a quem vivencia a festa. Nesse caso, a pesquisa realçou a comensalidade como uma das grandes expectativas que é viver a festa nesse período, o cardápio único da festa, com a implementação do sabor típico maranhense. Além disso, a geração de lucro e investimento ganha visibilidade por meio de suas atuações e produções, isto é, a indústria exalta o modo de vestir e o que deve ser usado nas roupas e adereços para frequentar as festas, o que vem se tornando uma “exigência” a ser mantida. A vestimenta, para muitos, trata-se de ir ao encontro do divertimento de “pular fogueira”, “traçar um milho cozido”,

“xavecar”, entre outras atividades típicas das festas juninas. Ademais, este fato permite refletir sobre a espacialidade de transformar um lugar comum em um lugar que receberá toda a magia, entidades, santos, ou qualquer outro ritual que denote as festas juninas.

Por outro lado, Livia Cristina Toneto (2019), na tese “A representação das Festas de São João pela arte naif no olhar de Prazeres, Djanira e Silva”, compreendeu as festas juninas como um símbolo cultural para o Brasil no período junino, como identidade cultural do país. Nessa tese a autora permite que o leitor entenda que toda a apropriação cultural advinda dos portugueses está visível nos quadros de três pintores brasileiros, os quais, sem nenhuma formação, pintaram a festa junina com todas as características tradicionais. O que a autora chama de “arte *naif*”, dos pintores Heitor do Prazeres, Djanira da Mota e Silva e José Antônio da Silva, corresponde as suas ingenuidades em pintar retratando as festas juninas no Brasil, destacando as particularidades e o íntimo de cada vilarejo que as realizavam. Respectivas obras permitem inferir que as produções juninas tinham distintas maneiras de serem realizadas. Toneto (2019) afirma que as festas juninas apresentam uma diversidade e riqueza em suas atuações em todo o Brasil.

Finalizando essa categoria tem-se a tese intitulada “Lazer e empresa: Uma análise da percepção de associados da GREMIG que trabalham na CEMIG”, de autoria de Eduardo Penna de Sá (2020). Nela o autor aborda as festas juninas com finalidade de lazer, de divertimento e de recreação para um determinado grupo de trabalhadores de Minas Gerais. Essa tese aponta que as festas comemorativas/culturais também estão ligadas a ideia de proporcionar qualidade de vida, no quesito de satisfação e quebra de rotina. Nessa perspectiva, Sá (2020) destaca a festa junina como um dos principais eventos que um grupo de trabalhadores frequenta.

A festa junina focada como uma escolha pessoal de lazer, comemoração agradável, quebra de rotina e interação social reforça a importância da cultura junina, presente em Minas Gerais, onde aconteceu a pesquisa, assim como em qualquer outro lugar que mantenha e fortaleça as relações socioculturais, pois, desse modo a cultura se fixa como parte do lugar.

Enfim, sob diferentes vieses abordados as teses refletem a festa junina e a cultura do lugar. Nota-se que há um amplo leque de enfoques que o tema vem sendo abordado e, em comum, todos eles remetem a importância da festa junina aliada a cultura do lugar.

2.2 Festa junina e ambiente escolar

É comum encontrar as festas juninas nos currículos escolares como parte dos eventos culturais, o que é comprovado nas cinco pesquisas encontradas em torno dessa temática (4 dissertações e 1 tese).

A festa junina no ambiente escolar pode ser trabalhada em todos os campos disciplinares, como exemplo, na língua portuguesa, com produções/gênero de textos; na história, ao conhecer o processo e origem das festas e suas narrativas; na geografia, ao descrever as relações socioculturais da festa com o seu lugar; nas artes, por meio das pinturas e criações de adereços juninos; na matemática, ao fazer referência com o comércio, vendas de comidas típicas; na educação física, ao trabalhar movimentos corporais por meio da dança; entre outros enfoques.

A intenção de abordar a temática da festa junina aliada ao ambiente escolar é enfatizar que as festas juninas não têm apenas diversidade em seus símbolos e lugares que se apropriam dessa cultura, mas também no processo com a aprendizagem escolar, apresentando uma rica dinâmica com inúmeras formas de ser trabalhada em assuntos escolares.

Entre as pesquisas encontradas inseridas nessa categoria tem-se a dissertação denominada “O corpo na festa junina: reflexões simbólicas e estéticas para a educação física”, do autor Nadiel Cavalcante de Sousa (2018), o qual baseou-se nas aplicabilidades da festa junina, educação física e símbolos. O autor apontou a complexidade do festejo junino, por estar ligado às experiências que os sujeitos têm sobre essa festa. Por meio da simbologia entre o sagrado e o profano buscou identificar os significados e os sentidos dos símbolos dessas festas e a contribuição para o conhecimento sobre o corpo na educação física.

Não obstante, Sousa (2018) permeou o estudo pelos significados e sentidos dos símbolos como: santos, fogueira, xaxado⁶ e baião⁷ (ritmos de dança) e, por fim, as quadrilhas juninas, sob um olhar acerca da estética e da experiência corpórea, pois, segundo o autor, essas experiências revelam muito sobre culturas históricas.

A pesquisa de Sousa (2018), de forma geral, apontou a linguagem corpórea como uma experiência poética, o autor frisou como sendo a linguagem adquirida pelo corpo, que apresenta uma reflexão e atitudes por quem dança e quem assiste observará uma

⁶ Xaxado é uma dança popular brasileira originada no Sertão de Pernambuco que foi muito praticada pelo cangaço da região, em celebração às suas vitórias.

⁷ Baião é um gênero de música e dança popular da região Nordeste do Brasil,

comunicação com os gestos, falas, expressões teatrais e entenderá o sentido simbólico que foi verbalizado, consequentemente, trazendo e absorvendo conteúdos educativos.

Desse modo, as diversas simbologias dentro das festas juninas fazem refletir sobre o comportamento do ser humano, sobre sua cultura e sobre o mundo em geral, bem como, permite perceber a essência de cada coisa. Uma dança, pode verbalizar e fazer o sujeito enxergar não apenas o seu corpo, mas entender suas experiências de mundo, como o próprio Sousa (2018) enfatiza.

A relevância dessa temática, que posteriormente aparecerá de forma aprofundada nas descrições das coletas de dados, encontra-se justamente pelo fato de ter identificado a dança quadrilha como símbolo junino que permite se comunicar com os espectadores, indo além de mostrar uma composição estética bem idealizada, mas que busca entender o conhecimento que ela pode gerar, mediante a vivência desse festejo/dança.

Sob outra perspectiva, Sonia Maria da Silva Onuki, em sua dissertação “O parque infantil do Jardim Casqueiro e Vila Bandeirantes (1956-1966)” (2019), realizou um levantamento histórico do Parque Infantil, em Jardim Casqueiro e Vila Bandeirantes/SP, tendo como perspectiva analisar as práticas pedagógicas e as rotinas nesse contexto em 1956 a 1966. A pesquisa apresenta somente um pequeno recorte voltado às festas juninas, mencionando que devido ao fato de serem datas que estão presentes no calendário escolar como festas comemorativas aparecem na grade curricular do Parque Infantil.

Por intermédio do levantamento de história oral e de imagens, Onuki (2019) destacou a festa junina com relatos das memórias dos anos estudados como um lugar, sem pavimentação, sem tablado, apenas no chão, enfeitada de palmeiras, com vestido típico para as meninas, de chita, babado e saia rodada. Para os meninos, a vestimenta era chapéu de palha, camisa e calça remendada.

Conforme a autora, as narrativas tratam-se de histórias adormecidas, mas que não são esquecidas. A partir dessa premissa compreende-se que a identidade e a memória do lugar permanecem na memória daqueles que vivenciaram as festas juninas, fazendo com que essas comemorações sejam mantidas pelos moradores por meio do sentimento de afeto e de pertencimento desse processo histórico.

Sob outra perspectiva, a autora Camila Amorin Campos escreveu a tese com o título “CURRÍCULO COM MÚSICA: normaliza ou faz dançar?” (2018), tendo as músicas como foco de investigação, em séries iniciais, questionando se elas normalizam ou desestabilizam o currículo escolar. A autora cita as festas juninas como uma proposta na qual se utiliza da musicalização para apresentar um trabalho que foi pensado e

organizado dentro de uma proposta curricular, enfatizando a importância da música, de ouvir e marcar seus passos, e o que é considerado “adequado” dentro de uma música com dança.

Essa pesquisa de Campos (2018) conta com um pequeno recorte voltado à festa junina como um evento anual que se dedica aos diferentes sentidos em que a música, juntamente, com as danças juninas podem oferecer. A pesquisa permeia aspectos entre ouvir a música e interpretar os passos da dança, com o objetivo de que as crianças, em seu primeiro, contato entendam o sentido junino, o valor simbólico e a tradição. A dança junina no campo escolar, principalmente para as crianças, é ensinada por meio de aspectos como o lugar, a vestimenta, os passos dos meninos e das meninas, os movimentos corpóreos que ajudam na identificação de espacialidade, como frente e atrás, lado direito e esquerdo, olhar para cima e para baixo, etc.

Enfim, considerando as pesquisas exploradas nesta categoria, em síntese, ao tratar da festa junina relacionada ao ambiente escolar evidencia-se a atuação e a relevância de trabalhar a contextualização da festa junina para aplicar conteúdos didáticos, uma vez que as músicas estão presentes em todos os ambientes sociais, os quais também contribuem para o processo de ensino-aprendizagem. Assim, trabalhar com essa temática nos anos iniciais da escola faz com que a criança assimile a festa como um processo de tradição e cultura, podendo inclusive perpetuar essa tradição ao longo da vida.

2.3 Festa junina e memória/tradição/representação

O que mais tem enraizado sobre o entendimento de festas juninas é a noção de que elas são uma tradição folclórica, uma cultura popular que desperta nas pessoas o desejo de comemorar se vestindo com uma caracterização típica, e que terá muitas comensalidades para experimentar. Nesse contexto, identificou-se 12 pesquisas com essas respectivas abordagens (10 dissertações e 2 teses).

É comum na época das festas juninas encontrar as comidas típicas e as roupas xadrez estarem em destaque, pois, como mencionado anteriormente na tese de Almeida (2018), o período junino promove um consumismo em todas as classes sociais.

A categoria denominada “festa junina e memória/tradição/representação” foi estabelecida devido ao fato do período junino se apresentar como uma dinâmica a ser mantida, por intermédio de uma memória afetiva com sua sucessão histórico-cultural,

sendo que, alguns trabalhos utilizam de uma descrição do ontem e das memórias para analisarem as festas juninas.

A primeira dissertação inserida nessa categoria está intitulada “Adeus Maio! Salve junho! narrativas e representações dos festejos juninos nos anos de 1950”, do autor Elielton Benedito Castro Gomes (2016). Se desenvolve centrada nas narrativas de livros, jornais, revistas e as representações das festas juninas em Belém/PA, nos anos de 1950. O autor apresenta de forma crítica as narrativas e representações dos festejos juninos que eram produzidos pelos intelectuais da época, os escritores dos mais diversos jornais e revistas do estado do Pará.

Gomes (2016) explora a festa realçando a transição de festejo europeu à festividade brasileira. No capítulo três o autor fez uma abordagem direcionada às representações literárias, memória, folclore e tradição das festas juninas em Belém, com destaque para as crônicas dos escritores Lindanor Celina, Bruno de Menezes, Eneida de Moraes e Cândido Marinho Rocha, o que deu embasamento para a descrição das narrativas e, por conseguinte, das impressões que eram vivenciadas ou ouvidas sobre a festividade do ciclo junino no Pará.

De modo geral, a festa junina como uma tradição em Belém/PA oportunizou reunir e surgir novos significados para aqueles que promoviam a festa, sendo que, segundo o autor, esses novos sentidos fizeram com que a festa ganhasse novas espacialidades, expandindo-se por meio do processo de urbanização. Como resultado ocorriam grandes mudanças socioculturais, porém, sem perder as bagagens culturais trazidas de outros espaços. À medida em que a cidade crescia, o centro da cidade de Belém atribuía um pouco de enfoque para a sua infraestrutura, tendo, assim, as festas em clubes “aristocráticos”, conforme destaca Gomes (2016). Enquanto, por outro lado, para os mais afastados da área central, que estavam longe da urbanização, se realizavam festas nos clubes suburbanos. Mostrando assim uma divisão das classes sociais e como isso foi sendo modificado até a festa junina ser popularizada para todos em um mesmo espaço.

O autor Rodrigo Gomes Wanderley em sua dissertação “Guerreiros do Fogo: uma etnografia da morte anunciada” (2016), descreveu a manifestação cultural da “Guerra de Espadas⁸”, a qual ocorre durante as festas juninas, na cidade de Senhor de Bonfim/BA. O

⁸ De acordo com Wanderley (2016, p.13): A Guerra de Espadas consiste em um folguedo em que homens, e maior número, e mulheres saem de suas casas em grupos, ou individualmente, percorrendo as ruas e soltando artefatos pirotécnicos (as “espadas”) construídos artesanalmente por mestres, chamados de “fogueteiros”. Ao se depararem com outros grupos, ocorre o enfiamento: um lança espadas de um lado e aguarda a resposta do outro. Ao mesmo tempo em que o lançar de espadas acontece, há arrelia e

objetivo do autor foi analisar como esse movimento cultural é visto e como ocorre nas festas juninas no sertão baiano. Dessarte, o termo “festa junina” foi apontado mais uma vez por ser palco para representações culturais. Wanderley (2016) enfatizou duas nuances desse movimento: 1º destacou que existem “atores” que acreditam que a “Guerra de Espadas” não deve ser vista como um bem imaterial cultural a ser mantido, porque oferece risco à saúde pública e limita o direito de ir e vir e 2º ressaltou a importância de se ter um olhar atento para aqueles que vivenciam e acreditam que essa tradição é cultura popular que deve ser valorizada e vista de forma positiva, considerando a sociabilidade local que promove. Para tanto, Wanderley (2016) faz uma explanação sobre como a população local estão reagindo diante do esforço do Estado em findar essa manifestação, e enfatiza como são as suas lutas para manterem esse evento como uma prática turística.

Nesse mesmo entendimento de manter uma determinada cultura dentro dos festejos juninos, a dissertação de Juliana Hermenegildo da Silva “Quadrilha Junina Babaçu: processos folkcomunicacionais, identidade e representações culturais” (2017), apresenta a quadrilha junina como uma manifestação cultural, que busca pela sua manutenção nos períodos juninos, diante de um cenário social que é consumido, cada vez mais, pelos recursos mediáticos. A autora compreende a apropriação cultural desses grupos e como eles criam a comunicação entre si e com os demais. Essa pesquisa se instrumentou em avançar no campo da comunicação para enfatizar a tradição e a modernidade, esclarecendo que os meios de comunicação estão cada vez mais inovadores e, por conseguinte, exigem mais da sociedade.

Devido a isso, a autora teve a preocupação de discutir as representações identitárias que se moldam de acordo com a localidade, para também ser incluída a localidade como produto cultural mediático, que contribui para o crescimento econômico e turístico. Além disso, ficou evidente que as quadrilhas juninas demonstram que as práticas se comunicam com o social, ao serem inseridas em um contexto televisivo, por exemplo. Ou seja, a cultura e a mídia têm uma estreita relação, no que se refere a produzir e a ampliar a cultura pelos meios comunicacionais e, com isso, os grupos de quadrilhas

provações. No trajeto pelas ruas em direção à “fogueira de ramos” (uma grande fogueira montada em uma árvore, onde são colocados prêmios), acendem seus artefatos em outras fogueiras menores dispostas nas portas das casas. Costumam também adentrar na casa de compadres, comadres, conhecidos e amigos. Ali encontram mesas fartas de comida e bebida. Onde param, comem e bebem e soltam espadas em homenagem ao dono da casa que lhes recepciona. E seguem rumo à fogueira de ramos, onde acontecem etapas cruciais do ritual.

juninas se mantêm presentes como um consumo social, os quais buscam por espetacularização, tradição e inovação dentro do campo cultural.

Já a dissertação denominada “A Festa do Zé Bagunça em Bueno Brandão-MG (1982-2016): histórias e memórias” (2017), do autor Joao Marcos Alexandre, teve como objeto de estudo o Arraial do Zé Bagunça, em Bueno Brandão/MG, que acontece desde 1982. A pesquisa buscou compreender a festa em sua dinâmica e arranjos, afirmações de poder e articulações com a cidade, a valorização e o investimento na festa como ponto turístico. Em termos gerais, o trabalho frisou como ocorreu a relação das manifestações culturais com as festas antigas do Zé Bagunça.

O que se percebe é que a origem das festas juninas transpassa para a materialização de diálogos, a fim de manter os eventos dentro do festejo, como a congada, a quadrilha e a dança de São Gonçalo. Respectivas danças usam narrativas de experiências e de memórias para se fixarem como parte das festas de Bueno Brandão/MG. O Arraial de Zé Bagunça assumiu novas características, mas, simultaneamente, luta para manter as suas origens tradicionais. A festa é divulgada nos meios de comunicações e conta com cartazes com a imagem de Zé Bagunça, como símbolo imortal do festejo, a figura caipira visa conservar as memórias da festa em consonância com o lugar.

As transformações também são contempladas na dissertação intitulada “Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador” (2020), a autora Soiane Gomes Paula mostrou, no contexto das festas juninas, a responsável por apresentar as danças quadrilhas como atributo da festa. Paula (2020) compreendeu as transformações pelas quais passam as quadrilhas juninas da região metropolitana de Salvador/BA. Para tanto, apontou as produções dos espetáculos diante dos concursos de quadrilhas que surgiram na década de 1970. A autora fez uso das narrativas das memórias dos quadrilheiros para apontar o histórico dos concursos locais, regionais e nacionais, os quais transformaram a arte de dançar quadrilha.

Não obstante, Paula (2020) expôs uma discussão voltada às danças, manifestações culturais e danças de brincantes. A autora enfatizou como ocorreu a criação do Fórum Permanente de Quadrilhas Juninas, com o objetivo de criar espaços para reflexões que visam políticas públicas que deem continuidade à cultura da dança nas festas juninas locais.

Sob outra perspectiva, Rafael da Silva Noleto com a tese “Brilham estrelas de São João: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém” (2016),

abordou as expressões da diversidade sexual e de gênero, acerca da concepção de raça, dentro do contexto junino, nas festas de Belém/PA. O autor analisou concursos juninos realizados em bairros periféricos, a fim de abordar a festa como uma socialização, cheia de ritualizações. Além disso, o autor deu destaque para as mulheres cisgênero, os homossexuais, travestis e pessoas transgênero. A sua compreensão em focar nesses grupos transcorreu por meio de uma reflexão e discussão aprofundada no entono de raça e sexualidade, sendo esses temas perceptíveis nas performances das quadrilhas juninas.

As festas juninas vêm criando um campo rico de diversidade cultural e com grandes atuações/performances dentro das noites de festejos. Noletto (2016) deixa claro, por exemplo, que as festas juninas são um campo de muitas indagações e que nelas é possível enfatizar outras questões, sendo o período junino carregado de representações a serem ouvidas e discutidas, como parte de um todo. Isto é, as festas juninas e seus partícipes não devem ser marginalizados por serem quem são e pelo que fazem.

Por fim, a tese “A performatividade das Quadrilhas Juninas: reminiscências da tradição e a espetacularização da dança” (2020), do autor Samuel Ribeiro Zarantim, ampliou a discussão sobre a performatividade das quadrilhas juninas. A tese destacou a ação da dança em sua totalidade, a qual transpassa da imagem do matuto à competição, e exige uma nova configuração, que seja trabalhada em novos significados e sentidos culturais e que, simultaneamente, acompanhe a modernidade. Zarantim (2020) realçou as experiências dos quadrilheiros juninos quando se apropriam do “fazer” junino, considerando as suas performances culturais, o que pode ser visto pelo autor como a espetacularização da dança e das festas juninas, repercutindo na criação de grandes (re)construções de valores.

Por esse motivo, Zarantim (2020) assevera que as quadrilhas têm se tornado cada vez mais produtos da indústria cultural, onde se tornam bens culturais a serem mantidos como símbolo do lugar, ou como identidade dos brincantes. Uma outra questão que o autor destaca é o fato de os grupos de quadrilhas ultrapassarem as extensões de festa cultural para chegarem a se associar como profissão. Tal prática, segundo Zarantim (2020), tange às inovações do “fazer” junino, quando se estabelecem como um mercado cultural.

Considerando os pontos categorizados, constata-se que as festas juninas vêm sendo focos em discussões, nas quais os diferentes olhares trazem uma contribuição, cada um a sua maneira, seja local ou para uma pauta que exige novas reflexões. Pode-se encontrar também, intrínseca ou extrinsecamente, nessas discussões o intuito de mudar o

comportamento social, quando se destaca o respeito por quem participa da festa. Ademais, as experiências, a afetividade, as memórias e a socialização são contextualizadas como processo de reconhecimento para a manutenção das festas, com enfoque especialmente voltado à promoção do desenvolvimento em todos os campos sociais.

Portanto, não restam dúvidas de que as festas juninas são representações de novos valores e simultaneamente se dedicam a preservar as suas origens. O desejo em se manter frente a uma sociedade cercada de tecnologia cria cada vez mais conceitos acerca de fazer e pensar em novas propostas de festa junina, para estar sempre presente nas comemorações socioculturais. Isso, conseqüentemente, cria nessas festas uma vontade maior de os brincantes se expressarem, de se apresentarem como realmente se consideram, enquanto sujeitos, movimentos, gêneros e classes.

3 METODOLOGIA

As dinâmicas socioculturais são representações de valores, emoções, frustrações, entre os mais diversos sentimentos que o indivíduo possa apresentar. Ao estudar as festas juninas como produtoras de cultura e as quadrilhas juninas como ampliação do saber, compete a esta pesquisa o método fenomenológico, no qual ocorre a descrição dos movimentos culturais, com base no que foi analisado por quem vivencia a experiência de fazer a festa acontecer.

A fenomenologia oferece uma visão mais profunda sobre o que está sendo estudado, sem conclusões prontas. Para Goldemberg (1997) a fenomenologia busca atingir a essência dos fenômenos, ultrapassando aparências imediatas, trazendo para o campo de análise a vida cotidiana do sujeito em estudo, situando as suas emoções, angústias e preocupações.

De acordo com Minayo (2003, p. 15), na fenomenologia “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante”. Essa acepção do método da fenomenologia, voltado à presente pesquisa, baseou-se nos estudos da consciência e da experiência dos sujeitos de pesquisa, a fim de pautar um diálogo com os conceitos de cultura, educação, território/territorialização, visando obter uma análise das dinâmicas socioculturais. À vista disso, destaca-se que cabe ao campo da fenomenologia estudar as festas juninas e os grupos de quadrilhas, enquanto elementos responsáveis pela dinâmica socioespacial e pelo fato de a fenomenologia ser uma ciência que permite interpretar os fenômenos criados pelos indivíduos.

O termo fenomenologia foi criado por Johann Heinrich Lambert, no século XVIII, no entanto, somente ficou reconhecido por meio das obras de Husserl (SILVA, 2013). De acordo com Husserl (1989, p. 22) “o método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”. A fenomenologia se aplica ao estudo da vivência humana, compreendendo seus fenômenos, modos, e como se apresentam.

Sokolowski (2004, p. 12) defende que “a fenomenologia é a descoberta da razão na presença de objetos inteligíveis”. A filosofia da fenomenologia busca compreender as ações humanas por intermédio de atos e experiências, os quais se apresentam de forma intencional. Ou seja, tudo o que o sujeito realiza conscientemente é intencional.

Em consonância com Sokolowski (2004), a fenomenologia pode ser entendida como um atributo que auxilia a reivindicar um sentido público do pensamento, para que os sujeitos possam assumir a condição humana como agentes da verdade. Por essa razão, a fenomenologia e a psicologia estiveram presentes nos estudos de Husserl. Na fenomenologia busca-se atingir a essência de um determinado fenômeno, que o indivíduo por algum ato de consciência idealizou. A psicologia busca entender a vivência do paciente no mundo e como interpreta seu meio, a fenomenologia, por sua vez, estuda as percepções mentais do indivíduo.

Segundo Cerbone (2014) a essência da mente é a intencionalidade em toda e qualquer experiência consciente. Isso significa que toda a experiência está na intencionalidade. A fenomenologia, de maneira clara, trata-se do estudo dos fenômenos a partir da realidade, ou seja, é o conhecimento científico produzido a partir das experiências vivenciadas pelo sujeito.

A palavra fenomenologia é “uma combinação das palavras gregas *phainomenon* e *logos*, o que significa a atividade de dar conta, fornecendo um *logos* de vários fenômenos, dos vários modos em que as coisas podem aparecer” (SOKOLOWSKI, 2004, p. 22). Dessa forma, os fenômenos são os objetos estudados pela fenomenologia, conforme a sua representação no tempo e espaço, e examinando a essência sobre como são percebidos no mundo.

Então, tem-se um método que analisa tudo aquilo que se apresenta no mundo, buscando uma explicação da sua existência e sentido. Tal fato ocorre devido a uma busca de um método mais rigoroso do campo da pesquisa científica. Como uma construção metodológica, a fenomenologia buscará a essência do objeto de estudo, desconsiderando pressuposições, por isso é colocada como uma ciência sem pré-conceitos formados sobre determinada coisa. A fenomenologia estuda diretamente o fenômeno e a entender as suas particularidades e a sua natureza.

Compactua-se com Barbieri (2011, p. 33) quando define que

A fenomenologia nasce, então, como uma metodologia que exige o abandono das teorias científicas e filosóficas construídas até então, bem como a eliminação dos pressupostos por elas estabelecidos, a fim de ver as coisas como elas nos aparecem em seu pleno sentido.

Indo além de tal premissa, o autor esclarece que a “fenomenologia parte do questionamento de qualquer objetividade dada e a reduz à simples vivência em que se dá, para então torná-la objeto de pesquisa” (BARBIERI, 2011, p. 33).

Neste contexto, o uso desse método surge na presente pesquisa como uma ciência que investigará a experiência dos sujeitos que fazem e vivenciam a festa e as quadrilhas juninas, compreendendo a complexidade produzida pela simbologia de fazer parte dessa cultura.

Nesta pesquisa, busca-se nas festas juninas e nos grupos de quadrilhas interpretar com base na sua essência os valores socioeducacionais que estão inseridos dentro desses movimentos. O método da fenomenologia permitirá interpretar os dados coletados, por meio do apanhado histórico das festas juninas, compreendendo todo o processo de periodização pelo qual esses regozijos passaram, bem como, a forma como a temática educacional passa a ser contextualizada nas danças das quadrilhas. A fenomenologia nesta investigação adentra como um processo necessário para compreender a Educomunicação dentro da cultura, procurando identificar os significados que a festa e a dança quadrilha oferecem para quem vivencia esse acontecimento.

Não obstante, é pertinente ressaltar que a presente pesquisa teve uma circularidade hermenêutica puramente interpretativa por parte de quem vivencia as festas. No intuito de interpretar o que cada sujeito carrega em sua consciência por participar da festa junina, considerou-se as experiências dos sujeitos envolvidos nessa investigação. Para poder interpretar a intencionalidade de sentimentos e sentidos entre os sujeitos e a festa, fatores esses que se destacam em investigações fenomenológicas. A figura 1 ilustra o campo da fenomenologia, que consiste no seguinte:

Figura 1: o campo da fenomenologia.



Fonte: Silva (2021), com base em Cerbone (2014), Barbieri (2011) e Sokolowski (2004).

Para uma pesquisa científica a metodologia baseada na fenomenologia deve ser utilizada a partir de um objeto/fenômeno, que sem conceitos pré-formados estuda o fenômeno na sua experiência vivida, atribuindo a sua consciência e intencionalidade, priorizando o conhecimento mediante os seus significados e essência.

Husserl (1990) sugeriu a redução da fenomenologia, tendo como proposta deter qualquer crença, valores ou teoria, com a finalidade de concentrar apenas no fenômeno ou no que o objeto significa para o sujeito. Devido a isso caracteriza-se como uma metodologia livre de conceitos pré-estabelecidos. A figura 2 foi elaborada a partir da compreensão sobre o que foi discutido acerca da fenomenologia, nela é possível observar uma visão geral sobre o método fenomenológico.

Figura 2: visão geral da fenomenologia.

O que é o método fenomenológico?
• é uma metodologia para as pesquisas científicas, analisando a essência do fenômeno.
Qual a finalidade?
• sua finalidade está em compreender o significado do fenômeno, correlacionando o fenômeno com sua essência.
Seus atributos?
• conhecer o objeto de estudo e sua natureza; • entender como ocorre o conhecimento do mundo por meio de sua vivência; • explicar uma realidade conforme a consciência/intencionalidade; • desconsiderar qualquer conceito formado sobre o fenômeno; • a realidade deve ser vista de vários ângulos, sendo interpretada e compreendida.

Fonte: Silva (2021).

Tendo em vista a figura supra apresentada evidencia-se uma ciência fenomenológica que procura esclarecer os fenômenos que se propõe a estudar, levando em conta a consciência presente no objeto, para, então, entender a sua natureza/essência. Em síntese, tem-se uma ciência que permite pesquisar com base na realidade de mundo, sem colocar o empirismo como verdade absoluta, pois ela é subjetiva. A fenomenologia busca a realidade sem crenças e sem prevaricação, o que Husserl (1990) resume como redução fenomenológica.

3.1 Lócus de investigação

Na presente pesquisa investiga-se as festas juninas de Boa Vista/RR, as quais recebem o nome de Boa Vista Junina/BVJ, promovida pela prefeitura de Boa Vista Roraima. A investigação também ocorreu com os sujeitos envolvidos, no caso, os integrantes dos grupos de quadrilhas, sendo as suas experiências a base para a descrição desta pesquisa.

O olhar para as festas juninas está direcionado pela representatividade que a cultura ganhou atualmente, uma vez que, o mundo contemporâneo vive um enorme descompasso entre o que ocorre em sua dimensão concreta, material, e em sua dimensão ou esfera cultural, no sentido mais amplo do “simbólico” (HAESBAERT, 2002). No que

tange a esse ponto de vista, buscou-se analisar as festas enquanto símbolo sociocultural integrado com o educacional. Ambos são complexos, sofrem mudanças e têm dificuldades, porém, fazem parte do social e estão em constante modificação decorrente das mudanças em nível global, regional e local. Respectivas modificações ficaram mais evidentes no cenário atual pós pandêmico, no qual o vírus da COVID-19 fez com que a sociedade como um todo se reinventasse, buscando nos recursos tecnológicos a saída para não parar com as suas atividades. Novamente a cultura e a educação acompanham esses desafios contemporâneos, com dificuldades, mas se aprimorando.

As festas juninas em Boa Vista/RR, passaram por um longo processo de periodização. Segundo Silva (2017), as primeiras manifestações juninas na atual capital do estado de Roraima foram registradas em 1910, promovidas pela igreja católica e comunidades locais. No entanto, foi na década de 30 que os festejos juninos foram ganhando uma nova fisionomia. A Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista (FETEC), no Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista (2011) registra as manifestações folclóricas como os arraiais de São Sebastião e Nossa Senhora do Carmo, com a organização da comunidade e das igrejas católicas, nos anos de 1930, respectivamente.

Silva (2017) corrobora com essa premissa e vai além ao salientar que as festas juninas em Boa Vista/RR se deram pelas manifestações católicas, pelas comemorações dos santos de cada igreja e, posteriormente, os moradores da cidade, advindos do estado do Maranhão (influência do processo de povoamento na região), iniciaram as manifestações folclóricas com dança do “boi”, que logo se configurou em festas juninas. Em consonância com as colocações da autora, essas manifestações passaram a criar as suas próprias quadrilhas, como uma brincadeira entre os moradores da rua. Anos depois as quadrilhas foram inseridas nas escolas e a partir desse momento surgiram os grupos de quadrilhas, que levavam o nome da escola da qual faziam parte, sendo que alguns nomes permanecem até hoje.

A Prefeitura de Boa Vista/RR começou as organizações juninas em 1993, na Praça Capitão Clóvis (localizada no centro da cidade), conhecido como arraial da prefeitura, permaneceu sendo realizado até nos anos de 1999 no local. Com o aumento da população da cidade a festa junina passou a ser realizada na Praça Centro Cívico, área também central de Boa Vista, recebendo o nome de Boa Vista Junina (BVJ). Desde então passou a ser realizada anualmente.

Em 2015 o BVJ ganhou um novo local, o Complexo Poliesportivo Ayrton Senna⁹, o qual passou por uma reprodução do espaço urbano e criou-se a Praça de Evento Fabio Paracat. Dessa maneira, foi aderido um espaço amplo para o tablado, com arquibancadas, e ganhou um novo nome: arena junina. O espaço foi pensado e projetado para valorizar as apresentações das quadrilhas e outros movimentos culturais da cidade.

A partir de então as festas juninas passaram a ter a praça como local de realização e sendo anualmente, exceto no período pandêmico da COVID-19. As 20ª e 21ª edições do Boa Vista Junina que ocorreram nos anos de 2020 e 2021, respectivamente, no pico da pandemia, tiveram as festas de forma presencial suspensas ao público. Em decorrência disso, criou-se uma dinâmica nova, em forma de *lives*, sendo as apresentações divulgadas pelos canais da prefeitura de Boa Vista/RR e dos respectivos grupos de quadrilhas. A dinâmica da festa junina continuou com os concursos como o “Concurso de Destaque Junino”, tendo como categoria: rodada de saia feminina, rodada de saia da diversidade, casal de noivos, casal de quadrilheiros, rainha da diversidade e rei e rainha caipira. Posteriormente, teve o festival de quadrilhas, que ocorreu de forma fechada com apenas os candidatos/brincantes de quadrilhas, em seus respectivos dias de apresentação, no Teatro Municipal de Boa Vista. Além disso, também foram transmitidas *lives* de bandas locais de alguns pontos turísticos de Boa Vista/RR.

O BVJ é comemorado em sete noites (ou mais) e é considerado como “o maior arraial da região norte”. Sendo essa frase o slogan anual utilizado pela FETEC (Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista), por evidenciar a dimensão em abranger um expressivo número de pessoas, pelo reconhecimento das quadrilhas juninas em nível nacional e em virtude da sua organização como um todo.

Todo ano o BVJ cria algo dentro da festa, despertando o interesse local, tonando-se um símbolo cultural, visando a ampliação no turismo, sendo que oportuniza que pessoas de fora visitem o estado no intuito de conhecerem novas performances, que acontecem apenas nas festas juninas de Boa Vista, como é o caso da maior paçoca do mundo, por exemplo, a qual é distribuída em uma das noites do festejo e se encontra incluída no livro *Guinnes Book*. Uma paçoca regional com carne seca e farinha de mandioca.

A representatividade que a cultura alcançou por meio do Boa Vista junina está presente nos mais diversos aspectos, fatores e nuances supramencionados e, portanto,

⁹ Nome de uma praça com diversos fins, com um amplo espaço envolvendo grande parte da Avenida Capitão Ene Garcez na área central de Boa Vista/RR.

aliado a metodologia fenomenológica, caracteriza-se como um lócus precioso de ser investigado nesta tese.

3.2 Sujeitos da investigação

Para realizar a investigação, tendo em vista alcançar os objetivos inicialmente propostos e compreender como a festa junina em Boa Vista/RR estabelece o processo de educação com os sujeitos envolvidos, foi preciso tracejar o espaço-tempo-partícipe.

O **espaço** trata-se da festa junina promovida pela Prefeitura de Boa Vista/RR, que acontece anualmente durante aproximadamente 7 a 10 noites na Praça Fábio Paracat. Bem como, o espaço engloba os locais de ensaios dos grupos quadrilhas selecionadas (Eita Junina e Zé Monteirão), isto é, a quadra da Escola Estadual Jesus Nazareno, localizada na zona oeste da cidade, onde ensaia o grupo Eita e a quadra da Guarda Municipal de Boa Vista, na zona norte da cidade, onde ensaia o grupo Zé.

No que se refere ao **tempo**, as observações iniciaram no ano de 2021, seguindo até o ano de 2023. Durante os ensaios foram realizadas observações tanto de forma presencial como online, pelo aplicativo *Instagram*, onde os grupos divulgavam suas atividades. Assim como, observou-se as noites de arraiais.

Enquanto o **partícipe** englobou desde os organizadores do Boa Vista Junina até o próprio público. Foi realizada uma investigação com os organizadores das festas junina da FETEC, os quais planejam e executam a festa: presidentes e animadores. Posteriormente, partiu-se para uma busca mais individualizada com os brincantes das quadrilhas e o público, utilizando-se questionários, para analisar como cada um enxerga, sente e valoriza a festa junina, identificando quais as suas motivações, desejos, valores ou mesmo tradição de vivenciar e celebrar o festejo junino.

Portanto, os sujeitos de pesquisas são: a quadrilha Eita Junino e a quadrilha Zé Monteirão, ambas do grupo especial. Sendo que existem três categorias de grupo: especial (12 grupos), acesso (12 grupos) e emergente (04 grupos)¹⁰. A escolha pelas duas quadrilhas inseridas no grupo especial ocorreu devido aos grupos apresentarem uma

¹⁰ As quadrilhas são divididas em três grupos: especial, acesso e emergentes. A primeira são as quadrilhas que apresentam uma organização mais bem elaborada, na dança, roupagem, adereços e no cenário, são consideradas as mais belas quadrilhas em todo seu conjunto, evitando as falhas em sua estrutura, para garantir a pontuação máxima em todos os itens julgados. A segunda se refere aos grupos que por alguns motivos não atingiram a nota necessária para estar entre as primeiras colocadas. E a terceira categoria são quadrilhas que são do interior do estado (vicinais e vilas), ou de comunidades indígenas.

melhor estrutura em sua organização, com ensaios e com a dança. Por conseguinte, atribui-se, assim, mais dados para as análises desta investigação, pois com esses sujeitos de estudo será possível identificar os processos educacionais presentes ou não nesse movimento cultural. Os grupos escolhidos trabalham com temas que levam à aprendizagem de uma maneira aprazível, o que antes era desconhecido (ou não) passa a ser assimilado pelos brincantes, gerando um processo de aprendizagem dentro do contexto cultural, resultando na valorização da cultura popular.

Com isso, surgem os admiradores por esses trabalhos, as torcidas organizadas e os seguidores das redes sociais que estimam os respectivos grupos de quadrilhas. Atualmente o Grupo Eita Junino tem, 8.856 seguidores e o Grupo Zé Monteirão 6.075. Mais especificamente, as torcidas acontecem devido ao trabalho que os grupos de quadrilhas vêm realizando, se inovando, inserindo diferentes recursos e levando algo novo anualmente. À vista disso, houve a necessidade de se fazer um recorte dos grupos de quadrilha, o qual garante informações suficientes para descrever a análise proposta nesta tese.

A seleção dos grupos de quadrilhas teve como critérios de inclusão as seguintes características: ser do grupo especial (devido a maior organização desses grupos e a preocupação em manter o contato fora dos meses de ensaios); terem títulos estaduais e municipais (títulos dos concursos dos arraiais promovidos pelo Governo do Estado de Roraima e pela Prefeitura Municipal de Boa Vista/RR); ter participação em concursos nacionais de quadrilhas; e estarem nas redes sociais. Respectivos critérios serviram para selecionar os dois grupos de quadrilhas estudados.

É interessante esclarecer que os demais grupos também cumprem o critério de ter o título de campeã e ser do grupo especial, e isoladamente cumprem ou mais requisitos. Porém, o último item (estar nas redes sociais) fez com que os dois grupos selecionados fossem os sujeitos para o estudo. De modo que, os dois grupos se destacam por cumprirem todos os requisitos, sendo essenciais para a análise desta pesquisa. Para tanto, foi necessário delimitar esse recorte a fim de atender às expectativas da pesquisa. Segue abaixo algumas características dos sujeitos de estudo (tabela 2).

Tabela 2: características dos sujeitos em estudos sobre os grupos de quadrilhas.

		Eita Junino	Zé Monteirão
1	Nome oficial	Grupo Folclórico Eita Junino	Grupo Folclórico Quadrilha Zé Monteirão
	Data de fundação	01/04/1998	01/12/2000

	Presidente	Jhonathas Vaz	Lulia Oliveira
	Animador	Sandro Baré	Frank Guedes
	Brincantes	40 a 50	40 a 50
2	Responsáveis pela organização do Boa Vista Junina		
3	Telespectadores que prestigiam as quadrilhas		

Fonte: Silva (2021).

Conforme a tabela supracitada, tem-se 3 sujeitos de pesquisa: 1 – **Os grupos de quadrilhas**: Eita Junino e Zé Monteirão. Sendo entrevistados de cada grupo as seguintes pessoas: o presidente, o animador e brincantes. Vale ressaltar que ao todo cada quadrilha conta com uma média 25 a 30 casais, o que equivale a estimativa de 50 a 60 brincantes por cada quadrilha.

Nesse sentido, no que tange aos questionários, foram selecionados apenas 30 brincantes de cada grupo, aqueles que estão a mais tempo no grupo, por ter um histórico maior com o processo sociocultural com a dança quadrilha. Assim, obteve-se 60 questionários para serem analisados. Enquanto as entrevistas ocorreram com 10 brincantes de cada grupo, totalizando 20 brincantes. Realizou-se também as entrevistas com os presidentes e animadores de cada grupo. Esse recorte foi necessário para analisar o fenômeno de forma qualitativa, sendo precípuo olhar minuciosamente as respostas dadas pelos entrevistados e nos questionários.

No que se refere ao questionário direcionado aos 30 brincantes de cada grupo, optou-se por perguntas abertas, para descreverem seus sentimentos, anseios, alegrias, frustrações e as responsabilidades exigidas pelo grupo. Concomitantemente, contou com perguntas fechadas, tratando apenas sobre dados quantitativos, como idade e tempo que dança. As perguntas serviram para identificar também os perfis dos brincantes, permitindo compreender quem são, a importância que dão à dança e à festa, e como eles percebem e trabalham os processos educacionais por meio das linguagens culturais e artísticas.

Além dos integrantes dos grupos de quadrilhas foram entrevistados: 2 – **os responsáveis pela organização do BVJ**. Os quais foram necessários a fim de entender a dinâmica da festa e as questões educacionais. A importância de entrevistar os responsáveis decorre do intento de compreender como surge a temática do arraial e todo o desempenho e desenvolvimento da festa.

Também foram utilizados questionários para: 3 – **Os espectadores**. Foi preciso aplicar os questionários aos espectadores que prestigiam as quadrilhas para poder analisar como o conjunto da dança consegue repassar um certo conhecimento para quem assiste

ao grupo, identificando as diversas formas de comunicação que a cultura da dança pode oferecer.

De maneira geral, a tabela 2 mostra a estrutura sobre como foram idealizadas as pesquisas com os sujeitos de estudo. Entretanto, de acordo com a realidade do período de aplicação alguns cuidados foram tomados, sendo que apenas as entrevistas aconteceram de forma presencial, por ter não ter um número significativo para aglomeração e os questionários foram aplicados virtualmente via Google Forms, foi enviado o link para o *whatsapp* dos participantes, com o intuito de agilizar a comunicação, preservar e resguardar a segurança dos sujeitos de pesquisa e da pesquisadora. Vale lembrar que essa pesquisa se iniciou no período da pandemia, por isso previu todos os cuidados.

Não obstante, tendo em vista a diminuição dos casos de Covid, foi possível realizar as entrevistas de forma presencial, o que dependeu das condições do momento. As entrevistas com a organização técnica responsável pelo BVJ aconteceram de forma presencial, respeitando as normas da Organização Mundial da Saúde (OMS), sem aglomerações, apenas com os dois principais organizadores do BVJ.

Por fim, as aplicações de questionários de forma virtual foram respaldadas pelo Ofício Circular N° 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021, que aprovou a prática de levantamentos de dados por meio dos recursos virtuais, no qual entende como “meio ou ambiente virtual: aquele que envolve a utilização da internet (como e-mails, sites eletrônicos, formulários disponibilizados por programas, etc.), do telefone (ligação de áudio, de vídeo, uso de aplicativos de chamadas, etc.), assim como outros programas e aplicativos que utilizam esses meios” (OFÍCIO CIRCULAR N.º 2/2021/CONEP/SECNS/MS, p. 2).

3.3 Instrumentos de pesquisa

Foram aplicados os seguintes instrumentos de pesquisa: o diário de campo, as entrevistas e os questionários (apêndices A, B, C, D, E). O diário de campo foi utilizado para registros das observações feitas com os grupos de quadrilhas que foram pesquisados, por intermédio de suas redes sociais.

O diário de campo serviu para anotações das observações feitas nos anos de 2021, 2022 e 2023, tanto na forma digital acompanhando as redes sociais dos grupos e da prefeitura municipal, como para as observações em campo nos dias dos ensaios e nas noites de festejos. Durante o ano de 2021 serviu para anotar as ocorrências vistas (online

pelas redes sociais) nas dinâmicas dos ensaios e nos dias das apresentações das quadrilhas que ocorreram de forma virtual. Enquanto em 2022 apenas as observações dos ensaios foram acompanhadas na forma virtual, já as observações das noites da festa junina ocorreram presencialmente, sendo no ano de 2022 o retorno da festa junina aberta ao público.

As observações, sejam em campo ou virtual, são uma vivência que destaca as principais informações para as análises desta pesquisa. Informações estas que não estavam no roteiro ou na estrutura para serem investigadas, porém, contribuíram significativamente para as análises dos dados.

É válido recordar que devido à pandemia os grupos passaram a utilizar ainda mais o *Instagram* e o *Facebook* para divulgações de seus ensaios, ações sociais, avisos das manifestações culturais, entre outros assuntos, mostrando em cada postagem a valorização e a importância das festas juninas.

O acompanhamento realizado com o diário de campo permitiu identificar estratégias educacionais utilizadas pelos grupos das quadrilhas. De acordo com Marques e Borges (2016), a Educomunicação tem uma discussão multidisciplinar envolvendo outros campos e um deles se refere aos recursos tecnológicos que integram os sujeitos em diferentes espaços, comunicando-se virtualmente. Foram mediante os espaços virtuais que as tecnologias se manifestaram de forma global, sendo o único meio para a integração social no período pandêmico e no que tange ao BVJ não foi diferente.

Seguindo com os instrumentos para a coleta de dados utilizou-se **entrevistas** e **questionários**. Os questionários foram aplicados com o uso dos recursos tecnológicos (*google forms*), enquanto as entrevistas foram presenciais. Nas entrevistas foram aplicadas a técnica da entrevista qualitativa (entrevista semiestrutura), com o presidente, os animadores e os brincantes de quadrilhas que tinham mais tempo dentro desse movimento cultural, contemplando ao todo 24 sujeitos em ambos os grupos de quadrilha. A organização geral do BVJ também foi entrevistada para entender a estrutura organizacional e analisar como ocorre a comunicação dos grupos com a comissão técnica responsável pela organização evento.

A entrevista teve duração de aproximadamente uma hora e meia com os representantes da FETEC, na própria sede do órgão responsável, com o objetivo de escutar os envolvidos com a festa e a possibilidade de averiguar se a educação não formal está presente nesse movimento cultural. Tendo uma estrutura de perguntas que foram pré-estabelecidas no roteiro de entrevista. Enquanto as entrevistas com os

presidentes/animadores e brincantes tiveram a duração média de 35 a 40 minutos, realizadas nos locais de ensaios dos grupos de quadrilhas. Posteriormente, foram analisadas as respostas de cada entrevistados individualmente, para em seguimento chegar a um panorama geral das respostas obtidas.

Já os **questionários** (com perguntas abertas e fechadas) foram aplicados com os brincantes/dançarinos, de forma virtual. No total aplicou-se 60 questionários: 30 ao Grupo Eita Junino e 30 ao Grupo Zé Monteiro. Os questionários levaram em torno de 15 a 20 minutos para serem respondidos, a finalidade foi analisar como os brincantes lidam com a dinâmica dos ensaios e com a dança quadrilha, e quais os saberes que puderam construir com a cultura junina. Tendo disponível uma estrutura de perguntas abertas, deixando os sujeitos livres para responderem de acordo com suas emoções, aprendizagens, lições e valores que nascem ao viver essas experiências. No que diz respeito as questões fechadas, elas consistiram em dados quantitativos sobre o perfil dos brincantes, como idade e tempo que dança, por exemplo.

A aplicação para os telespectadores levou em média de 10 a 15 minutos, a intenção foi analisar se de fato eles conseguiam entender a comunicação transmitida pelos grupos de quadrilha no ato de suas apresentações. Para tanto, foram estruturadas perguntas rápidas e elaborou-se um questionário menor com perguntas direcionadas ao enfoque. Dessa maneira, foi possível criar o questionário pelo *Google Forms* e divulgar o seu link pelo *whatsapp*, para quem prestigiou as apresentações das quadrilhas juninas, de forma rápida e prática.

A tabela a seguir apresenta de forma sintetizada os instrumentos que foram utilizados e os participantes da pesquisa.

Tabela 3: instrumentos de pesquisa.

Instrumentos de pesquisa	Diário de campo	Sites dos Grupos (Instagram/Facebook)
	Entrevista semiestruturada	- Com os presidentes dos Grupos;
		- Com os Animadores dos respectivos grupos;
		- Com 10 brincantes de cada Grupo;
		- Com os responsáveis pela organização do BVJ;
	Questionário aberto-fechado	- 30 Brincantes de cada Grupo;
		- Telespectador, com ampla divulgação.

Fonte: Silva (2021).

Os instrumentos de pesquisa são ferramentas necessárias para as análises dos conteúdos, nos quais as entrevistas e os questionários trabalhados em conjunto formam uma base sólida para as descrições dos dados, assegurando a veracidade da pesquisa em campo. A entrevista “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 178). Nas ciências humanas as entrevistas são utilizadas por sobrepor relatos das experiências dos agentes estudados, apresentando pontos que os questionários não apresentariam, oferecendo também a possibilidade de analisar as expressões dos entrevistados, como sua angústia ou entusiasmo em responder algo. A entrevista qualitativa possibilita uma pesquisa fidedigna e clara com os objetivos.

Para Bauer e Gaskell (2002, p. 65):

Entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Os autores continuam:

Entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

As entrevistas são ferramentas necessárias em uma investigação com os sujeitos sociais, a qual deve acompanhar o comportamento dos entrevistados, sendo que suas expressões fazem parte de uma leitura dos dados, diferentemente dos questionários que não permitem acompanhar a desenvoltura das falas.

Os questionários são instrumentos de investigação compostos por um conjunto de questões que são submetidas às pessoas com o propósito de obter informações referentes a conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativa, aspirações, temores, comportamentos do presente ou do passado, conforme explica Gil (2012). Esses instrumentos contribuem para uma análise mais ampla e com mais sujeitos, acerca de questões de foco da pesquisa, verificando visões diferentes sobre um mesmo tema ou pergunta.

Nesse sentido, as coletas de dados foram realizadas de forma presencial (entrevistas) e virtual (questionários). A prática de coleta de dados virtual foi amparada pelo Ofício Circular n.º 2/2021/CONEP/SECNS/MS, sob suas orientações para o método de pesquisa em plataformas virtuais, no qual intitula a “forma não presencial: contato realizado por meio ou ambiente virtual, inclusive telefônico, não envolvendo a presença física do pesquisador e do participante de pesquisa” (OFÍCIO CIRCULAR n.º 2/2021/CONEP/SECNS/MS, 2021, p. 2).

Esta pesquisa, mesmo respeitou o item 2.1.2 do Ofício Circular n.º 2/2021/CONEP/SECNS/MS, sobretudo no que trata da apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para o seu consentimento, resguardando também a segurança nas transferências dos dados e armazenamento. Foi encaminhado um link por vez, ou seja, individualmente foi realizado o colhimento dessas informações, para assegurar os sigilos dos dados, mesmo nos casos de não haver a necessidade de revelar as identidades dos sujeitos participantes das entrevistas e questionários. Posteriormente, foram apagados das plataformas digitais e armazenados no computador pessoal da pesquisadora, com a finalidade de que esses dados não fossem compartilhados.

Por fim, no que concerne aos instrumentos de pesquisa, destaca-se que também se utilizou do levantamento feito para o estado do conhecimento, o qual foi realizado no catálogo da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Foram analisados 27 trabalhos, divididos em três categorias: festa junina e a cultura do lugar, festa junina e ambiente escolar, festa junina/memória/tradição/representação. Por meio dessas identificações foi possível realçar a importância do desenvolvimento da presente investigação, por ainda não ter pesquisas diretamente ligadas ao objetivo de estudo proposto nesta tese.

3.4 Etapas da análise fenomenológica

Para a análise fenomenológica adota-se as experiências dos sujeitos que vivem as festas juninas. Ao trabalhar nessa perspectiva é possível explorar os indivíduos que vivenciam o movimento em sua forma mais geral e individual, dentro de sua realidade de mundo, dos seus conhecimentos, memórias e sentimentos pela festa junina.

Para interpretar e descrever o fenômeno das festas juninas foi necessária uma investigação minuciosa dos dados coletados em campo, os quais contaram com a estrutura: **diário de campo**, onde foram descritas todas as observações das atividades que

os grupos realizaram em suas redes sociais e foram anotadas as observações feitas em campo, tanto nos ensaios como nos dias da festa junina. Assim como, as **entrevistas** (presencial) e os **questionários** (virtual). Essas informações foram trianguladas de acordo com a metodologia da pesquisa fenomenológica, cuja triangulação validou as informações, ao serem analisadas com diferentes fontes. Para Duarte (2009, p. 19) a “triangulação de dados refere-se à recolha de dados recorrendo a diferentes fontes”.

A triangulação de dados tem uma visão de correlacionar as informações a fim de debruçar minuciosamente sobre as experiências e as ações dos sujeitos dentro da dinâmica cultural. Nessa dinâmica, os sujeitos são os protagonistas da ação e serão a fonte de informações necessárias para as análises desta pesquisa, tendo em vista atingir os objetivos de maneira clara e eficaz, identificando as festas juninas como um saber amazônico, as relações educacionais inseridas, assim como suas territorializações em diferentes espaços.

Ademais, a metodologia da pesquisa fenomenológica está imersa na temporalidade de 3 anos: 2021, 2022 e 2023, de pesquisas, onde todos os anos aconteceram as festas juninas na cidade Boa Vista/RR, mais precisamente o BVJ, sendo este o espaço onde acontecem.

Quanto as pessoas envolvidas, foram sujeitos que vivenciam a festa junina sob três diferentes experiências: os que vivenciam a dança quadrilha (quadrilheiros e animadores), que se preparam durante meses para a chegada das festas juninas; os organizadores do evento, que há anos estão na organização; e a população (espectador) que prestigia e torce por uma quadrilha e/ou visita a festa nas noites de arraiais.

Por terem diferentes vivências e experiências as respostas foram inúmeras, sendo necessário analisar e interpretar os dados coletados, para contextualizar as relações que existem dentro desse fenômeno, como são produzidas, e os sentimentos que surgem com o contato com esse movimento. A figura a seguir apresenta a triangulação no momento de dissuadir as informações coletadas.

Figura 3: coleta de dados por triangulação.



Fonte: Silva (2021).

A estrutura analítica da triangulação permite fazer uma análise dos sujeitos, identificando as emoções dos sujeitos. A imagem supra apresentada simboliza os agentes que podem ser identificados na coleta dos dados, correlacionando as expressões com os sentimentos. Valores, responsabilidades, experiências, anseios, aprendizados as expectativas, são oriundos das ações que os sujeitos (os que dançam a quadrilha) têm com as festas juninas e com a dança. Na triangulação os instrumentos de coleta de dados se complementam, contribuindo para uma investigação mais próxima possível com as experiências dos sujeitos de estudo.

A fenomenologia e a triangulação juntas têm como procedimentos metodizar a descrição das mensagens recebidas, permitindo o conhecimento das experiências dos sujeitos por intermédio da comunicação para analisar o fenômeno. Assim, de acordo com Gil (2016), a pesquisa fenomenológica consiste nas etapas sintetizadas na figura 4:

Figura 4: delineamento da pesquisa fenomenológica.



Fonte: Gil (2016), adaptado pela autora.

A pesquisa fenomenológica busca os significados que os sujeitos atribuem ao fenômeno. Isto é, a interpretação e a descrição dependem inteiramente dos dados coletados em campo, ou seja, da fonte de interpretação e análise. Cabe averiguar os sujeitos (quem vivência essa experiência da dança/festa junina) e o objeto (as festas juninas), para então compreender o todo, o que não se enxerga sobre o fenômeno, ao ponto de responder a problemática da nossa pesquisa.

Por fim, salienta-se que a adoção da metodologia fenomenológica ocorreu por ir ao encontro com esta tese, por ser um caminho para pesquisas humanas, onde os sujeitos podem ser livres para expressarem seus sentimentos e apegos ao relatar as suas experiências com esse movimento, pois são as suas experiências e vivências que caracterizam o alcance dos objetivos inicialmente propostos.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A Educomunicação e sua aplicabilidade

O termo Educomunicação surgiu a partir de muitas discussões voltadas para causas populares, as quais correlacionavam a comunicação para fins de democratização e educação, em que todos tivessem o direito de voz e informação sobre o que acontecia no contexto social. Para Machado (2009), todas as questões políticas vividas no país, como a opressão militar, principalmente depois de 1968, com a falta de democracia e com grandes diferenças socioeconômicas, fizeram surgir um movimento alternativo e comunitário denominado de comunicação popular. Seguindo com a ideia do autor, esse movimento, juntamente com Projeto de Leitura Crítica da Comunicação (LCC)¹¹, nasce de um pressuposto comum, que se baseava na emancipação das classes economicamente desfavorecidas, buscando direitos à expressão, à cidadania e à luta pela democratização dos meios de comunicação de massa, o que fez surgir a Educomunicação (MACHADO, 2009).

Nos anos de 1960, Paulo Freire mesmo sem definir o termo Educomunicação já trabalhava na linha da comunicação como prática educativa, o que influenciou o argentino Mário Kaplún. De acordo com Messagi (2010, p. 8)

Logo a seguir, na década de 1970, o jornalista e professor Mário Kaplun trabalhou com a união dos dois campos das ciências humanas. Ele via a comunicação como ampliadora da educação. Kaplun, que nasceu na Argentina e trabalhou no Uruguai, propôs muitos projetos de educação através das mídias. Ele foi um verdadeiro pioneiro na construção desse campo do conhecimento, a Educomunicação, termo que chegou a ser adotado oficialmente pela UNESCO na década de 1980.

Os estudos entre a comunicação e a educação eram vistos por Paulo Freire, sendo que o educador colocava a comunicação como um elemento essencial para o processo de aprendizagem. Considerava que a educação também é construída pelo ato de se comunicar, ou seja, por meio de diálogos entre os sujeitos. Essa ideia ganha visibilidade nas linhas de pesquisa de Mario Kaplún. Segundo os autores Marques e Borges (2016,) o comunicador Mario Kaplún foi um dos primeiros pesquisadores a utilizar o termo Educomunicação.

¹¹ Projeto da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC).

Na concepção de Kaplún (1999) a Educomunicação consistia em uma prática por meio dos diálogos com criticidades sob as formas de aprendizagem. Para o autor, a comunicação como processo de aprendizagem compreende o universo midiático, no qual ele ressalta que trata-se não apenas essa área, abarcando também um “lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo o processo educativo, seja ele realizado com ou sem o emprego dos meios” (KANPLÚN, 1999, p. 68). Entrando, desse modo, em uma discussão de que o termo Educomunicação não se delimita às práticas de educação utilizando apenas de ferramentas tecnológicas, mas também qualquer outro tipo de intervenção socioeducacional.

As ideias e pensamentos de Freire e Kaplún eram semelhantes, os dois compartilham que a educação também era realizada por meio das práxis e que era necessário usar a comunicação como ferramenta comum a todos, como diálogo, capacidade de expressão e direito à comunicação (FREITAS, 2015). Para os respectivos autores a comunicação voltada à educação deveria ter um objetivo: o conhecimento por meio do diálogo entre o locutor e o receptor, no qual essas duas figuras têm direitos de se expressarem, respeitando e aprendendo de acordo com cada realidade, em que ambos têm a mesma importância, independentemente da sua posição social. É por intermédio dessa ação da troca de conhecimentos, por meio do diálogo, que se compreende a Educomunicação.

Compreender a aplicabilidade da Educomunicação se refere em ultrapassar a ideia de que o seu conceito é baseado apenas em estudos dos recursos tecnológicos para facilitar a aprendizagem. Isto é, deve ser percebida também como um conceito que permite diversas representações da construção do saber, que permeia pelo campo da arte, da expressão, música, dança e todas as práticas em que se realiza a comunicação. Sendo esta uma maneira de construir conhecimento, o que não necessariamente se faz apenas nas escolas/instituições. Para Barbero (2000, p. 55)

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional.

Na perspectiva do autor a multiplicidade dos saberes diz respeito ao que ele denomina de ecossistema comunicativo, que é o surgimento de novos ambientes educacionais, descentralizados dos quais a sociedade já está entranhada. Não muito

distante das ideias de Freire e Kaplún, Barbero (2000) também busca uma educação que seja voltada para a formação dos cidadãos, procurando ter uma visão própria de mundo, sem ser submisso. Conforme Barbero (2000, p. 58) “precisamos de uma educação que não deixe os cidadãos inermes diante dos poderosos estratégias de que, dispõem os meios de comunicação para camuflar seus interesses e fazê-los passar por opinião pública”.

A comunicação precisa ser realizada de forma que seja possível trocar diálogos para propiciar a educação mútua, com moral, sem prejudicar a aprendizagem entre os envolvidos. A aprendizagem não se define como somente a de conteúdo de sala de aula, mas de conteúdo que valorize o conhecimento sociocultural. Essa valorização implica em romper as barreiras do autoritarismo ou da imposição de se repetir uma única ideia. De modo que, são lapsos que fazem surgir os desencontros da educação, uma vez que ainda não é possível enxergar de forma ampliada a educação sendo construída por meio da comunicação, que em formato de diálogo gere o conhecimento dentro do contexto social. Essa ausência de diálogos é o que faz gerar sérios problemas em todos os campos educacionais, dentro e fora das instituições.

A sociedade contemporânea precisa saber se comunicar, e isso vai além do falar e do ouvir. Engloba saber interpretar, posicionar-se e respeitar as diferentes visões e realidades de mundo. A comunicação precisa ter o papel de gerar informação e conhecimento. Barbero (2000, p. 53) aponta que

Falar de comunicação significa, em primeiro lugar reconhecer que estamos numa sociedade em que o conhecimento e a informação têm dito um papel fundamental, tanto nos processos de desenvolvimento econômico quanto nos processos de democratização política e social.

A comunicação e a informação se tornaram o caminho para a democratização. Porém, a sociedade precisa saber utilizar esses meios de forma favorável para o crescimento das diversas áreas sociais, e não deixar que seja um fator manipulador no qual o uso informação cause um distanciamento da realidade. Utilizando de maneira válida os meios pode-se chegar a uma sociedade livre do mutismo do ser humano, o que Freire (1967) descrevia como a não participação em soluções de problemas comuns, que se torna uma das consequências da inexperiência democrática. O pensamento de Freire mostra que o ser humano que não tem conhecimento, não dialoga, e não tem acesso à informação, será um sujeito acomodado com a dinâmica social que aplicam a ele, sem

questionar, o que representa uma inexperiência democrática. A falta de informação gera a não democratização, tornando o indivíduo acrítico, como Freire o identifica, sendo sujeitos contemporâneos que não pensam por si, mas que são influenciados pelos meios midiáticos. Isso resulta em uma comunicação sem educação e sem liberdade.

Barbero (2000, p. 60) descreve que:

Gente livre significa gente capaz de saber ler a publicidade e entender para que serve, e não gente que deixa massagear o próprio cérebro; gente que seja capaz de distanciar-se da arte que está na moda, dos livros que estão na moda, gente que pense com sua cabeça e não com as idéias que circula ao seu redor.

Saber interpretar a informação e dela extrair o próprio entendimento é se educar pela comunicação. A educação acontece em diferentes formas e lugares. Nesse sentido, vale ressaltar a importância da educação e o fato de que ela não se constrói apenas nas escolas. Freire (1967) considera a comunicação como um dos processos para a emancipação, em que o homem e a sociedade como um todo sejam capazes de se transformar por meio do diálogo, compreendendo, assim, que essa transformação é resultado do processo educacional que ocorreu nesse transcurso, tendo aqui evidenciado uma das aplicações do conceito de Educomunicação.

O termo Educomunicação vem sendo estudado e, dessa forma, tem-se elaborado diversos caminhos sobre a sua aplicabilidade. O aquinhoamento do conhecimento da praxe Educomunicacional resultou na interdisciplinaridade do uso do termo por diversas áreas do conhecimento. A consolidação do termo ficou mais visível entre os anos de 1997 a 1999, com as pesquisas realizadas por 176 especialistas em 12 países da América Latina, tendo como objeto de estudo a comunicação e a educação, pelo Núcleo de Comunicação e Educação, da Universidade de São Paulo (NCE-USP), segundo os autores Márques e Talarico (2016). Essa pesquisa mostrou que a Educomunicação seria uma proposta interdisciplinar com possíveis intervenções no contexto social.

Dessa forma, o termo Educomunicação passou a ser objeto de pesquisa do coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, Ismar Soares, o qual destaca a ampliação do uso do termo. Soares (2002, p. 24) define Educomunicação como

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativos das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.

Colocar a Educomunicação como um conjunto de ações para a construção da educação abre espaço para diferentes formas do uso do termo. Para Soares (2002), por exemplo, a Educomunicação parte de uma gestão comunicativa, buscando convergências de ações sincronizadas em torno de um grande objetivo: ampliar os fatores comunicativos das ações humanas. Outro destaque, segundo Soares (2014, p. 138), diz respeito ao processo de intervenção voltado também para as “ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educacional”. Ou seja, as linguagens tecnológicas inovam e contribuem na construção do conhecimento no processo educativo. Para Almeida (2016, p. 15), a Educomunicação, enquanto produção midiática

Enquadra-se no ambiente da comunicação mediada, em que emissor e receptor não estão fisicamente presentes no mesmo local, a mensagem flui por meio de um suporte tecnológico como: telefone, computador, televisão, rádio, papel, entre outros. Por produtos da mídia entende-se materiais produzidos para serem divulgados nos veículos de comunicação: filme, novela, desenho animado, documentário, telejornal, artigo de jornal ou revista, folder, fanzine, peça publicitária, programa de rádio, livro, jogo eletrônico, internet etc. Como parâmetro educacional delimita-se a produção com intencionalidade educativa elaborada em ambientes educacionais formais ou não, que ao promover o conhecimento crítico se nutra de: princípios democráticos e valores como a cidadania, a solidariedade, a criatividade, o diálogo horizontalizado.

Nesse contexto, a autora destaca a Educomunicação no sentido mais tecnológico, em que sua aplicação está no uso de mídias de comunicação, programas, aplicativos, softwares e outros. Porém, na presente tese, considera-se que a importância do uso do termo está em usar a linguagem da cultura, em forma de dança e da festa popular como um dos processos das ações humanas que apresenta a construção da educação, dentro dos espaços culturais, caracterizando-se como uma educação não formal.

A educação construída de maneira não formal permeia pelo campo da Educomunicação por entender que a comunicação, segundo Messagi (2010), é uma interação social que ocorre por meios de mensagens que precisam fazer sentido, sendo um processo de envio e recebimento de informações entre as pessoas. Trata-se de uma partilha, de romper o isolamento e produzir uma integração social. Libâneo (2002, p.26) define a construção da educação como um “fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades”. A educação acontece em qualquer lugar e em qualquer momento, as experiências que geram conhecimento são

educação, o próprio dia a dia da sociedade é cercado de ensinamentos e de aprendizagens. Na visão de Brandão (1985, p. 7)

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.

Educar-se faz parte da vida comum de todos, sendo imposta desde cedo como um dos papéis de responsabilidade a ser assumido pelo indivíduo. Sendo assim, com essa explanação de comunicação e educação, infere-se que a Educomunicação corresponde a uma estratégia para a construção de novos conhecimentos, tendo um campo diverso para a sua aplicação, em diferentes áreas. Messagi (2010, p. 8) argumenta que a aplicação da prática educomunicativa “consiste, principalmente, em promover a educação, a reflexão e o pensamento humanista e crítico através do estudo e da produção de meios de comunicação como alavanca para educar e construir uma sociedade mais humanizadora”.

Seguindo com a ideia do autor, o objetivo da Educomunicação “é formar cidadãos críticos e conscientizados a partir do uso da comunicação, teoria e prática, como forma de educação” (MESSAGI, 2010, p. 8). Tendo, dessa maneira, o diálogo como o processo principal ao usar a Educomunicação como estratégia para a educação.

Ressalta-se que a educação também apresenta várias aplicabilidades, sendo formal, não formal e informal. O modelo adotado na presente pesquisa transita pela educação não formal, entendendo-a, segundo Gohn (2014, p. 06), como “aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas”. Dessa forma, a presente pesquisa se entrelaça com a Educomunicação como uma estratégia para a educação não formal, por ser um termo que busca o diálogo, uma comunicação para construir um saber.

As festas juninas, como um movimento cultural que prevalece na sociedade contemporânea, adotam novas fisionomias para se manterem diante das mudanças sociais. São os festejos juninos que promovem as quadrilhas juninas, uma dança cultural, que se (re)constrói em cima de uma tradição. A sociedade se encontra dominada pelos recursos mediáticos, que, por sua vez, refletem na cultura e nas ações do ser humano. Nesse sentido, as quadrilhas juninas são ações artísticas que utilizam da linguagem da dança, da roupa, adereços, expressões e da música para construir um determinado saber.

Respectivo saber, ou mesmo o conhecimento que as quadrilhas juninas constroem pelo ato de dançar, encontra-se no desafio de delinear, planejar e executar uma temática social e se comunicar com os jurados e espectadores. Ou seja, uma comunicação entre a dança e os sujeitos que assistem. Por conta disso, tudo é pensado minuciosamente em cada detalhe da dança, para que haja uma comunicação em que seja compreendida a temática do início ao fim do enredo apresentado. Atualmente, essas temáticas estão vinculadas com as dinâmicas sociais, sejam elas históricas ou contemporâneas.

As dinâmicas sociais são amplas, assim como o campo da Educomunicação que oferece grandes contribuições sociais e com possíveis intervenções. Por conta disso, ela é vista como um termo interdisciplinar, que também é considerado como uma área ampla, que não pode ser delimitada ou definida em uma única conceituação.

Do mesmo modo, Leis (2005) menciona que o termo interdisciplinaridade não deve ser unívoco, rejeitando qualquer proposta de definição, já que procurar por um conceito concreto não seria interdisciplinaridade. Seguindo com a proposta do autor “não existe uma definição única possível para este conceito, senão muitas, tantas quantas sejam as experiências interdisciplinares em curso no campo do conhecimento, entendemos que se deva evitar procurar definições abstratas” (LEIS, 2005, p. 5).

A interdisciplinaridade da Educomunicação se baseia por ser uma estratégia para a construção da educação. Por conta disso, pode se apresentar em diferentes formas de atuações, por ter uma linha de pensamento que se volta às práticas de liberdade, ao diálogo e à comunicação, como meios para os processos educacionais, nos quais os sujeitos possam ser mais críticos e participativos das ações humanas. Para Márques e Talarico (2016, p. 439), a Educomunicação se põe “em seu surgimento, como um campo de oposição a um sistema que aliena e explora a classe trabalhadora, para quem se voltam suas primeiras ações”. Devido as primeiras intervenções da comunicação como prática de liberdade de expressão, por meio das comunicações populares para educarem as classes mais oprimidas, a Educomunicação passa a ser uma contribuição para as transformações sociais, que buscam por meio das lutas populares transformar os sujeitos como indivíduos de suas próprias escolhas. Márques e Talarico (2016, p. 441), complementam que

Por ser processual problematizada, a educomunicação tende a ser desenvolvida com vistas à superação da consciência ingênua e ao aguçamento da consciência crítica. O objetivo final é que os sujeitos do processo educacionais, educadores e educandos, assim, se reconheçam: como *sujeitos*, não mais como objetos que ocupam lugares fixamente demarcados no jogo social. E que se

torne, por fim, cada vez mais aptos a manifestar uma visão de mundo coerente, na qual *discursos* e *práticas* apresentam-se integrados.

Ocupar seus devidos lugares dentro do contexto social, usando a comunicação para ouvir e serem ouvidos em diferentes lutas e lugares, tendo a consciência que estão utilizando o conhecimento para serem críticos sobre questões de relevância social e comum a todos, é um dos papéis que a Educomunicação promove. Para deixar de ser um sujeito que apenas ocupa um lugar no espaço sem vivenciar ele, é necessário ter educação-conhecimento, pois, somente assim o sujeito será capaz de dialogar com criticidade. Essa noção é o que Freitas (2015, p. 156) coloca como um dos entendimentos das estratégias da Educomunicação, “é possível marcar o entendimento da Educomunicação como ferramenta de ação e protesto das classes oprimidas da sociedade às formas de dominação sociais, políticas e econômicas”. No qual o autor complementa que “educomunicação é adotada como estratégia de organização de redes de comunicação e interação entre segmentos sociais” (FREITAS, 2015, p. 158).

Nesse ponto de vista, a Educomunicação se torna um caminho para a autonomia social, sendo resultado da construção de novos saberes. Como Freire (1967) já mencionava, ninguém aprende sozinho. Além disso, Kaplún (2002, p. 45) complementa, “os homens se educam entre si é precisamente o processo educativo”, que não é construído apenas dentro de uma instituição, mas, também, com os processos de vivência, buscando o conhecimento em sua totalidade e não parcialmente. Respeitiva construção se obtém por intermédio da comunicação, do diálogo em buscar conhecer o desconhecido sem julgamentos ou superiorização, em que cada um tem um papel importante no meio social.

Freitas (2015, p. 155) entende o processo da educação como “permanente, em que o sujeito vai descobrindo, elaborando, reinventando, fazendo do conhecimento algo seu”. Para o autor a ação e a reflexão se resultam da realidade e das experiências com todos os outros envolvidos. Isso significa que para uma educação reflexiva cabe compreender o outro em sua dimensão, em seu lugar/espço, de acordo com a sua dinâmica cultural. Os espaços sociais têm uma carência enorme de diálogos, sendo que, escutar o outro grupo pode significar iniciar uma discussão, muitas vezes, sem fundamentos, pois, faltam argumentos, criticidade, conhecimento, e sem isso é impossível ter diálogo ou alguma comunicação que gere educação. Por isso, a Educomunicação se volta como uma estratégia de intervenção social. Conforme Almeida (2016, p. 10)

Em educomunicação atua-se com intervenções socioculturais, nas quais o ato de intervir está ligado à constatação de: exploração humana, conflitos, irregularidades, opressão, precário aproveitamento da capacidade dos indivíduos de construir conhecimento e de atuarem como protagonistas de sua própria realidade, além da supressão dos direitos básicos, principalmente, do direito à informação e à comunicação. Identificada a necessidade, cabe planejar ações recorrendo às áreas de intervenção, implantá-las e avaliar os resultados alcançados.

Concomitantemente, para Soares (2011), a intervenção da Educomunicação se destaca como seguimento da educação e da comunicação, salientando quatro áreas: 1. Educação para a reflexão com criticidade; 2. Uso das manipulações midiáticas; 3. Uso das tecnologias e informação; e 4. Comunicação entre os grupos.

De maneira geral, respectivas áreas enfatizam que o termo Educomunicação alcança diferentes estratégias, tais como: um olhar crítico sobre as questões socioculturais; uma intervenção para melhorar a integração social através da comunicação; práticas de liberdades e livre expressão; meios/suportes tecnológicos para ampliação da educação; dispositivos informacionais; colocar o indivíduo à frente do mundo, assim como muitas outras estratégias (SOARES, 2011). Dessa maneira, a aplicabilidade se estende a diversas áreas, como por exemplo: Comunicação, Educação, Artes, Direito, Filosofia, Linguística e outras. Por isso, Educomunicação é considerada um termo interdisciplinar, com assuntos voltados a diversos campos.

Usar a comunicação para educação é consolidar o sujeito em seu espaço como papel relevante, sendo necessário destacar a importância do protagonismo dos sujeitos da dinâmica cultural da Região Amazônica, no contexto brasileiro, em que intercorre esta pesquisa de doutorado. Destaca-se, dessa forma, a importância da Educomunicação para os problemas educacionais na Amazônia, ao contribuir para a construção de uma educação voltada à população amazônica, onde sua cultura e seu saber sejam vistos como protagonistas de uma sociedade marcada por muitos conhecimentos tradicionais e culturais. Isso é, o papel da comunicação deve ser utilizado para construir uma educação cultural, na qual os sujeitos possam ser valorizados por suas expressões, por sua arte, dança, culinária, música, gostos e costumes, e que não necessariamente estejam desvinculados do mundo moderno pelo fato de estarem em uma realidade geograficamente distante, com difícil acesso em relação à outras regiões do Brasil.

Toda a complexidade da região amazônica a torna singular e aponta para a urgência de um diálogo que se volte às suas necessidades socioculturais, valorizando cada uma das suas especificidades, no qual use das riquezas da Amazônia, de seus

ensinamentos e conhecimentos dos seus povos, como expansão do saber. Para então, criar um diálogo que coloque a Amazônia como importante espaço de geração de educação e de conhecimento, investindo em uma educação crítica, na qual os sujeitos locais possam tomar a frente e assumir papéis para a construção de uma nova Amazônia, buscando na Educomunicação essa intervenção sociocultural, colocando-a como um espaço valorizado por todo o território brasileiro.

Com uma educação voltada à realidade da Amazônia é possível construir uma sociedade que se interesse por assumir papéis sociais e, por conseguinte, colocar a Amazônia em destaque devido as suas diversidades, não apenas por ser um espaço geograficamente rico em biodiversidade, mas construindo um novo discurso de integração da região com o restante do país, usando a Educomunicação para alcançar um modelo de representatividade da cultura amazônica, já que essa é vista como uma organização social.

No entanto, os sujeitos da Amazônia precisam se desvincular de uma história que os coloca como dominados, colonizados. Enquanto essa história prevalecer, a região continuará sendo vista como palco de exploração. A região precisa de sujeitos que tenham conhecimentos sobre a dimensão das riquezas que a sua região oferece e que saibam utilizar da Educomunicação para se tornarem críticos e atuantes, para lutarem por uma Amazônia mais valorizada, a fim de que possam tomar decisões que favoreçam o reconhecimento cultural, que não os coloquem como menosprezados pela sociedade modernizada e incapazes de decidir por si só.

Então, essa é a importância da Educomunicação na região Amazônica, colocar a sua população à frente do diálogo em que a Amazônia faz parte, buscando alocar sua cultura com a valorização que ainda não foi reconhecida por inteiro. Para isso, é necessário que a população local se comunique e se eduque, buscando possíveis mudanças. A Amazônia precisa se desprender de um passado colonizador e fazer uma nova história, onde a população possa ser reconhecida e prestigiada pela sua cultura e seu saber.

A história da Amazônia é cercada de imposição cultural, enquanto a sua tradição e cultura são deixadas de lado, assim como toda a história do povoamento do Brasil. A formação sociocultural da Amazônia tem grandes influências no processo educacional da sua população. Respective realidade precisa ser mudada e, para tanto, é fundamental construir um novo olhar voltado à Amazônia, onde de fato ela esteja a frente, como prioridade de estudar/conhecer a sua história para abrir novos caminhos, que se inicie na

educação, posteriormente, movimentando as demais áreas sociais. Isso era o que buscava Paulo Freire, uma educação para que os sujeitos pudessem “ler o mundo”, e com isso ter a capacidade de mudá-lo, abrindo caminhos para a conscientização do sujeito frente a sua realidade social.

4.1.1 A Educomunicação sob o olhar de Paulo Freire

A educação em tempos de pandemia da covid-19 apontou o quão a sociedade precisa buscar novas estruturações de ensino, valorizando o papel da educação enquanto formação de um sujeito ativo, independente do caminho a ser seguido pelo indivíduo. A educação brasileira passou por transformações e continua reconstruindo o seu papel de ensino, conforme a importância dentro do contexto atual. Novos conceitos estão surgindo, inovando as habilidades no processo de ensino e educação. Um deles é a Educomunicação, o qual ampliou o campo da aprendizagem. Este campo teórico-prático, estabelece uma educação intercalada com os processos comunicativos para promover o ensino-aprendizagem. Uma ferramenta tão importante, no momento em que a sociedade precisa estar em distanciamento como em um período pandêmico, por exemplo, as redes de comunicações fazem o papel de integrar virtualmente um indivíduo com o outro.

As inovações tecnológicas estão presentes no dia a dia das pessoas desde a primeira revolução industrial que se iniciou em 1760, quando a sociedade passa a interagir com as máquinas, desde esse momento as tecnologias não pararam de ser eficazes. O que fez com que dominassem o mundo, por manterem uma dependência em todos os setores sociais, deixando a sociedade com o desafio de se adequar às novas tecnologias. Contudo, as inovações tecnológicas são bem distintas em cada espaço geográfico do mundo, devido as desigualdades de classes sociais, que refletem no campo educacional, principalmente, no momento em que a saúde passa por uma crise, em todo cenário mundial como a provocada pela COVID-19, com um vírus muitas vezes letal.

Um dos desafios da educação no momento pandêmico é o conhecimento chegar até o educando por meio de recursos comunicacionais diferenciados. Sabe-se que a realidade de muitas famílias brasileiras corresponde a uma situação desfavorável, no que se refere ao uso de boa rede de comunicação, e outras nuances, chegam a ser precárias, sem nenhum tipo de conexão com o mundo virtual. As ferramentas tecnológicas no campo educacional propendem a diminuir a distância da escola e família, educador e educando, visando a almejar a fluidez do processo de ensino-aprendizagem.

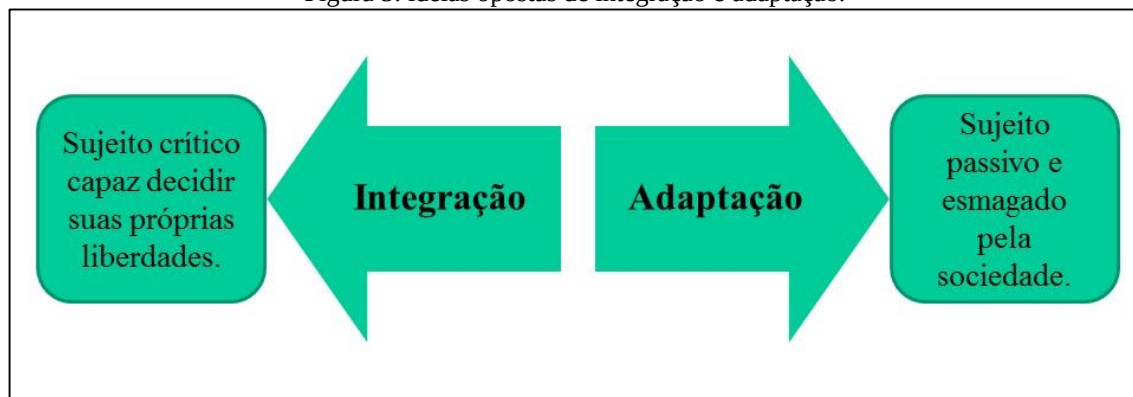
A Educomunicação como uma proposta de ensino colabora com um ensino ampliado, que possibilita que o conhecimento chegue em diferentes lugares, com o educando interagindo com diversas informações para o seu processo de aprendizagem. Contudo, para que isso ocorra necessita-se, no mínimo, de acesso à internet.

Segundo o Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), 25% dos brasileiros não têm acesso à internet, o que corresponde a um em cada quatro brasileiros. A educação conforme o seu processo histórico terá sempre novas barreiras para ultrapassar ou para se adaptar, isso é fato. Entretanto, o que não pode acontecer é uma educação de acomodação (a realidade educacional favorece esse comportamento, principalmente, na educação básica). Paulo Freire (1967) já mencionava que o ser humano deve ser sujeito de integração e não de acomodação, que seja capaz de transformar a sua realidade. Tudo isso partia de uma educação que fosse dialogada, contra a opressão e a domesticação. Freire (1967) buscava em suas obras a construção de uma educação que se apoiasse na liberdade, na conscientização, na crítica e na não neutralidade nas questões políticas não partidárias. De modo que, todas essas pontuações levavam a uma democratização.

A educação sob o olhar de Paulo de Freire consistia em uma educação que fosse contra a massificação. E, para isso, a educação tinha que valorizar o ser humano na sua individualidade, para alcançar uma prática libertadora, que a Freire apetecia. De acordo com as ideias do Paulo Freire (1967), para existir o sujeito deve viver no mundo e com ele. Existir é algo individual, e transcender isso é a comunicação, o diálogo, gerando a integração social, em que cada sujeito (re)contando as suas experiências aprende e gera conhecimento, que seria capaz de transformar a realidade a qual pertence, não se acomodando frente aos acontecimentos, além de buscar na integração a sua essência de ser humano social, que deve pensar e agir diante do seu contexto.

Freire (1967) menciona duas formas de viver em sociedade, a integração e a adaptação, podendo ser um indivíduo crítico e outro manipulável. Para Freire, a adaptação é algo passivo, acomodado e que é levado para qualquer lado, sem posicionamento e sem diálogo. Enquanto a integração faz, por si só, um sujeito social que não se limita, ativo ao conhecimento, buscador de novas experiências. A integração e a adaptação correspondem a ideias opostas, como mostra a figura a seguir.

Figura 5: ideias opostas de integração e adaptação.



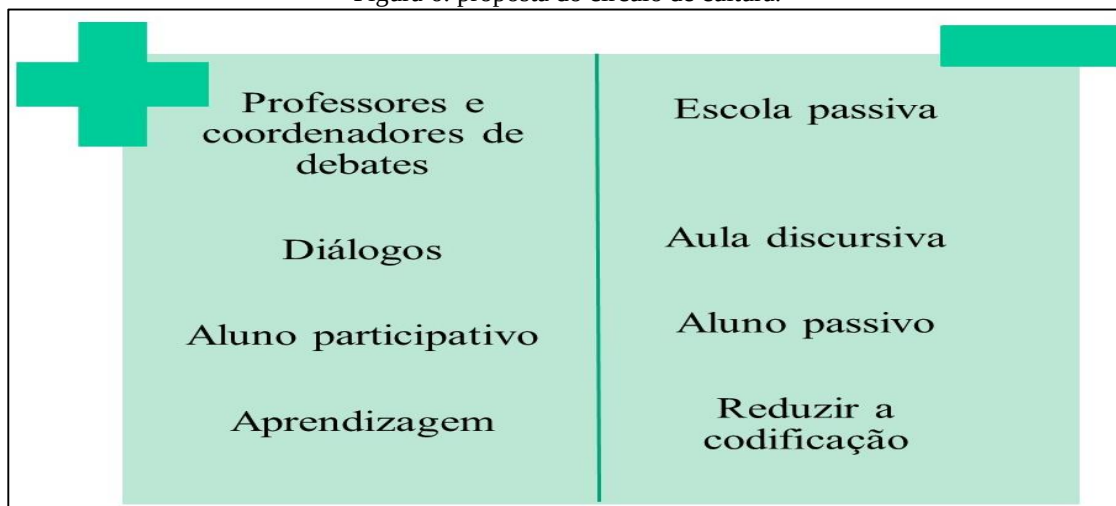
Fonte: Silva (2021).

Segundo Freire (1967), o dia a dia do homem sem integração e sem educação se torna acomodado, possível de ser taxado como um sujeito maleável, diminuído e esmagado pelas práticas políticas, colocando os indivíduos como incapazes de poder decidir ou ter um papel social. Isso, na prática, resulta em dificuldades que os sujeitos enfrentam para ter espaço diante do seu meio e sem direito à democracia, que tanto é pregada na teoria. A falta de liberdade leva à opressão, realidade muito comum no cenário pandêmico brasileiro. As individualidades são julgadas e não têm espaço para o diálogo, para a construção de uma sociedade que esteja voltada às responsabilidades sociais e que enfatize a devida importância que a educação merece.

A educação está cada vez mais esquecida e de livre demanda para a comercialização, sendo emergente a necessidade de políticas e leis que protejam a educação, com o objetivo de atender às necessidades regionais e favorecendo o uso de meios digitais (PUIGGRÓS, 2005). Essa perspectiva se baseia em novas estratégias para a educação, com o objetivo de construir espaços mais amplos ao conhecimento e à criticidade.

Para Paulo Freire (1967), a educação crítica só existiria se o papel das escolas/instituições brasileiras fosse reformulado no que diz respeito às suas práticas educacionais, substituindo algumas práxis e propondo um círculo de cultura, ou seja, conhecimento por meio do diálogo, no qual o autor apontava algumas reformulações, como mostra a figura a seguir.

Figura 6: proposta do círculo de cultura.



Fonte: Silva (2021).

Para o educador Paulo Freire os espaços dos educandos deveriam ser um campo de aprendizagem de forma igualitária, preservando a identidade cultural de cada um, onde as instituições deveriam ampliar o debate em suas práticas. Assim, Freire questionava a relevância de aumentar os debates no lugar de uma aula discursiva e mais alunos participativos no lugar do passivo.

Todas as ideias supramencionadas se baseiam na Educomunicação, aprendizagem por intermédio de uma nova metodologia, que é a comunicação/diálogo. Concomitantemente, consiste em reduzir as codificações inseridas no ensino, pois o aluno, muitas vezes, apenas reproduz um saber que está longe de sua realidade.

Cada realidade deve ser discutida e debatida para entender a dinâmica do seu em torno, isso é aprendizagem. Colocando em prática o educando em sua vivência, tornando um sujeito ativo, crítico que dialoga sobre as suas realidades em todos os campos. O ser humano, enquanto sujeito racional, deve superar a sua ingenuidade e buscar uma nova ordenação das políticas educacionais, no sentido de que a Educomunicação possa ser um fator determinante nessa nova reformulação. A educação precisa superar, primeiramente, os falsos avanços, se atentar para o quão ainda é assustador o nível de analfabetismo no Brasil, por exemplo. A realidade educacional necessita de práticas que se voltem à cada realidade.

Assim como Paulo Freire (1967) coloca o sujeito apenas existindo no mundo e não vivendo ele e com ele, o mesmo acontece com a educação. A educação está assumindo um papel apenas para cumprir obrigações sociais, muitas reformulações acabam perdendo a sua essência particular e única. A educação, para formar um sujeito

crítico, precisa apontar o caminho para o conhecimento de algo ou de mundo. Se a sociedade forma indivíduos sem conhecimento nas questões sociais, esses sujeitos não terão capacidade de argumentar ou se colocar como críticos da situação. É o conhecimento que gera a criticidade.

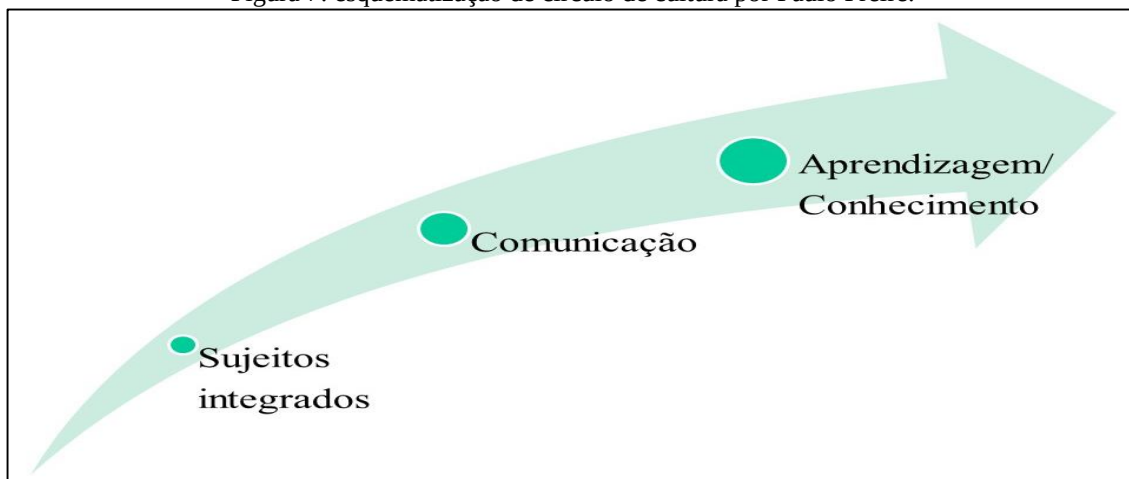
Dizer-se crítico de algo por ter vivido apenas uma experiência, deixa de ser confiável, porque é apenas uma realidade, uma única visão e sem comunicação com o mundo. É experiência sem conhecimento, logo, não se faz crítica, trata-se apenas de uma única opção ou preferência por algo, por não conhecer o todo. Por conseguinte, torna o sujeito impossibilitado de dialogar com conhecimento da crítica, tendo apenas uma conversação, o que não impede de aprender.

A educação e a escola deveriam privilegiar o conhecimento dos educandos de acordo com a sua respectiva realidade, iniciar a construção e a valorização desse conhecimento da base da pirâmide. A educação básica precisa ser vista como uma das mais importantes fases do educando e não deixar para construir essa criticidade apenas quando adentrar em um curso superior. A fase inicial deve colocar os sujeitos à frente da tomada de decisões, utilizando dos conhecimentos e não dos achismos criados por uma influência. Impor uma educação com nível global/regional e fechar as lacunas do processo de aprendizagem por regiões também são ações pertinentes.

Para Puiggrós (2005) a globalização tem deixado defeituosas combinações nos países latino-americanos, um verdadeiro abismo. Tratando-se de um resultado de não pensar primeiramente em cada especificidade regional e na não valorização cultural de cada sociedade.

À medida em que a sociedade passa por uma periodização, os acontecimentos empíricos devem ser analisados conforme o tempo histórico. No campo educacional as experiências não podem ser dotadas de um conhecimento seguro e concreto. Puiggrós (2005) usa das ideias de Dewey para argumentar que a experiência não é sinônimo de educação. A experiência, de maneira geral, é algo mais “solto” e “frágil”, podendo se adequar a qualquer outra nova experiência. A educação por si só carrega uma bagagem extensa de conhecimento, sobretudo ao entender que sem conhecimento não se faz crítica. Mas, as experiências construídas ao longo da história, quando dialogadas com outras realidades, passam a ser aprendizagem com conhecimento de mundo, que pode ser agregada ao conceito de círculo de cultura de Paulo Freire, retratado na figura a seguir.

Figura 7: esquematização de círculo de cultura por Paulo Freire.



Fonte: Silva (2021).

O círculo de cultura descrito por Paulo Freire pode ser entendido como um processo de Educomunicação ao fazer referência da comunicação para desenvolver um conhecimento. Segundo o pensamento freiriano a educação pode ser conduzida por meio do diálogo, problematizando as suas realidades, com o intuito de buscar soluções e transformá-las, utilizando a práxis libertadora, haja vista que a “educação se refaz constantemente de práxis” (FREIRE, 1997, p. 73). Dessa forma, o círculo de cultura favorece o aprendizado por meio de uma consciência da situação real. Por isso, a importância de entender em toda a sua totalidade as questões sociais pelas quais os sujeitos estão inseridos. A comunicação acontece nas diferentes maneiras dos sujeitos se representarem, com diversas formas de expressão e gestos. Vale ressaltar que a Educomunicação não está ligada apenas às técnicas que favorecem o aprendizado, mas em todas as formas de expressão, que a partir dessa comunicação geram conhecimento.

Freire (1967) ao colocar a educação como prática de liberdade refere-se às lutas sociais para conquista de espaço mais democrático. O educador apontava uma educação que valorizasse a cultura como linguagem na educação não formal, onde a aprendizagem também ocorresse fora dos espaços institucionais. O que Paulo Freire apontou como educação popular foi uma pedagogia que oferecesse ao sujeito uma visão de mundo em que as classes sociais pudessem se libertar e seus indivíduos deixassem de ser vistos como sujeitos manipuláveis pelo interesse político. Para isso, os círculos de culturas seriam as portas para uma educação dialogada, o educador e o educando aprendem livremente um com o outro, por intermédio de uma pedagogia mais igualitária sem autoritarismo. Essa dinâmica ocorreria pela importância da comunicação.

A comunicação favorece a integração do homem-cultura-educação e a temporalidade é um agente que influencia todo esse conjunto. O ser humano é cultura, pois, é o único ser racional capaz de produzir relações sociais e com isso gerar aprendizagem. Aliado a isso, a temporalidade mostra novas maneiras de adaptação humana. A adaptação não necessariamente deixa o sujeito acomodado com o seu tempo, mas pode possibilitar que busque outros meios, novas indagações e conhecimentos. Por isso, Paulo Freire (1967) coloca o ser humano na existência do tempo, em que ele o incorpora, modifica-se, e o temporaliza-se.

A Educomunicação, a partir das ideias de Freire, é uma educação baseada pela troca de conhecimento por meio das falas, das vivências, das culturas e das realidades de cada um, em que o ser humano pode ter a capacidade de enxergar o mundo com olhar crítico das decisões que o acerca, deixando de ser um objeto de dominação. Para ele, um ser humano alienado é um indivíduo sem conhecimento. Muitas vezes esse conhecimento seria refletido no indivíduo ao discernir suas possibilidades mediante do saber, do diálogo e da comunicação, para não cair na alienação, sendo alienação, “a diminuição da capacidade dos indivíduos pensar ou interagir por si próprio”.¹²

A alienação, segundo Freire, deixa os sujeitos, ingênuos, desesperançados inferiorizados, sem liberdade, ou seja, um povo enfermo. A saída dessa situação cabe à educação, à comunicação entre todos os agentes sociais, buscando um desenvolvimento socioeducacional que valorize as culturas e, principalmente, a educação de acordo com cada realidade. Para tanto, os debates sobre temas com problemas sociais era uma metodologia para aprendizagem que Freire (1967) adotava como maneira de alfabetização, uma educação que fosse democrática para todos e que favorecesse mudanças de atitude.

A educação para ser democrática precisa ser valorizada por sua especificidade, por meio cultural, não formal, pelas linguagens, pela arte e por outras formas de expressão. Reconhece-se, assim, que a Educomunicação transpassa por um conjunto de ferramentas tecnológicas de apoio pedagógico para a representação de diversas formas dos sujeitos de se comunicarem e envolve algum tipo de aprendizagem. Por conseguinte, a sociedade precisa ser ativa em suas atuações e sem acomodações, conquistando a integração e uma comunicação saudável, onde os valores e culturas sejam respeitados. Para Freire (1967, p. 74)

¹² Definição pela Enciclopédia Significados. <https://www.significados.com.br/alienacao/>, acessado dia 10 de junho de 2024.

A acomodação exige uma dose mínima de criticidade. A integração, pelo contrário, exige um máximo de razão e consciência. É o comportamento característico dos regimes flexivelmente democráticos. O problema do ajustamento e da acomodação se vincula ao do mutismo a que já nos referimos, como uma das conseqüências imediatas de nossa inexperiência democrática. Na verdade, no ajustamento, o homem não dialoga. Não participa. Pelo contrário, se acomoda a determinações que se superpõem a ele. As disposições mentais que criamos nestas circunstâncias foram assim disposições mentais rigidamente autoritárias. Acríticas.

A acomodação gera seres humanos sem conhecimento e sem capacidade de criticar algo que acontece dentro do seu próprio meio, deixando espaço para o poder o dominar, isso reflete na educação. Quando, por exemplo, o poder por si só tem o domínio de uma sociedade, a educação deixa de ser valorizada, resultando em uma estruturação de ensino sem qualidade. Somente a educação é capaz de superar o mutismo que Freire destaca, caso a Educomunicação não ocorra a educação continuará sendo desvalorizada cada vez mais. A figura 8 mostra o que ocorre quando há acomodação e mutismo.

Figura 8: acomodação e o mutismo.



Fonte: Silva (2021).

A acomodação desacelera o processo educacional apresentando um espaço onde o homem não dialoga e não participa, pois não tem interpretação de mundo e receberá aquilo que lhe é imposto. Uma sociedade mais justa, com sujeitos críticos, por buscarem melhorias em todas as questões sociais vão cada vez mais afunilando a sua existência e suas lutas, causando um regresso do desenvolvimento social.

Portanto, o que se buscou neste subcapítulo sobre a Educomunicação é colocá-la como um importante caminho para trilhar o desenvolvimento da educação, em que todos tenham acesso e, em especial, tenham supridas as suas necessidades educacionais, olhando para os problemas regionais que cada um enfrenta, a fim de solucionar essas adversidades.

4.2 Amazônia: a formação territorial, sociocultural e suas influências no processo educacional da sua população

Para analisar sobre a formação sociocultural na Amazônia e os aspectos que influenciam no processo educacional da sua população é necessário, inicialmente, compreender a construção do histórico sociocultural na região, bem como, compreender a atuação educacional diante da diversidade cultural e das complexidades regionais. Quando se trata da Amazônia vários aspectos podem ser explanados, entre eles: históricos, econômicos, ambientais, sociais e culturais.

No início da colonização quando os europeus chegaram encontraram a floresta habitada em torno do Rio Amazonas, na qual os povos indígenas se apresentavam em uma quantidade numerosa e isolados do restante do país. Conforme acontecia o aumento da população oriunda da Europa a população indígena era cruelmente reduzida, por meio das doenças trazidas pelos imigrantes e diante da violência praticada contra esse povo.

Com o passar dos anos e dos séculos a população da Amazônia foi se apresentando miscigenada e mais numerosa. O meio de sobrevivência deixou de ser exclusivamente por meio da extração dos produtos naturais e da agricultura e começou a incluir os ciclos econômicos que surgiram na Amazônia, como o ciclo da borracha, por exemplo. Conforme Stella (2009, p. 31) a “Amazônia só iniciou o processo de integração na economia nacional a partir de 1930, com a reorientação de sua base primário-exportadora para o mercado interno do país”. Tal fato contribuiu para o atraso das prioridades da região, por não ter tido tanta influência nacional, logo, não teve planejamentos necessários para o seu desenvolvimento.

Nesse contexto, seu povoamento se desenvolveu detidamente. Stella (2009) menciona que por um longo período a Amazônia permaneceu com um grande vazio demográfico, seu povoamento foi, portanto, descontínuo e ondulatório, com escassa população concentrada em pequenas vilas espalhadas em pontos dispersos nos afluentes dos principais rios. Esse cenário de moradias próximo aos recursos hídricos ainda é bem

presente, principalmente quando houve o período do milagre econômico da região amazônica (com a criação da zona franca de Manaus, as atividades de agropecuária, mineração, hidrelétrica e outros). A região teve um aumento significativo em sua população, ocorrendo um “inchaço” urbano, pois, não houve um planejamento urbano que acompanhasse esse crescimento, ocasionando ocupações em áreas irregulares, próximas aos rios, deixando visível o cenário de pobreza e vulnerabilidade da população ribeirinha.

Essa vulnerabilidade aumentou os problemas sociais da região em todos os seus aspectos, na saúde, na educação, na tecnologia, no aspecto urbano e, por sua vez, desvalorizando a cultura local. Isto é, não ocorreu o investimento na região por falta de interesse das políticas públicas, pelo fato de a região não estar nos planos estratégicos nacionais. Faltou um olhar de empreendedorismo para a região, olhar que pudesse enxergar as riquezas da Amazônia como um laboratório científico, de inovação e desenvolvimento, investindo no campo do conhecimento para uma economia forte.

Para o autor Mello (2015) a Amazônia é vista como um almoxarifado de riquezas que é intocável, ao invés de ser colocada como estratégia prioritária no plano nacional, e por isso pouco se investe na ciência e tecnologia. Essa realidade atrasa ainda mais a região e se reflete perceptivelmente nas precárias condições dos serviços sociais e urbanos oferecidos à população.

À vista disso, o atraso deixa a população sem uma educação de qualidade, nem mesmo com o básico necessário, apresentando diversas dificuldades para continuar os estudos, principalmente, dentro de um contexto de pandemia, aumentando ainda mais as complexidades socioculturais, devido às suas localidades geográficas e às questões ambientais. Mello (2015, p. 15 -16) ressalta que

O futuro da Amazônia depende do Brasil. Mas o futuro do Brasil também depende, em boa medida, da Amazônia. Somente por meio de um novo modelo de desenvolvimento, nacionalmente pactuado, baseado na aplicação do conhecimento e na preservação ambiental – e superado, de vez, o falso dilema desenvolvimento versus conservação –, é que se poderá dinamizar os ativos naturais de forma sustentável e romper o arquipélago fragmentado de localidades e microrregiões amazônicas, ainda hoje separadas pela distância, por obstáculos geográficos, por deficiências de transporte e comunicações, condições historicamente responsáveis pelos fluxos reduzidos de comércio, de investimentos, de pessoas e de culturas, pela baixa inserção da economia local nas redes dinâmicas do mercado nacional e mundial e, consequentemente, pelo subdesenvolvimento estrutural.

Cabe um modelo de desenvolvimento que esteja em equilíbrio com o educacional, social, econômico, cultural e ambiental para a região amazônica. Gumiero (2019)

corroborar com tal premissa e pondera que o desenvolvimento do setor econômico industrial e cultural são essenciais para a formação das cidades, como centro de vida social, política e econômica da Amazônia, o qual acontece somente quando se tem um planejamento com a devida importância direcionada ao sociocultural.

Para compreender as questões sociais e culturais da Amazônia é necessário entender que essa região tem uma forte manifestação cultural, sendo que as práticas culturais apresentam uma diversidade ampla e caracterizada pelos grupos que habitam esse espaço.

O conceito de cultura é muito complexo. Contudo, para compreendê-lo, toma-se como base nesta tese o pensamento de Nunes (2004). O autor define a cultura como um conceito diversificado, intrínseco e de natureza polêmica, sendo uma fusão e reformulação da realidade com os valores construídos ao longo da vida por um indivíduo. Nessa perspectiva, a cultura do povo amazônico é uma representação e uma organização da relação profunda do contato do homem com a natureza, bem como, a interpretação do sujeito enquanto condição de ser o próprio objeto (LÉVI-STRAUSS, 1993).

Para Repetto (2019, p. 7)

As culturas, a estrito rigor, envolvem dimensões materiais e simbólicas, mas não são sujeitos, não tem pernas para caminhar e encontrar outras culturas. Não são as culturas as que se encontram na rua, mas são pessoas as que se relacionam, não culturas em abstrato. Assim nós temos cultura devido às relações históricas que vivemos. Não é a cultura a que determina o tipo de relações que mantemos com outras pessoas. São as relações que nos ajudam a explicar a cultura que vivemos.

Nesse contexto, destaca-se que a região amazônica é rica não somente em recursos naturais, mas, sobretudo, em cultura e costumes, devido a esse encontro de diferentes grupos. Dessa forma, compreender os espaços, suas histórias e as relações sociais entre esses povos, permite entender o simbolismo da região e da civilização, as manifestações culturais e sociais.

O povo amazônico não é um povo isolado, existe uma relação de tempo e espaço, de trocas simbólicas e materiais com outras comunidades. Os grupos sociais da Amazônia possuem um estilo de vida singular e diversificado, no qual estão presentes costumes e práticas sociais e culturais que foram passadas de geração para geração, num contexto de sociabilidade e transmissibilidade (FRAXE, 2004).

A construção da relação sociocultural do povo Amazônico está pautada na relação com a natureza, em um misto de simbologia, costumes, manifestações folclóricas e

religiosas. Há uma forte relação do ser humano com a natureza, com os rios, animais e floresta, mas que não está no campo imaginário, reside no campo emocional e historicamente construído (TOCANTINS, 2000).

De acordo com Morin (2010) a relação que existe entre o ser humano e o mundo é intrinsecamente indissociável, o ser humano está no mundo e o mundo está no ser humano, e esse transforma seu espaço conforme as suas relações com o ambiente. Ou seja, a organização e a sistematização sociocultural de um povo estão na caracterização e na relação desse grupo com o espaço onde vive.

A imagem do homem e da região amazônica foi historicamente construída com base em estereótipos e preconceitos. A mídia apresentava o povo Amazônico com representações imagéticas, no qual era associado a mitos e personagens folclóricos, lendas da região, limitando a compreensão sobre a localidade, ficando somente no campo do imaginário (RODRIGUES, 2018). Para Munaro (2017, p. 99)

A mídia impressa se converteu no final do século XIX num elemento fundamental para o processo de constituição de uma identidade amazônica, permitindo o seu diálogo com o restante do Brasil, ainda que isso acontecesse na forma de uma negociação sempre tendente a absorver a nação forjada a partir do Rio de Janeiro.

A mídia criou um conceito acerca da imagem da população Amazônica, o que contribuiu para uma visão errônea acerca da socioculturalidade da região e para a desvalorização do espaço de um povo muito rico em diversidade natural e cultural. Para desconstruir os conceitos equivocados é pertinente compreender os processos que levaram à construção da identidade dos sujeitos Amazônicos, sendo que, apoiando-se na Educomunicação pode-se chegar a essa compreensão de quem são esses sujeitos.

Nesse sentido, a partir do desenvolvimento da tecnologia há uma interferência de outras culturas no modo de viver e ser dos indivíduos, o que proporciona construções e representações subjetivas pessoais de cada sujeito. É nesse contexto que a mídia tem um papel muito forte na interferência do pensamento das pessoas, sendo necessária a operacionalização da Educomunicação junto às novas formas de pensar, sem deixar de ser autônoma de suas próprias ideias, escolhas e atitudes diante da mídia.

A cultura é construída a partir dos valores instituídos na vivência do ser humano em sociedade. Ferrarezi (2010, p. 123) complementa que

Os sentidos se constroem culturalmente, e tudo o que é construído culturalmente é, obrigatoriamente, vinculado a valores culturais. Por isso mesmo os sentidos expressam, além de suas ações referenciais, valores culturais e, por isso, geram uma impressão desses valores nas mentes dos falantes. É a partir dessas impressões de valores que construímos nossas representações. Mas, elas – as impressões de valores culturais – não são as representações, pois elas são, ainda, somente um construto cultural e compartilhado, e as representações são subjetivas, pessoais.

Portanto, a cultura é socialmente construída por meio dos conceitos edificados materialmente e espiritualmente a partir das relações de convivência. Corroborando com esse pensamento Aranha e Martins (1993) defendem que a cultura é uma simbologia cheia de significados e valores materiais e espirituais, que rodeiam o povo de um determinado lugar e tempo.

A cultura amazônica é repleta de representatividade e diversidade, pois a região está inserida em um contexto muito forte com a presença da cultura indígena, a qual tem suas raízes em um povo com costumes, ritos e relações peculiares. Contudo, a cultura amazônica também tem uma resistente relação com as culturas africanas e europeias, devido ao contato e a troca ocorrida no processo imigratório durante a habitação de outros povos da Amazônia.

Nunes (2004) afirma que apesar da presença de outras culturas ao longo da história de imigração do país, o povo brasileiro possui a sua própria cultura, que é bem característica, peculiar e se diferencia dependendo da região. Sabe-se que a colonização dos povos destrói grande parte de uma cultura, principalmente, diante das violências e injustiças sofridas pelos indivíduos, censurando as identidades.

Tendo em vista que a identidade é a característica e a definição de povo, configurando como ele se identifica e se relaciona no meio social, buscou-se neste estudo compreender a definição de identidade, sendo que o significado desta palavra é complexo e particular de cada sujeito.

Bauman (2005) descreve que definir a identidade é um processo de construção do próprio indivíduo, no qual aproxima-se da relação desse com as significações e interpretações de uma cultura.

Contudo, atualmente a identidade é interpretada por vários pesquisadores como os resultados decorrentes da convivência dos seres humanos em diversos campos de convívio, podendo ser social, educacional, pessoal, sexual, político e de gênero, na qual é configurada como a forma que o indivíduo se identifica no contexto do espaço em que ocupa (MOLINER, 2009).

A forma como a pessoa se apresenta e se representa no meio social demonstra o sentimento de pertencimento ou não daquele espaço, ressignificando as ações, comportamentos, protagonismos e mudanças do meio em que vive. Para tanto, não se pode afirmar que as identificações dos seres humanos são construções permanentes e que não sofrem mudanças e transformações. A esse respeito, Bauman (2005, p. 17) esclarece que as identidades

[...] não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade.

As construções das identidades estão interligadas ao processo de desenvolvimento do ser humano e, intrinsecamente, próximo à jornada educacional. Embora a educação aconteça em espaços formais e não formais, o relacionamento e vivências dos indivíduos são o que constroem as relações socioculturais. Portanto, é de suma importância compreender a educação em vários âmbitos de socialização. De modo que, a socialização permite a transmissão de valores e construções dos padrões de comportamento (SELTON, 2002).

Na Amazônia os processos educacionais se apresentam em todos os campos do conhecimento e compreender a sociabilidade no âmbito cultural permite resgatar a história de um povo. O processo sociocultural do povo amazônico está pautado nas raízes indígenas misturadas a outras culturas oriundas da imigração europeia e africana, que são expressas por meio das manifestações e protagonismos.

A atuação educacional dentro da diversidade cultural na Amazônia se configura com traços marcantes da região, na flora, na fauna e na cultura, que se apresentam como características dos povos amazônicos. A Amazônia traz na sua história vários contextos, concepções ideológicas e composições étnicas, que reforçam a identidade desses sujeitos.

À vista disso, as questões educacionais no território amazônico apresentam particularidades e singularidades que afetam os moradores da região, cabendo à Educomunicação buscar meios de superar as dificuldades que afetam o desenvolvimento educacional.

Posto isto, considerando a realidade particular em relação a outras regiões, a Amazônia apresenta inúmeras dificuldades no contexto educacional, no qual as localidades que compõem a região exibem questões territoriais e situacionais que

interferem diretamente na educação. Essas dificuldades não estão sendo levadas para o contexto de escola, de ensino e aprendizagem (essa, sim, seria ainda maior), mas na dificuldade dos sujeitos amazônicos se colocarem como importantes dentro de suas culturas e lugares. A superação dessa realidade se dará quando esses indivíduos aderirem à comunicação e ao diálogo para levar a educação a todos da comunidade, conhecendo suas lutas e realidades. Sendo eles mesmos suas representações e participando ativamente das intervenções em seus espaços.

Outro entrave a ser destacado são as políticas públicas, as quais muitas vezes são criadas pensando em um contexto geral, esquecendo que cada localidade, cada região tem suas especificidades, características particulares e atípicas, que necessitam de tratamento diferenciado. Essa é a particularidade na Amazônia, seja em questões estruturais ou em questões abstratas.

Nesse contexto, a Educomunicação se torna uma estratégia de liberdade, formação do conhecimento e do pensamento crítico. Freire (1976) explanava acerca da teoria da aprendizagem como uma educação transformadora, que acontece tanto em espaços formais, como em espaços não formais. A aprendizagem transformadora considera que a construção do conhecimento é cercada de contextos individuais e sociais, em que os indivíduos se formam a partir das suas relações em sociedade, diante dos valores culturalmente construídos. Nesse sentido, tem-se a valorização das identidades e da cultura de cada grupo social, não na superação de culturas diante de padrões de outras culturas de dominação. Para superar a dominação dentro da diversidade cultural na Amazônia é preciso tratar sobre o processo de desenvolvimento humano.

O processo de desenvolvimento que o sujeito humano percorre até atingir um estado de plenitude pessoal. [...] inclui problemas relativos aos fins e/ou modelos a alcançar, os conteúdos / experiências a assumir, às interações sujeito-meio, aos estímulos e plano de apoio no processo. Mantém relação com o ideológico-cultural, como espaço que define o sentido geral dessa formação como processo (ZABALZA e GONZÁLEZ *apud* GARCIA, 1999, p. 19).

O processo de desenvolvimento humano consiste em fazer os sujeitos se unirem por meio da educação, da comunicação, manterem uma relação de integração com o social e discutirem, dialogarem e planejar novas interpretações para a região amazônica, a fim de que essa região juntamente com seu povo possam ser os seus próprios protagonistas de sua história e lugar. Dessa maneira será possível iniciar uma educação para combater as dificuldades da região, as quais respingam em todos os setores sociais. Para isso, no entanto, os sujeitos precisam ser críticos em suas falas, com argumentos em suas lutas.

Em suma, essa luta seria um processo de educação contínua, que é necessária para que o povo amazônico possa ter o seu espaço social, com a devida valorização.

No entanto, para entender o processo colocado como educação continuada e as lutas sociais por meio Educomunicação tem-se que compreender a diversidade que a região amazônica apresenta. Nesse tocante, a educação deve ser considerada como uma reflexão das dificuldades e, sobretudo, de como superar esses problemas que desvalorizam tanto o espaço quanto os povos da Amazônia. Freire (1967, p. 135), menciona que

A reflexão é só legítima quando nos remete sempre ao concreto, cujos fatos busca esclarecer, tornando assim possível nossa ação mais eficiente sobre eles. Iluminando uma ação exercida ou exercendo-se, a reflexão verdadeira clarifica, ao mesmo tempo, a futura ação na qual se testa e que, por sua vez, se deve a uma nova reflexão

Para tanto, a flexibilidade é uma capacidade que é desenvolvida em meio às construções sociais, na qual se toma o conhecimento como base para a construção e modificação de determinada realidade. Ademais, considerando todo esse embasamento e as questões socioculturais, ressalta-se a importância da construção de políticas públicas direcionadas para a realidade das populações amazônicas, tendo em vista que o território e as condições de diversos aspectos da região são particulares. Torna-se indispensável pensar normativas que assimilem a realidade e garantam a sua efetivação para direito de todos, ponderando a dinâmica e contextos sociais dos sujeitos.

O direito à educação, à cultura e aos demais serviços sociais são indispensavelmente garantidos por lei a todos, independentemente da região e da diversidade. Os direitos devem ser considerados e respeitados, criando espaços de diálogos que possam garantir a valorização da Amazônia com suas especificidades. Sincronicamente, devem garantir também a construção de espaços que permitam a participação e o protagonismo da população, possibilitando o acesso a políticas e a práticas que visem à autonomia do seu povo. O diálogo entre diferentes atores oportuniza a construção de uma sociedade crítica, propiciando e garantindo o direito e a escolha de todos, em meio a espaços educativos formais ou não formais.

Entre os debates que os povos amazônicos possibilitam em espaços direcionados à atuação educacional na região, estão as especificidades, diversidades e realidades desses sujeitos. Para tanto, considera-se neste estudo que a educação está intrinsecamente ligada ao espaço em que os sujeitos estão inseridos. De modo que, pensar primeiramente na

realidade e no contexto educacional da diversidade cultural irá proporcionar uma relação qualitativa no âmbito de valorização da cultura e formação de sujeitos críticos.

Contudo, os espaços educacionais possuem o papel de construir e desconstruir termos pejorativos e preconceituosos, como por exemplo, de que uma determinada cultura não é importante para o desenvolvimento de uma localidade, região ou país. Por isso a importância da integração, sociabilização e de intervenções, que viabilizem a construção de conhecimentos e a (re)aceitação de identidades com base conceitual e pautada na ressignificação do ser, que entre nos cenários de discussão das causas que envolvem a sua localidade, tendo em vista a atuação da educação sociocultural.

A atuação educacional dentro da diversidade cultural amazônica tem um papel de orientar as práticas e as políticas voltadas para um povo rico de diversos saberes, costumes, originalidades. Reinventar, oportunizar e garantir a continuidade da história de um povo é proporcionar que suas raízes sejam longínquas e valorizadas, independente das adversidades e complexidades que a vivência em comunidade apresente. Essas complexidades regionais frente a uma nova educação proporcionam uma reflexão acerca da própria complexidade na perspectiva da transformação da humanidade.

Nessa perspectiva, as experiências educomunicativas construídas por meio das relações vivenciadas entre os envolvidos no contexto sociocultural, refletem na dinâmica social com mais integração em suas práticas. As práticas sociais estão ligadas à existência de construções identitárias e humanizadoras, no sentido da formação de cidadãos críticos e protagonistas de suas jornadas. As questões culturais e políticas também fazem parte deste discurso que constrói o cenário educacional para a formação de conhecimentos e criticidade. Diversas são as mudanças ocorridas na forma de ensinar e aprender frente às transformações tecnológicas que se atualizaram ao longo das décadas. Mas, a maneira mais simples de educar e construir o conhecimento ainda está na comunicação e no diálogo.

Não obstante, as mudanças na sociedade estão pautadas nas inovações tecnológicas, que influenciam nas ações individuais e nas relações em grupo, de modo que o comportamento dos sujeitos é moldado conforme se constroem suas vivências. Nesse sentido, a integração em comunidade e com novos aparatos tecnológicos influencia na forma de pensar e agir do sujeito, porque em distintos espaços há uma relação social daqueles que se deixam dominar e os que não se deixam dominar por esses meios de comunicação.

Para um saber crítico o sujeito não pode se deixar vencer por apenas aquilo que foi entregue de forma resumida. Sendo mais um desafio que os povos da região amazônica

precisam saber lidar. Devido as suas particularidades regionais, peculiaridades estruturais e suas complexidades, várias informações chegam de forma desmembrada. Porém, com uma população que conhece a sua história e que tem conhecimento do que lhe cerca, esses sujeitos não serão mais oprimidos, enganados nem desvalorizados. Por esta razão enfatiza-se a importância da Educomunicação, para a construção e a formação de sujeito críticos, tendo como base o conhecimento em sua totalidade.

Devido ao seu processo de formação sociocultural que ocorreu pela miscigenação dos indígenas, brancos, negros e, com o passar dos anos, da própria população dos demais estados brasileiros, a Amazônia não é valorizada com prioridade e a sua população ainda é menosprezada por ter uma cultura e costumes tão peculiares. Todo esse processo influencia na dinâmica educacional de seus habitantes, os colocando como sujeitos que não são capazes de tomar decisões para o seu desenvolvimento. Está no papel da Educomunicação, aqui discutida, colocar esses sujeitos à frente do seu próprio cenário social, conhecendo e tomando as decisões que os desenvolvam como uma cultura diferenciada e que deve ser vista como uma cultura tão importante como as demais.

A participação dos seus próprios sujeitos nas tomadas de decisões resultará na valorização de cada saber cultural da Amazônia. Um desses saberes é a festa junina apontada nesta pesquisa. Sendo que, o estado de Roraima teve grandes influências da cultura nordestina devido ao processo de povoamento de famílias oriundas dessa região. Essa cultura se enraizou em um dos estados da região amazônica (Roraima), tornando, assim, um saber cultural da Amazônia que promove o processo educacional de maneira não formal.

Por fim, em consideração ao exposto nesta discussão, compreende-se que as festas juninas, como movimento cultural que se reconstrói diante do tempo e das mudanças sociais, agregam em sua totalidade além das práticas culturais, as representações de território e educação.

4.2.1 Território e a interlocução com a cultura e a educação

A sociedade vive em um espaço cercado de normas, políticas, leis, regras e obrigações, sendo expressas pelo domínio do poder em que o espaço tem com os indivíduos que nele habitam, usando como papel de território para representar essa dinâmica. O território é uma categoria geográfica, que tem como proposta relacionar o tempo e o espaço, e o poder permeia essa relação, destacando a importância e a autonomia

desse espaço. Um dos primeiros autores a abordar o território foi Claude Raffestin (1993), o qual percebe o território como uma forma de organizar o espaço politicamente e economicamente, sendo responsável pela dinâmica do trabalho do ser humano sobre o espaço.

Para Raffestin (1993) o território é baseado na construção conceitual partindo da noção de espaço. O que permite entender que o território precisa de um solo para se patentear. O espaço precisa de um poder sobre ele, para ser visto como território. Conforme Raffestin (1993, p. 143) destaca

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço.

A visão do autor coloca o espaço como início para a dinâmica do território, seus sujeitos são quem conduzem essa ação, adentrando nas relações sociais e nas atividades culturais produzidas por eles. Portanto, são as ações e atividades sociais que iniciam na dominação do espaço-território de acordo com suas práticas políticas, econômicas e socioculturais. Costa (2008) relaciona o território como dinâmico e não estático, pontuando o processo de territorialização, entende que a territorialização atua sobre o espaço de maneira singular.

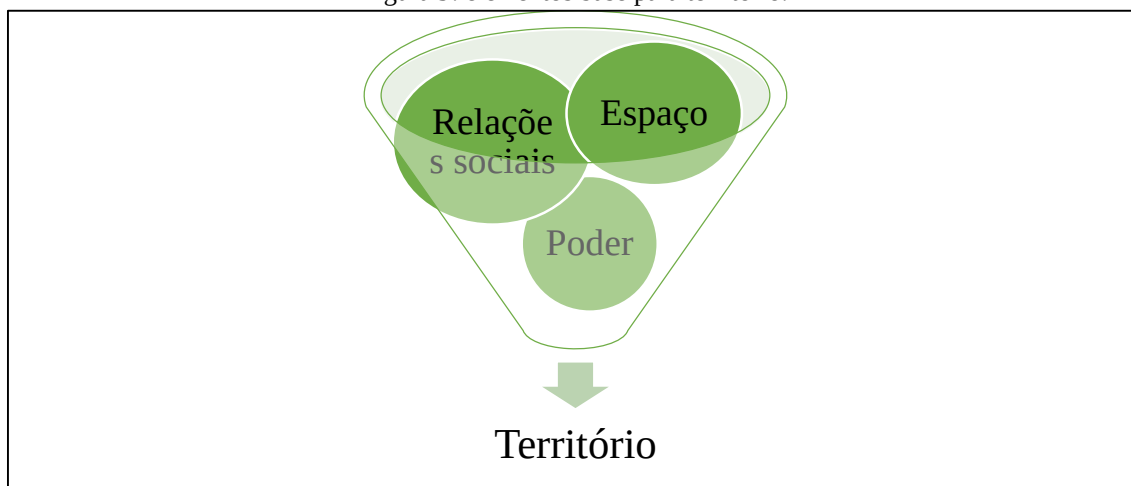
Cada espaço terá ações humanas que demarcam o território, de acordo com suas particularidades que se fazem importante. Muitas particularidades estão enraizadas com o processo histórico, criando uma performance única para representar seu espaço. Essa performance é simbolizada por seus sujeitos sociais, a quem Raffestin chama de “atores”, sendo eles que territorializam o espaço. Ainda segundo Raffestin (1993, p. 144)

Um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...].

Qualquer espaço habitado será marcado por produção do homem, seja qual for a dimensão territorial, apresentará relação de poder, pois, a necessidade do poder é o que move a dinâmica do espaço para se apresentar como território, que visa a sua autonomia e destaque no cenário mundial, nas relações sociopolíticas. Na visão de Raffestin (1993)

o território era construído com o intuito de se obter poder sobre o espaço. Sem poder não se tem território. O que permite concluir que a relação de espaço e território necessita das ações promovidas pelos sujeitos sociais. A figura a seguir sintetiza os elementos base para um território.

Figura 9: elementos base para território.



Fonte: Silva (2021).

A figura 9 representa uma compreensão sobre o conceito de território de maneira geral. Sendo que, de acordo com Raffestin (1993), o território é como um espaço que precisa da interação social para que haja poder sobre essa proporção do espaço geográfico, porque quem move o poder, e necessita dele, são os seres humanos, por intermédio de suas atividades e ações. Ou seja, o território é um espaço de comando e, posteriormente, um espaço marcado por sua territorialidade. Antes de analisar as práticas da territorialidade, precisa-se entender que o conceito de território abrange uma escala maior do que apenas limites territoriais.

O território sobre o olhar do geógrafo brasileiro Haesbaert (1997) é apresentado em três categorias com foco no jurídico/político, cultural e econômico. Na primeira categoria o autor coloca o território como um espaço controlado pelo poder; na segunda trata das atividades e produções simbólicas que criam uma identidade sociocultural sobre o espaço; e a última categoria refere-se ao produto material, relacionado com o capital e o trabalho. Sendo que essas categorias também servirão de base para a representação da territorialidade do lugar.

Para Haesbaert (1997) território é uma dimensão do espaço em que a dominação prevalece, de forma material, sendo a categoria jurídico/político. Já os imateriais seriam as ações culturais apresentadas no espaço, os símbolos e suas identidades enraizadas no

lugar. O lugar ganha visibilidade quando se destaca como um mecanismo de poder, tendo direcionamento em diversas escalas sociais. Dessa forma, o território passa a ter valor por suas trocas de trabalhos construídas pelos grupos sociais ou individuais.

Dentre os autores que abordam o conceito de território, Saquet (2004) contribui com a ideia de que o território é uma produção espaço-tempo e suas relações de poder são realizadas por um determinado grupo social. Sendo além de um termo para denominar os limites de um estado-nação. O autor faz uma análise de território com base nas categorias citadas por Haesbaert. Saquet (2003, p. 28) e destaca que as categorias estão reciprocamente integradas e

Efetivam um território, um processo social, no (e com o) espaço geográfico, centrado e emanado na e da territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades/temporalidades/territorialidades. A apropriação é econômica, política e cultural, formando territórios heterogêneos e sobrepostos fundados nas contradições sociais.

As relações sociais são, sem dúvidas, a grande produtora do espaço geográfico, assim como a responsável pela heterogeneidade dos territórios. Dentre as categorias Saquet menciona a natureza na constituição de território. Para o autor “a natureza exterior ao homem também está presente na formação de certo território, como espaço geográfico, que está intimamente ligado à construção histórica da paisagem e do território” (SAQUET, 2009, p. 79 e 80). Ademais, conforme o autor, a relação de território e paisagem é

Uma abordagem que dá centralidade à unidade existente entre os tempos histórico (diacronia) e coexistente (sincronia) e à unidade espaço-território mediada pela paisagem, isto é, a produção do território incorpora o espaço gerando paisagens desiguais que não estão descoladas do espaço e muito menos do território (SAQUET, 2009, p. 79 e 80).

Portanto, a questão do território com a natureza e paisagem se interligam pelas ações do trabalho. A incorporação da natureza está em sua forma de territorializar o espaço pelo conhecimento, pelas técnicas, constituindo a relação de sociedade-natureza, ou mesmo, ser humano e natureza (SAQUET, 2009). Geograficamente, a relação natureza e ser humano está na dimensão dos objetos naturais e sociais que dinamizam o espaço vivido, sendo que essa dinâmica se faz presente no território. Ao usar da natureza para fornecer matéria ao espaço, e que a disputa pelo poder cresce dentro do território, a relação do espaço com o território se mostra estreita. Em consonância com Saquet (2005, p. 49)

Território e espaço estão ligados, entrelaçados, pois o primeiro é fruto da dinâmica socioespacial. Há um processo de territorialização, paradoxalmente, com perdas e reconstruções incessantes, com formas e ações, decisões, desejos, etc., intimamente conectado à materialização espacial da sociedade e à dinâmica da natureza exterior ao homem.

O poderio criado dentro do espaço evidencia representações de pertencimento dentro do território, que materializam o desejo de fazer parte desse conjunto territorial. O território passa a ser uma dinâmica social movida pelas necessidades e anseios de uma nação. No olhar de Milton Santos (2002) o território é palco onde tudo acontece (re) configurando os diferentes lugares de acordo com as influências. Para Santos (2002) o território permeia pelo espaço, assim atribui técnicas para serem usadas em seu meio. Respectivas técnicas constroem um valor, um poder, diante das formas de trabalho em espaços heterogêneos, que resultam em técnicas diferentes. Para o autor o território se configura por meios das técnicas, das produções e todos os objetos que estão agregando no conjunto territorial. Em sua análise Santos (2002) destaca o território como uma abordagem política, sendo o “nome político para espaço”, o qual deve ser analisada em sua totalidade, de acordo com as suas significações. Santos (1999, p. 8), destaca que

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Desse modo, o território precisa fazer uso do espaço geográfico, usufruindo de ferramentas e ações que favoreçam a identidade cultural do lugar e dos grupos que nele habitam, tendo um sentimento de pertencimento, sendo por meio do trabalho e das ações do homem, sejam material ou não, que reúnem valor e poder no espaço territorial.

Cabe destacar que o espaço territorial promove desigualdades sociais, compete de lugar para lugar criar estratégias a fim de diminuir essas desigualdades e fazer parte das nações que têm visibilidades por suas práticas políticas, econômicas, culturais e sociais desenvolvidas. Nesse caso, “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares” (SANTOS, 1978, p. 122). Portanto, de acordo com a ideia do autor, o espaço é conjunto de sistema de ações e sistema de objetos, atribuindo uma particularidade na forma como se utiliza esses sistemas. Nesse sentido, as ações são

práticas humanas e objeto de técnicas para reproduzir o espaço geográfico, de acordo com a sua territorialidade.

Assim como o território, a territorialidade tem grande dimensão de atores que dinamizam essa categoria, onde também se constrói com base nas relações sociais pelas quais o território passa ou passou. O tempo se torna um articulador dessas mudanças, criando e recriando o lugar-espaço, dando significado conforme a essência cultural dos sujeitos que o ocupam. Essa dinâmica se entende como a territorialização do espaço.

Bonnemaison (1981) destaca a territorialidade como uma oscilação contínua que tem de um lado o território que dá segurança, símbolo da identidade, e de outro lado possui o espaço que pode auxiliar para a liberdade, assim como para a alienação. Territorializar o espaço pelas ações do homem sempre terá um duplo caminho a ser seguido, como destaca Bonnemaison. Para se distanciar da alienação, a territorialidade precisa ser vista como uma estratégia focada em conquistar a sua autonomia, devendo ser garantida por um processo de informação. Ou seja, a territorialidade precisa estar vinculada com a educação de seus sujeitos, para que não sejam dominados e controlados. A territorialidade do lugar é uma maneira de marcar a identidade do local com base na sua prática cultural.

Sack (1986) define a territorialidade como um plano de controle que se prende ao contexto social que o sujeito se insere. Essa estratégia corresponde a forma como irão dominar a área/espaço, podendo o território ser efeito da territorialização, de acordo com a dominação e seu uso. Saquet, (2007, p. 127) aponta que

O território é produto e condição da territorialização. Os territórios são produzidos espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social, ou seja, pelas territorialidades cotidianas. As territorialidades são, simultaneamente, resultados, condicionantes e caracterizadoras da territorialização e do território.

Então, a territorialidade pode ser compreendida como as atividades cotidianas dentro do espaço social, onde se atribui como estratégias, que precisam ser destaque para valorizar o lugar. Essas estratégias se dão conforme o tempo e o contexto social, sendo relevante criar ou recriar meios que facilitem a integração social, isto é, que se integrem com as práticas culturais. Rosendahl (2005) entende que a territorialidade deve também ser reconhecida como uma ação, uma estratégia de controle, que pode estar interligado com a interferência política, assim como o território.

Ademais, na concepção de Sposito (2009) e Fernandes (2009) a territorialidade seria um atributo do território. Para o primeiro autor “designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano” (SPOSITO, 2009, p. 11). Com uma perspectiva semelhante, o segundo autor menciona que “as territorialidades são as representações dos tipos de uso dos territórios” (FERNANDES, 2009, p. 10). Ambos os autores colocam a territorialidade como um resultado das ações que acontecem no território.

A territorialidade é uma particularidade do território, e esses conceitos não podem ser considerados sinônimos, pois cada um terá uma dimensão e aplicabilidade diferentes. A territorialidade está mais voltada às práticas em grupos de uma sociedade, que se representa em seu cotidiano. Raffestin (1993) afirma que a territorialidade é entendida como multidimensional e própria à vida em sociedade. Posto isso, a territorialidade adquire um valor, uma essência particular que determinado grupo social vivencia.

As análises sobre a territorialidade se baseiam na integração do homem com o meio, “a territorialidade tem a ver com um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre entre seres humanos mediatizada pelo espaço” (SOUZA, 2001, p. 99). A territorialidade envolve uma junção indissociável dos grupos sociais com as influências do seu processo histórico, que junto a identidade cultural com o lugar. Saquet (2010, p. 129) afirma que

[...] a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações.

A territorialidade, de forma geral, é compreendida como uma particularidade do território, que constrói a sua existência, simbologia e ações, sejam elas material ou imaterial, vivendo e compartilhando desejos e valores em grupo. Para Santos (2007) a territorialidade vai além de viver em determinado lugar. Portanto, a territorialidade, como uma estratégia de ocupação do território, precisa fazer uso da cultura e da educação para uma representação digna dos sujeitos com o lugar.

Ao analisar o conceito de territorialidade citado por Santos (2007) percebe-se uma estreita relação com as ideias de Paulo Freire, mesmo ele não trabalhando diretamente o conceito de territorialidade. A perspectiva Freiriana ocorre ao compreender que a

territorialidade é uma prática de viver e compartilhar as experiências em grupo, aprendendo em comunhão, ou seja, o termo traz um processo de assimilar, compreender e se formar com o outro. Territorializar-se são ações diárias, logo, trata-se de um processo educacional, em que o sujeito aprende e constrói conhecimento ao se integrar com o grupo, do qual se sente parte, por compartilhar os entendimentos. Tem-se justaposto da educação em aprender com o outro de Paulo Freire.

Freire (2003) afirma que a educação é um arranjo de conhecimentos que devem ser praticados, tendo como resultados ação e reflexão, colocando a educação como meio para reflexão da realidade, e, portanto, uma ação para mudar e transformar a sociedade, buscando novas formas para se desenvolver e se libertar em todos os campos. A educação Freiriana busca uma transformação social que permita que as pessoas, no espaço delas, possam intervir sobre o futuro de um grupo.

Cada lugar tem a sua representação cultural que o determina como um lugar específico, devido as suas acumulações históricas enraizadas em seu espaço. A cultura é um processo de “andamento vivo”, que se desloca e se recria em um novo espaço, a partir do momento em que o sujeito social se integra. Para Cuche (2002) a cultura é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua trajetória. Muitos filósofos, antropólogos e demais áreas estudaram o conceito de cultura e, quanto mais se estuda esse conceito, mais ele ganha novas representações, uma nova essência em seu termo, pois, a cultura é uma prática-ação-movimento do ser humano no seu espaço vivido.

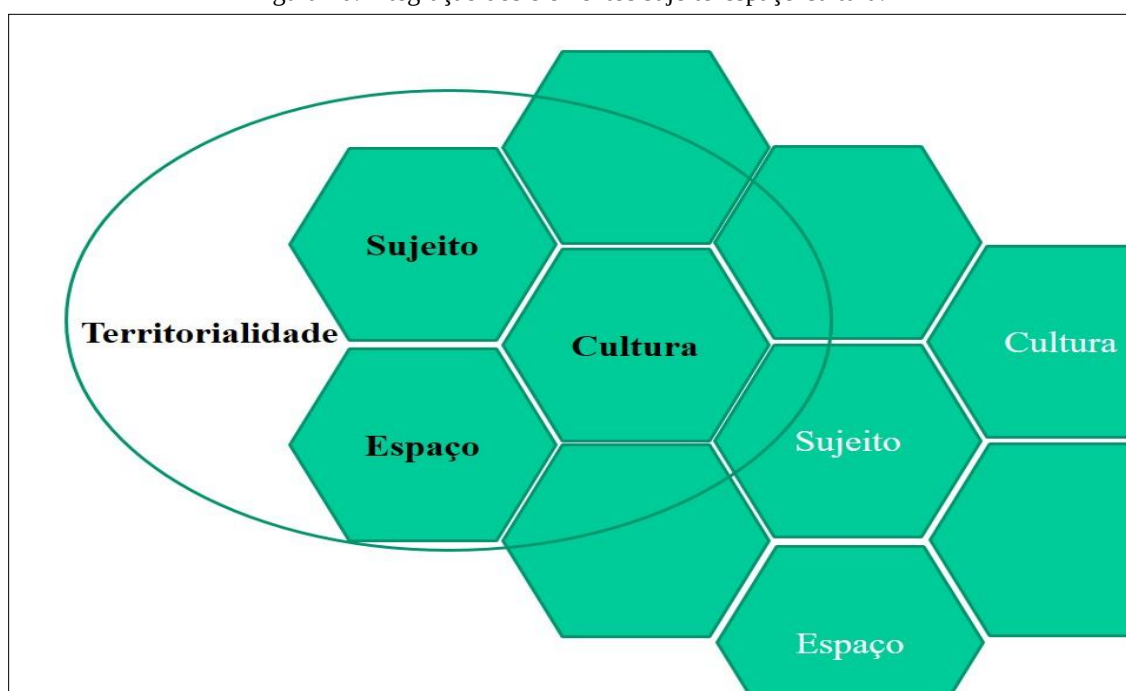
Viver em grupo é cultura, é um saber compartilhado que será transposto de um sujeito para outro. Didaticamente contextualizando, em um determinado momento, esse indivíduo precisará se deslocar e aquele conhecimento/cultura aderido não será perdido, muitos menos deixado no lugar onde foi aprendido. O sujeito carrega traços de uma herança cultural com o seu espaço, que ganhará apenas uma nova roupagem, porém, com os mesmos significados e acrescentando novas histórias e símbolos. Kramsch (1998) descrevia a cultura como um conceito essencialmente plural e Hall (2003) mencionava que já se estaria vivendo (em 2003) a época de hibridismo cultural.

Exemplificando essa noção que ainda é vigente nos dias atuais, tem-se as festas juninas, objeto de estudo desta pesquisa, as quais tiveram origem nos países da Europa e foram trazidas pelos portugueses no início da colonização do Brasil. Uma cultura europeia que se deslocou para o território brasileiro, ganhando uma nova apresentação, com gostos e costumes por parte de quem realizava a festa, sem perder a essência. Contudo, foram

agregados novos significados no ato e na forma de realizar a festa. Ou seja, houve o deslocamento da cultura, sem perder a sua característica por completo, apenas ganhou uma nova caracterização em sua formatação, com um jeito particular, próprio por quem realiza. Cuche (1991) destaca que cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes e da arte, mas não apenas dessa maneira. Esse estilo, este “espírito” próprio de cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos.

Tem-se nesse sentido uma questão bem esclarecedora, de que a cultura é parte do comportamento do indivíduo, segundo as ideias de Cuche. O indivíduo cria um vínculo com o espaço, por encontrar ou criar nesse lugar algo que o mantém ligado com a sua cultura de origem. Se o indivíduo como sujeito social é cultura, então determina o seu espaço cultural, criando as suas territorialidades, conforme ilustra a figura a seguir.

Figura 10: integração dos elementos sujeito-espaço-cultura.



Fonte: Silva (2021).

A imagem 10 representa a dinâmica do sujeito-espaço-cultura, que por sua vez estão dentro da territorialidade, ou mesmo criam outras territorialidades. As territorialidades são construídas de acordo com as vivências dos grupos sociais, que não deixam de ser uma produção cultural.

A imagem deixa claro que mesmo esses elementos se completando, eles não se configuram como um produto acabado. Sempre terão novas dinâmicas capazes de

reconstruir esses modelos e os completando novamente (reunindo novos sujeitos, cultura e espaço, assim, tendo uma nova territorialidade), sem desfazer o que já foi “montado”, mas, sendo capaz de criar um significado. Assim, tem-se uma construção de saberes promovida pelos sujeitos-espaço-cultura, os quais vão ampliando suas atuações e práticas.

As práticas sociais são dinâmicas, conforme o tempo, cada sociedade aprimora novas ações e técnicas socioculturais. Essas novas técnicas reconfiguram um novo modelo de produzir cultura. Novamente exemplificando a imagem 10, é possível interpretar uma dinâmica que se “monta” conforme as ações e ao longo do tempo, as primeiras ações não são desconstruídas, apenas se reconstroem com novas peças que fazem sentido de acordo com o tempo que se encontra. O tempo, nesse caso, representa a longitude de uma forma para outra. O tempo passa e novos conceitos são inseridos nas dinâmicas culturais. Porém, ao estudar as culturas terão sempre as suas primeiras “formas” em algum momento da história social, podendo apresentar ações diferenciadas, mas não distintas por completo. A cultura é coesa com seus objetivos, com seu tempo e com conjunto social por quem a pratica.

Voltando para as festas juninas, quando adentram no espaço brasileiro, a realidade é diferente dos espaços mais desenvolvidos da Europa, por exemplo. A festa junina passou a ser realizada de forma mais camponesa, pois essa era a realidade daqueles que a realizavam, camponeses que viviam na roça. Em virtude disso, a festa ganha no Brasil um traje/comportamento interiorano.

A cultura herdada dos europeus se reconhece em um novo espaço social, com características próprias de quem a mantém “viva”. O reconhecimento se encontra no sentimento de pertencer a um grupo social, que promove determinada ação. Reconhecer e se sentir parte do movimento cultural faz com que essa prática seja valorizada, diante das mudanças sociais.

No que se refere à ocupação do território brasileiro e da região da Amazônia Legal ambos não foram respeitados nem reconhecidos por suas culturas como parte do lugar e como espaços que mereciam ser mantidos, ou mesmo partilhados.

A simbologia cultural de partilhar os diferentes significados inicia com as trocas de saber. Tilio (2009, p. 44), coloca que:

Visão simbólica a cultura é entendida como um sistema de significados públicos; diferentemente da visão cognitiva, os significados culturais não se encontram na mente dos indivíduos, mas nas interações e ações simbólicas de indivíduos que compartilham os mesmos símbolos e comportamentos.

A cultura é uma interação social de sujeitos que partilham seus saberes e significados. Laraia (2001) corrobora com essa noção e destaca que o ser humano era resultado do meio cultural no qual foi integrado e socializado, considerando que nem mesmo os fatores geográficos e biológicos explicam as atividades culturais do ser humano. Sendo que, os hábitos e comportamentos podem ser explicados como influências na cultura. Ainda segundo Laraia (2001) a cultura sofre o processo de adaptação para a sua permanência, sendo ela uma ferramenta tecnológica. A adaptação por tecnologia proporciona novos modelos de produzir e permanecer presente dentro do contexto social. Assim, as tecnologias, a cultura e a educação ampliam e despertam no indivíduo a necessidade de saber se posicionar por suas causas/lutas, por sua cultura e por sua valorização.

A cultura e a educação devem influenciar o desenvolvimento do lugar, para agirem de forma coerente com a sua realidade e com a sua identidade cultural, tomando os espaços de pessoas atuantes em seu contexto social, as quais lutam por meio do conhecimento para se estruturarem como parte respeitada, entre tantas outras culturas. Nesse sentido, ressalta-se o valor de cada lugar, os quais possuem o seu histórico-cultural como sentido ao fazer parte da história local. A interação social é de grande importância para continuarem a realizar e trocar experiências culturais, de modo que, a linguagem, a comunicação, como Educomunicação devem valorizar todas as formas de se representar, e nessa integração reside o sentido de se comunicar com o diferente.

Cultura e comunicação realizam educação social dos seus envolvidos, buscando conscientização e valorização de fazer parte de uma história. Quando a sociedade não se comunica passa a ser facilmente manobrada e, por conseguinte, os problemas não priorizados.

A Educomunicação é um processo de aprendizagem que deve ser socialmente recíproco, os diálogos precisam ser compreendidos e a troca de ideias deve ser integradas e analisadas a fim de decidirem o melhor para o conjunto social. Destaca-se aqui a Educomunicação como um envolvimento das ações que ocorrem dentro do território e cultura, como estratégia de se desprender de muitas imposições sociopolíticas e de expressões de pensamentos.

A Educomunicação abre um leque de estratégias e possibilidades para ampliar as dinâmicas de um determinado território com suas práticas culturais. Ressalta-se nesta pesquisa a importância da cultura em diferentes performances como a arte da dança, da

música, da festa, da culinária (conjunto que está inserido dentro do âmbito das festas juninas), entre outras performances que conseguem desenvolver um meio de se comunicar. Isso ocorre ao terem uma linguagem de fácil compreensão com quem “consome” dessa cultura e quando existe a aproximação da cultura com o sujeito melhor será a comunicação da arte com o espectador, apropriando-se de informação/conhecimento. Ou seja, a cultura influencia na educação do território.

Desse modo, a sociedade necessita do envolvimento entre o território, a cultura e a educação para desenvolver tanto os seus espaços físicos, como as pessoas que dele ocupam. Nesse sentido, o espaço para ser território precisa de forças de poderes exercendo sobre ele e, entre essas forças, ter um papel importante também ao que tange as relações políticas. Tudo isso corresponde a práticas culturais e educacionais em todas as suas formas, pois o conjunto dessas forças promove um espaço mais digno de democratização, respeitando as histórias de quem vive no território, e contribui para a territorialidade de ações socioculturais em espaços físicos e virtuais.

Ao tratar dos termos físico e virtual tem-se a necessidade de abordar as atribuições das territorialidades físicas e digitais, visto que são conceitos que adentram na discussão desta pesquisa por dinamizarem a forma como as festas juninas se representaram dentro do contexto pandêmico da COVID-19, período em que a presente pesquisa foi aplicada. Sendo assim, no subcapítulo a seguir explana-se sobre as territorialidades físicas e digitais.

4.2.2 Territorialidades físicas e digitais

As festas juninas são movimentos culturais que antes da pandemia ocorrida pela disseminação da COVID-19 necessitavam apenas de um espaço físico para a sua realização. Com os avanços das tecnologias dinâmicas socioculturais foram reformuladas. Fazer, realizar, apresentar e levar cultura à população não mais necessitavam de que os sujeitos estivessem fisicamente nos espaços concretos para prestigiar/assistir determinada ação.

Desde que surgiram, os meios de comunicação, com as primeiras máquinas de escrever na década de 70, com o telégrafo e outras criações foram diminuindo os espaços entre as pessoas. A distância foi sendo ocupada por comunicações constantes entre as pessoas em espaços diferentes. Assim, as tecnologias tornaram-se peças fundamentais no dia a dia e com isso fazendo parte da sociedade.

Ao olhar toda a evolução tecnológica e imaginar uma sociedade sem os dispositivos/aparelhos que são utilizados atualmente é implausível pensar que havia alguma integração em espaços diferentes. Isso leva a refletir que a cultura “andava” em diferentes espaços, levada por pessoas diferentes que a promoviam. Não tinha e nunca se teve um modelo a seguir criteriosamente em relação a forma como a cultura deve ser realizada.

A realização desses movimentos/ações culturais acontece acrescentando algo novo ou diferente às ações anteriores, ganhando novas características. Tem-se, então, a reconstrução das dinâmicas culturais de acordo com tempo-espaço-sociedade.

O tempo se encarrega de iniciar as mudanças que ocorrem nos espaços sociais, acrescentando novos comportamentos e valores. Ele cria e recria várias formas, de pensar, agir, de se comportar, educar, entre outros fatores. A periodização é capaz de reformular toda a estrutura social. Essa periodização trata-se das mudanças que a sociedade adquire nos diferentes períodos da passagem do tempo. São essas mudanças que levam à reprodução dos espaços urbanos/sociais de acordo com as necessidades, criando as territorialidades, marcando sua história, sua existência, em um determinado espaço.

Assim como qualquer atividade social se reconstrói, as territorialidades também ganham novas características. Isso é possível por ser resultado das produções socioculturais, uma vez que as dinâmicas sociais acontecem tanto nos espaços físicos como nos espaços digitais.

Conforme já mencionado, a territorialidade se constitui das reformulações, construções, experiências, vivências e valores de uma sociedade integrada, sendo uma espécie de resultado da integração social. Para os autores Sarmiento e Martinuzzo (2016, p. 3) a “territorialidade remete à experiência, circunstância, organização, vivência do território, que é, em linhas gerais, a porção do espaço apropriada, utilizada, vivida por todos nós”. Ressalta-se que o espaço vivido é territorializado de acordo com as atividades socioculturais, econômicas e políticas. Seguindo com a perspectiva dos autores Sarmiento e Martinuzzo (2019, p. 123):

A territorialidade é a vida organizada num dado território, experiência que é dinâmica e permanentemente atualizada pelos movimentos sociais, econômicos, políticos e culturais. É a vida inscrita no chão da história em todos os seus aspectos – é a civilização ou a cultura aplicada, recortada aos territórios diversos e múltiplos que o homem vem inventando desde os princípios, num movimento que para sempre o acompanhará na arte de existir.

A organização socioespacial é uma estrutura que cria “semente”, que cresce diante do contexto social, origina-se o desejo de fazer parte, suas origens e histórias estão somados à sistematização de sujeito social com o local, por fazer parte da porção do espaço e por carregar características com o modo de se comunicar, se integrar.

Analisa-se, desse modo, que surgem na comunicação as primeiras mediações de se sentir parte desse conjunto ou dessa organização. A comunicação é um processo mediador para que os sujeitos possam se fundamentar no porquê de estarem ligados a esse lugar/espaço. E é nesse sentido que Sarmento e Martinuzzo (2019, p. 123) explicam a vinculação de territorialidade com a comunicação. De acordo com os autores

As territorialidades se cruzam dramaticamente com a comunicação, pois não há vida, ou território, que se institua sem as mediações dos processos comunicacionais, seja para estabelecer as hegemonias fundantes de uma comunidade (poder) – um bairro, uma associação, uma cidade, um Estado, um país, um continente, um planeta –, seja para tecer o dia a dia das relações humanas e suas idiosincrasias cotidianas (práticas), (SARMENTO E MARTINUZZO, 2019, p. 123).

As territorialidades, enquanto dinâmica social, ultrapassam os espaços geográficos, ou seja, os espaços físicos, e alcançam o campo digital. Diante da nova realidade, na qual interagir de forma presencial devia ser evitado (por conta da COVID-19), a ideia de interagir em ambientes sociais digitais foram as opções para manter as relações socioculturais. Dessa forma, o que era apenas territorialidade em espaços físicos se amplia para territorialidades digitais, a partir das relações socioculturais nos ambientes virtuais. Esse novo meio de territorialização se deve à comunicação e à tecnologia.

Tem-se a territorialização dos espaços físicos quando um determinado espaço geográfico sustenta em sua particularidade uma história e uma cultura, que nele habita e permanece, mesmo com o passar dos anos. A temporalidade não é o bastante para apagar crenças, desejos, vontades, hábitos e anseios que o lugar oferece em sua singularidade, pois, esse espaço construiu uma identidade simbólica e cultural, ligando o espaço com alguma ação cultural.

Ao analisar a territorialidade é perceptível que os espaços se modificam por conta das pessoas que nele habitam e por suas necessidades. Nesse contexto, encontra-se a adaptação do espaço, “quanto ao espaço, ele também se adapta à nova era” (SANTOS, 2008, p. 29). Os espaços concretos com atividades e produções fazem do lugar um espaço racional, que pensa, articula, os sujeitos reproduzem um lugar que seja identificado, reconhecido por promover determinada prática cultural. Assim, esse espaço é demarcado

como único e singular de fazer cultura ou mesmo por questões naturais. Porém, são as ações humanas que se sobressaem em ambos, haja vista que é o ser humano que utiliza do meio para realizar ações culturais.

Para esclarecer essa ideia basta pensar nos desfiles de escolas de sambas, por exemplo. Automaticamente, relaciona-se os desfiles às escolas carnavalescas do Rio de Janeiro; o famoso “pular carnaval”; se recorda de Salvador/BA, com os blocos de ruas; e de Olinda/PE, com os bonecos gigantes dos carnavais, chamados de bonecos de Olinda. Em cada cenário descrito tem-se um único movimento cultural, onde cada espaço físico, cria as próprias identidades e uma particularidade ao realizar determinado evento, marcando a sua territorialidade. Diante disso, a territorialidade é uma característica particular do espaço.

Concomitantemente, atualmente os espaços digitais ganham destaque, sendo através deles que a sociedade se integra, comunica, estuda e trabalha. Steffen (2008, p. 144-145) destaca que os espaços digitais, surgem por meio da comunicação e que

Esses espaços de comunicação surgidos com o advento da internet, cuja tecnologia e suporte permitem a múltiplas conexões e trocas entre usuários nos mais diversos pontos, criam novas formas de contato, eliminando distâncias físicas e geográficas. Da mesma forma, ampliam as fronteiras dos indivíduos, das cidades, das nações, que encontram nos espaços digitais da internet um elemento de ampliação e expansão.

Os espaços digitais foram criados pelo acesso à internet e com isso gerou a capacidade do ser humano integrar e interagir com as pessoas, mesmo em espaços distintos, transformando a maneira de se comportar, interferindo também no modo de falar e se comunicar. Vale destacar que, assim como nos espaços físicos, as pessoas podem e têm o direito de ir ou não ir, de permanecer ou não, de se sentir à vontade, ou sentir que pertence como parte dessa virtualidade. Nos ambientes digitais também ocorre essa dinâmica de sentir apego ou não a esses espaços.

Os ambientes digitais promovem diferentes integrações, informações e conteúdos para diversos públicos. Criam-se produtos para diferentes trabalhos e diversão, sendo a escolha do próprio sujeito estar ou não nesses espaços digitais, se sentir pertencente ou não, entendendo que mesmo sendo um espaço digital, esses não se desvinculam das ações sociais. O homem continua construindo e reconstruindo os espaços digitais para melhor se adequar, conectando-se e se aproximando em diversos campos sociais. Steffen (2008, p. 145) menciona que

Assim, os espaços digitais configuram-se como um espaço plural de deslocamento, contato e acesso, em que a lógica de cada ator integrado ao processo faz-se presente e constante, alterando, redirecionando e gerando novas configurações e novos fenômenos a cada instante.

Não muito diferente dos espaços físicos, os espaços digitais também têm a comunicação com mediadora do processo de integração, competindo aos recursos/meios tecnológicos as subjetividades e escolhas do que fazer nesses espaços. Respectivos recursos oferecem uma variedade de integração. Segundo Steffen (2008, p. 6)

Os espaços digitais não existem como materialidade, mas se fazem presentes como pontos de encontro, “lugares” onde ocorrem processos de interação por via tecnológica, e as funções, as tarefas e os processos de cada ator e campo são construídos conforme as estratégias, os desejos, as necessidades e as expectativas do outro que acessa e interage com o espaço.

Dessa forma, esses espaços também são caracterizados pela cultura, cada sujeito busca nesses locais satisfazer as suas necessidades e desejos, ou mesmo construindo uma nova maneira de se integrar, conhecendo o outro e respeitando seu espaço. As mesmas características que se destacam nos espaços físicos adentram nos espaços digitais, pois, mudam-se os espaços, porém as ações são as mesmas, porque são promovidas pelo ser humano.

Por ser uma dinâmica do ser humano, ao dominar os campos digitais, ele cria sinais que comandam os espaços digitais. Cada sujeito terá domínio daquilo que procura, seja por lazer, integração ou trabalho, ao se utilizar de uma determinada ferramenta tecnológica, como sites, aplicativos ou outros. Estar à vontade nesse ambiente e ter algo que lhe faça sentir parte do grupo, faz os sujeitos territorializarem esses meios.

Outra forma de territorializar os espaços digitais está na procura crescente de redes sociais. Quem investe seu tempo, sua história e sua vida, faz desses espaços um lugar para compartilhar as atividades do dia a dia, dominando, partilhando e integrando suas atividades pelo meio virtual.

Nesse ponto os espaços digitais se sobressaem dos espaços físicos, quando os sujeitos sentem uma premência de serem estimados não apenas nos espaços concretos, mas também nos digitais. Como uma forma de dominar, integrar e comandar muitas pessoas em suas redes sociais, criando a primordialidade de manter o *status* e posse daquilo que sustenta a sua identidade.

São essas identidades, de querer ser parte dos meios digitais, que criam as territorialidades dos espaços físicos ajudando na articulação e ampliação das fronteiras digitais. A comunicação torna-se o principal motivador dessa ampliação, pois é através dela que acontece a integração, por meios tecnológicos e com diferentes sujeitos e lugares. A comunicação também é ampliada, pois passa a ser realizada por imagens, sons, músicas, danças, vídeos, culinárias, entre tantas outras informações que esses aparatos oferecem. Nesse meio, a Educomunicação se faz presente a partir das experiências trocadas através de conhecimentos próprios com o outro que, por sua vez, configuram-se como práticas que determinam uma territorialidade.

As territorialidades físicas e digitais são mencionadas nesta pesquisa por abrangerem a dinâmica que a cultura da festa junina alcançou. Ao destacar as festas juninas produzidas em Boa Vista/RR ressalta-se a importância desse movimento cultural com o lugar, que consegue somar valores ao ponto da necessidade de modificações dos espaços urbanos para a sua realização.

Segundo Silva (2017), as festas juninas de Boa Vista/RR necessitavam de uma determinada porção do espaço geográfico do centro de Boa Vista para a realização de seu festejo, sendo que os espaços anteriores se tornaram pequenos devido à mobilização, aumento populacional e grandeza do evento.

A festa junina de Boa Vista ganhou relevância dentro do seu contexto histórico social. Por isso, mudanças ocorreram ao longo dos anos nos espaços urbanos. A tabela a seguir sintetiza os respectivos períodos e espaços nos quais as festas já ocorreram.

Tabela 4: espaços onde ocorreram as festas juninas de Boa Vista/RR.

ESPAÇO URBANO	ANOS
Praça Capitão Clovis ¹³	1946-1999
Praça Centro Cívico	2000-2014
Praça Fábio Marques Paracat	2015-2019
Espaço Virtual (TV Aberta, Instagram, Facebook, YouTube)	2020-2021

Fonte: Silva (2017, 2021).

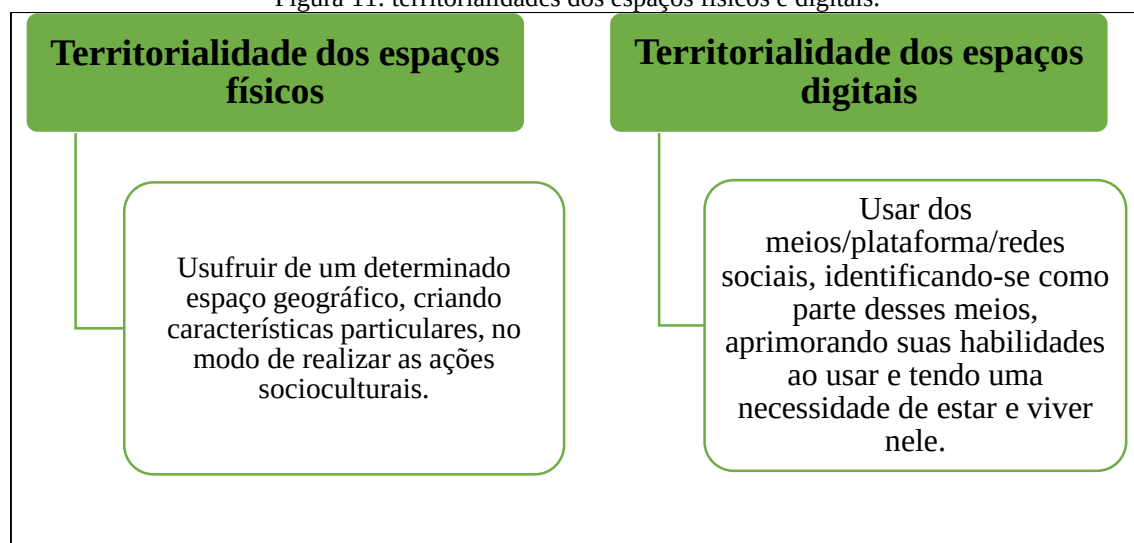
Ao decorrer do tempo e com o crescente aumento populacional houve a necessidade de se ampliar os espaços urbanos, com o objetivo de permanecer a identidade

¹³ A Praça Capitão Clóvis foi inaugurada em 1946, porém, vale ressaltar que as festas juninas durante esse período, não eram realizadas anualmente como forma de prioridade nos eventos socioculturais.

das festas juninas com o lugar e, assim, as festas se mantêm como um movimento de grande importância para a cidade. Mesmo com as mudanças na sociedade, ocorridas de forma “forçada” desencadeadas pela COVID-19, as festas juninas se mantiveram e acompanharam as modificações. Isto é, as festas juninas passaram a territorializar também os espaços digitais, ao serem transmitidas pelos canais de *YouTube*, *Instagram*, *Facebook*. Foi com esse formato de socialização dos movimentos culturais que a festa junina, ou melhor, o BVJ se manteve “vivo” em momentos em que a sociedade cancelou qualquer tipo de comemorações e que era proibido se aglomerar, integrar-se.

Os meios digitais foram o caminho para que a estrutura social tivesse segmento de suas rotinas, buscando inovar, acompanhar e se utilizar da evolução tecnológica, quando a sociedade se viu diante dos desafios de ter seus hábitos mudados e ter que se adaptar forçadamente às tecnologias, criando e marcando as territorialidades digitais. A figura 11 exemplifica o entendimento de territorialidades físicas e digitais compreendido nesta tese.

Figura 11: territorialidades dos espaços físicos e digitais.



Fonte: Silva (2021).

De maneira geral, as territorialidades ocorrem nos espaços físicos e nos espaços digitais em meio a constantes mudanças, pois são as ações do ser humanos que promovem essas mudanças. Assim como os espaços urbanos se modificam, os espaços digitais também. Ao criarem redes de socializações as pessoas se “deslocam” e “mudam” criando suas contas nesses novos modelos de comunicações digitais. Vale salientar que são as contas virtuais que englobam as pessoas dentro das dinâmicas das redes sociais.

Todas as mudanças acontecem por meio do desenvolvimento das tecnologias, e aqui tem-se, de forma mais intensa, a influência da Educomunicação nas festas juninas de Boa Vista/RR, podendo serem vistas em duas diferentes aplicações. A primeira acontece ao aplicar a Educomunicação voltada para o uso dos aparatos tecnológicos como meios de integração e de comunicação em diferentes espaços, utilizando das mídias para promover a socialização. Já a segunda aplicação ocorre no processo de educação que realiza no cotidiano dos brincantes de quadrilhas e daqueles que assistem, seja na modalidade digital ou presencial.

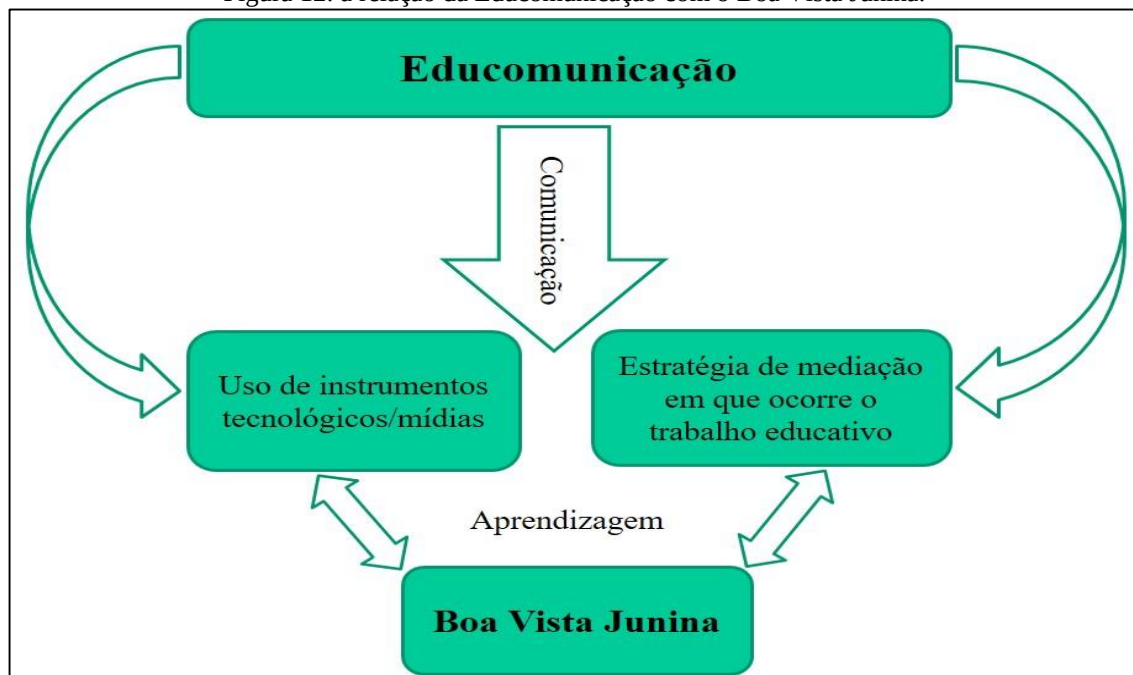
A importância da Educomunicação reside em facilitar o processo de comunicação dos indivíduos. No que se refere aos recursos tecnológicos ela se baseia no uso consciente da mídia e de aparelhos tecnológicos, devendo ser um suporte para transmitir e contribuir para a informação social. Obviamente, a tecnologia por si só não faz o ser humano se desenvolver intelectualmente ou mesmo melhorar a sua comunicação com o outro, compete a cada sujeito saber fazer uso dessas ferramentas.

Nos anos de 2020 e 2021 as estratégias de Educomunicação se intensificaram, ao levar a cultura para as pessoas. Entretanto, antes da pandemia (COVID-19), a Educomunicação estava presente nas festas juninas (mais precisamente de 2005, até o momento atual), sendo que as quadrilhas utilizavam dela ao fazerem uma comunicação do tema escolhido com a arte da dança e a sua linguagem.

Essa comunicação advém de um processo de aprendizagem, quando resulta em uma aprendizagem acontece a Educomunicação. Para Baptaglin (2020, p. 339) “muito além do uso dos meios comunicacionais, a Educomunicação opera como um processo de aprendizagem de estratégias comunicativas com ou sem o uso de instrumentos midiáticos e tecnológicos”. De acordo com a autora, fica claro entender as diversas finalidades da Educomunicação, enquanto seu papel na educação.

Portanto, a aprendizagem ocorre pelo diálogo crítico, coerente e com conhecimento real do todo, com expressões artísticas, ou também com o auxílio de ferramentas tecnológicas. Por sua vez, a festa junina realizada em Boa Vista/RR consegue desfrutar das aplicabilidades da Educomunicação em suas melhores estratégias, com e sem uso das ferramentas tecnológicas, como mostra a figura 12.

Figura 12: a relação da Educomunicação com o Boa Vista Junina.



Fonte: Silva (2021).

A imagem 12 aponta a Educomunicação presente no Boa Vista Junina. É visível a sua estreita relação com as expressões artísticas. A dança quadrilha, dentro do BVJ, como expressão artística por si só já realiza a Educomunicação, por levar aos sujeitos envolvidos uma construção do conhecimento, ao analisar as temáticas minuciosamente, buscando a melhor maneira de representá-lo. A dança quadrilha é uma linguagem, que gera saber, por intermédio dos seus passos, na expressão facial, na vestimenta, nas músicas, isto é, o BVJ utiliza de estratégias para mediar o trabalho educacional.

4.3 A festa junina como um dos saberes da cultura da Amazônia

A dimensão da Amazônia transcende as questões geográficas e territoriais, expandindo-se para um rico histórico de saberes culturais, que são espólios de uma cultura miscigenada, com influências socioculturais que resultaram em uma cultura singular da Amazônia. Não se “pode negar que as culturas são construídas a partir das influências que as cercam, o que gera tanto rupturas quanto continuidades” (IPHAN, 2014, p. 19). Diante das novas modelagens sociais promovidas pela mundialização, a globalização vem inovando nas práticas culturais e na sua forma de representação dos saberes culturais da Amazônia, que são permeados por ações materiais e imateriais da região.

O cenário amazônico é vasto em sua dinâmica por conta da sua cultura híbrida, resultado da miscigenação de índios, negros e brancos, que construíram saberes únicos e bem peculiares em suas regiões. Essa rica diversidade necessita de uma melhor organização sociocultural, porém, o que é visível é a carência de estruturas de muitas comunidades amazônicas, as quais são privadas de um arranjo moderno, devido a falta de políticas públicas que se voltem para esses lugares, tão ricos culturalmente.

Esses lugares, independentemente de suas localidades, necessitam de um plano de desenvolvimento em que as culturas sejam colocadas em destaque, e não apenas modernizar, mas permanecer com a essência cultural do lugar. A globalização é um fator que acrescenta muito na dinâmica social, porém, a sociedade se torna uma cultura congênere quando as modernizações levam em conta as particularidades de cada lugar, não apenas “jogando” novas maneiras sobre como socializar. Ter uma cultura peculiar é o que torna a Amazônia um local original (RODRIGUES, 2012). A particularidade da Amazônia consiste no fato de que ela deve ser vista como caminho para o desenvolvimento regional atentando-se para a linguagem, os costumes, a culinária, a dança e a música.

Esses conhecimentos práticos que a vida comunitária oferece devem ser preservados, com o objetivo de manter a identidade cultural do lugar, sem arrancar dele a sua originalidade, seus saberes, expressões e modos de vidas.

As complexidades regionais, no que se referem ao desenvolvimento interacional, precisam ser pensadas e solucionadas, de modo que as políticas públicas devem contemplar as transformações da sociedade, contudo, concomitantemente, devem considerar o meio sociocultural no qual as pessoas estão inseridas. A informação cultural é a preparação dos sujeitos para uma vivência de integração e compartilhamento do saber, que acontece em um mundo globalizado e informatizado. Para tanto, é necessária uma estrutura que possa levar a acessibilidade de informação e de aparatos tecnológicos, tendo serviços com qualidade, mesmo que o local seja de difícil acesso, como são os casos das regiões amazônicas dentro do cenário brasileiro.

Na região amazônica as complexidades precisam ser debatidas no âmbito da territorialidade de cada lugar e cultura. Todavia, este debate deve ir além do campo cultural e organizacional, contemplando o campo educacional (comunicação/diálogo), político, social e econômico, consecutivamente, na perspectiva de viabilizar o acesso de todos às informações, priorizando o desenvolvimento regional por meios dos saberes amazônicos de cada espaço, onde a tecnologia é um meio para iniciar a integração.

Diante do cenário Amazônico e a sua aproximação com o campo cultural e educacional tem-se um povo carregado de valores, costumes e identidades, no qual, o debate acerca dessas temáticas está pautado em bases históricas e epistemológicas. Devido à diversidade sociocultural do povo Amazônico e as suas implicações no processo educacional, cabem algumas reflexões acerca dos saberes populares, culturais e educacionais que permeiam pela festa junina, considerada um dos saberes amazônicos.

A festa junina, como um saber cultural da Amazônia, proporciona uma dinâmica social envolvendo a cultura em diversas vertentes, que vão desde a dança tradicional das quadrilhas juninas, a culinária típica da festa, as músicas, as roupas e adereços caipiras, até a organização característica e singular da festa junina, com bandeirinhas, muitas cores, palhas e barracas, além das organizações pelas instituições religiosas.

Silva (2017, p. 73) destaca que “devido ao poder que a igreja desempenhava na sociedade, as formas como se configuravam as festas eram em homenagens aos Santos nas procissões e outras atividades para comemorar” os dias deles. A autora complementa:

País do arraial, por ter um “DNA” rural, festa interiorana, com base na formação católica e estilo caipira, em que todas as famílias prestigiam a festa, por conta de uma questão social que o país introduziu na cultura, devido às produções agrícolas e com vínculo da igreja católica, através dos santos como forma de agradecer as boas colheitas (SILVA, 2017, p. 73).

A festa junina nasceu com característica bem enraizada na cultura interiorana, porém, atualmente essa festa como um movimento popular ganhou uma nova aparência, passou a ter um grande espetáculo com as quadrilhas juninas e com uma organização mais estruturada e equipada. Essa nova estrutura envolve valores de pertencimento dos sujeitos com a ação/festa junina. Respectiva ação recebe o nome de Boa Vista Junina (BVJ).

Nos anos de 2020 e 2021 o BVJ teve duas edições realizadas por meio dos recursos midiáticos, onde ocorreram as premiações das seguintes categorias: rodada de saia feminina; rodada de saia da diversidade; casal de noivos; casal de quadrilheiros; rainha da diversidade; rei e rainha caipira; e as apresentações das quadrilhas. Destaca-se que nas apresentações das quadrilhas juninas não houve a disputa/concurso dos grupos, apenas as apresentações como símbolo da festa junina, sendo divulgada e transmitida para uma sociedade que tanto cultiva o sentimento de apego pela festa junina, assim como os grupos não deixaram de representar suas artes em forma de dança cultural, renovando os seus valores e sentimentos de pertencimento a essa expressão cultural.

Para a construção, as apresentações das quadrilhas juninas precisaram reduzir os números de casais das quadrilhas, por ser apenas uma apresentação simbólica dentro dos dias nos quais seriam as festas juninas. O objetivo foi permanecer com a “fogueira do São João acessa”, para simbolizar que a cidade continuava sendo produtora de um dos maiores movimentos culturais da região norte, mesmo em meio a uma crise geral na saúde, usando os recursos das mídias para compartilhar a cultura no meio social.

Assim, por ser reconhecida como grande movimento cultural, a estrutura do BVJ optou por transmitir o evento em forma de *lives*, com uma preparação dos grupos e da organização do BVJ, sendo transmitida pelos canais da prefeitura e dos próprios grupos de quadrilhas, tendo como recursos mediáticos os canais de *YouTube*, *Facebook* e *Instagram*. A prefeitura realizou um novo modelo de festa: “Boa Vista Juninas: *lives*”, tendo como lema “Boa Vista segue em frente”. A *live* foi transmitida direto do espaço da Vila Olímpica Roberto Marinho, na cidade de Boa Vista/RR. Com transmissão em tempo real pelo *Facebook* e *YouTube*, no Roraima Garden Shopping. Nos canais abertos teve a cobertura pela Rede Cidade, Rede Gazeta e pela Amazon Sat.

Diante disso, o “Boa Vista segue em frente”, slogan utilizado pela BVJ em 2021, só foi possível devido às modernizações tecnológicas pelas quais a sociedade passou, sociedade esta que está cada dia mais dependente dos meios midiáticos para manter a sua socialização.

Almeida (2016, p. 6), chama a atenção para o fato de que

Como o valor perseguido pela educomunicação é a vivência democrática plena, é fácil compreender a necessidade de um sólido elo entre a educação e a comunicação para atingir esse objetivo, uma vez que a mencionada vivência depende da compreensão e da aceitação por parte da população de direitos e deveres a ela assegurados pelas leis, assim como de sua conscientização de que pode e deve assumir o papel de protagonista de sua realidade.

A realidade social deve estar consonância com a consciência dos sujeitos, para compreender o seu papel diante do contexto que os rodeia. Para Fauré (1973, p. 126) a intervenção “deve proporcionar ao homem a consciência do seu lugar na sociedade, fazê-lo compreender que pode e deve participar democraticamente na vida da coletividade e que, desta forma, é possível melhorar ou piorar a sociedade”. Quando os sujeitos usam dessas estratégias, se faz presente o ato da educação não formal dos envolvidos, buscando melhorias e desenvolvimento socio regional, usando dos meios midiáticos para sobreviver em um mundo com perspectiva desafiadora em conceitos educacionais.

Para Almeida (2016, p. 25), “a mediação tecnológica na educação com parâmetro educ comunicativo é uma área de intervenção desafiadora, com muito a se fazer na educação formal, não formal, informal e nos mais variados ambientes organizacionais, nos quais aprender constantemente passou a ser condição para a sobrevivência”.

A sobrevivência, em forma de desenvolvimento, também acontece pelas práticas e saberes culturais de cada região. Nesse contexto, a festa junina, lócus desta investigação, é uma prática cultural que vem cada vez mais promovendo a socialização, enfatizando a Educomunicação presente na linguagem e nos diferentes meios comunicativos que a dança quadrilha apresenta.

4.3.1 Geografia cultural e as suas contribuições para a valorização da cultura

A sociedade é marcada por constantes mudanças, entre elas estão as atividades realizadas pelo ser humano, as quais são atribuídas valores de acordo com a época e com o lugar. Devido a isso, a geografia cultural destaca-se por oferecer uma contextualização com as representações dos grupos sociais. Para tanto, a geografia cultural nasce no epílogo do século XIX. Assim como as demais classificações da geografia, esta área também acarretou inúmeros estudos e discussões sobre a sua aplicabilidade. É válido salientar que não é objetivo desta pesquisa debruçar-se minuciosamente sobre os diferentes atributos da geografia cultural, mas é pertinente destacá-la como um elemento que tem muito a contribuir com as diferentes expressões da sociedade. A geografia cultural atribui a ciência às obras e representações das dinâmicas humanas dentro do espaço terrestre, destacando suas características distintas de um espaço social para outro.

Para Corrêa (2009, p. 05) “a geografia cultural está focalizada na interpretação das representações que os diferentes grupos sociais construíram a partir de suas próprias experiências e práticas”. A importância da geografia cultural ocorre pelo fato dela oferecer uma interpretação das práticas humanas de um determinado grupo, o qual ao considerar que o seu espaço vivido tem valor, agregará nele um sentimento de apego, fazendo daquela porção geográfica um lugar de amplos significados, sentidos, símbolos e signos.

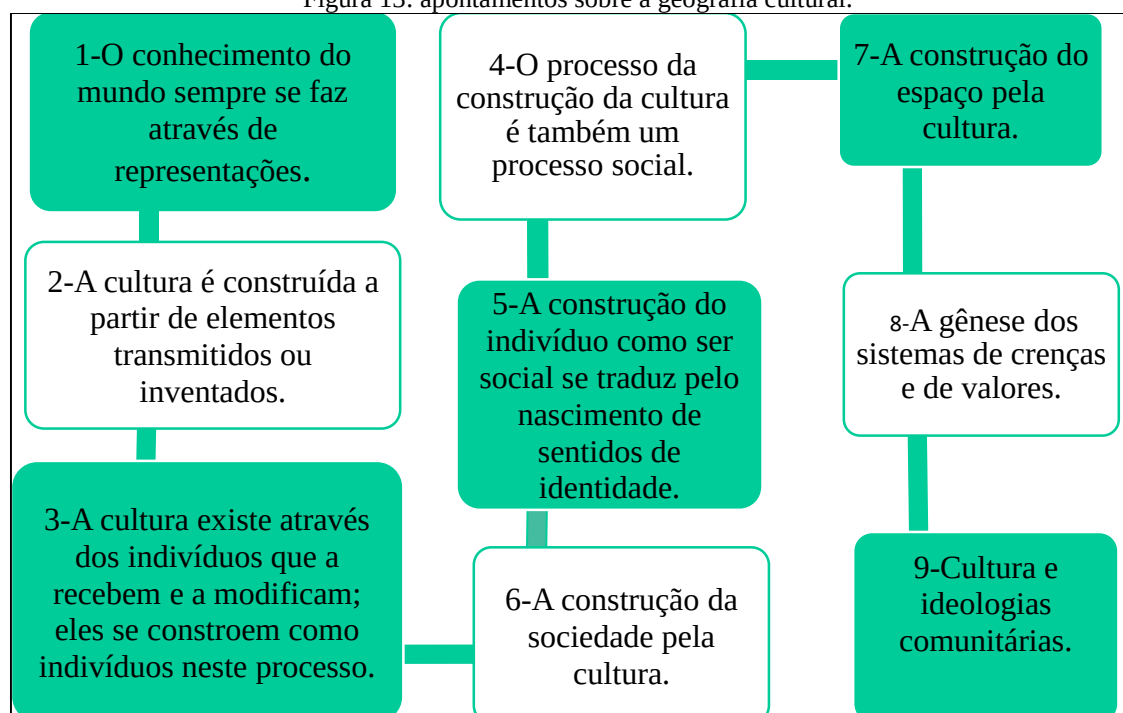
A geografia cultural se interessa por particularidades apresentadas em diferentes lugares do espaço terrestre. São essas particularidades que dão sentido para fazer uma análise das inúmeras singularidades culturais espalhadas pelo mundo, pois, qual seria o sentido de se estudar e compreender o que é análogo? A geografia cultural trata de cada

lugar-espaco-território, ampliando as discussões com as diferentes visões de mundo. De modo que, as suas complexidades serão entendidas de acordo com interpretações e com as suas identidades, marcando uma diferença, sendo essa dessemelhança o que interessa e o que torna coerente de analisar e conhecer o outro. Ou seja, a geografia demonstra as diferenças que os espaços terrestres podem oferecer, e conhecer o diferente é o que desperta a valorização e a compreensão do mundo.

Nesse sentido, conhecer tudo aquilo que se materializa na porção do espaço geográfico pode ser atribuído à geografia cultural. Os sujeitos que habitam no espaço geográfico deixam nele as suas marcas, materializando ou não as suas atividades. Porém, independentemente, as atividades ocorrerão e os sujeitos podem se comunicar em diferentes e distantes espaços. Para Claval (2011, p. 09) “a geografia cultural analisa os mecanismos de comunicação que são responsáveis pela transmissão da cultura. Ela evidencia as fases da construção do indivíduo através da cultura, e enfatiza o papel da reprodução e este da invenção”. Nessa perspectiva, a geografia cultural se destaca como uma detentora de reponsabilidade de interligar o mundo por meio da cultura. Por conseguinte, a geografia cultural tem o poder de fazer com que uma cultura desconhecida seja reconhecida e, por sua vez, valorizada.

Além disso, conforme Claval (2011), a geografia cultural tem alguns pontos de contribuição, os quais estão sintetizados na figura 13.

Figura 13: apontamentos sobre a geografia cultural.



Fonte: Claval (2011).

Ao compreender a imagem supra apresentada observa-se que a geografia cultural contribui, essencialmente, em nove pontos. No primeiro ponto o autor aborda a ideia de que o ser humano não tem um conhecimento direto, pronto e acabado, o qual depende de suas percepções da superfície terrestre e de como o sujeito compartilha delas. O segundo ponto diz respeito a construção da cultura, sendo ela adquirida por meio das práticas e ações dos sujeitos, os lugares contribuem para transmissão dessa comunicação. Diante disso, a geografia cultural também se torna um suporte para a comunicação e aprendizagem dos conhecimentos.

No que se refere ao terceiro ponto o autor reforça a construção e a transmissão, sendo o indivíduo a grande atenção da geografia cultural, pois, o ser humano passa por fases, desde o seu nascimento, e durante esse processo ele constrói a sua identidade, crenças, valores, se modifica e se adapta. No que tange a essa adaptação, que por sua vez ocorre em um determinado grupo social, é o que destaca o quarto ponto. Nesse ponto, o indivíduo é considerado como resultado de um processo social, o qual se adapta pelas semelhanças com o grupo, construindo valores, costumes e ações que vão ao encontro do que pensa, sendo parte do meio social. Em virtude disso, o autor destaca que a geografia cultural sempre será sociocultural, pois, ela parte de uma construção e formação com consciência, ideias e interesses comuns, sendo intrínseca a relação do social com o cultural.

O quinto ponto seria uma espécie de resultado do quarto ponto, quando a partir dessa socialização em grupo o indivíduo constrói a identidade, seja ela coletiva ou individual. Isso significa que o sujeito tem a individualidade mesmo sendo parte de um grupo. O sexto ponto consiste em considerar que toda uma sociedade é construída pelos saberes culturais, saberes apresentados pelos indivíduos, o que explica toda a diversidade, por apresentar distanciamento nas diferenças do eu com o outro, assim como a proximidade das relações e trabalhos em grupos.

No sétimo ponto, a geografia cultural esclarece o uso, a construção e a organização do espaço, os quais se ampliam para o virtual, usando de técnicas para produzir atividades conforme os respectivos interesses. Além disso, Claval (2011) entende que o uso desses espaços não ocorre de forma igualitária. A forma como cada sujeito usa o espaço o faz ter um papel importante, por conta de suas experiências, sendo isso o que trata o oitavo ponto. Imaginar o que tem no outro lado vai variar da capacidade de cada sujeito,

interpretando a realidade de acordo com os valores que se assemelham com os do grupo no qual esteja inserido.

Por fim, o nono ponto chama a atenção para o conceito de cultura, sendo ela não fixa, mas, como um processo de construção e transmissão de comportamentos socioculturais. Claval (2011) considera a cultura como instável, que evolui devido as múltiplas realidades. Em virtude disso, o autor alerta para o cuidado que se deve ter ao interpretar e almejar definir a cultura.

A geografia cultural, no contexto desta tese, vincula-se às práticas das festas juninas, essencialmente, quando essa ciência se utiliza de estudos nos quais as ações humanas se sobressaem no espaço geográfico e ao se interessar pelo estudo de todas as diferentes representações e uso da porção da superfície terrestre. Dessarte, destaca-se a festa junina, em especial as quadrilhas juninas, enquanto movimento cultural que se reconstrói diante das mudanças oriundas tanto da sociedade como dos espaços. A festa junina agrega valores culturais, a missão de construir novos saberes e novos conhecimentos aos sujeitos que dela participam. Isto é, quando os brincantes de quadrilhas entram na dança, e durante os ensaios, eles devem aprender sobre a temática, entender do que se trata e aprender sobre o tema, para que consigam representá-lo na linguagem da dança. Nesse tocante tem-se um processo de construção do conhecimento no espaço pré-determinado, sendo construído pela vivência e experiência que está sendo compartilhada.

Vale destacar que além do conhecimento, nenhum sujeito nasce sabendo dançar quadrilha, ele se aproxima por compartilhar sentimentos, desejos e a vontade de fazer parte do grupo sociocultural. A cultura não nasce com o indivíduo, ele se adapta conforme as influências que sofre com o meio. Novamente tem-se as experiências interferindo na construção de identidade e de ser parte do grupo, por isso a cultura é construída. E as quadrilhas juninas constroem e se modificam com o tempo. Dessa forma, o indivíduo continua a compartilhar do saber, o qual envolve a educação dos seus brincantes. Assim, o sujeito amplia os seus conhecimentos de mundo, uma vez que, os conhecimentos e as temáticas abordadas nas danças estão ligados ao contexto histórico-social. A partir disso, o sujeito terá mais oportunidades de se tornar participante das atividades do seu em torno, tornando-se capaz de dialogar a favor do desenvolvimento do espaço social.

Vinculado a isso, reside a importância de a geografia cultural voltar-se à produção de atividades que favoreçam o intelecto social. Essa inteligência diz respeito a capacidade dos sujeitos tomarem suas decisões, saberem o que está acontecendo no processo

histórico no qual vivem, deixarem de ser manobrados e enganados. Assim será possível construir uma identidade de sujeito crítico, que entende de fato o que se passa em seu “mundo”. Tal atividade, obviamente, não é fácil, dependerá da vontade do sujeito de sair do lugar de apenas receptor de mensagens e de comunicações prontas e acabadas, para direcionar-se a um lugar onde que consiga alargar os seus conhecimentos. Somente assim poderá ser construída uma sociedade mais igualitária. Cabe salientar que se considera como conhecimentos, nesta pesquisa, não necessariamente aqueles que são aprendidos nas intuições formais, mas também aqueles surgem em virtude das vivências e das práticas socioculturais dos sujeitos, sendo que educação-conhecimento se constrói com as relações socioculturais, as quais para serem valorizadas nem sempre necessitam ocorrer de modo formal.

Diante do que foi exposto, entende-se que a geografia cultural se “agarra” nas representações socioculturais do ser humano em seu espaço particular. O campo supra apresentando retrata a importância de que os sujeitos coloquem o espaço em discussão, buscando nos apontamentos da geografia um suporte para valorizar a cultura de cada local. A geografia cultural, enquanto um caminho para comunicar com os demais lugares, deve ser colocada nos debates, pelos quais os sujeitos tanto lutam por seu reconhecimento.

A cultura de cada lugar deve ser reconhecida e valorizada, pois, muitos lugares ainda se colocam como culturas superiores, impondo formas de agir e de se portar, menosprezando o que é diferente. Salienta-se, neste tocante, que independentemente do local ser mais reconhecido do que outro, por suas práticas, não significa que essa ação seja mais relevante para o social do que uma menos reconhecida. O grau de importância e valorização da sociedade com uma prática cultural está muito vinculado com o modismo pregado pelas redes tecnológicas, as quais impõem o que está em alta ou não. Quando a sociedade não está desenvolvida intelectualmente de saberes culturais tende a seguir o único modelo, fechando-se para novos debates/diálogos, o que resulta na desvalorização das demais práticas sociais, por exemplo.

É comum na sociedade contemporânea visualizar as discriminações socioculturais que são expostas por aqueles que desconhecem o processo histórico/cultural do lugar, o que se pode denominar como “discussões sem conhecimentos”. Nessas discussões o sujeito argumenta com base apenas na sua verdade de mundo, do que conhece, colocando o outro como sujeito sem lugar e sem verdades, e vice-versa. Aqui, também cabe à educação contribuir para a formação de cidadãos que sejam capazes reconhecer a verdade e a importância do outro.

Se analisar os diferentes espaços da superfície terrestre, tem-se inúmeras formas de socializar. De modo que, as verdades não existem, pois, dependem da interpretação de mundo. E a interpretação de mundo é diferente de lugar para lugar. O sujeito precisa, primeiramente, valorizar a sua cultura, para, depois, conhecer e ser reconhecido. Por isso se dá a importância da geografia cultural, em colocar os sujeitos em diálogos culturais que sirvam para construir uma base sólida no processo da educação cultural. Saber respeitar a cultura do outro é uma prática educacional, o qual merece ser discutida e analisada na formação do sujeito crítico.

Desde o processo de colonização do Brasil foi implantada uma severa maneira de “cultural” o indivíduo, fazendo dele um objeto de bulhufas, que precisava ser “enchido” de cultura para poder ser socializado. Isso acabou se enraizando em todo o processo de colonização do Brasil e é perpetuado até os dias de hoje. Atualmente ainda são visíveis as discriminações dos sujeitos por ter uma cultura diferente.

Somado a isso, a educação também deve abranger e interferir em busca de um novo modelo, para que os espaços sociais sejam lugares de comunicação, e que as práticas culturais sejam respeitadas, não apenas em seu lugar de origem, mas em qualquer espaço e territorialidade. Se confrontar com o outro faz parte do processo, pelo simples fato da terra ter distintos lugares. A relação entre os sujeitos vai depender do poder do conhecimento, em que o sujeito se detém em compartilhar de sua experiência de vida e de sua cultura, sem precisar se reconstruir para ser aceito no lugar.

O que falta nas sociedades é uma consciência cultural e educacional de que lugares diferentes existem e que neles o grau de importância dado a um determinado saber não será o mesmo, portanto, não havendo necessidade de “choques” de ideias e opiniões.

A cultura é dinâmica e, como tal, se comunica com o espaço no qual está inserida. A partir do momento em que o sujeito sai do seu lugar, terá novos conceitos agregados. Para isso, há a necessidade de que o sujeito tenha a capacidade de se comunicar e saiba levar a cultura de forma prestigiosa, pois, se ele não tem esse conhecimento, a cultura será apenas mais um comportamento “estranho”, sem significados, sem história e, por sua vez, sem valor social.

A reconhecimento da diversidade-cultura precisa ser ampliada a fim de que com a educação os diferentes espaços culturais possam se desenvolver e garantir a valorização de todas as formas de expressão, com o seu devido reconhecimento por ser parte do contexto histórico brasileiro. Dessa forma, a educação merece ser vista com relevância,

como uma forma de preservar e valorizar as culturas do Brasil, que devido a sua extensão territorial são ricas nesses saberes.

A valorização cultural também é um dos caminhos para uma sociedade mais intelectual, com capacidade de evitar e solucionar problemas. Contudo, é pertinente atentar que os sujeitos podem ser manobrados, como ocorre com o aumento do consumismo, por exemplo, que faz deles seres sem pensamento ativo e sem criticidade, consumindo apenas o que é ditado e pré-estabelecido.

Ao sair do paradoxo de não ver o mundo como lhe é imposto, o sujeito favorece a valorização e o desenvolvimento do lugar, por seu processo histórico-cultural. Para Lóssio e Pereira (2007, p. 12) “quanto mais valorização, vibração das manifestações, crenças e expressões populares, maiores serão os incentivos e mais oportunidades surgirão”. Oportunidades que, além de desenvolver os indivíduos, fortalecem o lugar, devido as suas ações no cotidiano e as suas histórias.

Segundo Heller (2000) a vida cotidiana é a vida do ser humano como um todo, a qual é individual, heterogênea, espontânea e hierárquica. Nessa visão, é possível compreender que a vida cotidiana corresponde a toda a organização do trabalho e do lazer do indivíduo. Isso não é um processo simplista, evidentemente, requer espaços desenvolvidos e sujeitos integrados.

Segundo Heller (2000) o ser humano, por ser um produto das relações sociais, não é mais um ser sozinho, precisa de integração, de possibilidades e liberdades. Essa noção se assemelha com as ideias de Freire (1967), quando coloca que o ser humano alcança o pleno desenvolvimento ao ter a sua liberdade, a sua integração. Logo, tornando-se um sujeito capaz de decidir por si, sendo que por meio de suas criticidades terá novas alternativas e novas formas de olhar o em torno sem alienação.

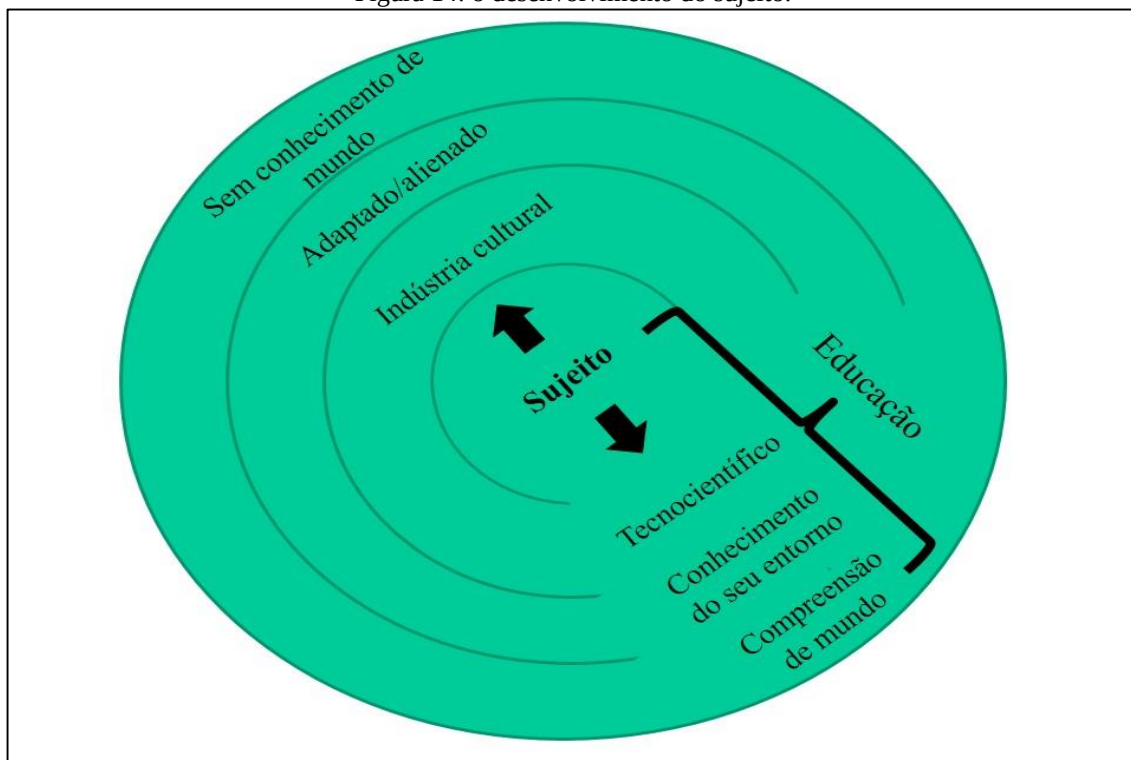
Sem alienação se tem uma sociedade que pratica a liberdade de escolha, de ideias, e de se manifestar de acordo com o seu conhecimento e entendimento. A educação se apresenta na formação de uma sociedade que seja capaz de se comunicar e aprender com os diálogos. A educação é feita com por meio da integração com o outro, deixando de ser um sujeito que apenas se adapta ao mundo. Adorno (1996) menciona o termo “semiformação”, ao considerar que o sujeito se adapta ao que está posto, sendo uma formação regressiva, conforme o autor. Esse termo adotado por Adorno determina que a sociedade como produto de dependência do capitalismo leva a uma falsa integração, ao se alienar por mecanismos que a indústria cultural impõe, e que na realidade, acaba por neutralizar as próprias opiniões dos sujeitos.

Para Maar (2003, p. 471), a semiformação “refere-se a uma forma ordenada da sociedade contemporânea determinada conforme um certo modo de produção social dos homens, e somente neste âmbito pode ser adequadamente apreendida”. Nesse sentido, a imposição ocorreria através do que é aprendido por meio da uma indústria de massa, e que exerce uma força sob o indivíduo, fazendo com que o sujeito se aliene ao que estão colocando a sua frente. Adorno (1996) utiliza o conceito de semiformação para identificar algo impede o sujeito de aprender e educar-se com o outro, por se conformar com o imediatismo, isolando-se das reais situações que estão acontecendo em seu contexto.

Concomitantemente, a educação contribui com a forma do sujeito ter uma visão de mundo, a fim de que seja capaz de enxergar que a sua realidade não precisa necessariamente ser aquela que colocaram em sua frente. A educação dá lucidez para que o sujeito perceba que existem muitas entrelinhas que não foram esclarecidas a ele, ou que não deixaram ele conhecer, ficando assim, um ser preso e adaptado. A educação também permite que o sujeito entenda que ele é capaz de se colocar à frente de lutas por direito à autonomia, compreendendo, assim, as mudanças que o seu espaço vem conquistando ou perdendo.

Disso, decorre a importância de os sujeitos serem capazes de ter a cultura como uma educação, que compartilhem de conhecimentos, que discutam suas diferenças e que tenham nessas discussões as bases para fortalecer o seu papel de cidadão, que visam seus direitos. Indo, assim, na contramão da imposição de uma falsa integração da indústria cultural, para que não lhes “roubem” o direito de decidir por seu bem social. Está na educação a potencialidade do sujeito deixar de ser manipulado e conhecer o todo em sua volta, de forma profunda e não superficialmente. A figura 14 a seguir mostra como ocorre o desenvolvimento do sujeito nesse contexto.

Figura 14: o desenvolvimento do sujeito.



Fonte: Silva (2021).

A figura supra apresentada representa que os sujeitos têm opções de escolhas dentro do mundo globalizado e dominado pelas tecnologias, de modo que vai depender das suas possibilidades ser alienado ou não. Vale ressaltar que quem faz as suas possibilidades é na maioria das vezes o próprio indivíduo, quando opta por educar-se, utilizando das ferramentas tecnocientíficas para buscar conhecimento sobre a sua realidade, e como resultado tem a compreensão de mundo. Ademais, a figura 14 permite interpretar que pelo caminho da educação não existem barreiras que impeçam o saber. Ao contrário, a educação abre um leque de conhecimentos que torna o indivíduo um ser capaz de compreender o todo. Enquanto a opção pela indústria cultural, com verdades prontas, faz o sujeito ser alienado e sem visão de mundo, não conhecendo o outro lado, sem poder questionar, ou mesmo sem capacidade de dialogar com o outro, por conta das barreiras impostas, logo, não se educa, permanecendo estável e sendo comandado.

Permanecer estável não valoriza a cultura de um determinado espaço, por isso, há a necessidade de ter a estratégia da Educomunicação como forma de criar, ou mesmo readaptar, esses espaços, para que os sujeitos possam ter um processo de ensino e aprendizagem por meio de suas artes e das suas expressões socioculturais. De modo que, ao assistir, prestigiar, ou participar de uma ação cultural, os sujeitos possam ter um novo olhar diante das situações que ocorrem na sociedade.

Para ter esse novo olhar, a ação cultural necessita, primeiramente, entender o processo histórico social do local e perceber que a sociedade precisa se sentir parte da ação. Deve-se, portanto, buscar atrair aqueles que vão “consumir” o produto artístico, seja qual for a representação. Para, em seguida, pensar em como dialogar e construir um processo de comunicação no qual gere informação, sendo indispensável conhecer o social para saber como construir e despertar novos olhares.

São esses novos olhares que incluirão os sujeitos nas atividades sociais, como indivíduos ativos e preocupados com que o ocorre no seu em torno. Exemplificando essa ideia, não é exequível chamar a atenção das sociedades ribeirinhas da Amazônia sobre a sua educação abordando, por exemplo, a educação urbana do centro da cidade, deixando de lado a realidade local. Outro exemplo, seria querer inserir um pensamento crítico por meio da arte e usar como modelo a linguagem da dança cigana em Boa Vista/RR para chamar atenção dos problemas locais, sendo que a cultura cigana é extremamente distante do cotidiano das pessoas que moram em Boa Vista/RR.

O movimento ou ação cultural, enquanto estratégia para a formação e a para construção das criticidades dos sujeitos, precisam ir ao encontro da realidade em que vivenciam e presenciam. Somente assim, relacionando o social com o cultural, e por sua vez, valorizando a dinâmica local, despertando efetivamente um olhar mais crítico sob o seu contexto social, terão visibilidade.

A arte e as expressões socioculturais são capazes de fomentar o pensamento crítico dos envolvidos. Muito se discute sobre o pensamento crítico que os sujeitos precisam ter para construir saberes, enquanto ser humano que vivencia o mundo e não apenas vive nele. Acerca disso, nesta pesquisa, traça-se três “provocações”: o que seria a construção do saber? Qual a percepção de ser humano? E como a educação pode interferir nas problemáticas humanas?

A construção do saber não é algo que se possa definir, por dois motivos. Primeiramente, por se tratar da palavra “construção”, se entende como algo que se formará a partir do que o sujeito se propõe realizar, no que se refere a sua participação no mundo e a capacidade de questioná-lo. O saber, por sua vez, será construído de acordo com os interesses do indivíduo em conhecer além do que lhe é exigido, em todo o seu processo de existência, observando os acontecimentos sociais e construindo a sua própria concepção. Essa premissa aproxima-se com as ideias de Durkheim (2007), o qual menciona os fatos sociais como “coisas”, sendo aquilo que é dado e imposto à observação.

Em suma, a construção do saber ocorre de forma individual, cada sujeito terá limitações e capacidades de pensar e agir conforme as suas experiências e observações de viver em grupo. A construção do saber encaixará o indivíduo no mundo, podendo aqui, responder o segundo questionamento.

O ser humano, segundo Aristóteles, necessita de coisas dos outros, por isso o coloca como um ser político e racional, que será favorecido de um pensamento e de uma linguagem. Dessa maneira, a concepção de ser humano está enraizada em se utilizar dos seus pensamentos e linguagem para se integrar com o mundo e buscar por meio de habilidades reconhecer o seu mundo e saber viver nele.

A concepção de ser humano está cada vez mais arraigada na formação do sujeito e no desenvolvimento de suas atividades. O ser humano tem em suas funções a linguagem, a cultura, o pensamento, e é por ele que o mundo se transforma. Então, deve-se ter a preocupação sobre como esses indivíduos estão sendo formados, haja vista que é por intermédio das ações que produz e reproduz o mundo. Em virtude disso, tem-se a necessidade de formar indivíduos ativos no meio social, buscando uma educação que os liberte do imediatismo. A educação precisa ser como um “produto”, que possa ser consumido por todos, no que refere em pensar no conjunto social em todas as conjunturas. Ou seja, as atividades humanas devem estar voltadas para propostas que visem o desenvolvimento local por meio da educação e da formação dos sujeitos sociais.

A educação social é o meio para que os sujeitos possam se utilizar e resolver os problemas que os cercam. Considerando que a função social do saber, termo utilizado por Lavelle e Dionnne (2008), se fundamenta na necessidade de solucionar as inquietações sociais, e acompanhar as mudanças econômicas e sociopolíticas, a educação social propicia que as questões sociais não sejam desfavorecidas. Bem como, a educação social permite que os direitos e as culturas sejam colocados como papéis importantes dentro dos seus contextos.

4.3.2 A Festa e a dança como arte da comunicação

A sociedade carrega em sua estrutura uma necessidade de festejar, de comemorar e se reunir em grupo. Nesse ponto, a festa é uma das principais atividades humanas que permeiam toda a sociedade e que permanece diante das transformações sociais. A festa, em seu significado simples e prático, é manifestada em diversas situações da vida do indivíduo. Festejar é uma práxis do cotidiano em que se celebra o nascimento, as

conquistas individuais, de grupos, datas comemorativas socioculturais, religiosas, entre outras ações. A festa é algo particular e comum na vida social, ficando visível na crise da pandemia da COVID -19 a ânsia dos sujeitos pelo ato de festejar e de se reunir.

O poder que as festas assumem na sociedade pode ser compreendido de diferentes formas, pois as festas geram funcionalidades, finalidades e necessidades. Ao apontar a funcionalidade, entende-se que esses eventos têm função social, política, econômica e cultural, em que objetiva memorar algo, sendo esta a finalidade. A festa é comemorada com um propósito, pelo qual foi pensada e planejada. O ato de festejar se configura como o resultado dessa organização e a finalidade é celebrar, comunicar, integrar com outro, por um curto período em que a festa é realizada. Enquanto a necessidade corresponde a exigência daqueles que a organizam e dos que participam. O mundo vive em um momento em que a “visualização” se encadeia com o status, com o poder, com o domínio e prestígio de ser visto, buscando uma responsabilidade de influenciar uma ação conjunta.

Lantenari (1989) menciona que jamais existiu e não existe uma humanidade sem festa. Humanidade e festa são elementos que se reformulam e se completam, de tal modo que essa relação ganha uma representatividade cultural. A cultura é um dos caminhos para a realização das festas, sendo que por meio delas os sujeitos sociais podem identificar os seus valores, enquanto grupo ou mesmo individualmente.

No que refere aos valores que as festas podem despertar nos indivíduos, é comum a sociedade julgar o outro pela festa que frequenta, por meio da forma como o festejo se comunica com o social. Porém, essa comunicação acarretará inúmeras interpretações, não apenas pelo ato da festa, mas também pela forma como os sujeitos se comportam diante dela.

Os seres humanos, enquanto sujeitos sociais, interpretam uma festa de acordo com as ações e comportamentos que os indivíduos têm com ela. Destaca-se que as funcionalidades das festas são responsáveis (em parte) por apontarem as ações e comportamentos sociais, pois, as festas refletem muito sobre quem participa delas, em diversas vertentes. Na sequência, descreve-se algumas categorias de festa que se apresentam com viés político, sociocultural e econômico.

Na visão política, a festa se caracteriza como um movimento de pessoas que dão representatividades, valores, e até mesmo um nome, como uma referência das suas identidades, que esteja marcada em seu processo histórico-social. Essa noção permite interligar a festa com o espaço geográfico. Para exemplificar esse argumento, basta recordar das festas na região amazônica, onde as pessoas que já conhecem a dinâmica das

festas locais identificam a respectiva festa em consonância com o lugar. Ao tratar, por exemplo, do Festival de Boi-bumbá, automaticamente se vincula a festa ao território de Parintins-AM. Assim como o Boa Vista Junina se interliga à capital de Boa Vista/RR.

As festas no viés da política criam uma materialidade de “pessoa” e não por realização de partido político. O paradoxo do termo político com os políticos criou-se pelo ato de fazer festa, *shows*, para que o candidato à política pudesse se comunicar com a população, seja por motivos de agregar um maior número de eleitores para ouvir as suas propostas ou para influenciar no voto, pelo fervor que a festa carrega. A festa proporciona uma experiência única, que faz o sujeito se envolver, se entusiasmar, levando-o a ter determinados comportamentos e decisões. Os comícios realizados em formatos de festa geraram uma relação estreita de festa puramente política, ligada às campanhas eleitorais. Chaves (2003, p. 66) indaga e esclarece:

O que a festa como dimensão política pode enunciar? Ela constitui uma existência coletiva particular: não é a multidão numericamente expressiva configurada pela assistência de um comício – ainda que este freqüentemente tome-lhe de empréstimo a feição; não constitui um ato político com fim determinado externamente, como uma passeata. A festa, lugar do lúdico, domínio social auto-referenciado, dimensiona um espaço político presentificado e celebrado como união primordial e necessária entre pessoas.

Para o autor algumas características das festas enfatizam a presença política nesses eventos, como a sua performance e expressão no acontecimento como um todo. De acordo com o autor o “acontecimento social com conotações políticas, porquanto ato político, a festa é eficaz na medida em que veicula mensagens dotadas de sentido. Acontecimento, ela dá lugar à conjunção de representações e práticas” (CHAVES, 2003, p. 66). Nesse caso as festas políticas são dotadas de mensagens, com significados e identidades locais que se adaptam conforme as mudanças histórico-sociais dos indivíduos. As festas são produtos dos sujeitos, e grupos sociais fazem uso delas em diferentes formas, com diferentes contextualizações. Itanni (2003) destaca que as festas estão sempre se modificando, criando símbolos e ritualizações, por isso as festas resistem às interdições e imposições das mudanças, em diferentes momentos históricos, o que se torna um fator político.

Quando se tem a interpretação do fator político nas festas, cabe a análise sobre quem são esses sujeitos que produzem as festas, porque a “eficácia política das festas, contudo, apenas torna-se compreensível na medida em que a forma ritual espelha e traduz valores. A festa restaura o valor da pessoa, simbolicamente; este o seu sentido político,

sob sua forma ritual” (CHAVES 2003, p. 67). A festa como um reflexo de valores e rituais faz adentrar na discussão das festas socioculturais, pois, quem produz as festas com interferência do ato político, medeia também as suas influências sociais e culturais ao realizarem esses eventos. As festas políticas, de certa forma, completam-se com os fatores socioculturais. Portanto, elas não podem ser interpretadas como festas partidárias, mas como um efeito das ações histórico-sociais do lugar, ou mesmo por ter uma causa social para representar dentro de seu espaço.

Diante disso, as festas socioculturais estão ligadas à dinâmica dos grupos, enfatizando e destacando as suas raízes e identidades. Por outro lado, tem-se as festas sociais e culturais como algo inovador dentro da sociedade, sendo que muitas vezes se tornam uma atividade que gera modismo. A “moda” fica evidente nas festas sociais, nas reuniões em grupo, nas comemorações festivas, em todo o amplo campo de realização das festas. Esse cenário desencadeia uma disputa de poder pela festa mais elaborada e destacada. Muitas festas acabam resgatando um sentido e um símbolo histórico ao se realizarem, colocando algo característico do lugar, para destacar a importância da cultura local ou da sua própria identidade cultural.

As festas são comunicações e produções que descrevem o indivíduo que as realiza, por isso, ao interpretar uma festa pelo viés do ato político, se está contemplando também as características socioculturais. As festas sociais apresentam funções, finalidade e necessidades diferentes, de acordo com o grupo que as realiza. Nesse sentido, a função da festa é mostrar ou comemorar algo, para quem e com quem. A finalidade de quem a promove está em ser visto por esse grupo, o qual nem sempre é seletivo, mas corresponde a uma exigência de ser apreciado. A sua necessidade está em marcar uma superioridade no ato de fazer a festa. De modo que a festa não é mais vista apenas como um intervalo da rotina, ou seja, fugir do dia a dia, mas passa a ser utilizada como algo que demarca poder e territorializa grupos sociais.

As festas são vistas por alguns autores como DaMatta (1997) e Durkheim (1989), como a quebra da rotina diária e do trabalho, como um momento em que as obrigações deixam de ser prioridade e o divertimento em grupo tende a florescer. As festas passam a ser vistas como algo necessário para revigorar o sujeito, levando-o a um estado de tranquilidade, prazer e relaxamento. É comum presenciar na sociedade sujeitos que atribuem às festas uma dependência de recarregar suas forças. Pela dinâmica social, cada sujeito, ou cada grupo, busca a festa que esteja no seu nível de pertencimento, seja pela

classe social ou pelo gosto cultural. Sendo assim, as festas culturais também fazem parte de desejos e anseios para sair da rotina.

Quanto às festas culturais, sobre essa categoria, tem-se uma enorme variedade de representações, como a festa folclórica, tradicional, religiosa, regional, histórica, entre outras. O campo é amplo justamente por abranger diferentes representações culturais e ações promovidas pelos indivíduos em um formato festivo. A festa é um acontecimento, é um momento. De acordo com Santos (2015) também pode ser algo passageiro, que acontece anualmente. Sobre as festas culturais, existem grupos que esperam apenas as datas comemorativas para festejarem, como uma renovação de um ciclo, típico nas comemorações do Natal e ano novo, por exemplo, sendo um momento de encontro com a família, de renovar os votos e planos. Outro exemplo, são os grupos de pessoas que esperam as festas juninas, para se vestirem a caráter, comerem as comidas típicas, assistirem às quadrilhas juninas, etc.

Há também as festas que envolvem o sagrado (o que não deixa de ser cultural), como as romarias aos santos (Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, do Padre Cícero) das igrejas católicas, assim como eventos das igrejas evangélicas (Marcha para Jesus e Festival das Promessas), entre muitas outras religiões. No geral, a sociedade tem comemorações de festas cristãs em que todas as religiões comemoram algo ou alguém. Porém, o que diferencia o modo como ocorre a comemoração são as questões da fé e da crença. No Natal, como exemplo de festa cristã, muitos comemoram o nascimento de Jesus com uma ceia em família. Outros, com o mesmo sentido, comemoram dentro da igreja. E têm aqueles que comemoram em clubes, entre amigos, sendo algo mais festivo, no sentindo do consumismo do Natal, elevado pela globalização.

O que essa discussão deseja aguçar é que uma mesma festa sociocultural desperta desejos e necessidades diferentes entre os grupos sociais, onde cada grupo atribui uma importância à celebração e direciona a forma de comemoração conforme as suas respectivas necessidades. As novas atribuições festivas geram as festas com efeito econômico.

Nesse tocante, as festas com objetivo econômico destacam-se como sendo uma comemoração que visa lucrar pela comercialização da festa em todos os seus sentidos (com vendas de mercadorias, no ato de pagar pela entrada, etc.), buscando gerar renda para um fim específico, como forma de empregabilidade, ou mesmo para desenvolver uma região. Sobre as festas econômicas Ferreira (2006, p. 112) destaca que

Entretanto, o fenômeno festa tem também dois aspectos a serem examinados: como fator econômico, visto que tem dado excelentes resultados como "mercadoria" para a expansão do turismo, e como instrumento privilegiado para o entendimento dos fenômenos de comunicação das classes subalterna.

Ao usar as festas culturais como uma feitoria para o desenvolvimento de uma localidade mostra-se o fator econômico se sobressaindo. Um exemplo das influências econômicas nas festas pode ser vislumbrado no turismo regional. Por conta da realização das festas, cria-se uma territorialidade com o espaço em que elas acontecem, resultando em um maior fluxo de pessoas no território, o que leva ao desenvolvimento regional, por meio do turismo. Muitas vezes, ao conhecer o local por meio da festa, o sujeito pode se sentir pertencente e criar uma identidade com o lugar. As festas são capazes de se comunicar com uma definição de quem "sou eu", enquanto sujeito social. A festa é algo particular que adentra a identidade de um grupo social e individual.

O sujeito realiza ou participa de uma festa de acordo com o que ele acredita e pratica, ou mesmo por lhe oferecer prazer de estar e vivenciar aquele momento. Dessa forma, "fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e à sua identidade; é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, reafirmando-as na força da representação, no ato comunicativo e comunitário" (FERREIRA, 2006, p. 113). Portanto, a festa é um espelho social, em que as pessoas se enxergam e se encontram refletidas nelas.

Concomitantemente, encontra-se nas festas uma concordância com essa prática, mesmo que seja passageira. O ato de vivenciar as festas é instável, ou seja, o indivíduo pode passar anos frequentando uma mesma festa, porém, ele pode se conectar a uma outra identidade, mudando seus pensamentos, ideias e valores, ampliando a sua constituição identitária de festa. Respectiva mudança está ligada às relações sociais pelas quais o indivíduo passa, de modo que as festas se comunicam com a individualidade dele e, por conseguinte, com o grupo no qual está inserido no momento.

A comunicação das festas com os sujeitos surge no momento em que se obtém uma relação com a realidade que vive o sujeito. Desse modo, não há respaldo para o sujeito dizer ser parte de uma determinada festa sem conhecer, frequentar ou gostar das representações da festa.

No entanto, é válido ter em mente que o gostar se inicia com a comunicação com a festa, no primeiro contato com ela, caso esteja dentro de sua realidade e contexto social. Isso permite entender que as festas podem mudar de um ano para o outro, novos

elementos serão acrescentados. Todos os formatos de festas passam por adaptações e atualizações e, desse modo, são inseridos novos elementos comunicacionais, os quais podem atrair ou distanciar os sujeitos dos seus atos, que ocorrem por meio de músicas, danças, comidas, crenças e valores. Para Ferreira (2006, p. 116-117) “qualquer festa que se examine, seja religiosa ou profana, fazem parte de um complexo comunicacional composto por textos, músicas, danças, imagens, oralidade, crenças, costumes, reafirmando aquela noção de que comunicação é cultura”.

Comunicar-se é uma prática cultural, e se a festa é cultura tem-se nela a comunicação por meio dos festejos. Assim, independente da festa ser política, econômica e sociocultural, ela tem a finalidade de comemorar algo ou alguém, mesmo que se tenham valores e crenças diferentes.

Um outro fator que marca a diferença na realização da festa é a classe social, que é enfatizada pelo mundo onde o capitalismo e o poder dominam a sociedade e, com isso, os sujeitos sociais sentem uma maior necessidade de “aparecer” para serem valorizados. Desse modo, as festas e, principalmente, as festas urbanas ganham mais visibilidade, destaque e influências de poder, adentrando no espaço social como divisora de classes sociais, demarcando quem são esses sujeitos, pelo ato de realizar festa.

A festa dentro de um espaço urbano oferece algumas interpretações, uma delas está em apresentar festas com elementos sofisticados, com a necessidade de serem “visualizados” por todos, no qual o poder aquisitivo se destaca. Outros modelos, não menos importantes, seriam as festas promovidas pela própria dinâmica do urbano, das festas de ruas, clubes, bares, boates, das comunidades, das escolas e instituições, sejam privadas ou públicas. As cidades são dinâmicas e envolvem, em suas estruturas, diferentes sujeitos, por conseguinte tendo inúmeros modelos de festas. Constata-se então que quem cria os espaços urbanos são os sujeitos, e os sujeitos são movidos pela necessidade de festejar, logo, resultando em espaços festivos de acordo com cada grupo, movimentando a cultura e os espaços urbanos.

Para Barroso (2017, p. 6)

Tendo em vista que a cultura urbana circula e negocia com os espaços da cidade e além disso elabora processos criativos, podemos encontrar nas suas práticas e nos seus praticantes registros narrativos sobre o que é a vida urbana, quais são seus desafios, seus anseios e seus desejos.

A vida urbana é carregada de rotinas e obrigações, o que exige criatividade nos espaços urbanos, para que a dinâmica do cotidiano tenha uma pausa. As festas são um modo de eximir os sujeitos do costume diário. É o que Barroso (2017, p. 1) aponta quando salienta “que a festa carrega consigo duplo-sentido em que se comungam o individual/coletivo; o ritual/banalidade; cotidiano/prazer”. A festa pode oferecer prazeres diferentes, os quais dependem do que o sujeito busca encontrar na festa. A sociedade em todo o seu tempo é considerada festiva, pois é o prazer de festejar que a move, a festa é integração com o outro, é socialização de culturas, repleta de significados e de significâncias para todos os envolvidos.

A festa junina, foco deste estudo, é uma herança cultural trazida pelos europeus para o Brasil, quando foram construídos novos valores. Ao sair de uma festa contextualizada nos bailes sofisticados da Europa, no Brasil a festa junina se transformou em uma festa humilde, realizada nas áreas rurais das regiões brasileiras, de acordo com Amaral (1998). Porém, seu significado não muda por completo, permanece a essência de festa generosa em comida, com a dança como demonstração de alegria e euforia.

Entretanto, é válido salientar que em determinados momentos as festas juninas se perdem nesse processo de mudança em algumas regiões brasileiras, devido às influências de outras colonizações. Em contrapartida, em outras regiões as festas florescem com mais intensidade, gerando grandes representações nas suas dinâmicas, passando a ser símbolo cultural das regiões que as promovem. Essa veemência pode ser percebida no nordeste brasileiro, e respinga no Norte do Brasil, mais precisamente em Boa Vista/RR, onde decorre a presente pesquisa. Esse enraizamento cultural ocorre justamente pela influência do povoamento da população nordestina no estado de Roraima.

Todavia, as festas juninas em Boa Vista/RR abrangem todos os formatos de festa: política, econômica e sociocultural. No que diz respeito à estrutura do BVJ, sua dimensão de influência consegue ser ainda maior. Sobre as atuações sociais ela alcança o campo educacional, contribuindo para uma comunicação social entre os sujeitos, provendo um saber cultural por quem participa dela.

A festa e a dança junina são elementos que se comunicam com o outro e constroem uma aprendizagem significativa, principalmente, por quem dança (no caso as quadrilhas juninas). A festa junina é uma cultura que permeada pela cultura-comunicação-educação.

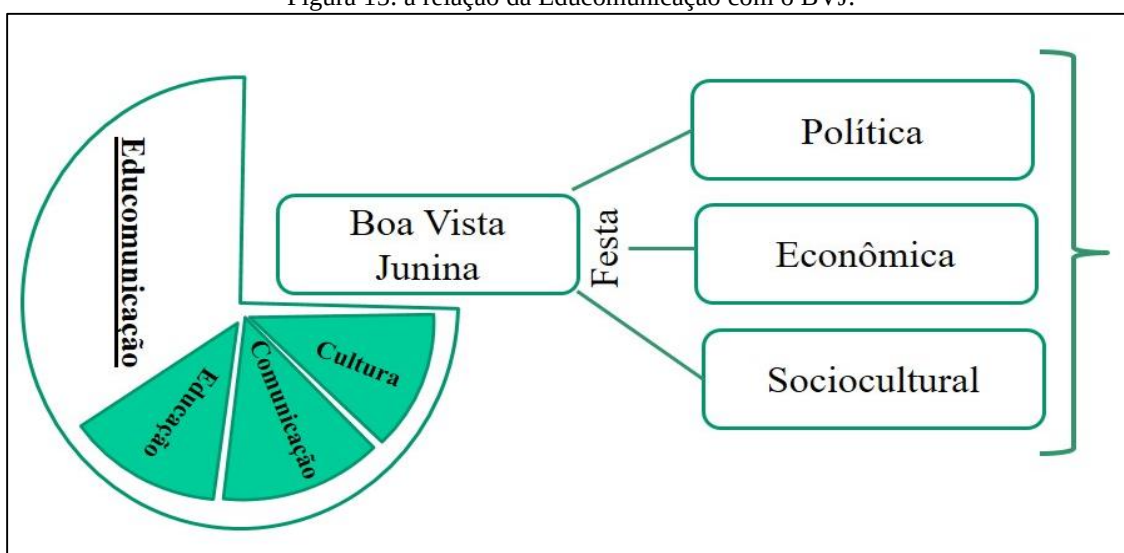
Encontra-se nessa festa o processo da Educomunicação, por construir um diálogo entre os sujeitos diante de suas produções. A produção do homem em suas diferentes práticas, sejam elas banais ou não, corresponde a um modo de se comunicar. Barroso

(2017, p. 4) argumenta que a “música, o corpo, a comida e a dança são suportes comunicacionais que contam uma história sobre a vida na cidade”, complementando essa ideia, acrescenta-se que são comunicações que ocorrem não somente na vida na cidade, mas em diferentes ambientes.

Nesse sentido, a Educomunicação tem importância como mediadora na construção do saber, sendo uma prática que a partir da compreensão dos movimentos culturais consegue dialogar, envolvendo conhecimentos e experiências compartilhadas, que resultam na formação do sujeito.

Diante disso, a Educomunicação e o BVJ se interligam em uma vasta aplicabilidade, a figura a seguir mostra essa relação.

Figura 15: a relação da Educomunicação com o BVJ.



Fonte: Silva (2021).

A Educomunicação é um campo que é preenchido pelo conjunto da cultura, comunicação e educação, conjunto esse que também está presentes no BVJ. Diante disso, o olhar sob as festas juninas deve contemplar a compreensão de suas significâncias, pois, segundo Chaves (2003, p. 146), “sendo as festas um fenômeno da cultura com enraizamentos no sistema de relações sociais e políticas, a mudança reconhecida em umas indica transformações no outro”. À vista disso, as festas indicam que a sociedade está em processo de transformação. Basta olhar para a festa junina para perceber o quanto ela mudou.

Do enfeite de palhas, sem tablado; de bandeiras de revistas, para as ornamentações de grandes alegorias, coloridas, palcos e tabladados; o vestido de chita, ganhou brilho e sofisticação; o matuto passa a ser mais apurado, a sua leveza e sorriso é o que contam.

Chaves (2003) completa que “a mudança das festas assinala mudanças na forma de atribuição do poder, mas não em sua fonte”. Isto é, o poder está presente em todas as atividades humanas, pois ele é o responsável por exigir toda essa transformação, ele é o centro de disputa por todos os sujeitos sociais.

O poder tem comandado toda uma sociedade e as festas são uma forma de mostrar esse poder. No que se referem às linguagens das festas, elas têm a capacidade de ditar uma sociedade, seus relacionamentos, suas relações, afinidades, colocando os sujeitos frente às suas semelhanças. Essa é uma primeira linguagem comunicacional, identificar-se por compartilhar as afinidades de uma identidade pelos contextos ou gostos. Uma outra linguagem das festas é o que ela pode ocasionar diante da sua dinâmica. Pereira (2015, p. 3), afirma que

A festa é um constante ir e vir, ela muda, se transmuta, desintegra e reintegra o cidadão no cotidiano, ao mesmo tempo em que, não se caracteriza como parte do cotidiano, ao mesmo tempo em que organiza e é esse cotidiano, a festa é ambígua, tal qual os motivos do festeja.

As festas estão no nosso cotidiano, o que permite comunicar com o agora, com o que é real. A linguagem das festas estão no ambiente sociocultural dos sujeitos, retratando muito das pessoas que nela frequentam, nas músicas, pelas comidas e bebidas ofertadas, etc. Esses elementos refletem muito sobre quem são e como são os sujeitos.

Os sujeitos ao receberem uma linguagem comunicacional terão argumentos, ou não, para estarem próximos dessa dinâmica e interagir com ela. Assim, do mesmo modo a festa do BVJ têm um público que se comunica com ela em todos os seus arranjos ou em partes, a festa oferece elementos de linguagem e se comunica com os sujeitos, despertando o desejo de ir e vir. E uma outra linguagem das festas juninas são as danças, no caso, as quadrilhas juninas, como uma linguagem comunicacional dinâmica, que comunica com os espectadores.

4.3.3 A dança como linguagem comunicacional

A festa junina é uma festa cultural rica em representações, o que favorece a inserção de diferentes formas de linguagem. Uma dessas representações é a dança nas quadrilhas juninas, que em sua estrutura se comunica com os espectadores e com os jurados. A dança deve ser clara e contextualizada com um tema, um enredo com início e fim. Em toda a sua exibição ela se comunica por meios das expressões faciais, dos passos,

dos movimentos corporais, da roupagem, da música/letra, dos adereços usados, da performance teatral.

Uma quadrilha ao entrar no tablado, mesmo sem realizar nenhum movimento, já permite que os espectadores tenham uma ideia sobre o tema que será abordado, pelas características que as vestimentas oferecem, por meio do primeiro contato e por uma linguagem visual. Ao ouvirem a letra da música inicia o processo de interpretação e entendimento por parte do tema levado ao tablado. Com isso, os demais elementos servirão para incrementar a discussão sobre a temática, ampliando melhor essa comunicação. A dança, como uma prática artística, tem a capacidade de dialogar com os espectadores descrevendo, a partir dos movimentos, o tema que se pretende abordar. Os movimentos passam a conferir um significado, um propósito ao meio externo como uma mensagem, que vai além da intenção dos gestos, segundo Laban (1978).

A dança, com movimentos corporais, expressa uma linguagem como um meio de comunicação. Exemplo disto são as danças infantis que usam dos movimentos para identificar os olhos, boca, nariz, orelha. Assim, tanto a dança como a música fazem a criança saber identificar onde fica cada parte do corpo, da qual a letra da música se refere. Posteriormente, a criança memoriza e aprende, ou seja, vai se descobrindo aprendendo, por meio de uma comunicação englobada com o processo de aprendizagem.

No que tange a dança como linguagem, Moraes et al. (2010) destaca a importância de analisar a simbologia do movimento, enquanto uma linguagem. Os movimentos na dança podem ser símbolos aleatórios e coreografados, que por sua vez, transmitem uma comunicação diferente. O que isso quer dizer? Imagine dois casais da dança quadrilha no seguinte cenário: o primeiro casal dança aleatoriamente, sem representação ou coreografia, o espectador vai entender que eles estão dançando quadrilha, porém, podem não compreender a temática que eles querem abordar. O segundo casal tem uma dança coreografada, com expressões faciais, que marcam movimentos expressivos de lutas de classes, logo, os espectadores terão noção do significado dos movimentos que a dança deles traz.

Sobre a coreografia da dança quadrilha, vale ressaltar a importância de manter alguns passos tradicionais como uma forma de valorizar suas raízes, podendo inovar, mas, sem perder a originalidade. Uma das preocupações é manter a essência da dança, de acordo com as origens, permanecendo o sentido histórico-social. O valor da coreografia está em facilitar a linguagem da dança. Para estreitar essa compreensão tem-se os estudos de Dantas, o qual muito contribui para essa discussão. Dantas (1997, p. 59), acredita

Ser possível trabalhar nessa perspectiva com dança, estabelecendo um processo de "leitura" coreográfica: a apreciação de uma dança é também um processo de criação que se realiza em cada espectador, abrindo possibilidades para a constante instauração de sentidos. Desse modo, na tentativa de entender como se dá o processo de construção do sentido em dança, podemos recorrer a uma relação em que o sentido é completado pelo espectador, não está pronto, nem acabado.

Para a autora, a dança no seu formato coreografado tem seu sentido completo ao ser lido pelo espectador, sem esse elemento não tem como estar finalizada. Entende-se que as danças são representações de signos que contextualizam uma linguagem. Dantas (1997, p. 1) complementa que

A dança como um sistema cujos signos serão movimentos e gestos, supõe-se que o sentido/significado a ser apreendido a partir de uma coreografia se fará no contexto da linguagem. Sendo assim, não existirá significação em dança se não houver denominação, se os movimentos, os gestos, a coreografia não for abrigada e/ou percebida no contexto da linguagem. Só haverá significação se o sentido dos gestos e movimentos for proferido.

A dança precisa carregar gestos e movimentos acompanhados de representatividade. Para que haja comunicação os dançarinos precisam saber interpretar a dança, a fim de que o espectador possa fazer a leitura e compreender a mensagem. Desse modo, para ser uma linguagem comunicacional é indispensável que a dança apresente um conjunto de ações dentro da coreografia. Dantas (1997) analisa a dança como o gesto, sendo como o significado, e o movimento como o significante, em que os movimentos transportam os gestos. Para a autora, a coreografia pode ser vista como um texto cortado em partes. Os espectadores fazem uma leitura do que é apresentado, “o significado de um gesto é dado por um contexto coreográfico, pela dança como um todo, e o todo da dança está estreitamente relacionado à cultura, à sociedade na qual está inserida” (DANTAS, 1997, p. 56).

Na relação da dança com a cultura, a dança terá leituras distintas, pela diversidade do comportamento social, marcado pela imposição da cultura de cada espaço. Isso resulta nos vários sentidos que a dança pode carregar. Porém, a dança só terá sentido diferente ao ser assistida por diferentes grupos de espectadores. Dantas (1997) enfatiza ainda que a dança, em suas apresentações, terá uma interpretação diferente. Dessa forma, a dança se comunica no ato de dançar e, a cada nova repetição, terá novos arranjos diferentes em

suas expressões. A dança se recria dentro de coreografias, passos e movimentos realizados pelos dançarinos.

O mesmo acontece na linguagem oral. Ao explicar um mesmo assunto, na segunda vez novos elementos são inseridos na fala, ou retirados, assim como acontece na codificação no ato de dançar. Para Barthes (1988) as diferentes leituras da dança geram variabilidades de codificações múltiplas.

Portanto, a dança cria ações a serem executadas em seus passos, sendo que deve ser de fácil compreensão. Contudo, assim como a linguagem falada, a dança não afirma ser interpretada pelo sentindo que querem transmitir, podendo ser descontextualizada nas suas leituras. Dantas (1997, p. 60) pondera que “nada garante que os espectadores apreendam o sentido de acordo com a ideia do coreógrafo”.

A dança em sua dimensão será sempre uma prática social que construirá uma lógica, para que seja compreendida em sua totalidade. Bem como, a fim de que os seus movimentos tenham uma linguagem satisfatória para o público. Para que os movimentos da dança falem por meio de gestos, que a mensagem seja lida, e que possam expressar verdade, é necessário que a dança seja atrativa ao passar suas mensagens, para não perder o encanto.

O encanto pode acabar rapidamente quando o espectador perceber que o grupo não soube interpretar ou se comunicar com o público. Por isso, a dança precisa ser completa e isso envolve a presença do espectador, para que a comunicação seja realizada. Para Dantas (1997, p. 26), a dança, como uma comunicação, poder ser compreendida como

Uma mensagem que utiliza o corpo como instrumento. Ao dançar, preconceitos são destruídos, pois dançar não requer condições preestabelecidas. Dance todo aquele que deseja expressar seus sentimentos e necessidades através dos movimentos [...]. A dança é uma forma de linguagem a qual utiliza o corpo como instrumento para significar ações. A dança possibilita inúmeras leituras de movimento e gera diversas interpretações do leitor, interpretações estas feitas de acordo com as suas vivências e experiências motoras do mesmo.

As leituras que o espectador faz da dança são baseadas nas suas experiências, sendo capaz de interpretar sob influências do seu posicionamento cultural. Essa dinâmica da linguagem da dança não é diferente das demais linguagens em que o constante contato faz gerar novos entendimentos. Ao ouvir várias vezes uma mesma explicação, uma música, uma história, ou mesmos textos, o sujeito sempre terá uma nova informação

identificada, ou seja, uma melhor compreensão da leitura em cada contato que tiver com essa linguagem.

A linguagem no processo educativo está inserida em todos os momentos do indivíduo, por isso, educar-se não se resume apenas à escola. É até um paradoxo pensar assim. Teixeira (1957) aponta que o processo educacional é uma continuação da vida, é o desenvolvimento do indivíduo. Saviani (1990) também dialoga nessa mesma perspectiva e menciona que a educação é uma prática, com condições internas e externas. À vista disso, as ações dos indivíduos, com certos objetivos a serem alcançados podem ser compreendidas como um processo educacional. E, a dança, por sua vez, também gera valor na formação dos sujeitos.

A finalidade da dança é levar os espectadores ao entendimento da ação e sua apreciação, uma comunicação por linguagem corporal. Nanni (2000, p. 73), atribui que a

Linguagem corporal através da dança registra o real, o simbólico, o imaginário, interligando os objetivos que articulam o corpo simbólico ao corpo imaginário permeando pelo corpo real. A linguagem corporal, como toda forma de expressão, é a força dirigida para fora. A Dança, seria a metáfora corporal, ou seja, presença de movimento que é a linguagem corpórea de cada pessoa vazada através da janela da unidade do ser no plano físico, mental, emocional.

A compreensão reside em entender que a dança, os movimentos corporais, com as expressões, a coreografia e as roupas, formam um conjunto que facilita a comunicação com os espectadores e, com isso, percebe-se que apenas um elemento desse não se comunica sozinho, para uma absorção da mensagem. Lindner e Rossini (2013, p. 22) destacam que “os movimentos por si só não produzem uma sequência corporal codificada em dança, eles necessitam estar interligados para que haja comunicação”.

Essa discussão permeia pelas influências da Educomunicação, que associa a comunicação e a educação em todas as ações humanas, na qual leva a um novo conhecimento, ou à formação social. Gidrão e Martins (2016, 727) destacam que “a Educomunicação, portanto, pode ser entendida como o campo onde estabelecem relações entre o processo de educação e os meios de comunicação disponíveis”. Dessa forma, as festas e as danças juninas se caracterizam como um dos meios educacionais, por gerarem novos conceitos e conhecimentos aos sujeitos envolvidos, por meio da comunicação das festas e das linguagens da dança quadrilha.

A dança quadrilha cria um ambiente, em que os preconceitos sociais acabam ficando estreitos, diante do entusiasmo que a dança oferece. Para os brincantes de

quadrilha o que existe é uma “nação quadrilheira”, em que ser diferente não tem relevância dentro do grupo, pois o respeito pela dança é o sentimento mais praticado pelos brincantes de quadrilhas, segundo Silva (2017). Isso corresponde a estrutura da dança, a real preocupação em realizar a melhor comunicação possível, por meio da dança quadrilha.

A linguagem corporal deve estar em conformidade com o tema como já supracitado. O que cabe ressaltar é que por mais fiel que estejam aos passos e com a coreografia, cada dançarino se expressará de forma diferente, e em virtude disso o espectador pode fazer leituras diferentes. Para Lindner e Rossini (2013, p. 25), “padronizar uma linguagem corporal para favorecer a compreensão dos leitores é algo impensável, já que cada indivíduo é único e tem em si armazenado vivências totalmente incomparáveis à de outrem”.

O fato é que a dança quadrilha não se preocupa com uma padronização, quanto as identidades pessoais dos brincantes, o que repercute influenciando na valorização das experiências e vivências de cada componente do grupo, sobretudo, quando não se segue um modismo, sendo esse termo também uma forma de linguagem.

Por fim, é interessante perceber que a dança quadrilha, como uma linguagem comunicacional, se destaca por envolver toda uma complexidade, na qual, deve traçar um caminho para que o seu enredo possa ser compreendido. Indo além da vestimenta, abarcando a interação com os movimentos corporais, quando for necessário um deslocamento rápido ou lento, o qual deve ser executado conforme o enredo do tema. Bem como, deve-se pensar e estruturar os melhores elementos que ajudam nessa comunicação, como por exemplo, o uso de adereços, da letra da música, entre outros, pois, a dança como linguagem precisa saber fazer uso de comunicações para saber conduzir a sua mensagem.

4.3.4 As Festas Juninas em Boa Vista/RR

A pesquisa desta tese se idealiza no espaço urbano de Boa Vista/RR, tendo como temática as festas juninas como formuladoras do conhecimento não formal, que é construído nos movimentos culturais, neste caso, dentro da arte de dançar quadrilha dos grupos locais.

A cidade de Boa Vista é a capital do estado de Roraima, o estado brasileiro faz fronteira com os estados brasileiros Amazonas e Pará. E com os países Venezuela e

Guiana. Boa Vista está situada no Hemisfério Norte sob as coordenadas geográficas: Latitude 2° 49' 11" N e Longitude 60° 40' 24"W Grw (VERAS, 2007).

Nos últimos anos a sua população cresceu consideravelmente, o aumento vultoso ocorreu pelo ano de 2015, por conta da imigração da população venezuelana para o território brasileiro. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a população de Boa Vista está estimada em 419.652 habitantes. E o estado de Roraima, apresenta uma estimativa, segundo os dados do IBGE de 2020, com uma população de aproximadamente 631.181 habitantes.

A cidade de Boa Vista nasce a partir da imensa área de fazendas de gados em 1830¹⁴, que se interligava com o estado do Amazonas. Em 1962 passa a se chamar em Território Federal de Roraima e vira capital do antigo Território do Rio Branco em 1994. Apenas em 1988 cria-se o estado de Roraima, com o mesmo nome do antigo território.

No que se refere à presente pesquisa, tem-se um diálogo atrelado a conceitos de território, cultura e educação, dentro do contexto de Educomunicação, por estarem inseridos dentro das festas juninas, ganhando visibilidade devido a sua essência de integração social. Conceitos que são abordados nas ciências humanas por representarem distintas formas de dinamizar no espaço vivido, em que cada espaço geográfico tem as suas particularidades de realizar cultura, conforme o seu processo histórico, tradição e identidade cultural a serem mantidos e preservados, sendo esses fatores que influenciam nas atividades culturais que se destacam em cada lugar.

Boa Vista/RR apresenta em sua dinâmica social alguns movimentos culturais que vêm sendo mantidos dentro do seu calendário anual e se sobressaem, como festas populares. Dentre esses festejos se destacam: carnaval, natal da paz, as festas juninas (Boa Vista Junina)¹⁵, tendo a prática política em suas realizações. No âmbito religioso tem-se: a procissão de Nossa Senhora Aparecida, a Marcha para Jesus, entre outros movimentos.

No que se refere às festas juninas como objeto de estudo desta pesquisa, elas dialogam com a educação por envolverem uma construção de saberes dentro dos espaços culturais. Essas festas se destacam na cidade de Boa Vista, devido ao fato de terem um

¹⁴ “Em 1930, foi instalada a fazenda Boa Vista na margem direita do rio Branco, distando aproximadamente 32 km do Forte São Joaquim. A fazenda foi crescendo e atraindo para os arredores a população indígena, a qual passou fazer parte da população, atuando em trabalho braçais. Posteriormente, a fazenda passou a ser o principal povoado do alto do rio Branco. Nasce aqui o núcleo embrionário da atual cidade de Boa Vista.” VERAS. A. T. R. **A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima**. Tese (Doutorado de Pós-Graduação em Geografia Humana. Departamento de Geografia da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

¹⁵ Boa Vista Junina é o nome dado para os arraiais realizados pela Prefeitura de Boa Vista/RR, desde os anos 2000, quando passaram a ser realizados anualmente.

enraizamento histórico, provocado pelo seu processo de povoamento de famílias advindas das regiões norte e nordeste, onde as festas populares como as festas juninas são bem presentes como tradição cultural. Do mesmo modo, tem-se inserido no espaço geográfico de Boa Vista uma territorialização da Semana Farroupilha, promovida pelas populações das regiões sul e centro-sul, que se fixaram na região.

Vale destacar que são os indivíduos que promovem a cultura, por construírem e se reconstruírem em diferentes espaços do mundo. Essa dinâmica de pessoas nos espaços vividos gera novos valores no ato de realizar cultura e acrescenta novos sentimentos e meios de realizar tal prática cultural, independentemente de estar fora de seu lugar de origem, porque a cultura está presente em cada indivíduo e não é fixada no espaço concreto. Sendo assim, a cultura é dinâmica e metamorfoseia fora do lugar de origem, ampliando e ganhando novas essências de se representar.

São visíveis as influências culturais no estado de Roraima, devido ao processo de povoamento. Roraima no contexto histórico-cultural, em relação ao aumento populacional, transpassa por duas atividades que mais se destacaram: a garimpagem com a exploração do ouro e do diamante, que se intensificou em 1980¹⁶ e as políticas de povoamento. Santos (2004, p. 142) destaca uma das frases do discurso do governador do estado de Roraima em 1979, Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto “[...] que venham, sem demora, nossos irmãos do centro-sul e do Nordeste! Que tragam seus instrumentos de trabalho e seu vigor produtivo, extraordinários fermentos, que farão crescer e crescer muito o bolo de nossa economia [...]”.

Por intermédio dessa política de migração a população de Roraima se intensificou ainda mais, buscando famílias de outros estados para se fixarem na região com promessas de terra e trabalho, o objetivo era deixar o território de Roraima com mais influências nas participações políticas.

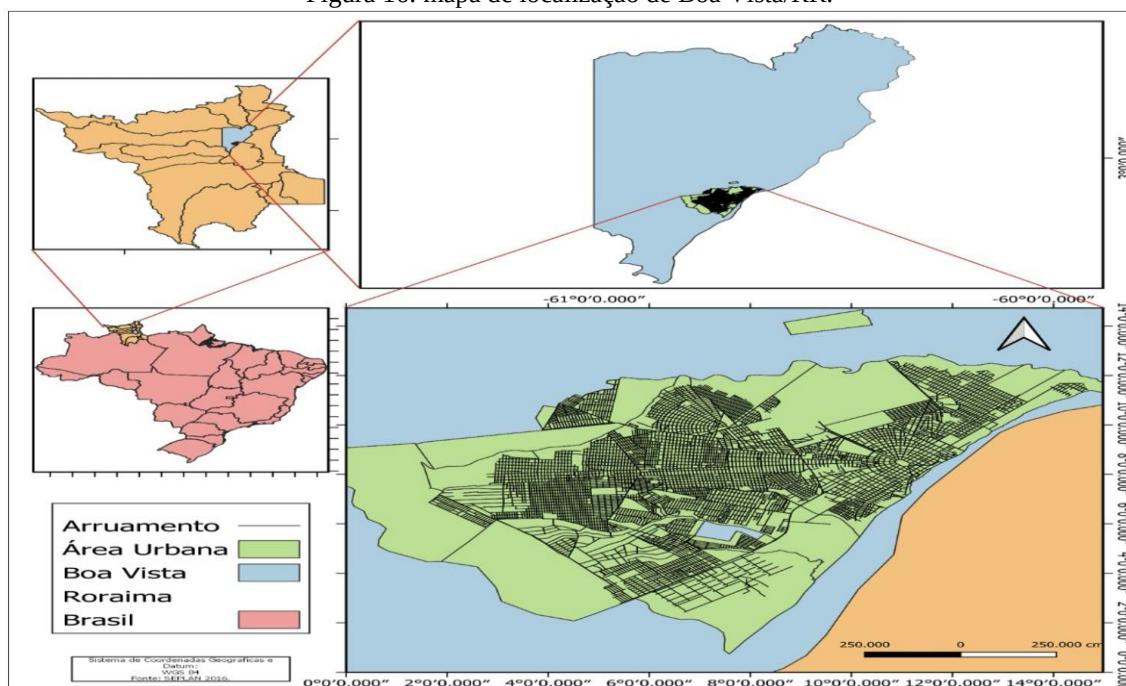
Mediante essas dinâmicas o espaço geográfico de Roraima foi ganhando fisionomia, conforme as culturas advindas de outras regiões e com a cultura nativa que se

¹⁶ A descoberta de ouro e diamantes na porção setentrional de Roraima, em meados dos anos 1980, trouxe milhares de garimpeiros ao Estado. Estima-se que mais de 40.000 indivíduos estiveram envolvidos diretamente nesta empreitada, entre 1987 e 1991, sem contar aqueles que se envolveram indiretamente com o garimpo, trabalhando em atividades de apoio. Devido à intensa atividade mineira, a população de Roraima cresceu a uma média de 10,64% ao ano na década de 1980, praticamente triplicando as suas cifras. Esse maior crescimento teve como principal contribuinte os fluxos migratórios destinados a ambientes rurais, o que proporcionou uma taxa de crescimento de 9,7%, em contraposição ao ínfimo valor. DINIZ, A. M. A; SANTOS, R. Onofre. **Fluxos Migratórios e Formação da Rede Urbana de Roraima**. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

encontrava na região. O que influenciou significativamente na formação cultural própria da região, com raízes dessas intervenções, na culinária, no comportamento, gostos, costumes tradicionais, danças, festas entre outros.

Por tudo isso, a presente pesquisa se idealiza no município de Boa Vista, localizado à margem direita do Rio Branco, principal rio da cidade, é a única capital totalmente localizada acima da Linha do Equador. Além disso, é conhecida por ter o projeto estrutural em formato de leque, inspirado na Cidade de Belo Horizonte, criado pelo engenheiro Darcy Aleixo Derenusson, sob influência dos modelos europeus. O mapa a seguir mostra a localização da cidade de Boa Vista/RR, onde ocorrem as festas juninas, lócus desta pesquisa.

Figura 16: mapa de localização de Boa Vista/RR.



Fonte: Luz (2021).

Em Boa Vista/RR, segundo a FETEC (2011), as primeiras festas juninas eram realizadas nas ruas, na década de 1930. Foram inicialmente organizadas pelas paróquias com contribuição da comunidade que participava das celebrações, tendo o festejo voltado para São Sebastião e realizado no mês de janeiro, na Praça Capitão Clóvis. Uma outra festa comemorada em formato junino ocorria no mês de dezembro, para Nossa Senhora do Carmo, em frente à Igreja Matriz, com duração de uma semana.

Ainda de acordo com o Inventário da FETEC (2011), os pioneiros a levar a festa para a rua, sem estar diretamente ligada à igreja, foram os senhores Gervásio e Raimundo

Otávio, usando caracterização de boi-bumbá. Os dois percorriam a cidade em um formato de competição entre eles. Iniciam, assim, nas décadas de 30 e 40, as festas folclóricas e culturais no território de Boa Vista¹⁷. A característica do uso do boi-bumbá ocorreu pela influência dos moradores da região serem do estado do Maranhão, trazendo as suas respectivas culturas para o território do Rio Branco, em concordância com o inventário. Em seguimento, no final da década de 50 já se apresentavam as primeiras quadrilhas, tendo como local de apresentação um bar tradicional da época, Bar das Mangueiras, na área central da cidade, sendo as quadrilhas compostas pelos próprios moradores da rua, organizadas e animadas por Mário Abdala (FETEC, 2011).

Em 1984 foi realizado o primeiro festival folclórico, idealizado por Idamir, reuniu quadrilhas juninas que existem até hoje, como Xamego Caipira, Zé Monteirão, Garranxê, Xamego na roça, conforme os dados do inventário descrito pela FETEC (2011).

A idealização surge com a motivação da população, por isso as festas juninas locais se consagraram, por apresentarem um sentimento de pertencimento histórico-sociocultural, que resultou na estrutura atual. A cada ano as inovações criavam e ainda criam um elemento mais urbanizado, incrementando os recursos da tecnologia. A adaptação é notável ao compreender a trajetória histórica das festas juninas em Boa Vista.

O tema do arraial, por exemplo, é um pequeno detalhe que faz com que cada arraial seja único e com características diferenciadas de um ano para o outro. Desde os anos de 2000 o arraial apresenta um tema geral para ornamentação/decoração e para os grupos de quadrilhas criarem as danças em cima dessa temática geral, como um dos requisitos a serem julgados na apresentação, durante as noites de festas.

A festa oficial da cidade de Boa Vista/RR, conhecida como Boa Vista Junina/BVJ, é promovida pelo poder público, com organização da Fundação de Educação, Turismo e Cultura de Boa Vista, da Prefeitura de Boa Vista. O arraial local ganhou nome e visibilidade nos anos 2000, quando houve a necessidade de se reformular para acompanhar as mudanças urbanas. A cidade cresceu, e com ela as festas culturais.

O arraial, antes era realizado de forma alternativa, acontecia na Praça Capitão Clóvis, construída nos anos de 1946, e permaneceu até nos anos de 2000. Período em que a cidade aumentou o fluxo populacional, não suportando o quantitativo de pessoas em um único lugar, mesmo sendo em local público e aberto no centro da cidade, e era chamado

¹⁷ Na década de 40, era então o Território Federal do Rio Branco, posteriormente, na década de 60 passa a receber o nome de Território Federal de Roraima. E apenas em 1988 se torna Estado de Roraima, em que sua capital é Boa Vista.

apenas de arraial da prefeitura. Em 2000 passou a ser realizado na praça Centro Cívico, também no centro da cidade. Porém, ofertando um espaço mais amplo e integrando os novos elementos da estrutura do arraial, como palco, tablado e barracas.

Nesse espaço a prefeitura realizou o arraial por 14 anos (2000-2014), com o então nome de BVJ. No entanto, devido aos planejamentos urbanos da cidade e com contínuo aumento populacional, novamente as festas populares necessitavam de um lugar que fosse pensado e planejado para as suas realizações. Dessa maneira, a reprodução do espaço urbano da Praça Poliesportivo Ayrton Senna foi transferida para um novo local das festas culturais da cidade, onde recebeu o nome de Praça Fabio Paracat, inaugurada na primeira noite do arraial, em 2015. Este espaço urbano é totalmente aberto, sem muitas estruturas/design urbano, a fim de que nele fosse estruturado tablado, arquibancada, espaço para os shows, barracas e passeio/fluxos de pessoas.

O BVJ é uma das festas populares locais que tem mais demanda, investimentos pelo poder público e pela população, pois oferece muito mais que uma festa popular, oferece cultura, espetáculo, educação, além de gerar um fluxo econômico de grande relevância para a cidade.

Nesse sentido, a festa se torna uma grande aliada para o desenvolvimento do turismo nessa época do ano. Isso é resultado da organização e seriedade que os envolvidos deram para esse movimento, assim como os grupos de quadrilhas, os quais são destaques nacionais. Alguns nomes de quadrilhas de Boa Vista/RR são reconhecidos nacionalmente por seus envolvimento com trabalhos com a dança, ganhando inúmeras premiações até o momento. Alguns prêmios que se destacam correspondem a melhores letras de músicas, rei matuto e rainha caipira, casal de noivos, animador, quadrilha mais animada, e outros.

O Boa Vista Junina acontece por várias noites seguidas e a duração varia de 1 semana até 11 dias. Exceto nos anos de 2020 e 2021, que por conta da pandemia da COVID-19, a festa aconteceu apenas de forma virtual, com as apresentações das quadrilhas transmitidas pelos canais das redes sociais. À vista disso, é possível perceber a forte presença da mídia/tecnologia na realização da festa, inserindo-se na metamorfose de uma festa interiorana para uma festa globalizada.

De forma geral, as festas juninas são bem marcantes no território roraimense, devido as influências ocupacionais, como já mencionado. O que gera diversas formas e tipologias de festa junina em Boa Vista. Onde cada conjunto social apresenta um cenário diferente em seu formato de realizar e organizar as festas de São João.

Na tabela a seguir sintetiza-se os tipos das festas juninas em Boa Vista/RR, os quais categorizou-se como arraial de pequeno, médio e grande porte.

Tabela 5: tipo de festa junina em Boa Vista/RR.

TIPOLOGIA DAS FESTAS JUNINAS EM BOA VISTA/RR	
Arraiais de pequeno porte	As festas juninas de escolas, clubes, ruas e bairros.
Arraiais de médio porte	As festas realizadas por alguma instituição privada, mas que realiza em locais públicos/particular, podendo ser aberto ao público em geral ou privada, porém, não se realiza anualmente.
Arraiais de grande porte	Arraiais promovidos pela Prefeitura de Boa Vista, consagrados como o Boa Vista Junina, e pelo Estado de Roraima.

Fonte: Silva (2021).

De acordo com a tipologia sintetizada, o que difere uma festa da outra são, principalmente, as formas de investimentos para a realização. Um outro fator é a territorialização criada com a festa e o lugar. Segundo Chianca (2006), o arraial territorializa a festa, pois, depende muito de quem está à frente desse movimento.

Tanto o arraial tanto de pequeno como o de médio porte podem ser eventuais, incertos, porque dependem de quem são os interessados na sua realização, não sendo necessariamente esperados anualmente. Ainda conforme o autor, o arraial de grande porte é aguardado todos os anos pela população, “o arraial é um espaço construído, mas também, é sobretudo, um território que consagra e instaura a festa” (CHIANCA, 2006, p. 104).

Para ser grandioso nos dias de hoje, o arraial passou por inúmeras readaptações de acordo com o tempo, o que justifica a territorialização da festa com o território, o qual não permaneceu estático. O BVJ atualmente conta com um dos maiores públicos de festa cultural, em nível brasileiro, segundo a FETEC (2021). A festa recebe 24 quadrilhas de Roraima e como 8 grupos de outros estados, abrindo espaço para a integração cultural de diferentes lugares, construindo ainda mais a essência de cultura, quando essa é compartilhada e, sincronicamente, modificada. Nesse viés o Boa Vista Junina se torna grandioso, sendo reconhecido não somente em Roraima e na região amazônica, mas também pelos estados do nordeste, onde se organizam as maiores festas de São João.

O BVJ, além da sua cultura, destaca-se como um grande comércio cultural, com uma rica economia criativa, circulando renda direta e indiretamente antes e durante as

noites de festas. De acordo com a Revista Anarriê (2016)¹⁸, o BVJ gera mais de três mil empregos, movimentando milhões de reais, que permeiam desde a organização da festa aos ambulantes¹⁹. Empregos diretos são realizados nas noites de arraiais, enquanto os indiretos dizem respeito à organização e à preparação antes da festa, para a consumação e/ou apresentação dos grupos de quadrilha, sendo exemplificado na tabela a seguir.

Tabela 6: dinâmica dos empregos diretos e indiretos do BVJ.

Empregos direto do BVJ	Empregos indiretos do BVJ
Construção/orçamentação do arraial	Costureiras (as roupas dos grupos de quadrilhas)
Barracas de comida	Alegorias das quadrilhas
Estantes de lojas	Letra/música das quadrilhas
Parques/brinquedoteca	
Ambulantes	
Maquiadores/cabelereiros dos grupos de quadrilhas	
Transportes dos grupos de quadrilhas	
Cantores locais/regionais e nacionais	

Fonte: Silva (2021).

De acordo com a tabela 6, pode-se inferir que as estruturas de empregos diretos e indiretos não são diferentes das demais regiões brasileiras que promovem as festas juninas. Todavia, o BVJ criou uma característica típica da região que se destaca dos demais estados. Em uma das noites, a organização da BVJ realiza a maior distribuição de paçoca de carne seca e farinha de mandioca, chegando a quase uma tonelada de paçoca. Essa performance é única das festas juninas de Boa Vista/RR.

Com as transições/performances pelo qual o BVJ passou, fica perceptível a presença da educação nas festas juninas de Boa Vista. Há presença da educação ao ampliar a cultura/conhecimento e simultaneamente ao conhecer o processo histórico e social do Brasil e de Boa Vista/RR, por meio das suas festas culturais.

Ademais, a educação pode se fazer presente na dinâmica da educação não formal, com os grupos de quadrilhas, os quais passam por seis meses de preparação, estudando o tema para entenderem a temática, a fim de interpretarem com a dança. Logo, os sujeitos envolvidos obtêm novos saberes, experiências e conhecimentos.

À vista disso, esta pesquisa se propõe a analisar se de fato os brincantes de quadrilhas conseguem construir e consolidar algum tipo de conhecimento que possa

¹⁸ A Revista Anarriê tem edições anuais distribuídas antes das festas juninas de Boa Vista/RR, confeccionada pela própria prefeitura, com objetivo de divulgar o arraial.

¹⁹ Termo atribuído aos vendedores autônomos, que permanecem no local vendendo suas próprias mercadorias, sem um lugar fixo.

servir em seu desenvolvimento pessoal e social, para que esteja apto a dialogar com conhecimentos dos acontecimentos longínquos e hodiernos/recentes.

Vale destacar que na festa junina de Boa Vista, segundo os estudos de Silva (2017, p. 94), tem-se “a forma como a cultura consegue abranger outras temáticas mostra a evolução das quadrilhas para se fazerem presente na sociedade. O que inicia com um entretenimento, diversão por partes dos brincantes acaba adquirindo novos valores sociais”. Respectivos valores são denominados pela autora como transversalidades da cultura, que permeiam pela saúde, combate ao preconceito, respeito e educação social.

A comunicação é organizada nos arraiais, em *stand*, com palestras de forma rápida e com dinâmica sobre esses temas. De modo que se tem atrelados a Educação-cultura-informação para sociedade dentro dos movimentos culturais, confirmando as ideias dos estudiosos da educação de que ela acontece em diversos ambientes.

O conhecimento e a cultura facilitam no diálogo, na integração, na comunicação e, não menos importante, no desenvolvimento, tanto do sujeito social, quanto do espaço/lugar onde vivem. Isso é respaldado quando se percebe que uma cultura local ultrapassa limites regionais e alcança uma comunicação/conhecimento por meio da dança em outros países, por exemplo.

De acordo com a Revista Anarriê (2010), a cultura junina de Boa Vista/RR já se apresentou em Nova York (Estados Unidos), divulgando e promovendo o desenvolvimento local. Por meio dos reconhecimentos nacionais e internacionais o espaço urbano da cidade recebe mais investimentos e ampliação para suportar a demanda da população e de turistas que passam a se interessar pelas festas locais.

A Revista Anarriê tem como objetivo divulgar a programação das noites de arraiais, pontos turísticos de Boa Vista, as comidas típicas, entre outras informações que variam conforme o ano. A revista também apresenta uma descrição minuciosa sobre cada grupo de quadrilha que se apresenta no arraial, expondo o tema que será apresentado, letra da música, números de pares da dança, casal de noivos, rei matuto, rainha caipira e presidente.

O BVJ, antes da pandemia da COVID-19 tinha uma estrutura de mais de 40 atrações, distribuídas durante as noites, com apresentações das quadrilhas, festival de Araras (dança em ritmo de boi-bumbá), festival de cirandas e exibições de shows com cantores locais e nacionais.

Outra tradição do BVJ são os casamentos reais que acontecem nas noites de arraiais. “A primeira edição do casamento junino aconteceu em 2006 e de lá para cá

muitos casais já trocaram alianças em cima do tablado em pleno arraial”, conforme a revista Anarriê (2010). Além disso, somado a tudo o que foi exposto, o BVJ é considerado o maior arraial da região norte do Brasil, pelo fato de receber um significativo quantitativo de pessoas em uma só noite e ao longo do arraial, segundo Silva (2017).

A evolução da festa junina, que a tornou uma festa de grande porte, é tão visível quanto a grandiosidade que tem para a população local. Por exemplo, quando os grupos de quadrilhas se tornam uma espécie de grupo social, criando projetos sociais/ambientais para serem aplicados nas comunidades mais humildes, contando com o apoio de seus adeptos, presencialmente e virtualmente. Cada grupo de quadrilha tem torcidas, que apoiam e seguem nas redes sociais, uma vez que os números nas redes sociais, atualmente, expressam o quão importante e reconhecidas são as pessoas/grupos/empresas.

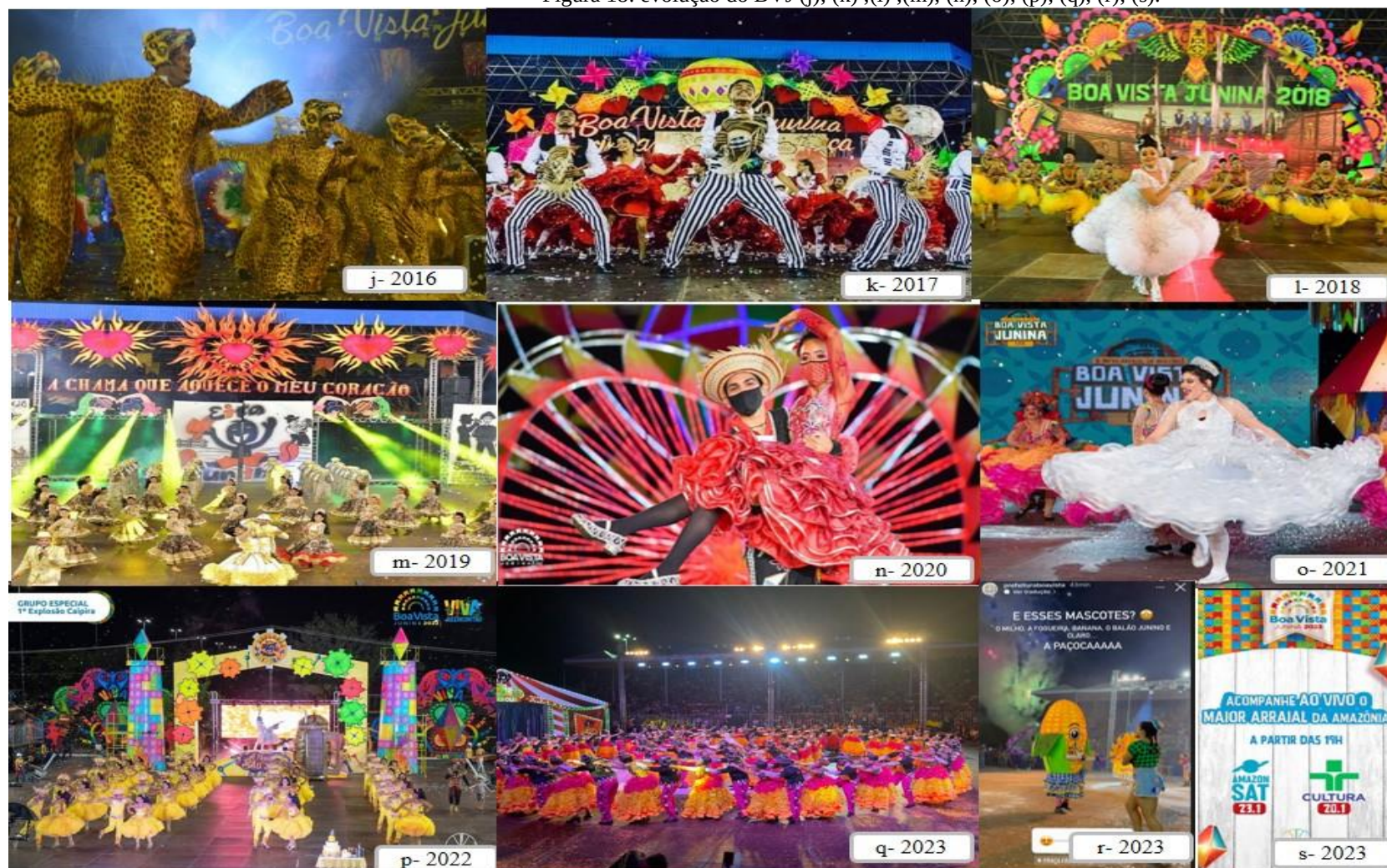
Na sequencia apresenta-se uma série de imagens que retratam a evolução do Boa Vista Junina.

Figura 17: evolução do Boa Vista Junina (a); (b); (c); (d); (e); (f); (g); (h); (i).



Fonte: Prefeitura de Boa Vista/RR.

Figura 18: evolução do BVJ (j); (k) ;(l) ;(m); (n); (o); (p); (q); (r); (s).



Fonte: Prefeitura de Boa Vista/RR.

Figura 19: Boa Vista Junina antes da Pandemia COVID-19 (a); (b); (c); (d).



Fonte: Instagram do grupo Eita Junino (2019).

Figura 20: Boa Vista Junina na Pandemia COVID-19 (a); (b); (c).



Fonte: Instagram da Prefeitura de Boa Vista, 2020-2021.

Figura 21: Boa Vista Junina pós pandemia COVID-19 (diminuição dos casos) (a); (b); (c); (d).



Fonte: Instagram da Prefeitura de Boa Vista (2022).

As imagens supra apresentadas trazem, imagetivamente, um traçado histórico das festas juninas em Boa Vista/RR, incluindo em tempos pandêmicos (2020 e 2021). Nesse período criou-se uma estrutura para as apresentações culturais, como as quadrilhas e apresentações musicais sem a presença do público, onde foi possível acompanhar apenas por *lives* transmitidas em plataformas digitais. Essa estrutura será melhor desenvolvida na análise dos dados.

4.3.5 “Manter a tradição para preservar”: processos de transformação e (des) territorialização dos grupos Eita Junino e Zé Monteirão, com destaque no período pandêmico

“Manter a tradição para preservar”, foi a frase de um dos organizadores do BVJ, que chama atenção por manter uma relação com o processo de transformação pelos quais os grupos passaram para se manter até os dias atuais. Os grupos de quadrilhas: Eita Junino e Zé Monteirão se reconstruíram, se transformaram e desterritorializaram. Se reconstruíram enquanto grupo de quadrilha, por terem buscado novos valores de fazer cultura, por meio da ética, companheirismo, respeito, seriedade e comprometimento com

a cultura da dança. Não se trata apenas de uma brincadeira, que alguns anos atrás poderia ser considerada como um passatempo. Hoje eles aderem pelo profissionalismo da dança, valorizam as suas artes de dançar e de interpretar.

Enquanto as transformações ocorreram ao terem que se adaptar com o novo, com a modernidade e com as tecnologias. Respectivas transformações não fizeram com que deixassem de ser quadrilhas juninas. São grupos que se mantêm atuantes mesmo fora dos tempos de festejos juninos, realizando ações/campanhas sociais.

As suas desterritorializações, por sua vez, se justificam por aceitarem e irem atrás de novos processos de mudanças, por meios das interações sociais. Permanecendo, no entanto, com o sentido de manter a tradição. Ou seja, são grupos que se desprendem de certa forma do passado e se adaptam as novas demandas sociais.

Essas demandas sociais muitas vezes surgem por questão de segurança social. Por exemplo, suponha-se que esses grupos aceitam se desterritorializar de alguns símbolos da festa junina em suas apresentações, mas contemplam outros. Um caso que se pode citar é a proibição de soltar balões, sendo que por muitos anos soltar balões era um dos grandes momentos esperados nas festas juninas. Dessa forma, esse símbolo ganha uma outra versão, eles aderem ao papel picado, ou mesmo ao show pirotécnico (desde que tenham autorização dos bombeiros). Assim, esses grupos criam elementos para despertar a atenção do público, se desterritorializam de alguns símbolos e criam outros.

Esses grupos, em virtude da inovação, são da categoria especial, por modernizarem as suas apresentações sem perder a cultura tradicional da dança. É comum hoje ouvir as expressões “quadrilha raiz”, por ainda ser aquela apresentação com calça jeans rasgada, com bandeirinhas, camisa xadrez e chapéu rasgado. E a mulherada com vestido mais simples, de chita e renda sem muito brilho ou cor, com passos mais aleatórios. Tem-se também a expressão “quadrilha Nutella”, quando o grupo já tem uma performance toda elaborada com estilo moderno e passos coreografados.

Essas duas expressões são frequentemente vistas nas redes sociais, nas apresentações de quadrilhas que são divulgadas como um todo. Ao analisar a quantidade de comentários de pessoas que apoiam o estilo moderno, por oferecer o novo, ou por saber que a apresentação será diferenciada, mantendo o estilo de roupa, é possível entender que os grupos estão no caminho certo, por manter a tradição. Porém, simultaneamente, inovam, acompanhando as mudanças sociais no intuito de serem vistos e, assim, preservando esse movimento cultural.

Os grupos aqui pesquisados fazem uso da tradição da quadrilha quando mantêm alguns passos tracionais (mesmo inovando alguns deles), som da palma da mão e as pisadas forte como marcação, ambos sincronizados, a mulherada com vestidos longos e com giro da saia. Um ponto que vale destacar, conforme dito pelos organizadores, é que o fato de terem o melhor giro da saia das quadrilhas de Boa Vista/RR fez com que os grupos locais fossem escolhidos entre todos os grupos nacionais para representarem a cultura junina em Nova Iorque nos Estados Unidos.

Além de manter a tradição, superam as expectativas dos espectadores ao levar a tecnologia para o tablado, com telões de LED, no qual podem ser transmitidas as suas apresentações, entre outros arranjos. Dessa forma, as duas quadrilhas pesquisadas já representaram o estado em concursos nacionais, assim como levaram premiações de melhor quadrilha nacional. Nos parágrafos a seguir, descreve-se os dois grupos de quadrilha destacando algumas de suas características que foram se modernizando. Inicia-se com o grupo Zé Monteirão.

O Grupo tem como nome oficial: Grupo Folclórico Quadrilha Zé Monteirão, sendo um dos grupos pioneiros do estado de Roraima. Fundado em 27 de abril de 1989, em 2023 completou 34 anos de história. O grupo carrega em sua trajetória 6 títulos de campeão do BVJ, ou seja, é hexacampeão. Ademais, chegou em 4º lugar como melhor quadrilha do Brasil em 2022. Tem como presidente Lulia Oliveira. O trecho a seguir ressalta a importância de viver essa história por 34 anos, conforme a fala da presidente do grupo, Lulia Oliveira (2023):

“O que falar de Zé Monteirão? Será que depois de 34 anos ainda temos histórias para criar? Será? Eu sempre digo assim: 34 anos para uma pessoa não é tanta idade mais para um grupo é bastante significativo. Olha gente é bem complexo falar de 34 anos, mas o que posso dizer é que vale muito à pena. Viver e viver momentos e histórias que envolvem pessoas, poder fazer a diferença na vida dessas pessoas nos engradece como ser humano. Mas nem tudo é um mar de rosas problemas acontecem e muitos, como de fato em família, e ao mesmo tempo é um mundo encantador que nos prende com magia. E não conseguimos parar largar e olha que a vida é puxada mais não largamos. Sem falar que é muito gratificante ver meninos e meninas crescerem dentro da quadra e se tornarem grandes homens e grandes mulheres. Recentemente perdemos uma pessoa que me ensinou o que é viver no mundo Junino, saber entrar e sair de qualquer lugar e conquistar o nosso lugar. NAZARENO DE CAVALCANTE TELES. Lugar esse que conquistamos ano a ano sem passar por cima de ninguém! e olha que tivemos no decorrer nos tempos muitos altos e baixos e como tivemos...hoje com 34 anos de muitas derrotas, conquistas e muitas paixões. Paixões essas que nos move a continuar cada ano e ano, sem deixar apagar a fogueira que acende todos os anos quando começa o mês de junho. Enfim é uma experiência de vida incrível. Se você ai ainda não viveu isso tudo que relato tente será simplesmente sensacional. E que venha mais 34 anos. Viva a Zé Monteirão. Anarriê”.

Sem dúvidas é visível a entrega dos envolvidos na dança quadrilha em preservar essa identidade cultural. Por ser um grupo de pessoas com diferentes personalidades, a união pelo gosto em dançar quadrilha prevalece em comum. Em 34 anos ocorreram muitas histórias e enredos levados ao tablado. Por conseguinte, muitos diálogos acontecerem entre o grupo, e essas experiências e aprendizagens foram levada para as vidas pessoais dos envolvidos. Viver imerso em um grupo com 34 anos de existência, propicia que os sujeitos façam parte dessa cultura, do grupo. Além de aderir a uma identidade quadrilheira, esses evoluem como pessoa por conviver em grupo, adaptando-se às constantes mudanças de brincantes, sempre aprendendo e evoluindo. As imagens a seguir mostram a evolução do grupo em suas apresentações.

Figura 22: evolução da Grupo Zé Monteiro (a); (b); (c); (d); (e); (f).



Fonte: arquivo pessoal do grupo.

A imagem acima retrata um pouco da evolução que o grupo passou. Conforme o próprio BVJ passou a oferecer uma melhor estrutura em sua ornamentação/decoração ao decorrer do tempo, o grupo acompanhou esse movimento. Ambos desterritorializaram alguns símbolos e acrescentaram novos elementos. O grupo adere ao uso das cores e dos brilhos em suas roupas, chapéus passam ser personalizados conforme o tema, e não

mais o chapéu com palha desfeitas. Os rostos ganham expressões, o teatro passa ter vida, a dança ganha novos ritmos e coreografias bem elaboradas e sincronizadas. A apresentação também se torna visual e não apenas focada nos passos de dança. Cenários são acrescentados e ganham mais descrições.

Dessa forma, o Grupo Zé Monteirão evoluiu e não deixou de ser quadrilha junina, não deixou de manter a tradição. Conquistou títulos de melhor quadrilha do estado, pelo trabalho que oferece ao público, por se preocupar com a valorização da cultura junina e marca a história do próprio BVJ, sincronicamente, tem a sua própria história marcada por ele, assim como o segundo grupo analisado nesta pesquisa.

O Grupo Folclórico Eita Junino está atuante desde 01 de abril de 1998 e tem como presidente Jhonatha Rodrigues. Com 25 anos de história o grupo é pentacampeão no BVJ, e tetra campeão como melhor quadrilha nacional. As imagens a seguir mostram a evolução do grupo em suas apresentações.

Figura 23: evolução do Grupo Eita Junino (a); (b); (c); (d); (e); (f).



Fonte: arquivo pessoal do grupo.

Conforme a imagem supra apresentadas é possível perceber outros elementos que surgem com a evolução das quadrilhas de Boa vista. As seis imagens mostram a presença da criatividade dos grupos. Na imagem A, foi realizada uma troca de roupas apenas

enquanto a bandeira era aberta e retirada. Levaram ao tablado a praticidade, agilidade e comprometimento tanto dos brincantes, quanto do pessoal do apoio, criando encantamento por quem assistia. Por isso, a cada ano é esperado algo inovador por parte desse grupo.

Já na imagem B tem-se a presença das torcidas. Sendo que, atualmente os grupos de quadrilhas, principalmente os do grupo especial, têm as suas respectivas torcidas organizadas presentes durante as apresentações, gritando e vibrando com cada movimento. Geralmente as arquibancadas são totalmente preenchidas por grupos de torcidas. Onde cada grupo pode levar uma placa ou bandeira com seus símbolos/mascote de identificação de suas torcidas.

A imagem C mostra uma encenação com abordagem de temas sociais, quando as quadrilhas se reconstroem dentro da dança. Deixando de ser apenas passos que muitas vezes eram aleatórios e aderindo a coreografias, enredos, teatros, que possam contar uma história, ou abordar um tema social capaz de se comunicar com os espectadores e julgadores.

Enquanto na imagem D tem-se a presença das tecnologias, das iluminações personalizadas e levadas pelo próprio grupo, alegorias mais realistas, criando uma apresentação mais grandiosa e criativa. Na imagem E, por sua vez, fica evidente o uso de adereços que são usados para os passos e para o teatro que os brincantes realizam durante os passos coreografados. E por fim, na imagem F, destaca-se o profissionalismo do giro da saia rodada, sendo que as mulheres buscam o giro mais perfeito possível.

Para apresentar todo esse arranjo em suas apresentações, o Grupos Zé Monteirão e o Eita Junino iniciam os ensaios na última semana de janeiro, nos primeiros meses são apenas nos finais de semanas, com 5 horas de duração. Quando se aproxima o mês de junho os ensaios se estendem para três dias da semana, durante a noite, e nos finais de semanas o tempo aumenta. Toda essa dedicação é para manterem a tradição e a inovação, como sendo o ponto de equilíbrio para valorizar a cultura junina, ou seja, suas prioridades é não deixar se “perder” no tempo, nem se tornar uma cultura totalmente diferente do que já foi.

Uma das citações de Derbord (1997, p.120) menciona que

A luta entre tradição e a inovação, que é o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, só pode prosseguir através da vitória permanente da inovação. Mas, a inovação na cultura só é sustentada pelo movimento histórico total que, ao tomar consciência de sua totalidade,

tende à superação de seus próprios pressupostos naturais e vai no sentido da supressão de toda separação.

Entende-se, então, que as festas e quadrilhas juninas tiveram que superar o medo ao buscarem pela inovação, onde, na verdade, encontraram um caminho de não separar a inovação da tradição. Superaram as suposições que surgiam ao tentar inovar uma cultura, que estava tão enraizada com uma sociedade histórica e que viam as festas juninas ainda como o seu processo de origem.

No que se refere a origem do arraial, as festas juninas homenageiam os santos católicos: São João (24); São Pedro (29) e Santo Antônio (13) todos em junho. De modo que, em todo o Brasil se comemora esse período com o denominado “ciclo junino”, essas manifestações são antes da era cristã. Conforme a revista Somos Amazônia (2015, p. 54)

No hemisfério norte, várias celebrações pagas aconteciam durante o solstício de verão. Essa importante data astronômica marca o dia mais longo e a noite mais curta do ano, o que ocorre nos dias 21 ou 22 de junho no hemisfério norte. Diversos povos da Antiguidade, como os celtas e os egípcios. Aproveitavam a ocasião para organizar rituais em que pediam fartura nas colheitas. Na Europa, os cultos à fertilidade em junho foram reproduzidos até por volta do século 10. Como a igreja não conseguia combatê-los, decidiu cristianizá-los, instituindo dias de homenagens aos três santos no mesmo mês", diz a antropóloga Lucia Helena Rangel, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O curioso é que os índios que habitavam o Brasil antes da chegada dos portugueses também faziam importantes rituais durante o mês de junho. Apesar de essa época marcar o início do inverno por aqui, eles tinham várias celebrações ligadas à agricultura, com cantos, danças e muita comida. Com a chegada dos jesuítas portugueses, os costumes indígenas e o caráter religioso dos festejos juninos se fundiram. E por isso que as festas tanto celebram santos católicos como oferecem uma variedade de pratos feitos com alimentos típicos. Os nossos ancestrais reuniam o pessoal da aldeia para ofertar o que eles colhiam como prova de agradecimento da safra.

Eles organizavam barracas de acordo com o que cada fazendeiro colhia. Por isso, as festas têm uma identidade interiorana, haja vista que a sociedade brasileira, até a metade do século XX, era na maior parte do campo. As festas celebravam as boas colheitas realizadas pelas famílias e fazendeiros, onde aproveitavam e faziam um festejo com diversas brincadeiras, decorações de palhas e bandeirinhas, e acendiam fogueiras para iluminar.

Diante das mudanças sociais a festa passou por um processo de periodização, sendo as transformações influenciadas pela passagem do tempo da sociedade com o uso de novos recursos tecnológicos. Respektivas mudanças foram necessárias para evoluir com a cultura junina e fazer dela um grande momento, no qual gera economia, informação e desenvolvimento.

À vista disso, fica claro que as festas juninas e as quadrilhas conseguem se desterritorializar de alguns elementos ao longo dos anos, tanto que no período pandêmico quando as festas não podiam acontecer, os grupos de quadrilhas juntamente com a FETEC não deixaram de realizar algumas apresentações. Nesse tocante, pode-se destacar o processo da Educomunicação presente dentro do movimento junino, em sua forma tecnológica.

As festas durante a pandemia do COVID-19 foram suspensas e as festas juninas de Boa Vista/RR tiveram duas edições de 2020 e 2021, como já mencionado, apenas em forma de *lives* nas mídias sociais e com transmissão pela TV aberta, fazendo uso de recursos tecnológicos para levar o lazer, cultura, entretenimento e conhecimento às famílias, como mostra a imagem a seguir.

Figura 24: BVJ em live (a); (b).



Fonte: Prefeitura de Boa Vista/RR.

Considerando a imagem supra apresentada, é pertinente reforçar que a Educomunicação esteve presente como um processo para a transmissão do BVJ. Com slogan “Boa Vista segue em frente”, essa foi a adaptação pela qual a cultura junina teve que aderir, se desterritorializando dos espaços físicos e se reconstruindo no meio virtual. Essa adaptação foi necessária para manter-se “viva” a tradição das festas juninas, mesmo no período pandêmico.

Percebe-se que na imagem A da figura 24, os números de casais diminuíram, como um dos cuidados de evitar aglomeração, pois, havia restrições de distanciamento social. Seguindo a ordem para manter a organização do espaço, só poderiam subir no tablado após os grupos terem se retirado do local de apresentação. O local da *live* das apresentações também estava preparado com decorações juninas, onde salientou-se a comunicação visual, além da interação da Prefeitura e o público por meio de comentários em postagens nas redes sociais.

Nas imagens abaixo tem-se alguns elementos importantes a serem destacados do BVJ nos anos de 2020 e 2021.

Figura 25: Boa Vista Junina Live (a); (b); (c); (d).



Fonte: Prefeitura de Boa Vista/RR.

Perante o exposto na imagem acima, no período pandêmico a organização do BVJ teve o cuidado de ornamentar a cidade e o local onde seria feita a transmissão, no intuito de que a população pudesse sentir a emoção das festas juninas, mesmo não sendo presencial, considerando que é uma festa que grande parte da população se agrada e frequenta. A imagem C, mostra os cuidados e exigências ao realizar as *lives*, cuidados por quem trabalhava no local e com os brincantes de quadrilhas. Um cuidado especial também dedicado às apresentações dos cantores e bandas, as quais não foram no mesmo local das

apresentações de quadrilhas, ocorrendo em locais abertos, com estrutura de palco e show pirotécnico, levando emoção para quem assistia. Tudo foi pensado e planejado conforme as normas de segurança da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Isso mostra que evoluir serve também para preservar a tradição. Se reconstruindo mesmo em situações difíceis e, concomitantemente, objetivando levar esperança de que a sociedade ia superar a pandemia e dias melhores iriam chegar. Mensagens como estas eram lembradas nas *lives*, como uma comunicação de empatia para aquelas famílias que passavam por momentos de angústias e de lutos.

As imagens da figura 26 resgatam algumas memórias do processo de evolução pelo qual o BVJ passou, elas deixam visualmente perceptível que o BVJ se desterritorializa, caminhando com a modernidade.

Figura 26: evolução do BVJ (a); (b); (c); (d).



Fonte: Prefeitura de Boa Vista/RR.

Constata-se que desde 2001 o BVJ e as quadrilhas não param de se adaptar ao novo. Por isso espaços mais amplos foram pensados, a fim de que as festas do BVJ suportassem a demanda populacional. A decoração ganhou vida e cores, o chão das apresentações ganha um tablado, a entrada se torna ponto marcante. Os símbolos, como a brincadeira do pau-de-sebo, da lugar a novos símbolos, como a paçoca com carne de

sol e farinha de mandioca, paçoca da culinária local, sendo a maior paçoca do mundo. As fogueiras passam a ser decorativas, para melhor segurança, e a iluminação ganha luzes personalizadas. As bandeirinhas se completam com alegorias maiores. As quadrilhas juninas ganham roupagens padronizadas, com brilhos, cores vivas, sandálias com saltos para as mulheres, maquiagem e cabelo bem marcantes e semelhantes.

O figurino dos homens se modifica da calça jeans ou cores escuras e aderem a cores vivas, quentes e marcantes, podendo ser macacões ou bermudas mais longas. As camisas são idênticas, sem a necessidade de ser xadrez, os sapatos muitas vezes são botas ou sapatos sociais, dependendo do tema, os chapéus têm brilhos e cores. Respectivas características prevalecem, sobretudo, nos grupos especiais, onde há um maior cuidado e a necessidade de que todo o figurino e arranjos sejam extremamente iguais dentro do grupo da quadrilha, como mostra a figura 27.

Figura 27: criatividade do BVJ (a); (b); (c); (d).



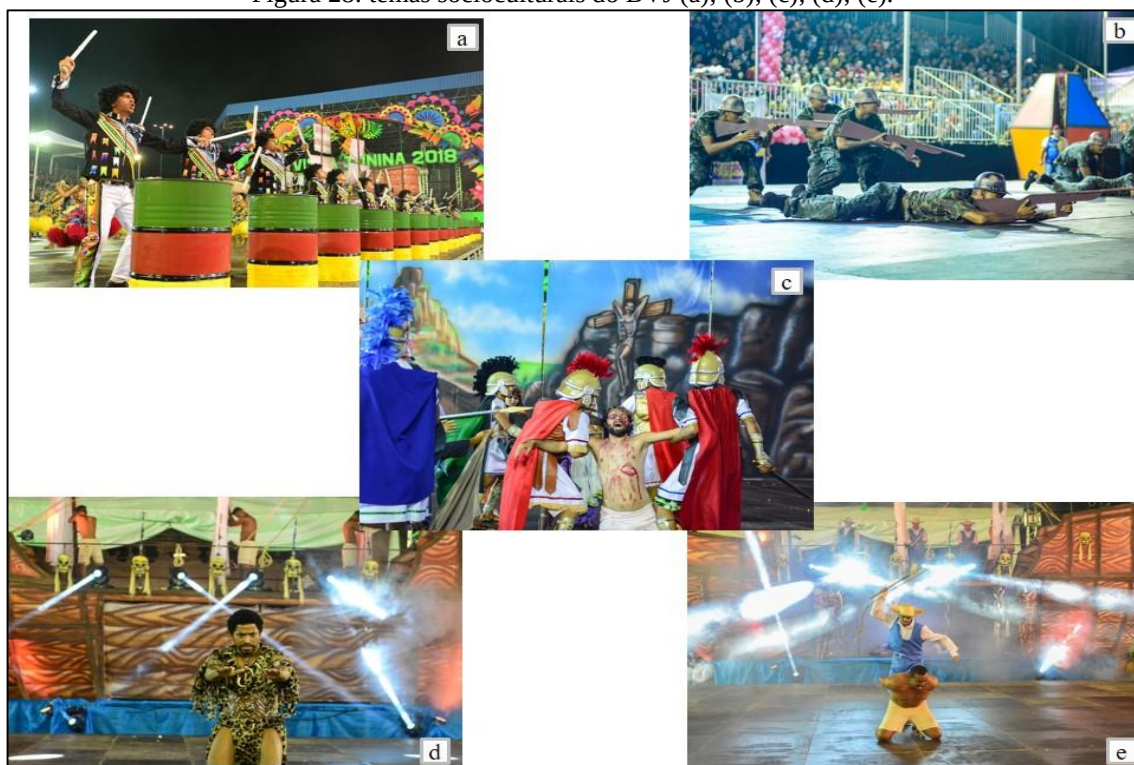
Fonte: Prefeitura de Boa Vista/RR.

Essa dinâmica de mudança é um processo de desterritorialização da cultura junina, em que se inova e se criam novas formas de comunicação com o espectador, contando com uma dança que engloba temas sociais como um meio de informar e conscientizar o público. Assim, O BVJ reconstruiu os seus valores, enquanto provedor de cultura, fazendo com que a cultura pudesse ser uma ação social, que valorize a sua própria

população. Ao transformar-se anualmente, obtendo novos aperfeiçoamentos e acompanhando as mudanças sociais e as mudanças impactantes, como as decorrentes da pandemia, o BVJ criou, por exemplo, um arraial virtual, se desterritorializando dos espaços concretos para o virtual.

Assim, a junção da cultura e da Educomunicação como meios de desenvolvimento e valorização da festa junina em Boa Vista ganham mais significância, além de levar informação por meio dos temas sociais abordados, como já mencionado. Todos os anos as quadrilhas apresentam temas sociais, culturais, históricos e modernos. Por esta razão a dança não é apenas movimento, são comunicações com linguagem acessível. A figura a seguir mostra alguns temas socioculturais apresentados.

Figura 28: temas socioculturais do BVJ (a); (b); (c); (d); (e).



Fonte: Prefeitura de Boa Vista/RR.

A comunicação criada entre o tema, teatro e expressão dos brincantes ganham uma veracidade em suas interpretações, em decorrência disso tem-se a busca pela profissionalização da dança e do teatro. Os organizadores do BVJ mencionam que o desejo é aumentar as ofertas de cursos nas áreas artísticas, para que a população possa se capacitar cada vez mais na arte e na cultura.

Finalmente, encerra-se esse subcapítulo. A fim de entender melhor a contextualização dos grupos pesquisados, foi necessário trazer a discussão sobre os processos de transformações pelas quais passaram os grupos, assim como o BVJ, destacando como eles conseguem se inovar para manter a tradição, inclusive nos períodos de crise na saúde como o marcado pela COVID-19. Ademais, a Educomunicação se salienta pelo uso de duas formas de suas aplicabilidades: uso das ferramentas tecnológicas com a informação/conhecimento gerado pelo processo de comunicação, e principalmente, sendo uma comunicação cultural com linguagem clara e compreensível. Nos próximos capítulos serão apresentadas as análises dos grupos e dos espectadores conforme o objetivo do estudo.

5 “VAMOS ACENDER A TRADIÇÃO NO MAIOR ARRAIAL DA AMAZÔNIA”

Inicia-se este capítulo com o slogan utilizado para a divulgação pela comissão responsável pelo BVJ no ano de 2023, “vamos acender a tradição no maior arraial da Amazônia” (FETEC, 2023). O que permite interpretar que a cada ano a festa busca manter a tradição de celebrar a festa de São João na cidade de Boa Vista/RR, realçando que é uma festa considerada a maior da região norte. Devido à dimensão organizacional que ela representa a sociedade, configura-se como um dos eventos mais aguardados pela população local, o que faz com que a gestão da cidade garanta e valorize esse movimento cultural como uma tradição anual.

5.1 Gestão e organização da FETEC

A valorização da cultura junina na cidade transformou-se em uma verdadeira cultura amazônica. Primeiramente, é interessante entender que a ideia de cultura, de acordo com Eagleton (2005), representa algo híbrido, sendo necessário ser crítica e dialogada para se manter viva. Assim, no contexto do BVJ tem-se uma cultura que agrada a maioria da população local, também despertando o interesse dos turistas. Por se tratar de uma cultura híbrida e dialogada é possível perceber a valorização da festa junina, de forma consciente e inconsciente.

Diante disso, quem dialoga com a festa de forma consciente são os envolvidos na organização do BVJ, os grupos de quadrilhas, as torcidas dos grupos de quadrilhas e a população que prestigia a festa (a qual vai com intuito de vivenciar a festa junina). De forma geral, são as emoções de pertencimento que envolvem os sujeitos conscientemente no prazer de vivenciar a experiência, na qual sabem e sentem a necessidade de fazer parte da festa.

Há também aqueles que de forma inconsciente se envolvem nas festas de São Joao como por exemplo, quando um indivíduo sai do trabalho e apenas faz um lanche/janta no arraial antes de ir para casa. Pessoas que foram apenas para comprar comida típica da festa e logo vão embora. Inconscientemente, essas pessoas têm uma forma diferenciada de participar da festa junina, sem desvalorizar a cultura do outro, porém, suas particularidades, valores ou crenças podem não ser compatíveis com esse movimento cultural. Nesse sentido, novamente destaca-se a cultura dialogada e crítica, quando

também há respeito pelo espaço do outro, sem questionar ou inferiorizar os diferentes saberes culturais.

Neste ponto percebe-se que as festas juninas de Boa Vista/RR tornaram-se parte dos saberes amazônicos. Enquanto povo que vive na Amazônia, há a experimentação também de outras culturas. Sendo assim, as festas juninas, promovida no Nordeste e enraizada na Amazônia com chegada dos primeiros povoados no estado de Roraima, fez com que esse movimento acrescentasse ainda mais à diversidade dos saberes amazônicos. A cultura dos povos que se encontravam em Boa Vista/RR não “morreram”, se transformaram. A riqueza dos saberes socioculturais e tradicionais passaram a dialogar com o outro, assim criando saberes, haja vista que essa prática percorre diferentes espaços e se recria em cada novo lugar, dando uma identidade própria por aqueles que dela vivenciam.

Se recriar é também ser crítico com a sua cultura, conforme Eagleton (2005). A cultura precisa ser vivida conforme a realidade, é preciso “abrir-se a alma” e “molhar-se” nas experiências socioculturais, como menciona Freire (2003). Para tanto, é imprescindível compreender o seu processo de transformação, desenvolvimento e histórias, para então dialogar com novos saberes. Compreensão essa, que deve partir tanto de quem está vivendo essa experiência e de quem ainda está aderindo. Essa troca de experiência faz com que a cultura seja levada e enraizada em novos espaços, estabelecendo, assim, diálogos críticos que ampliam cada vez mais a dinâmica cultural dos povos amazônicos.

A cultura amazônica não se trata apenas de manifestações criadas em solos locais, mas toda e qualquer expressão cultural promovida pelos povos que nela vivem ou adentram. Ambos vivenciam o presente e o agora, as mudanças da sociedade e da natureza. Brandão (2002) assevera que viver uma cultura é conviver com e dentro de uma mesma contextura, criando possibilidades do presente com os outros. A cultura é o social dialogando e criando significados para quem está disposto a se comunicar com ela. Por essa razão os saberes amazônicos se tornaram algo complexo e com diversidades em suas linguagens, pois recebe tantas variedades de sujeitos oriundos de outras realidades, ou mesmo, por já ser uma região com sujeitos e espaços heterogêneos.

De acordo com Oliveira e Santos (2007, p. 02)

Viver a cultura amazônica é confrontar-se com a diversidade, com diferentes condições de vida locais, de saberes, de valores, de práticas sociais e educativas, bem como de uma variedade de sujeitos: camponeses (ribeirinhos,

pescadores, índios, remanescentes de quilombos, assentados, atingidos por barragens, entre outros) e citadinos (populações urbanas e periféricas das cidades da Amazônia) de diferentes matrizes étnicas e religiosas, com diversos valores e modos de vida, em interação com a biodiversidade dos ecossistemas aquáticos e terrestres da Amazônia.

A cultura amazônica é a representação e expressão dos seus sujeitos. Quem nela vive, cria a cultura amazônica, conforme a sua realidade, gostos e valores, o que não impede de se reinventar dentro do seu próprio espaço. Para tanto, ao discutir as festas juninas como saberes culturais da Amazônia, reitera-se o BVJ como uma expressão dos saberes dos povos locais, os quais tiveram as suas raízes dos povos nordestinos que adentraram no território amazônico, mais precisamente em Boa Vista/RR. Criando, assim, essa particularidade das festas juninas na cidade, e se destacando como uma das maiores manifestação culturais de Boa Vista/RR, e até mesmo da região norte, como destaca a organização da FETEC.

Antes de discutir sobre o BVJ, destaca-se as principais festas populares dos estados da região norte. Os respectivos dados foram levantados por meio de pesquisas nos sites dos estados nortistas. A tabela a seguir mostra que dentre os estados da região norte se sobressaem as festas juninas no estado de Roraima. O que não significa que apenas esse estado promova as festas juninas, mas permite inferir a relevância da festa como um todo para o estado, haja vista que os demais apresentam as festas juninas sob outras perspectivas culturais.

Tabela 7: festas populares dos estados do norte.

ESTADO	FESTA POPULAR
Amazônia	Festival Floclórico de Parintins, Festival do Pirarucu, Festa do Peixe Ornamental, Festa do Guaraná, Festival Amazonas de Jazz, Boi Manaus, Carnaboi.
Amapá	Marabaixo; Boi-Bumbá.
Acre	Folia dos Reis, Congo, Festival Indígena Yawa, Festa do padroeiro de Epitaciolândia.
Pará	Cirio de Nazaré, Marujada de Bragança, Arraial da Pavulagem, Boi de Máscara, Quadrilhas do Pará.
Rondônia	Festa do Divino, Jerusalém da Amazônia, Arraial –Índia Boi Bumbá.
Roraima	<u>Festa Junina.</u>
Tocantins	Festa do Divino, Carvalhada.

Fonte: Site documentais dos estados google.

Diante do quadro supra apresentado a festa junina aparece como destaque das festas populares da região norte promovida pela cidade de Boa Vista/RR. Entende-se, assim, a justificativa do slogan usado pela FETEC, como o “maior arraial da Amazônia”, que será explorado no subcapítulo a seguir.

Dentre as perguntas realizadas na entrevista, alguns pontos chaves que abordavam as indagações foram grifados em negrito, visando uma melhor compreensão do leitor sobre o que foi questionado. Assim, foram analisadas sob a ótica de duas categorias: FETEC e a relação com a festa; e ação e prática.

A entrevista aconteceu no dia 17 de abril de 2023, no departamento da Superintendência da Cultura de Boa Vista/RR, dentro do órgão da FETEC, e teve duração de aproximadamente duas horas e meia, sendo aplicada a três servidores públicos do próprio departamento e que atuam na organização do BVJ, identificados como organizador 1 (Org.1), organizador 2 (Org.2) e organizador 3 (Org.3).

Na tabela 8 apresenta-se uma síntese com a organização das categorias e tópicos guia dos dados contemplados, cujos resultados obtidos podem ser observados na sequência.

Tabela 8: organização das categorias de análises dos dados.

ORGANIZADORES DA FESTA JUNINA		
	CATEGORIA	TÓPICOS GUIAS
1.	FETEC e a relação com a festa	• Tempo que atua como organizador e duração da organização do BVJ; • Oferta de Curso de incentivo à cultura; • Patrimônio imaterial cultural de Boa Vista; • Como eles enxergam o BVJ; • Valores sociais; • Desenvolvimento do BVJ; • Limitações; • Grupos Especiais, Acesso e Emergentes.
2.	AÇÃO E PRÁTICA	• Escolha do tema do BVJ; • Seleção dos julgadores; • Educação não formal; • BVJ e a Educomunicação; • Comunicação das quadrilhas; • Aprendizagens dentro da dança quadrilha; • Valor simbólico;

Fonte: Silva (2023).

5.2 “Boa Vista és minha menina tu és junina és minha paixão”: FETEC e a relação com a festa

*“Boa Vista és nossa menina tu és junina és minha paixão,
na rodada da saia rodada, lá vem machadada na palma da mão
o maior arraial da Amazônia festa que apaixona
é o amor no coração, é alegria festa e emoção
nada vai apagar a fogueira da tradição”.*

A letra da música citada acima é uma composição de Irã Guimarães e Chiquinho Santos, frequentemente usada pela prefeitura de Boa Vista nas noites de arraiais, trata-se de um espelho do que a festa representa para os organizadores do Boa Vista Junina.

Nesse capítulo serão analisadas as respostas dos questionamentos feitos via entrevista aplicada aos organizadores do BVJ, que trabalham no setor de cultura da FETEC. A entrevista aconteceu de forma aberta, dialogada e simultânea com os servidores. A autora desta tese direcionou as perguntas e eles comentavam como ocorria tal processo. Bem como, houve momentos nos quais um complementava a fala do outro.

No primeiro momento da entrevista apenas o Org. 1 estava responsável por atender os questionamentos. Posteriormente, os demais fizeram suas contribuições ao longo da entrevista. As análises aqui descritas seguiram conforme o roteiro de perguntas estruturadas para a entrevista (apêndice A).

No que refere a primeira categoria de análise, a relação dos organizadores com a festa, foi possível identificar memórias e culturas enraizadas. O Org. 1 esclareceu: “estou na organização **desde 2001**, são vinte e poucos anos, com contato com o mundo junino”. O Org. 1 comenta que muitas memórias foram criadas em cada processo de transformação pelos quais as festas do BVJ passaram. Durante os anos as festas passaram por uma reconstrução de símbolos e valores. Os organizadores que viveram e vivenciam esse processo têm conhecimento e percepção sobre o quão grandioso o BVJ se consagrou. Conforme destaca o Org. 1:

“Preparamos o Boa Vista Junina por três meses, começamos logo no mês de março, abril, maio e junho, tem em média três meses, para abrir licitações de serviços prestados, selecionar os ambulantes por inscrição no site da prefeitura e sorteio das barracas. Também fazer a escolha dos julgadores, levam uns três meses”.

A confirmação dos meses de preparação que antecedem o BVJ foi reforçada pelo Org.3. Questionou-se logo em seguida sobre a **oferta de cursos no campo de expressões artísticas pela FETEC** e o Org.1 relatou: “*o nosso departamento de cultura é uma equipe que busca por ferramentas e ofícios para oferecer alguns cursos de elaborações culturais e coreografias para interessados, já realizamos alguns, mas, ainda não acontece com frequência, como desejamos*”. Esse desejo por parte dos organizadores em realizar os cursos está voltado a capacitar os provedores de cultura de Boa Vista, para que possam crescer e se desenvolver em suas áreas artísticas tendo, por conseguinte, apresentações/trabalhos com maior qualidade que valorizem a cultura local. Conforme dito pelos organizadores, os cursos ainda não são ofertados com frequência, mas existe uma preocupação por parte do departamento da Superintendência da Cultura de Boa Vista em aumentar a demanda dos cursos.

Diante dessa indagação, questionou-se sobre a possibilidade do BVJ se tornar **patrimônio imaterial cultural de Boa Vista**. A resposta foi a seguinte: “*caso venha acontecer o tombamento será pela forma como enraizou uma identidade junina nos povos boa-vistense, em valorizar a festa*”, (ORG.3).

Segundo os entrevistados, a FETEC tem o cuidado em promover um arraial que seja destaque na região amazônica. Segundo o IPHAN (2009, p. 17) o patrimônio imaterial cultural trata-se:

Cuida da preservação dos bens culturais de natureza imaterial. Na preservação deste tipo de bem cultural importa cuidar dos processos e práticas, importa valorizar os saberes e os conhecimentos das pessoas. São os ofícios e saberes artesanais, as maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, as danças e as músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares que revelam os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade.

A partir dessa premissa sobre o patrimônio cultural imaterial, nota-se uma preocupação por parte das políticas públicas em valorizar os bens culturais imateriais brasileiros, como um caminho de conservar os saberes, as crenças e as práticas de cada cultura. No Estado de Roraima se percebe a participação de pessoas envolvidas com a cultura ingressando na carreira política estadual, tendo como uma das pautas de prioridade a valorização cultural do estado.

Uma das grandes vitórias considerada pelos envolvidos com as festas juninas foi a promulgação da lei que reconhece a festa junina como cultura nacional. A Lei 14.555/23

foi sancionada no dia 25 de abril de 2023 e aprova em seu Artigo 1º que “as festas juninas ficam reconhecidas como manifestação da cultura nacional”.

O fato de reconhecer as festas juninas como manifestação cultural nacional não modifica em nada a forma como esse movimento era visto pelos organizadores, pois, a importância dada à festa sempre foi voltada a resgatar as memórias que eles tiveram em suas experiências. Sendo a festa como um momento de alegria, de voltar à infância quando se brincava com as bandeirinhas, balões e fogueiras. Para um dos organizadores que está na organização há 23 anos, a festa junina é tida como “*paixão, história de vida, ser nordestino, suas raízes da vida*” (ORG. 1). O organizador olha para as festas como um tempo que não se trata apenas de uma festa ou de uma quadrilha junina, mas percebe como sendo o momento de “*local de fala, de reconhecimento dos sujeitos em ser diferente*” (ORG. 1).

Ao destacar esse reconhecimento dentro do período junino e local de fala o Org. 2 menciona que isso se deve a “*muitos brincantes de quadrilhas terem o prazer de sentirem acolhidos. Onde o preconceito não é destaque. E é comum alguns brincantes dançarem como eles reconhecem sua identidade*”.

Para os organizadores isso é motivo de comemoração, promover o respeito entre os sujeitos das quadrilhas e das festas juninas. Por isso, a festa junina se torna tão importante por parte dos olhares da FETEC. Ao indagar sobre a forma como eles **enxergam importância do BVJ**, um deles menciona que é “*ação dentro de uma política pública*” (ORG. 1), simultaneamente, os demais concordaram. Para o Org. 1 “*a festa junina é vista como uma ação social, pois consegue atingir várias camadas sociais, econômicas, saúde e educação*”.

Nesse contexto os entrevistados realçaram que a festa junina se preocupa em dialogar com outras áreas sociais. O BVJ disponibiliza um espaço da festa voltado à presença de outras secretarias, como por exemplo, tem-se a área da saúde ministrando e distribuindo acessórios para cuidados pessoais e higiênicos; a Secretaria de Educação, com espaços lúdicos para as crianças; o Departamento de trânsito, com informações e orientações à população; a economia criativa, gerando renda extra aos autônomos que podem usar o espaço para vendas de comidas, brinquedos, acessórios adultos e infantis; além dos grupos de quadrilhas que precisam das costureiras para confecções das roupas, entre outros, conforme explicado pelos organizadores.

Posto isso, tem-se os **valores sociais do BVJ**, os quais o Org. 2 destaca que consistem em promover o respeito entre os sujeitos, a liberdade, a potencialidade de se

reconhecerem, se identificarem, terem harmonia e coesão de viver em grupo, se sentirem parte da sociedade, com amor à cultura, igualdade, educação, saúde e conhecimento. *“Por promover valores sociais a festa junina é vista pela prefeitura como um investimento e não gasto (ORG. 1).*

A visão da festa junina ser um investimento acontece em virtude da dinâmica que a festa promove. Conforme os organizadores descreveram, as festas juninas de Boa Vista/RR conseguem criar uma economia criativa para a cidade, fazendo circular e surgir empregos indiretos, movimentando as rendas de muitas famílias. De acordo com eles as festas juninas têm um período marcado por geração de renda, antes mesmos das noites de arraiais, pois existe uma preparação de aproximadamente seis meses de ensaios dos grupos de quadrilhas antes da realização do evento em si.

Visto isso, os entrevistados destacaram que a preparação dos grupos é capaz de movimentar grande parte da economia criativa do BVJ. Cada grupo recebe um determinado valor da prefeitura para elaborar as suas apresentações. O valor é gasto com vestimentas, alegorias, adereços, transporte e alimentação, considerando que alguns grupos são de outras cidades ou comunidades indígenas. Não obstante, os organizadores destacam que existem grupos especiais que fazem um investimento maior em suas apresentações. Com isso, a dinâmica muda em relação aos grupos especiais, de acesso e emergente, dando ainda mais ênfase à econômica criativa.

O Org. 1 exemplifica como ocorre a economia criativa:

“Veja só, cada grupo necessita de uma costureira e cada uma delas precisam de pelo menos uma ajudante, com isso observamos uma teia econômica se construindo. Já que cada grupo precisará desses serviços. Além disso, os grupos precisam construir com antecedência suas alegorias mais empregos indiretos surgindo para os pintores, serralheiro, ferreiro, entre outros profissionais que constroem as alegorias. Um outro profissional tão importante que faz parte dessa teia de empregos indiretos estão os compositores e cantores, pois, os grupos precisam de uma música inédita a cada ano”.

Além disso, durante as noites de arraiais a estrutura montada precisa de trabalhadores para a sua elaboração, muitos deles não têm vínculos diretos com a prefeitura e são contratados apenas pelos serviços prestados para montagem da estrutura da festa junina. O mesmo ocorre com os ambulantes e barracas que vendem suas mercadorias, a maioria são autônomos. Tudo isso faz com que a prefeitura considere a festa como um investimento para a economia e para o desenvolvimento local, o qual

sincronicamente, valoriza a cultura e amplia o turismo nessa época do ano, conforme dito pelos organizadores.

Para Jesus (2003) o desenvolvimento local é um processo que estimula tanto as pessoas como as instituições a transformarem a economia para criar oportunidades de trabalhos, superando as dificuldades e melhorando as condições de vida social, assim como o seu desenvolvimento. Essa premissa é complementada por Lóssio e Pereira (2007, p. 09) os quais mencionam o seguinte:

As esferas do desenvolvimento local englobam: religião, cultura, política, economia, saúde, atitudes, lazer, educação entre outros. A cultura por sua vez redimensiona o desenvolvimento envolvendo projetos de políticas culturais, lazer economia e consequentemente todas as outras dimensões.

Logo, entende-se que o desenvolvimento local é resultado humano através de suas práticas culturais. Na perspectiva dos organizadores, as práticas culturais promovidas pelo o BVJ contribuem para a geração de renda das famílias roraimenses nesse período, o que é considerado como economia criativa pela FETEC. A figura a seguir apresenta um panorama sobre a teia de geração de empregos e renda a partir da dinâmica do BVJ para uma economia criativa.

Figura 29: dinâmica do BVJ para uma economia criativa.



Fonte: Silva (2023).

Respectiva imagem foi elaborada de acordo com a exemplificação descrita pelos organizadores. A economia criativa cria leques de oportunidades para diversos profissionais. De modo que, os grupos de quadrilhas, que no total são 28, conseguem

movimentar uma grande parte de empregos indiretos, pois, precisam costureira e cada uma delas necessita de pelo menos 1 ou 2 auxiliares, além dos profissionais que trabalham com gráfica, divulgação e tecnologias que os grupos utilizam. Essa dinâmica fez com que o BVJ se desenvolvesse tornando-se dos principais eventos do estado de Roraima e da região norte.

É perceptível aos olhos dos organizadores que esse movimento é grandioso, moderno e inovador. O **avanço e desenvolvimento do BVJ** é considerado pelos organizadores como a valorização da cultura local, logo, a população também valoriza toda essa dinâmica. *“Quando existe essa valorização de ambas as partes temos uma sociedade mais consolidada, gerando desenvolvimento local e conhecimento social”* (ORG. 2). O conhecimento social, segundo os organizadores, diz respeito a uma sociedade que sabe dos seus direitos de ter acesso à cultura e ao lazer. Uma sociedade justa e preocupada com bem-estar, independente da classe social, e isso se dá pela cultura da sustentabilidade promovida pelo BVJ, modificando a vida social conforme mencionado pelo Org. 3.

Nesse sentido, o poder público precisa olhar e fornecer bem-estar social, com tomadas de decisões e estratégias que favoreçam o desenvolvimento da cultura, por conseguinte também desenvolvendo o espaço local.

Com o BVJ a festa se tonou tão essencial para campos sociais, políticos, econômicos e culturais que um dos deputados federais de Roraima sancionou a Lei (nº 14.555/2023) que torna as festas juninas manifestação cultural nacional. Reafirmando, assim, ainda mais as manifestações culturais promovidas pelo BVJ, concomitantemente, valoriza a cultura local e gera fontes de renda. De acordo com Lóssio e Pereira (2007, p. 04)

Cabe na atualidade olhar a cultura popular na perspectiva da sustentabilidade cultural no processo de desenvolvimento local, assim, quando discutimos cultura estamos necessariamente considerando a vertente da geração de emprego, renda e negócios. A cultura popular proporciona a cultura do prazer, que por sua vez torna-se um produto vendável.

O Org. 1 o BVJ tem um olhar para a cultura na perspectiva da sustentabilidade, atuando no campo político, social e econômico. E conforme é possível constatar ao decorrer das análises dos dados, esse é o caminho que o BVJ vem percorrendo para que a cultura da Festa Junina seja sustentável para o campo político, especialmente quando este campo engloba as festas juninas como uma ação dentro das políticas públicas,

promovendo e modificando a vida social de quem dela participa. Seja de forma econômica por um determinado período, com a econômica criativa, ou mesmo da retirada dos jovens da banalização, que passam aderir a cultura como saída de suas ansiedades ou de situação de risco social, conforme mencionou o Org. 1

Para os entrevistados, todas essas ações resultam na valorização social, do bem-estar e cultural. Eles destacam que a valorização vem despertando o interesse dos grupos usarem recursos tecnológicos, para manter “acessa” a tradição da festa e com isso acompanhar sua evolução, a fim de que continue a fazer diferença na vida social e possa ampliar a imaginação e criatividade de suas apresentações. De acordo com Lóssio e Pereira (2007, p. 08) “o que falta para aumentar a valorização da cultura popular é unir tecnologia com tradição”. Logo, os organizadores destacam que os grupos de quadrilhas (principalmente os especiais) estão cada vez mais adeptos ao uso de tecnologias nas apresentações.

Conforme constatado no estado do conhecimento, os trabalhos dos autores Lucena (2016) e Costa (2016), compreendidos na primeira categoria, discutiram as festas de São João em Campina Grande-PB como um movimento que já é consagrado como uma grande festa popular do Brasil. Sendo um evento que faz uso da cultura para promover o desenvolvimento local, o turismo e sociocultural, tornando-se, assim, um produto rentável e que utiliza uma estrutura tecnológica para manter as tradições juninas, visando que o público sempre tenha o interesse e a motivação de prestigiar a festa e os grupos de quadrilhas de Campina Grande.

Voltando para os grupos de quadrilhas do Estado de Roraima, os organizadores, do BVJ **não limitam ou exigem** nada específico, em termos de critérios, além do que está previsto no Caderno de Orientação do Concurso de Quadrilhas. Respectivo caderno é o documento que estabelece os critérios que devem ser levados em consideração para a valoração das notas, podendo perder pontos caso não cumpra com as normas do concurso. De acordo com o Org. 1:

“Esse caderno de orientações é repassado para os grupos e julgadores das quadrilhas juninas. O caderno, contém o regulamento do concurso de quadrilhas; ordem de apresentação das quadrilhas; direitos do julgador; deveres do julgador; orientações sobre o julgamento e critérios de julgamentos dos quesitos. Todo esse material é preparado pela FETEC anualmente”.

A tabela 9 a seguir sintetiza os quesitos por respectivo grupo de avaliação, estipulados no Caderno de Orientação da FETEC (2023), os quais são avaliados pelos jurados no ato da apresentação dos grupos.

Tabela 9: quesitos julgados.

GRUPO DE AVALIAÇÃO	QUESITO
A	Animação
	Animador
	Coreografia
B	Casal de noivos
	Entrada
	Figurino
C	Criatividade
	Tema
	Repertório

Fonte: FETEC (2023).

Quanto aos quesitos, o Org. 1 destaca que:

“Cada grupo tem que seguir esses critérios de avaliação em suas apresentações, assim como não ultrapassar o limite da cronometragem que é tempo de apresentação das quadrilhas, o tempo de colocação e retirada de cenários. Também a uma exigência para ocuparem apenas os locais reservados para as concentrações do material usado na apresentação, assim como tempo”.

Ainda sobre os critérios avaliativos, conforme o Org. 1, *“é permitido levar o material apenas no dia de suas apresentações, nos horários de 08:00 horas da manhã até as 19:00 horas da noite”*. Seguindo com as exigências no dia seguinte, não podendo deixar materiais soltos pela área do BVJ. *“No dia seguinte as quadrilhas têm até as 15:00 horas para retirada do material da área do BVJ, tudo sob pena de perda de pontos, caso o não cumprimento das regras”* (ORG.1).

No que tange as apresentações, cada grupo tem no mínimo 25 minutos e no máximo 30 minutos para se apresentarem, podendo perder 01 (um) décimo de ponto dentro do minuto que não atingir o limite dos 25 minutos, ou se ultrapassarem os 30 minutos. Cada grupo também tem 10 minutos para colocar e retirar as suas alegorias de cima da arena junina, ambas as situações têm o tempos cronometrados, sob pena de perda de ponto. Os entrevistados ressaltam que o tempo só se encerra quando o animador, brincantes e figurantes não estão mais no tablado.

Outra regra citada pelos organizadores é que se por algum motivo algum grupo de quadrilha não se apresentar no BVJ, depois de passar por todo o processo de ensaios e congresso técnico, o respectivo grupo não poderá se apresentar no ano seguinte no BVJ.

Quanto as **categorias**, os grupos são divididos, de acordo com as suas apresentações, **em grupos especiais, acesso e emergente**. Conforme o Caderno de Orientações da FETEC (2023, p. 05-06), o art. 4º, destaca que:

“As quadrilhas que disputarão o Concurso Boa-vistense de Quadrilhas Juninas serão aquelas filiadas e representadas pela FERQUAJ, na seguinte disposição:

I. Grupo Especial: As que se classificam do 1º a 10º lugar no Grupo Especial no Concurso de Boa Vista Junina e mais as que se classificam em 1º e 2º lugar no Grupo especial de Acesso no Concurso do Boa vista Junina.

II. Grupo de Acesso: As que se classificam do 3º ao 10º lugar no Grupo de Acesso no Concurso do Boa Vista Junina, as duas que foram 11º e 12º colocadas do Grupo Especial e mais duas indicadas pela FERQUAJ, desde que as indicadas não tenham participado no ano anterior.

III. Grupo Excedente: As que se classificam em 11º e 12º lugar no Grupo de Acesso no Concurso do Boa Vista Junina e mais os novos grupos filiados a FERQUAJ.

Subir ou descer de grupo depende exclusivamente das apresentações, desde que esteja filiado a FERQUAJ (Federação Roraimense de Quadrilheiros Juninos). Ou seja, o que delibera qual grupo a quadrilha fará parte são as suas performances, levadas ao tablado, que serão julgadas e avaliadas. A tabela 10 apresenta todos os grupos de quadrilhas filiados a FERQUAJ, por respectiva categoria, de acordo com o caderno de orientações de 2023.

Tabela 10: categorias dos grupos de quadrilhas de Roraima.

CATEGORIA	NOME DO GRUPO DE QUADRILHAS
Grupo especial	Xamego na Roça
	Explosão Caipira
	Amor Caipira
	Zé Monteirão
	Matuta Encantá
	Garranxê
	Coração de Estudante
	Coração Caipira
	Furacão Caipira
	Agitação Caipira

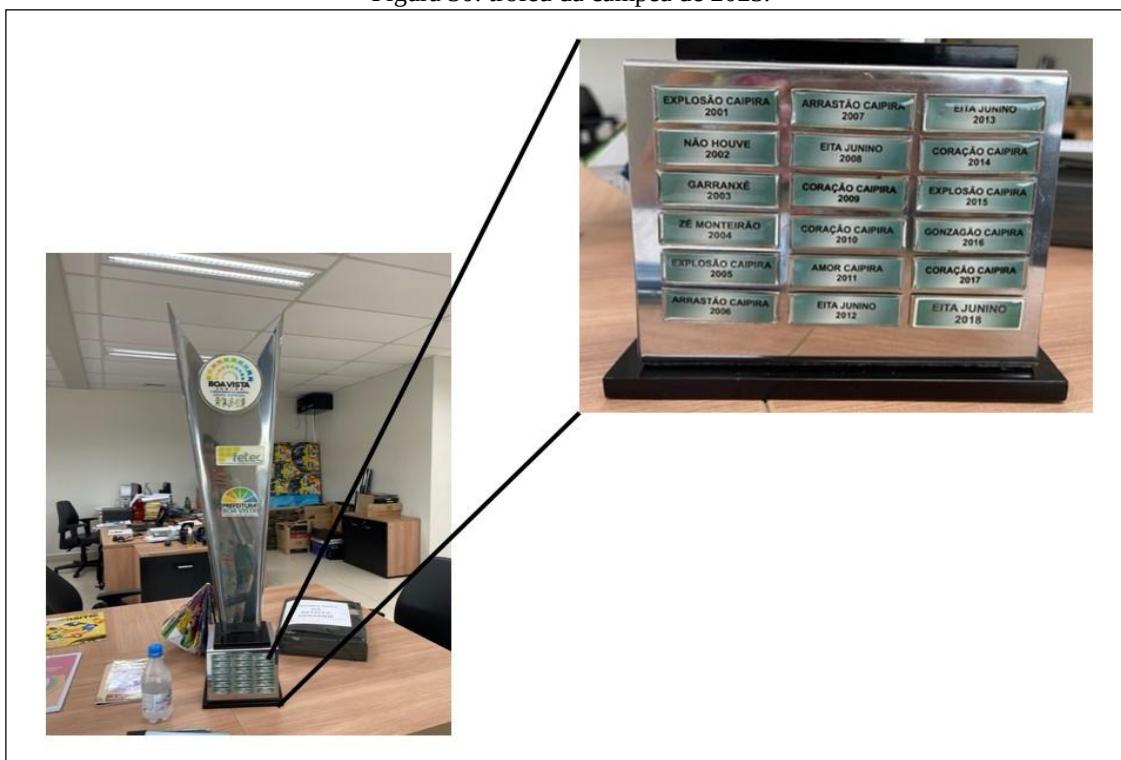
CATEGORIA	NOME DO GRUPO DE QUADRILHAS
Grupo de acesso	Sinhá Benta
	Eita Junino
	Arrasta o pé
	Sanfona Junina
	Estrela Junina
	Luar do Sertão
	Tradição Macuxi
	Joaninha Caipira
	Escola Forrozão
	Espantalho Junino
	Filho de Macunaima
	Namoro Caipira
	Coração Alegre
	Macedão
Grupo emergente	Evolução Junina
	São Vicente
	Coração do Sertão
	Guerreiro Jorge

Fonte: FETEC (2023).

São 28 grupos de quadrilhas de Roraima, inseridos nas categorias especiais (13), acesso (12) e emergente (4). Conforme as categorias muitos grupos buscam o apoio de profissionais para ajudar os brincantes a se profissionalizarem em suas apresentações, como por exemplo: coreógrafo, professor de dança, atores, entre outros artistas. As expressões são relevantes e necessitam ser estar presentes no teatro e em cada passo da dança, para, então, o melhor grupo poder levantar o troféu de campeão de cada categoria.

A imagem a seguir mostra o troféu que a campeã do grupo especial recebe (quadrilha Garranxê - campeã em 2023). O Org. 2, destaca que “o troféu é temporário após a vitória, podendo ser levado pelo presidente apenas caso o grupo tenha três vitórias, ou seja, a cada três vitórias os grupos de quadrilha pode levar o troféu de forma permanente”. Na imagem a seguir é possível ver em destaque os nomes das campeãs e os respectivos anos que vem anexados ao troféu.

Figura 30: troféu da campeã de 2023.



Fonte: Silva (2023).

Diante das análises dos dados oriundos das entrevistas com os organizadores do BVJ, nessa primeira categoria: FETEC e a relação com a festa junina, e as observações feitas sobre as redes sociais da prefeitura de Boa Vista, percebe-se que as festas juninas se tornaram um movimento cultural de grande importância e influência para o estado. Movimento cultural esse, que está permeado pelas expressões artísticas tradicionais e, concomitantemente, modernas, que se adaptam às mudanças sociais, onde cada tempo constrói uma nova forma de se apresentar/se colocar em atuação, sendo influenciada pelos novos processos de comunicação que vão surgindo.

Ao envolver a população o BVJ apresenta grandes arranjos que abarcam a cultura, a política e a economia. Assim, cria uma diversidade de produtos para o consumo cultural. Consumo esse que contribui significativamente para o desenvolvimento da cidade, além de criar meios de comunicação entre estado e a população. No ato da divulgação da festa pela prefeitura em postagens nas suas redes sociais é nítido, por exemplo, nos comentários, o valor que a população dá a festa junina local. Os sujeitos mostram o desejo e a vontade de viver a festa, eles opinam sobre o que esperam encontrar nas festas juninas e assim a comunicação vem crescendo cada vez mais, podendo, inclusive, serem vistos os resultados dessa dinâmica. Por vezes, o BVJ faz mudanças e adaptações em sua estrutura, visando atender pedidos do público, que comenta nas postagens de divulgação.

As redes sociais da prefeitura, no que se refere à divulgação das festas juninas, se tornaram ambientes de trocas abertas de sugestões e de reclamações. Então, conclui-se que a comunicação é um dos fatores essenciais para a melhoria e o desenvolvimento do BVJ.

Sobre comunicação e festa, este tema será abordado no subcapítulo a seguir, o qual apresenta as análises de acordo com a segunda categoria de perguntas dentro tópico: ação e prática com as festas juninas.

5.3 “Veja como ele está lindo, olha pra'quele balão multicor”: ação e prática da FETEC

O título deste subcapítulo traz o trecho de uma das músicas mais populares das festas de São João/festa junina, de autoria de José Fernandes e Luiz Gonzaga. O trecho dessa música faz pensar no “produto final”, quando se encontra o local com toda a sua estrutura montada, com uma decoração admirável e encantadora.

Ao analisar a categoria de ação e prática das festas junina de Boa Vista/RR, com base nos questionamentos feitos com os três organizadores (servidores públicos, responsáveis pela organização do BVJ), que atuam na Superintendência da Cultura na FETEC, interpreta-se a ação e prática como sendo o arranjo que a festa leva em seu produto.

Todo esse arranjo é pensado e planejado para oferecer à população boa-vistense e turistas um arraial lindo e cheio de cores, no qual a população possa se debruçar em noites alegres de regozijos. Diante disso, ao serem indagados sobre **como surge o tema do BVJ**, o Org. 1, imediatamente responde: *“a escolha do tema do BVJ, surge muitas das vezes em rodadas de conversas por nós aqui na FETEC como todo, ou mesmo por agência de publicidade, depois de aprovado pelo gestor/prefeito iniciamos os trabalhos”*.

Para os organizadores a escolha acontece de modo híbrido, ao chegar a uma ideia que todos concordem necessita da aprovação do gestor municipal. Após o tema ser aprovado, os trabalhos começam a ser pensados e planejados em cima do tema, principalmente a decoração do BVJ, que todo ano traz uma ornamentação diferenciada.

Segundo os entrevistados, é partir dessa etapa que se abre editais de inscrições para os vendedores ambulantes e para quem deseja ter uma barraca nos dias dos festejos, posteriormente é realizado um sorteio para determinar quem terá direito a uma barraca. Nesta etapa também ocorre o processo de inscrição para os jurados que irão avaliar a

apresentações dos grupos de quadrilhas. Ao ser questionado sobre a **dinâmica de seleção dos jurados**, o Org.1, responde:

“É aberto um processo seletivo para aqueles que desejam se habilitar para julgar as quadrilhas. Onde todos tem acesso, pois as inscrições são realizadas no próprio site da prefeitura. Porém, como todo processo é avaliado, os julgadores são aprovados pelo seu currículo, onde é possível analisar se o candidato tem conhecimento técnico e capacidade de julgar os critérios adotados pelo concurso de quadrilha do BVJ”.

Conforme dito pelo Org. 1 é feito um credenciamento para comprovar a capacidade técnica de ser jurado. Para tanto, os organizadores avaliam titulações, como graduação, especialização, mestrado e doutorado. As formações devem estar o mais consonante possível com os itens que vão ser avaliados. O Org. 1 exemplifica como funciona:

“O avaliador da categoria repertório, seria um músico com as devidas comprovações; figurino, um design de moda; criatividade, profissionais do campo das Artes; coreografia, um profissional da dança/professor de dança. É dessa maneira que os julgadores vão sendo selecionados, para terem conhecimento e com isso saberem justificar a nota dada ao grupo. E que a nota seja baseada em cima de conhecimentos técnicos e profissionais”.

Respectivas exigências por parte da FETEC, em encontrar profissionais que estejam preparados com formações na área, visam não prejudicar nenhum grupo. Com isso, os organizadores mostram demonstram preocupação e celeridade ao selecionarem os julgadores, os quais são 12 no total.

Ademais, conforme dito pelos entrevistados, ao selecionarem os jurados há uma preparação para eles. É feito um congresso técnico, com os julgadores e com representantes das quadrilhas. Nessa apresentação os grupos expõem, em no máximo 15 minutos, o que vão desenvolver nos dias das apresentações, assim, os jurados ficam cientes sobre o que cada grupo apresentará. Ainda segundo os organizadores, os jurados recebem um caderno de orientação para que estejam aptos a darem as notas e terem conhecimento dos critérios que devem avaliar. Os pontos costumam variar, podendo ser fracionadas em decimais, e os décimos retirados devem ser justificados.

Antes de analisar as próximas indagações feitas aos entrevistados, é pertinente salientar que os saberes, ou mesmo a educação, são processos que acontecem de forma diferente, embora ocorram em um mesmo ambiente. O imaginário, muitas vezes, carrega o que é imposto pela sociedade, como a percepção de que a educação é um ato a ser

concebido nas escolas. Nesse contexto, é necessário entender que os saberes são diferentes conforme a realidade de cada sujeito.

À vista disso, ao dar seguimento nas análises, tem-se um enfoque voltado a entender como os sujeitos (organizadores) percebem a presença da educação não formal no campo cultural em que estão envolvidos.

Ao serem questionados sobre o **processo da educação não formal com os envolvidos na Festas Junina em Boa Vista/RR**, o Org.1, responde que o processo

“Pode ser visto em sua forma geral quando a Festa Junina diálogo com os campos sociais (saúde, educação, segurança), abordando temas transversais E que fazem parte da festa junina, estando presente nas noites de arraiais para auxiliar e informar a população que frequenta a festa”.

Os organizadores mencionaram que as tendas comunitárias foram elaboradas para poder público e a informação da população, sendo também uma forma de comunicação com público, com a proposta de informá-lo. Segundo os organizadores, no BVJ de 2022, quando a festa voltou a ocorrer na forma presencial, houve uma preocupação em manter a população informada sobre a importância de se vacinar contra a COVID-19, contando, inclusive, com um espaço para vacinação daqueles que não estavam com as doses em dia. Para os organizadores, essa atitude é percebida como um exemplo de comunicação que gera conhecimento social, ou seja, é a educação sendo construída por meio da conscientização da sociedade.

Por meio das falas é possível perceber que os saberes podem, de fato, acontecer de formas diferentes, da maneira como destacava Paulo Freire (1997) quando afirmava que não há um saber mais ou saber menos, mas sim, há saberes diferenciados. Dessa forma, quando a educação, a informação e, por conseguinte, os saberes são enfatizados, sendo construídos dentro de um movimento cultural, significa que a construção desses saberes passou por processos diferentes, aderindo a novas aprendizagens.

Nesse tocante, o Org 2 aponta que “o BVJ cria demandas socioculturais com seus diálogos e com temas transversais, tendo com uma linguagem acessível” (ORG. 1). Para os organizadores o BVJ cria oportunidades de gerar informação à população, “toda essa construção de saberes dentro da festa junina é a educação não formal permeando pelo movimento, fazendo com que a população possa ter acesso as essas informações.

A presença da educação não formal é ainda mais visível para os brincantes de quadrilhas, principalmente para os jovens que participam dos grupos de quadrilhas do

grupo de acesso, onde a realidade é diferente da dos grupos especiais. Muitos jovens estão em vulnerabilidade social, com tempo ócio e frequentemente usam o tempo para práticas ilícitas, segundo os entrevistados. Os ensaios que ocorrem durante alguns meses fazem com que eles possam ter novas oportunidades de olhar em torno e percebam a sua capacidade, descobrindo que têm potencialidades que podem ser aplicadas nas suas vidas profissionais e pessoais.

De acordo com as vivências com o BVJ os organizadores acreditam que alguns grupos de quadrilhas têm a preocupação com o bem-estar dos brincantes, pois criam expectativas em relação à jovens que estão passando por situações de riscos, ou até mesmo de saúde mental. Sendo a dança um refúgio para as angústias e ansiedades.

Então, para os organizadores existe a presença da educação não formal. Uma vez que a educação não formal é a comunicação entre os sujeitos, os diálogos acontecem fazendo com que o indivíduo crie oportunidades de mudar a sua realidade. A quadrilha junina acaba despertando o interesse pela arte, teatro, dança, design de moda (quando um brincante cria o figurino do grupo), quando descobre aptidões em criar os adereços que serão usados e cria uma renda como artesã, por exemplo. Tudo isso é proporcionado pela dança quadrilha. Assim, o BVJ é um lugar que cria oportunidades e simultaneamente oportuniza que os sujeitos se redescubram como pessoas e profissionais.

Conforme o que os organizadores destacam acima percebe-se que as **festas/quadrilhas juninas criaram relações com a Educomunicação**, sobretudo, quando existe abertura para os diálogos entre os sujeitos do grupo e com a festa. Os diálogos, por sua vez, geram conhecimento. Os organizadores consideram eficaz a comunicação nesses diálogos, ao construir ensinamento seja social, cultural ou educacional.

De acordo com suas falas, a FETEC investe nos produtos de divulgação para que a cidade possa ser vista em outros estados como uma das produtoras de cultura junina, e com isso obtenha o desenvolvimento local através do turismo nessa época do ano, usando todos os recursos tecnológicos possíveis para ampliar a divulgação. Um dos produtos são as transmissões ao vivo das noites de arraiais nas TVs de carnaval aberto.

Outro produto de divulgação é a Revista Anarriê, publicada anualmente. Para o Org. 1

“Essa revista é um guia de informação que leva dados dos grupos das quadrilhas juninas, divulgação de pontos turísticos da cidade, da culinária e curiosidade do estado. A revista é considerada um processo criador de

comunicação e educação ao levar informação para o leitor, que partir da leitura terá um pouco de conhecimento sobre as festas juninas de Boa Vista e algumas informações sobre a cidade”.

A Revista Anarriê (figura 31) se tornou uma proposta anual para ampliar a divulgação do BVJ em outros lugares. Sendo um material de fácil acesso de ser carregado, transportado e podendo chegar em outros lugares, com o intuito de levar a informação sobre o BVJ.

Figura 31: edições da Revista Anarriê.



Foto: Silva (2023).

O que é interessante ressaltar é o conhecimento dos organizadores em compreender o termo Educomunicação. Eles consideraram que pode se referir tanto às ferramentas tecnológicas, como à educação construída por meio da comunicação, gerando novos conhecimentos aos sujeitos.

Ao serem questionados se a **dança quadrilha consegue se comunicar com os julgadores e espectadores**, os organizadores destacam essa organização acontece ao saber ouvir. Primeiramente, eles enfatizam que não há dúvidas de que a dança se comunica com os julgadores. Considerando que os julgadores precisam entender o enredo do grupo do começo ao fim para darem suas notas. Enquanto os grupos, por sua vez, buscam se comunicar da melhor forma possível por meio das coreografias, expressão teatral, músicas e adereços, a fim de serem compreendidos.

Uma das falas dos organizadores destaca plenamente a ideia que permite interpretar que a dança quadrilha busca abarcar temas sociais para despertar a sociedade dos acontecimentos que estão em sua volta: *“A quadrilha não é mais essencialmente uma*

dança, mas sim, um meio de informação, no mínimo olhar a dança como informação e conhecimento” (ORG. 1). Para o Org. 1, quando uma quadrilha leva um tema social que aborda, por exemplo, a violência contra a mulher, homofobia, racismo entre outros temas, o espectador se reconhece naquele lugar de fala. O que para ele poderia ser um comportamento aceitável até então, pode passar a ser percebido sob outra perspectiva. Ou seja, é a partir de saber ouvir e interpretar a informação levada pela quadrilha junina que o sujeito pode se despertar para determinado fato e situação.

Diante desse exemplo é possível visualizar o processo de Educomunicação acontecendo. Há uma comunicação, um diálogo entre quadrilha e espectador, ao ouvir e compreender a mensagem repassada. A dança quadrilha ao levar sua mensagem e se comunicar através do enredo gera uma aprendizagem social para aqueles que conseguem compreender a mensagem.

Outro processo de **aprendizagem que pode ser visto pela dança a quadrilha** é a educação promovida com base no respeito entre os sujeitos que dançam quadrilha. *“Um ambiente que busca ser apenas quadrilheiros, sem existir diferenças entre eles* (ORG. 1). As aprendizagens são oriundas de saber valorizar a cultura e a tradição da dança quadrilha. O respeito recíproco entre a dança e os sujeitos cria um reencontro com o passado, fazendo valorizar o presente e entendendo as mudanças da dança. A dança mantém a sua tradição e simultaneamente busca por inovação, por isso, se mantém fazendo sentido e com valor simbólico por quem dela participa. De modo que, os aprendizados dos sujeitos, ao longo desse percurso equilibrado entre tradição e inovação, são levados por eles ao decorrer de suas vidas.

Sobre o **valor simbólico em manter o BVJ**, o Org. 1, destaca que *“o primeiro ponto está em respeitar suas histórias, suas raízes, suas identidades e não deixar acabar com um movimento que gera emoção, comoção e valorização do OUTRO”*. Essa questão de valorização do outro é levada tão a sério que para um dos organizadores antes de começar com os planejamentos ele pede permissão para uma senhora conhecida como Sinhá Benta, uma das pioneiras das raízes das festas juninas no estado. Essa senhora tornou-se um símbolo das festas juninas. Em respeito à sua trajetória, o organizador 1 anualmente pede permissão para poder iniciar a preparação do BVJ.

Outro valor simbólico é a visibilidade que a estrutura vem ganhando, repercutindo no desenvolvimento local e no turismo, além de valorizar a identidade quadrilheira. Os próprios grupos são os primeiros a valorizar o valor simbólico de manter as festas juninas. *“Apenas subir no tablado já estão mantendo uma tradição, uma história de um povo*

marcado pelas influências da cultura europeia, que ao adentrar no Brasil ganhou uma nova identidade tanto da dança quanto da festa” (ORG.1). Porém, logo no início dessa cultura adentrar ao Brasil ainda se mantinha em algumas festas juninas, ou mesmo como fantasia, uma imagem geralmente sofrida e ridicularizada do matuto da festa. Enquanto nos bailes europeus a festa era de glamour e elegância, características essas que os grupos de quadrilhas do BVJ estão aderindo, com roupagens e adereços com brilho, sofisticação e elegância. Dessa maneira, os grupos mantêm a tradição em sintonia com a modernidade e a tecnologia.

As últimas perguntas estavam mais voltadas para o campo pessoal, sobre **olhar que eles tinham sobre a festa junina, seus entendimentos em relação a educação não formal e a cultura, e se ambos poderiam estar juntos**. Como retorno, eles destacaram que o BVJ é visto como um momento de acolhimento, o qual *“não é apenas uma festa, é uma campanha social”* (ORG.1). Eles têm uma noção de que a festa se torna uma ação social por levar cultura, saberes culturais e informação social, sendo que todos os envolvidos se beneficiam, até mesmo o próprio espaço onde a festa é realizada, pois, ganha desenvolvimento urbano.

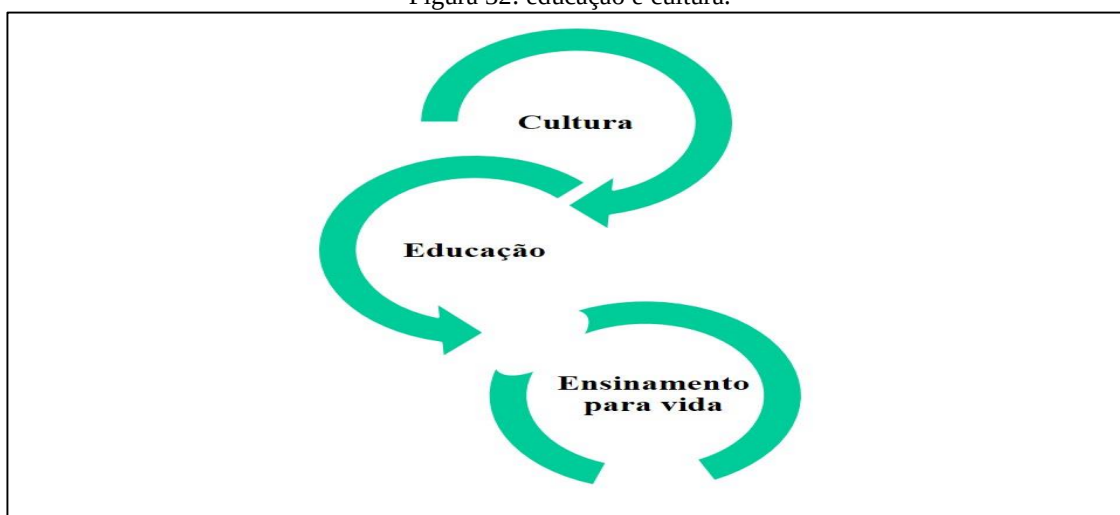
Sobre o entendimento da educação não formal e cultural, o primeiro termo não necessariamente precisaria de um complemento. Para o Org. 01

“Educação é apenas educação. Educação sendo tudo aquilo que aprendemos e levamos para nossa vida, todo e qualquer aprendizagem, nem mais ou menos importante. E que devemos desmitificar a educação apenas em escolas e intuições para ser formal, ou que fora dela seria não formal. O que aprendemos dentro dos ambientes de ensino são conteúdos escolares e profissionalizantes, que oferecem aos sujeitos uma instrução social e não ser um bom cidadão”.

À vista dessa fala, percebe-se o quão vasto é o entendimento de educação. Para os organizadores a educação é ampla e sem complemento, é educar-se através de sua família, ensinamentos, cultura e das comunicações com ambiente ao seu redor. Um sujeito ético, que respeita e que busca ser melhor para si e para outro é um sujeito educado, na visão dos organizadores. A frase de Paulo Freire apresentada anteriormente acerca dos saberes, faz mais sentido quando se olha para esse campo de interpretação, de que os saberes de cada sujeito são diferentes, por conta do processo que o levou a aderir àquela aprendizagem. Ou seja, educação são saberes construídos ao longo das vivências e experiências.

Nesse sentido, a cultura é o processo acerca de como aderir aquele saber. A cultura é vista como a dinâmica que gera todo o processo educacional, sendo o caminho para aprendizagem, e para a construção de conhecimentos para a vida. Educação e cultura estão estreitamente ligados, um necessita do outro. A figura a seguir sintetiza essa percepção.

Figura 32: educação e cultura.



Fonte: Silva (2023).

Essa situação pode ser compreendida, por exemplo, ao metaforizar-se com a ideia de um bebê recém-nascido. O sujeito não tem nenhum ensinamento ou comportamento social, suas primeiras noções serão proporcionadas pelos seus pais/cuidadores (cultura), e o que o bebê aprende (educação) com seus pais (aprendizagem pelo processo cultural). Ao ter domínio da fala, andar, comer, etc... adquire ensinamentos que leva para a vida. Logo, tudo o aprender trata-se de influências do processo cultural e educacional do qual está envolvido, de como recebe e se comunica. Até chegar um momento em que o bebê será um sujeito unicamente responsável pelo seu processo de educação, ou seja, de buscar educar-se por meio de suas próprias aprendizagens. O que ele recebeu até então não é intacto, é cultura, que por sua vez é livre e dinâmica para agregar novos saberes e aprendizagens, dependendo de novos diálogos e comunicação com o outro.

O ciclo do ensinamento para a vida foi propositalmente deixado em aberto na figura 32, pois, representa que os saberes podem passar para outros sujeitos, assim, como receber novos conhecimentos. Nenhum sujeito está pronto e acabado de educação ou de conhecimento, há sempre (re)descobertas diante das transformações sociais.

Em face do exposto compreende-se que os organizadores do BVJ passaram por grandes processos de aprendizagens ao terem contato com a cultura junina de Boa Vista/RR.

O capítulo a seguir traz as análises das entrevistas com os presidentes/animadores, e posteriormente com os 10 brincantes de cada quadrilha, selecionados por estarem a mais tempo no grupo. No grupo Zé Monteiro as entrevistas ocorreram no dia 27 de maio de 2023. Destaca-se que além do presidente, existe um grupo de diretores que são responsáveis pelas decisões e organização do grupo, os quais também foram inseridos nessa entrevista, e o animador da quadrilha. Dessa maneira, foram entrevistadas três pessoas do grupo Zé Monteiro, o presidente, uma pessoa do grupo de diretores e o animador da quadrilha. Já as entrevista com o grupo Eita Junino ocorreram no dia 10 de junho de 2023, com o animador e com dois diretores.

As entrevistas em ambos os grupos duraram aproximadamente 35 minutos. As perguntas foram dirigidas aos animadores e diretores dos grupos, seguindo um roteiro de perguntas pré-estabelecidas. Os entrevistados foram respondendo os questionamentos conforme o seu momento de fala, ou complementando a fala do outro. As entrevistas aconteceram nos locais de ensaios de cada grupo.

Os entrevistados são identificados nesta pesquisa como Zé-01 (presidente), Zé-02 (diretora) e Zé-03 (animador). Assim, como, Eita-01 (diretor), Eita-02 (diretor), e Eita-03 (animador). As análises das entrevistas seguiram conforme as categorias de análises e seus respectivos tópicos guias, sintetizados na tabela 11.

Tabela 11: organização das categorias de análises dos dados – presidentes, diretores e animadores.

PRESIDENTE/DIRETORES E ANIMADORES DOS GRUPOS DE QUADRILHAS		
	CATEGORIA	TÓPICOS GUIAS
1.	CONSTRUÇÃO DA DANÇA	• Tempo ativo no grupo e formação; • Desenvolvimento e criação do tema e da dança.
2.	AÇÃO E PRÁTICA	• Dedicção aos ensaios; • Dança e educação; • Valores sociais; • Quadrilha e Educomunicação; • Aprendizagens; • Valor simbólico.

Fonte: Silva (2023).

Os resultados obtidos podem ser observados na íntegra no capítulo a seguir.

6 “OLHA QUEM TÁ FORA QUER ENTRAR, QUEM TÁ DENTRO NÃO SAI”

Esse capítulo está intitulado com o trecho da música do compositor e cantor Dominginhos, lançada em 1985: “olha quem tá fora quer entrar, quem tá dentro não sai”. Um trecho que carrega uma veracidade de sentimentos. Nas análises das entrevistas referentes a esse capítulo foi possível observar que os atuais presidentes/diretores dos grupos de quadrilha são pessoas que foram brincantes de quadrilhas e não saíram desse movimento, tornando-se figuras importantes nos grupos. Assim, esse trecho relata a vivência de quem está dentro da cultura junina, buscando sempre outros meios de permanecer, por já se considerar parte do movimento.

6.1 A construção da dança quadrilha

Tanto membros da quadrilha Zé como da Eita têm uma média de no mínimo 10 anos de **participação ativa** na diretoria do grupo ou/e como animadores. Todos os participantes possuem curso superior completo. No entanto, todos destacaram que não existe nenhum **curso específico de animar uma quadrilha junina**.

De acordo com o Zé-03 (2023) “*não tem curso para animador de quadrilha, porém, participamos de cursos de expressão artísticas em grupo*”. Ao ser questionado sobre como seria esse curso em grupo, Zé-02 responde: “*são pessoas que trabalham com teatro, dança, expressão facial, entre outros, que são contratados para avaliar a evolução e desenvoltura dos quadrilheiros*” (ZÉ-02, 2023).

A importância de contratar esses profissionais está em trabalhar em cima do tema, e de como será a expressão teatral, facial e corporal que o grupo deseja comunicar. Sendo que, cada música que o grupo dança precisa ser trabalhada em consonância com as expressões, onde todos possam ter a mesma comunicação ao dançarem. Em uma mesma apresentação os grupos costumam dançar músicas com letras mais voltadas à tristeza/sofrimento, ou mesmo alegre/agitada, de amor, de esperança, nas quais em cada mudança de música as expressões faciais precisam acompanhar o estilo da melodia. Para Soares (2014, p. 06-07):

Em alguns tipos de dança, o dançarino pode dar uma tonalidade totalmente diferente ao mesmo passo. Pode-se partir de uma ideia pré-definida de se trabalhar sobre um tema escolhido, podendo transmitir com o mesmo movimento uma infinidade de emoções e sensações que se tenha a intenção de comunicar. Tais sensações podem ser de amor, de alegria, suavidade, ou

sensualidade, sendo essas, apenas algumas, entre tantas possibilidades que vão variar de acordo com o humor da música, da percepção e interpretação que o artista tem da mesma. Assim, a dança é a expressão de um corpo que se direciona em um sentido, habita um mundo e se relaciona com ele.

A dança é feita de movimentos, uma apresentação precisa ser coreografada e elaborada conforme o som e ritmo da música, para que os passos se conectem com a música e com os movimentos. Soares (2014, p. 05) ainda completa que:

A dança se dá a partir de movimentos, de passos, de gestos aprendidos, que são primeiramente compreendidos pelo artista através de seu corpo, pela experimentação e repetição deles. Tais movimentos são baseados em uma técnica, que é influenciada por uma cultura à qual está ligada, utilizando-se geralmente da música para a sua execução.

Por isso, as exigências nos grupos de quadrilhas se tornam cada vez mais comuns, ao buscarem a perfeição e uma boa elaboração dos passos, com a música e com as expressões teatrais. A figura 33 foi registrada nas observações em campo quando um ator contratado pelo grupo estava avaliando as expressões dos brincantes.

Figura 33: profissional capacitando e avaliando o desenvolvimento do grupo.



Foto: Silva (2023).

De acordo com a imagem, os grupos de quadrilhas (grupos especiais) tendem a buscar profissionais da área artística para que possam instruir os brincantes, oportunizando a eles conhecimento dos movimentos da dança, conforme a temática. Essa vistoria técnica averigua tanto a animação, teatro, expressões faciais, como o

alinhamento, isto é, os pares estarem em suas posições corretamente, evitando uma apresentação desalinhada com casais na frente outros mais atrás, conforme destaca Zé-02 (2023). Para eles, a dança em toda a sua performance deve ser teatralizada, para que na coreografia, movimentos e expressão teatral possam levar uma comunicação com o público e com os jurados. Garcia e Haas (2006, p. 139) asseveram que

O movimento é comunicação; comunicar uma mensagem é utilizar uma linguagem. A linguagem corporal, o movimento é o instrumento dessa linguagem. Para enviar uma mensagem, não se requer nenhuma condição, nem idade, nem sexo, todos os indivíduos aceitarão, com ilusão e interesse, o gesto da COMUNICAÇÃO CORPORAL.

Seguindo a primeira categoria da construção da dança, no que compete a organização (**tema, coreografias, figurino, animação, criatividade e repertório**), indagou-se como era realizada a dinâmica de criar a dança associada à temática. Para Zé-01 (2023):

“Existe uma comissão que cria os passos, as coreografias da dança de acordo com o tema. Já a animação exige um trabalho em grupo, onde o animador vai aperfeiçoando em cada ensaio. Enquanto ao figurino e a criatividade a diretoria vai buscando novos meios de atualizar e busca o mais representativo possível os vestuários com o tema”.

Zé-01 (2023) complementa que o repertório, assim como outros assuntos do desenvolvimento da criatividade da quadrilha são criados a partir da demanda interna e necessita de outros profissionais, considerando que *“enquanto a criação da música, que deve ser inédita todos os anos, que é a música tema, contratamos um produtor musical, que compõem a música e o repertório, juntamente com a diretoria”*. Ademais, de acordo com a diretoria, o seu grupo tem brincantes com capacidade e conhecimento para contribuir na construção da dança.

A diretoria da Zé destaca que a rainha caipira da quadrilha é bailarina profissional, de modo que percebem nela uma capacidade profissional e responsabilidade em criar coreografias.

O cenário de criação da dança não é diferente no Grupo Eita Junino. Para Eita-01 (2023) *“a animação do grupo é uma responsabilidade de todos, porém o animador do grupo tem esse papel com muito mais fervor, exigindo animação do começo ao fim da dança, em todos os ensaios”*. A diretoria completa que *“o tema é escolhido por nós, a diretoria, a coreografia fica por parte de um dos diretores e com a noiva da quadrilha,*

eles não são formados em dança, mas suas experiências os possibilitam de criar os passos da quadrilhas, conforme o tema” (Eita-02, 2023).

Percebe-se nessa fala que a vivência na cultura gera conhecimento e criatividade de recriar a arte da cultura junina, anualmente. Entende-se, assim, que a profissionalização e o conhecimento do sujeito em qualquer área, também se dá pela vivência e experiência, ou seja, com o contato direto em realizar determinada atividade. Soares (2014, p. 08) menciona que a dança é

Vivencia através da experiência vivida, uma percepção direta de sua totalidade. A dança é a expressão do ser por intermédio do corpo, este, que como veículo do ser no mundo, realiza movimentos carregados de intencionalidade, significação, consciência e sentimentos que dizem da sua maneira de perceber e de estar no mundo.

O fato de os próprios brincantes criarem os passos de suas danças faz parte da percepção e do sentir a totalidade que é viver e experimentar a cultura junina, criando significados e consciência por terem anos de experiência com quadrilha. De modo que, a experiência molda o corpo e a mente, para que a criatividade possa se expandir.

Spolin (2010, p. 131) considera que “o corpo deve ser um veículo de expressão e precisa ser desenvolvido para tornar-se um instrumento sensível, capaz de perceber, estabelecer contato e comunicar”. Corpo e ritmo precisam estar conectados para que as expressões possam surgir com naturalidade, como foi possível observar nas coletas de dados em campo. Em uma passagem de música para outra percebe-se a naturalidade de expressar facialmente as mensagens que querem passar.

Os brincantes sentem seus corpos se conectarem com a música e se comunicam usando a linguagem da dança em seus movimentos, expressando o que querem representar, conforme destaca Zé-02, (2023).

Finalizando o tópico dessa categoria, questionou-se os diretores e animadores quanto a existência de alguma limitação para participar do grupo. Segundo Zé-01(2023), *“não existe nenhuma, apenas gostar de dançar e ter ritmo, junto com a responsabilidade de estar presente nos ensaios aos finais de semanas, durante seis meses ou mais”*. Uma exigência que não é diferente para a Eita-01 (2023) *“não existe limitações aqui, para participar deve apenas ter responsabilidade em comparecer aos ensaios durante quase sete meses”*.

Posto isso, percebe-se nessa categoria que ambos os grupos buscam profissionalizar os brincantes durante os meses de ensaios, o que se torna uma formação

profissional com dança e teatralização. A partir das falas e das observações em campo é possível inferir que a dança (seus ensaios) corresponde a um curso de formação artística, em que torna os dançarinos profissionais, por terem contato com ela por no mínimo seis meses. Assim sendo, de forma indireta os ensaios tornam-se um curso da dança quadrilha.

Novamente os diretores, tanto da Zé quanto da Eita, destacam que a dança quadrilha envolve ritmos como: forró, baião xaxado, rock, funk, sertanejo, gospel, pop, entre outros ritmos, nos quais os brincantes precisam ter domínio do ritmo. Esses ritmos podem aparecer de acordo com o tema que estão levando ao tablado, não sendo obrigatório dançar todos em uma única apresentação.

Em ambos os grupos o desenvolvimento do tema, figurino, maquiagem e coreografia acontecem dentro dos próprios grupos, onde as experiências os profissionalizam, sendo aptos de estarem coreografando os passos da quadrilha. Assim como, há brincantes que trabalham com maquiagem profissional e são deles as responsabilidades de maquiarem os integrantes da quadrilha nos dias de apresentação.

Portanto, quase todo o desenvolvimento da dança quadrilha é produzido internamente pelos brincantes e diretores. Isso os ajuda a se desenvolver individualmente como pessoa, ao terem contato constantemente com a dança, atribuindo aos brincantes a possibilidade de conhecerem as suas limitações e possibilidades, enquanto sujeitos que atuam na cultura artística.

Para Carmo e Padovan (2015, p. 04):

A dança trabalha com organização, educa corpo, mente e sentimento para a vida toda, faz com que o movimento forneça equilíbrio para as emoções do dançarino proporcionando um desenvolvimento corporal e que juntos criam um tipo de dinâmica corporal reconhecendo assim cada músculo, articulação e movimento. Isso dará uma maior compreensão de nós mesmos e nos estimulará a desenvolver nosso potencial, pois é preciso sentir e não apenas executar.

A dança é uma forma dos sujeitos aprenderem a ter boas relações interpessoais, além de ser benéfica para a saúde física e mental, como apontam as próximas análises das entrevistas. O subcapítulo a seguir traz a discussão da ação e prática dos grupos de quadrilha e como eles percebem a educação não formal em suas produções culturais.

6.2 A dança quadrilha como um caminho para a educação não formal: ação e prática dos grupos de quadrilha

A dança quadrilha torna-se um caminho para a educação não formal por apresentar uma diversidade de aprendizagens, entre elas, a própria vivência sociocultural do indivíduo. A dança quadrilha por ser uma cultura que envolve diferentes indivíduos em um único movimento reflete nitidamente o processo de transformação que acarreta na vida do sujeito que brinca/participa da dança. Isso foi possível constatar conforme as observações e entrevistas.

De acordo com Zé-01 e Eita-01 (2023), a **dedicação aos ensaios** acontece por aproximadamente seis a sete meses. Zé-03 (2023) menciona que durante seis meses os brincantes recebem **treinamentos** físicos e corporal, coordenação motora, cênico, e de danças específicas, para terem ritmos e habilidades nos passos. Ainda de acordo com a diretoria da Zé, as regras do grupo são essencialmente o compromisso e a responsabilidade. Para Eita-02 (2023) as regras do grupo correspondem *“somente a disciplina, respeitar os horários, ter responsabilidade. Aqui tem uma hierarquia, deve ser seguida e respeitada para manter a organização”*.

Ao perguntar aos grupos sobre o **processo de educação não formal presente na dança**, Zé-01 (2023) respondeu que os brincantes aprendem a serem cidadãos, com ética e moral, e no trabalho social que eles promovem no grupo. Enquanto para Eita-02 (2023) eles enxergam a educação não formal em vários momentos, como por exemplo

“Quando aproximamos do tema, buscando parcerias, exemplo: esse ano o tema é circo, então buscamos aprender um pouco de como eles vivem, como fazem suas apresentações, aproximando mais da cultura do circo. Quem não tinha conhecimento do funcionamento do circo, passou ter. A diretoria buscou parceria e levou os brincantes a conhecerem a cultura e como se comportam”.

Ademais,

“Quando falamos do tema Roraima, levamos os brincantes para os pontos turísticos de Roraima, trouxemos cantores de Roraima (como o Neuber) nas quadras de ensaios para gente conhecer um pouco deles e da história, para gente poder dançar e homenagear. A gente precisa viver aquilo que a gente precisa passar de fato. É muito mais fácil passar aquilo que você já conhece. Por exemplo: Nossos brincantes não sabiam interpretar o palhaço, até conhecerem o palhaço. A dança, a expressão, a parte teatral, ficou muito mais fácil passar o que você já conhece, por já ter um conhecimento de como aquela personagem se comporta de fato”.

Além disso, Eita-02 (2023) lembrou de um outro tema, *“quando precisamos falar do cangaço em 2015, a expressão era muito mais séria que o circo, precisávamos de*

seriedade na hora de dançar. Então foi mais difícil de se adaptar. Cada ano temos que trabalhar diferentes expressões”.

A educação não formal também está presente nos **valores sociais** adquiridos nos grupos juninos, Zé-01 (2023) acredita que ao dançar os valores sociais são aderidos por eles e que com isso conseguem transformar as suas vidas. Entre os valores estão “*a socialização, responsabilidade, interatividade, comunicação, saúde física e mental*” (ZÉ-01, 2023). Contexto no qual muitos usam a dança como tratamento para a ansiedade, depressão e problemas familiares, conforme dito pelo Zé-01(2023).

Respectiva premissa é explanada pelos autores Carmo e Padovan (2015, p. 04), os quais defendem que “profissionais da área da saúde também pesquisaram, comprovaram e indicam a dança como uma atividade muito benéfica a saúde e que deve ser praticada como opção para alcançar uma vida mais saudável”. Ainda segundo as ideias de Carmo e Padovan (2015, p. 04):

Os benefícios da dança não são apenas pessoais. Ela possui um papel transformador quando voltados para a sociedade. Sua prática estimula o senso de responsabilidade, disciplina, cidadania e convivência social, e isto se faz necessário para uma sociedade equilibrada culturalmente.

Diante disso, pondera-se que a dança é capaz de contribuir para a vida do sujeito. Logo, a dança ajuda na formação da sociedade, ou seja, para a formação humana, segundo Shimizu (2004). Enquanto para Eita-02 (2023), os valores sociais construídos no grupo, consistem em

“Aprender que a vida é muito mais leve quando a gente dança, quando a gente brinca. Além das boas amizades e influências que temos no grupo. Somos dançarinos, brincantes, mas temos nosso meio trabalho, temos aqui, advogados, médicos, professores, fisioterapeutas, dentista...que acaba, que quando você se junta nesse meio, você é influenciado, influenciado a ter uma formação também”.

Outrossim, segundo Eita-01 (2023):

“A amizade é um dos maiores valores que a gente tem, que a gente cria aqui. Temos brincantes, famílias que se criaram aqui, filhos que nasceram dentro da quadra, e tornam-se brincantes, inicia um novo ciclo e aprendemos sobre família, sobre amizade, compreensão, entender e saber lidar com o estresse da vida”.

Nesse sentido, os valores se “*juntam com a arte, a dança, educação, hierarquia e cultura que levamos de boa forma para aplicar no nosso dia a dia. Nos leva a obedecer,*

a ficar curiosos sobre nossa história, a nossa arte, a dança, a música, todos os valores que aprendemos no dia a dia” (EITA-01, 2023).

Os grupos entrevistados destacam como práticas educativas também as ações sociais. Zé-01 (2023) relata: *“fazemos algumas ações sociais, uma delas foi recolhimento de agasalhos, por conta das chuvas e distribuimos a quem precisava, principalmente para aqueles desabrigados”*.

Eita-02 (2023), por sua vez, acredita que essas ações contribuem para a educação dos jovens que participam do grupo, por meio da promoção de um bem-estar social.

“A quadrilha tem vários projetos, dependendo do ano, também, com o tema, sempre puxando a conviver com o tema, como doação de sangue, doação de cabelo, já fomos em praias colher lixo. São ações que fazemos e postamos no Instagram para influenciar as outras pessoas a cuidar do meio ambiente como todo. Teve um ano que toda mulherada cortou cabelo para doar”.

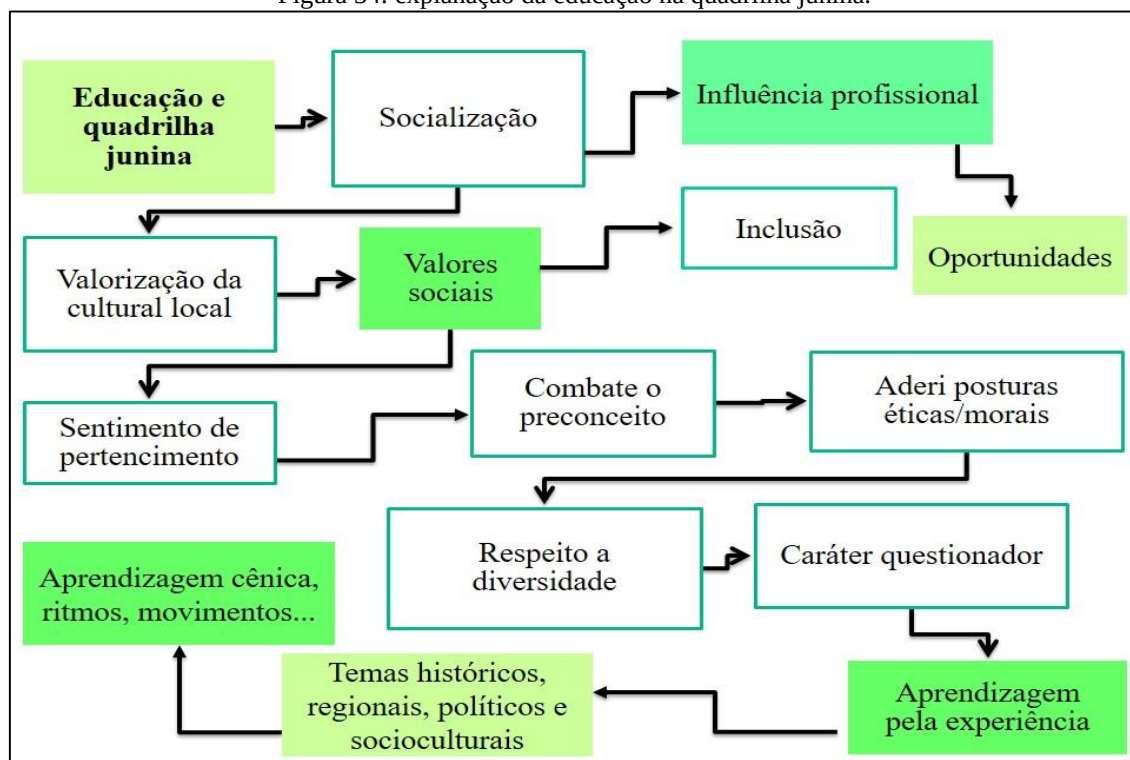
Conforme as entrevistas, as práticas educativas nada mais são do que a educação não formal presente no movimento junino, que envolve uma dinâmica social. De acordo com Eita-03 (2023):

“A educação não formal está em promover uma dinâmica social que envolva valores sociais, em buscar o melhor para si, sendo uma pessoa melhor. A educação não formal está em brincantes buscarem o melhor para eles, em suas vidas pessoais, de conseguirem estudarem, se formarem, aqui temos e damos motivação para vida social. A gente sabe que para alguns o vício da quadrilha é passageiro, por isso buscamos ter um trabalho social, passar uma mensagem para que eles vençam na vida. Muitos entraram aqui sem nenhuma perspectiva, e hoje tem profissão. Podemos dizer que hoje todos tem uma profissão. Ajudamos a buscarem a se qualificar”.

Diante do contexto das falas, percebe-se que a educação não formal promovida pelos grupos de quadrilhas vem sendo trabalhada em benefício da formação do sujeito que participa do grupo. Tendo, dessa maneira, o propósito de melhorar a imagem do movimento junino, a fim de que os brincantes, com suas qualificações e suas profissões, deixem de ser percebidos sob os olhares sociais preconceituosos e passem a valorizar ainda mais a cultura junina local, uma cultura tão forte que vem sendo construída pelas quadrilhas juninas.

A imagem 34 a seguir explana sobre o que foi analisado nas falas das entrevistas, no que tange a presença da educação não formal na quadrilha junina.

Figura 34: explanação da educação na quadrilha junina.



Fonte: Silva (2023).

A imagem acima deixa claro que o campo da educação não formal amplia o processo de aprendizagem, onde se aprende apenas vivendo e experimentando as atividades e as interações socioculturais.

O grupo Eita-03 (2023) elucida que “a educação não formal acontece involuntariamente, quando praticamos essas ações sociais com os brincantes”. Sincronicamente, uma outra questão levantada pela Eita corresponde a discriminação que ainda prevalece no meio social, onde muitos grupos ainda sofrem com o preconceito de que dançar quadrilha é algo fútil. Eita-03 (2023) frisa que:

“Ser quadrilheiro é ser um artista, que precisa ser valorizado. Aqui no nosso grupo, graças a Deus acabou o preconceito, pelo que a gente leva no tablado, a seriedade e compromisso com a cultura junina, mas já levamos muitos NÃO para conseguir quadras para ensaios. Hoje não mais. Mas tem muitos grupos que ainda tem essa dificuldade. Ser brincantes de quadrilhas ainda sofrem muito preconceito, ainda temos muitas discriminações sociais, por desconhecimento social, da importância que esse movimento tem para cultura e desenvolvimento local. Além do trabalho social que acontece com cada brincante, em sair de uma zona de enfermidade (depressão e ansiedade), medo e vergonha, mas que perde com o tempo de dança e contribui para sua vida profissional. Ainda tem muita gente que pensa que quadrilha é bagunça e pessoas desocupado, uma ideia de quem não conhece o movimento. Assim, como toda área artística e cultural, temos quadrilhas boas e ruins, mas que ambas merecem e necessitam de incentivo e valorização, assim como em todas as atividades. Hoje posso dizer que a discriminação ainda forte, mas estamos buscando e conseguindo essa valorização com o tempo”.

Diante da fala acima, na qual os entrevistados mostram que a dança é capaz de moldar o brincante, tirando-o o medo de falar e a vergonha de si mesmo, recorda-se do apontamento de Garcia e Haas (2006, p. 139), quando afirmam que “dançar é movimentar-se pelo espaço, é sentir o corpo livre, é comunicar-se consigo mesmo, é desfrutar, liberar-se... Convidar para dançar é animar a quebrar preconceitos, medos, vergonhas...”. Analisando, assim, as múltiplas capacidades da dança em afeiçoar os sujeitos. De modo que, a dança molda e a comunicação destrói medos e preconceitos, libera sentimentos ou mesmo frustrações, usando apenas o corpo como elemento para comunicar a mensagem, ou mesmo demonstrar o seu estado emocional.

Quem nunca dançou de alegria? Ou mesmo para tirar o estresse e ansiedade? Tem-se aqui a dança como fator que contribui para a saúde mental e física. A dança quadrilha se torna para muitos um escape para quebrar a rotina. Para uns é uma cultura de alto valor, enquanto para outros é utilizada apenas como uma indústria cultural.

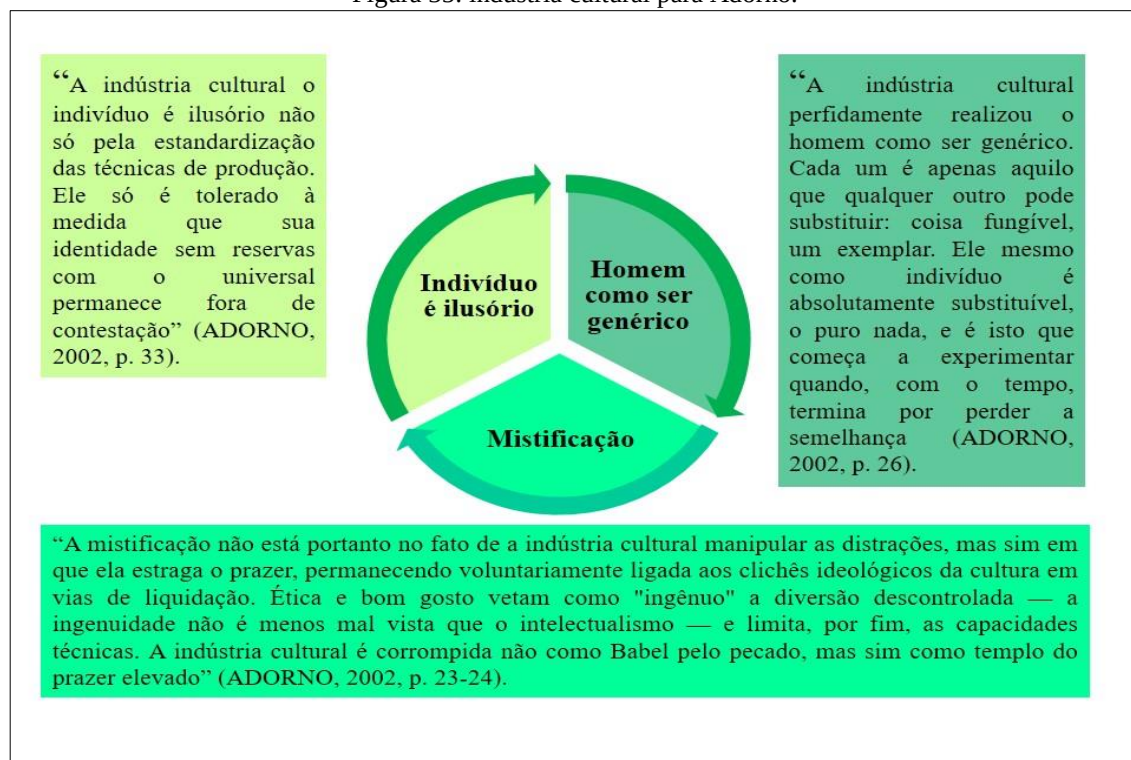
Atualmente existem três categorias de quadrilha, são elas: grupo especial, grupo de acesso e grupo emergente. De acordo com as observações em campo é visível a diferença dos grupos, o que causa para algumas quadrilhas o desconforto por ainda não terem visibilidade e/ou mesmo ter um local adequado para os seus ensaios, além da falta de valorização da cultura local que atinge a todos os grupos. Respectiva falta de valorização pode ser entendida como uma dinâmica de consumo da indústria cultural, a qual vai de acordo com os interesses em consumir.

Nesse sentido, alguns grupos ainda estão em processo de consolidação no qual pode-se considerar como uma produção de repetições de uma cultura tradicional, ou mesmo uma indústria cultural. Dentro da perspectiva de Adorno (2002) a indústria cultural compreende uma discussão vista por muitos intelectuais como uma cultura que não proporciona uma criticidade e não a capacidade de expandir de forma aprofundada, correspondendo apenas ao comodismo de uma reprodução/mercantilização de obra e produtos.

Adorno (2002) complementa que os produtos da indústria cultural são jovialmente aproveitados e consumidos, mesmo estando em estado de pura distração, no qual “cada um destes é um modelo do gigantesco mecanismo econômico que desde o início mantém tudo sob pressão, tanto no trabalho quanto no lazer, que tanto se assemelha ao trabalho” (ADORNO, 2002, p. 09-10). Esse consumo resulta na imitação, o que pode ser observado dentro das diferentes classes sociais e reduzem os estilos próprios para homogeneizar as

diferentes expressões e gostos culturais. A figura 35 a seguir apresenta uma esquematização sobre a indústria cultural na perspectiva de Adorno (2002).

Figura 35: indústria cultural para Adorno.



Fonte: Adorno (2002), adaptado pela autora.

Frente a visão de Indústria Cultural de Adorno (2002), no contexto da presente investigação, pode-se aferir que as quadrilhas do grupo especial caminham para uma interação com o social que foge da industrialização cultural. Haja vista que de acordo com as análises e observações as quadrilhas juninas englobam criticidade, se reproduzem e se expandem em sintonia com as mudanças sociais a cada ano. Dessa forma, não são apresentações toleradas por uma reprodução anualmente, ou seja, as apresentações não são genéricas, e muitos menos limitam-se a uma cultura restrita, como aponta Adorno (2002) quando retrata a indústria cultural.

Os grupos de quadrilhas de Roraima estão se desmitificando do tradicionalismo intacto e buscam agregar novos mecanismos que façam deles uma cultura insubstituível. Isso fica evidente ao inovarem nas apresentações a cada ano e, obviamente, não dependem de um modelo único a ser seguido. As limitações dos grupos correspondem a eles próprios, em buscar atender as expectativas do público.

O tópico seguinte foi sobre o questionamento da **metodologia de repassar os passos**. Nesse tocante Eita-02 (2023) destaca que:

“É uma técnica instrutiva, sendo bem básico e mais compreensível possível, pois temos diferentes níveis de dançarinos aqui na quadrilha, tem uns que tem problemas de coordenação motora. E de forma didática, no sentido de fácil compreensão de todos, passamos o passo a passo sem música, depois vamos juntando com a música e depois figurinos e alegorias”.

Ainda conforme Eita-02 (2023) *“já tivemos brincantes autistas, e tem brincantes de não se encaixaram e pararam por vontade própria, mas que ajuda a quadrilha em outros setores, vai se adaptando dentro do grupo”*. Zé-02 (2023) destaca também que os métodos adotados para repassar os passos são de forma fácil, com o passo a passo sem musicalização. Além disso, o entrevistado enfatizou que a sua quadrilha está composta por um surdo e um autista, sendo que o brincante autista dança como o personagem e símbolo da quadrilha, o Visconde (um dos personagens de Monteiro Lobato). De acordo com essa fala e com as observações em campo foi possível constatar que existe um grupo de pessoas que possui funções pré-estabelecidas desde os ensaios até o dia das apresentações.

Sobre a comunicação, os diretores acreditam que as apresentações se comunicam com o público. Zé-01 (2023) destaca que *“os movimentos e as expressões falam com o público durante todo o espetáculo”*, o que se insere no processo da **Educomunicação**. Todo esse processo de comunicação acessível e de fácil compreensão de entenderem o tema que a quadrilha leva ao tablado repercute diretamente na Educomunicação.

Ao questionar se conheciam o conceito de Educomunicação, Eita-02 (2023), respondeu o seguinte:

Já ouvimos falar, mas não aprofundamos muito no conceito, mas aqui, a educomunicação está no papel que dança realiza, com seu trabalho social com os brincantes durante os ensaios, e posteriormente, a dança se comunicando com o público, ao subirem no tablado, com os sorrisos, com a olhada, expressões, músicas e movimentos”.

Logo, o grupo acredita que a dança facilmente se comunica com o público. A respeito disso, EITA-02, (2023) destaca que no grupo

“Temos uma linguagem acessível com elementos que ajudam nessa comunicação, através das alegorias, figurino, música, maquiagem”. Passamos uma mensagem através da energia de viver o tema em cima do tablado, em forma de dança. Eles sentem um pouco dessa energia ao assistir e entendem nossa mensagem cultural”.

Ademais, Eita-02 (2023) menciona que **a aprendizagem** que ganham com a cultura junina está em se moldarem seus comportamentos, sentimentos, valores e empatia.

“Tiramos de tudo isso, uma aprendizagem de vida, ser compreensivo e ajudar o outro, levar um pouco de alegria para suas vidas, e quando podemos ajudamos a construir uma vida mais saudável e que busquem ser profissionais qualificados sem preconceitos pela arte que realiza fora das suas rotinas, pessoais e profissionais. Enquanto, que viver o a festa junina, o São João, não saberei nem responder o certo, pois é uma vida, é tanto tempo aqui que não saberia dizer, pois é algo enraizado em mim, faz parte de mim, é minha história cultural. A história está aí para ser lembrada constantemente, e a cultura junina nos lembra de onde a gente veio e para onde a gente vai e aonde queremos chegar. É a nossa história, nosso tempo, nossa cultura, que se torna importante para a sociedade e para cada um que faz parte desse movimento”.

Zé-03 (2023) corrobora com essa perspectiva e acrescenta que a dança proporciona aprendizagem a respeito de temas históricos, regionais, comportamento social, entre outros.

Já no que se refere ao **valor simbólico** Eita-01 (2023) apontou que:

“O valor da cultura junina, não se perde, ela ganha novos significados, ela se adapta a realidade, com aquilo que é acessível. Hoje temos a tecnologias e usamos ela a nosso favor, para impressionar. Talvez se não nos adaptasse, não teríamos mais públicos, aquela tradição seria esquecida, pois seria algo monótono. Por isso é bom sempre inovar, sem perder a essência e o valor de manter passos tradicionais, que marcaram lá no comecinho e que se tornaram obrigatórios. Como as palmas, giro da saia alto. O estado é ainda o único que mantém essa tradição de saias longas e giro alto, o que é característico da cultura junina de Roraima. O que pode parecer atrasado no tempo, mas não, para nós é manter uma das maiores essência da dança, que é girar o vestido”.

Por fim, ao serem questionados sobre o que difere eles dos demais grupos, Zé-03 (2023) respondeu que é a

“Tradicionalidade e os cuidados com os brincantes, nosso grupo é das mais antigas de Roraima, somos a única quadrilha a ser criada por alunos e professores da Escola Estadual Monteiro Lobato, e hoje somos uma instituição filantrópica devidamente registrada com CNPJ e tudo, completamente independente”.

Conforme Eita-03 (2023) o diferencial *“é a organização, disciplina, cobrança, responsabilidade. Estamos aqui para aprender, ouvir, respeitar, representar com amor a dança, são coisas que valorizamos desde a fundação do grupo”.*

Com essa premissa, encerra-se esse subcapítulo. O subcapítulo a seguir, traz as falas das entrevistas dos brincantes. Foram entrevistados 10 brincantes de cada quadrilha (Zé Monteirão e da Eita Junino). A tabela abaixo destaca os tópicos guias das entrevistas.

Tabela 12: organização das categorias de análises dos dados – entrevista quadrilheiros.

ENTREVISTAS COM OS QUADRILHEIROS		
	CATEGORIA	TÓPICOS GUIAS
1.	RELAÇÃO COM O GRUPO	• Motivação em dançar; • Formação artística; • Ser quadrilheiro; • Relação com o grupo.
2.	AÇÃO E PRÁTICA	• Educação não formal; • Prática educativa; • Quadrilha e Educomunicação; • Experiência com a dança; • Festa junina e quadrilha junina.

Fonte: Silva (2023).

Para as entrevistas dos quadrilheiros destacou-se duas categorias: relação com o grupo e ação e prática. Sendo que, ação e prática permaneceram semelhantes para todos, tanto para as entrevistas como para os questionários, pois foi o foco do objetivo desta tese, sendo abordadas a educação não formal e a Educomunicação.

As análises a seguir foram dos 20 brincantes dos Grupos Zé Monteirão e Eita Junino (10 de cada grupo), suas falas foram analisadas minuciosamente. Alguns quadrilheiros no ato da entrevista, a qual foi direcionada a cada brincantes de forma individual, pediram para “pular” perguntas que não sabiam responder (lembrando que a participação foi voluntária e não era obrigatório responder, caso não soubesse ou por qualquer outro motivo). Assim, visando uma melhor compreensão e apresentação dos resultados os sujeitos serão identificados conforme os grupos que participam, por exemplo: QZM-01 (Quadrilheiro da Zé Monteirão) e QEJ-01(Quadrilheiro da Eita Junino), sendo que o número representa a quantidade dos entrevistados, ou seja, tem-se falas de sujeitos diferentes dos 10 entrevistados de cada grupo.

6.3 “Orgulho de viver essa emoção”: relação com o grupo

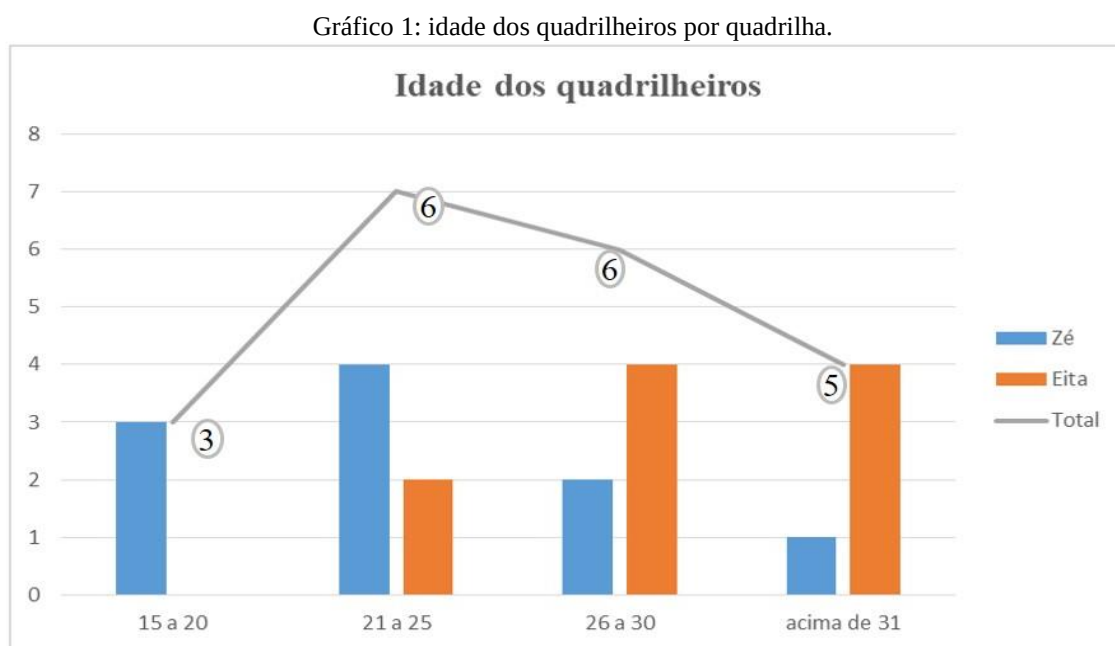
Inicia-se este subcapítulo com “orgulho de viver essa emoção” pelo fato de além de ser a frase slogan do Boa Vista Junina, também ter sido um dos pontos mais levantados pelos quadrilheiros, que foi a emoção de viver o São João. Festa que remete a emoção, orgulho, prazer, valor e exaltação de vivenciar a cultura junina.

Salienta-se que muitas falas foram bem curtas e direcionadas a responder as perguntas de forma direta. Dessa maneira, algumas perguntas são analisadas e descritas em forma de esquemas e quadros, para melhor compreensão dos dados, evitando

repetições de dados semelhantes. Para tal finalidade são expostas as falas que apresentaram mais diversificações, pois houve muitas respostas parecidas.

Compete a única pergunta que permitiu um gráfico (por ter sido uma pergunta fechada) conhecer a **idade dos brincantes**. Vale destacar que essa pergunta em nada interfere no método fenomenológico e na análise do objetivo geral desta tese. Foi necessário ser fechada apenas para obter uma visão geral da idade dos sujeitos do estudo.

A idade dos quadrilheiros dos grupos varia de 21 a 31 anos, como mostra o gráfico 1.



Fonte: Silva (2023).

Com base no gráfico 1 a leitura mais importante a ser feita é que os membros da QEJ possuem as maiores idades. Dos 10 entrevistados do QEJ, quatro tem de 26 a 30 anos e quatro acima de 31 anos, não tendo nenhum com idade inferior a 20 anos. Já os do grupo QZM, tem suas idades mais representadas de 20 a 25 anos, sendo que apenas um dos entrevistados tem mais de 31 anos. No total foram seis brincantes na faixa etária entre 21 a 25 anos e seis na faixa de 26 a 30 anos.

Em contrapartida, ao questionar quanto a pouca idade e ao mesmo tempo terem mais tempo de dança nos respectivos grupos, ambos os grupos responderam que muitos começaram a dançar nas apresentações oficiais tendo entre 12 a 15 anos.

Em uma análise geral, no ato das entrevistas e nas falas percebe-se que os sujeitos se consideram brincantes de quadrilha junina com discernimento, com maturidade no que

estão fazendo e que por esse motivo escolheram permanecer nos seus respectivos grupos de quadrilhas, por entenderem que a diretoria leva essa cultura com seriedade e compromisso junto ao movimento junino.

Seguindo nessa categoria, elaborou-se um esquema com os principais motivos que os levam a dançar a quadrilha junina, como é possível observar na figura a seguir.

Figura 36: motivos de dançarem quadrilha.



Fonte: Silva (2023).

De acordo com a figura acima diversos são os motivos que envolvem a opção por dançar quadrilha, os quais ficam evidentes em muitas falas. Conforme QEJ-03 (2023), *“danço quadrilha pela minha saúde física, como gosto de dançar, entrei no grupo para superar a obesidade que acabou com minha autoestima e entrei em depressão”*.

A saúde mental foi apontada em boa parte das falas. QEJ-04 (2023) enfatiza: *“o motivo foi pela minha saúde mental, estava ansiosa e estressada, o que estava atrapalhando em minhas atividades acadêmicas, daí entrei para ocupar a mente, e estou até hoje, para mim é uma terapia”*.

Outro motivo destacado foi a dança como atividade física, QEJ-06 (2023) destacou que:

“A dança ajuda estimular nosso corpo com liberação de endorfina, nos dar prazer de viver, nos empolga a querer mais, adoto participar da dança como uma atividade física, e prestei atenção que quando é época dos ensaios que danço sem parar, minha imunidade aumenta, sem dúvida, aqui é minha atividade física, já que não gosto de fazer outras atividades”.

A dança é um caminho adotado por muitos como uma atividade física. Conforme os autores Tirintan e Oliveira (2021, p. 03) “pode-se compreender a dança como uma prática corporal que se aproxima da abordagem de saúde ampliada, a qual é compreendida como uma forma de criar e recriar a vida, no sentido de poder fazer escolhas para ter um curso de vida saudável”. Saúde ampliada pode ser entendida como atividade e cuidados com estética, para superar o sedentarismo, para contribuir com a coordenação motora, tratar a ansiedade e depressão, aumentar a imunidade, ajudar no sistema cardiovascular, entre muitos outros exemplos.

Seguindo com essa indagação, o benefício sociocultural foi apontado uma única vez nas entrevistas, porém, o entrevistado afirmou que esse motivo está presente também em outros integrantes dos grupos. QZM-08 (2023) afirma que um dos maiores motivos é o *“benefício sociocultural que quadrilha me proporciona, viajei a primeira vez de avião por conta da quadrilha, poder conhecer outros lugares me faz continuar a dançar, e se a gente se sair bem, posso viajar com o grupo”*.

Com essa fala, percebe-se que outros motivos se juntam para que os sujeitos continuem a fazer parte da dança. Em outras falas, foram apontados motivos como o amor pela dança e pela cultura junina, a oportunidade de criar experiências novas a cada apresentação, de vivenciar sentimentos novos e expectativas a cada tema, e manter a tradição da família, a qual é visivelmente passada de pai/mãe/cuidador para filhos.

A dinâmica da tradição familiar ocorre pelo fato de muitos responsáveis levarem seus filhos para os ensaios e alguns fazem questão de vestirem as crianças conforme o tema da apresentação, com as roupas idênticas, os levando para próximo do tablado nos dias das apresentações.

Para encerrar essa pauta, outro motivo que muitos também levantaram foi a chance de superarem a timidez e ter uma boa comunicação, o que os ajudaria muito em seus desempenhos pessoais e profissionais. De acordo com QZM-05 (2023) *“quando eu comecei a dançar foi para superar minha timidez, eu nem falava na escola, sempre fui tímida, mas quando eu danço eu perco o medo e a vergonha, acabo sendo mais comunicativa. O que me permitiu a conseguir a ter uma boa relação profissional no trabalho”*.

À vista disso, a dança quadrilha é um caminho para superação de limitações profissional, pessoal, social e cultural para os brincantes. Além disso, “a cultura através da dança pode influenciar o indivíduo, pois é um trabalho de disciplina, concentração, perseverança, respeito, paciência e que passa valores que influenciam na formação do caráter individual” (CARMO E PADOVAN, 2015, p. 05).

Seguindo a categoria de análises, quando questionados se **participam ou participaram de algum curso de profissionalização artística**, apenas 6 dos 20 entrevistados responderam afirmativamente, sendo o teatro e a dança os cursos destacados.

Em contrapartida, no quesito dos **diretores dos grupos oferecerem alguma formação artística**, todos responderam afirmativamente, que os diretores fazem workshop sobre como o tema deve ser contextualizado na dança.

Ao indagar se **participaram de outros grupos**, a metade dos entrevistados respondeu positivamente. Alguns chegaram a complementar a resposta, como QZM-03 (2023), o qual destacou:

“Passei por vários grupos até chegar aqui, e só permaneci aqui, por ter visto que a direção tem pulso firme, é algo organizado, pensado e planejado, o que acaba sendo uma instituição independente, que juntos corremos atrás de fazer acontecer, não esperando apenas pela contribuição política. Vejo um grupo que gosta e valoriza a cultura junina, logo a gente como brincante é valorizado pelo que fazemos”.

Pelas falas das entrevistas observa-se que a organização dos grupos estudados é um ponto positivo para os brincantes permanecerem por mais tempo vinculados à quadrilha. A figura 37 mostra de forma sintetizada as respostas dos entrevistados sobre a **relação do grupo nos períodos dos ensaios**.

Figura 37: relação do grupo.



Fonte: Silva (2023).

Nesse questionamento os entrevistados foram bem sucintos, apontando como era a relação do grupo em poucas palavras, destacando uma característica que para eles era o mais perceptível no grupo.

Para encerrar esta categoria de análises, averiguou-se **o que seria ser quadrilheiro**. Os do grupo QZM (2023), destacaram o seguinte:

“É ser uma pessoa cultural, que valoriza a cultura junina e a dança quadrilha” (QZM-01);

“Seria a alegria de representar a dança quadrilheira” (QZM-02);

“É ter responsabilidade com a dança quadrilha” (QZM-03);

“É mostrar a cultura da junina por meio da dança quadrilha, experimentar sentimentos e expectativas a cada ano” (QZM-04);

“Brincantes felizes pelo que faz, aprendendo vários movimentos, ritmos em cada apresentação; (QZM-05);

“É ser uma pessoa apaixonada pelo São João, no qual, aprende a ser uma pessoa que valoriza as diversidades sociais, por participar de um movimento que não distinguem ninguém pelo que é, respeita e aprende a conviver” (QZM-06);

“Uma pessoa apaixonada pela dança quadrilha, que se dedica fervorosamente em ser perfeito em suas apresentações” (QZM-07);

“Ser quadrilheiro é tipo participar do melhor time de futebol do mundo, que você se orgulha de ser parte da equipe e que não tem vergonha, pois, sabe que

são os melhores, por levar a sério e com compromisso o que faz, assim também queremos levar alegria para os torcedores, e até isso temos, as torcidas que estão presente nos dias das apresentações” (QZM-08);

“Ser quadrilheiro é ser uma pessoa divertida, dançarino junino, se dedicar por meses e não se cansar” (QZM-09);

“É ter compromisso, responsabilidade, amor, dedicação, foco em levar a cultura junina a ser valorizada e reconhecida, fazendo dela uma arte cheia de espetáculos inovadores” (QZM-10).

Já na percepção do grupo QEJ (2023), ser quadrilheiro:

“É ser aquela pessoa que se alegra em fazer parte de um grupo, que é animado em subir no tablado, impressionar o público, gostar da arte de dançar quadrilha junina” (QEJ-01);

“Se expressar por meio da dança quadrilha” (QEJ-02);

“É expressar o sentimento de amor, por ser um brincante que ama e se engradece por ser parte da quadrilha que ama” (QEJ-03);

“É simplesmente dançar quadrilha por amor e continuar no movimento mesmo que não dance mais, seja para assistir”; (QEJ-04);

“É ser feliz por valorizar a cultura junina e amar o São João” (QEJ-05);

“É saber que o coletivo pode alcançar um resultado surpreendente, se cada um se dedicar, é fazer parte de um grupo que aprende e erra juntos em buscar de valorizar a cultura local” (QEJ-06);

“É o amor pelo São João, pela dança quadrilha, pela cultura, e pelo grupo que participa, e se juntar e buscar um melhor resultado” (QEJ-07);

“É amar o movimento e dança quadrilha, se dedicando para sermos valorizados” (QEJ-08);

“Quadrilheiro é uma pessoa que não se importa em representar uma cultura que muitos ainda julgam, podemos ser reconhecidos, e para isso, precisamos nos valorizar como pessoas que produzem cultura e arte por meio da dança” (QEJ-09);

“É ser uma pessoa que se encanta e cria sonhos em cima da dança quadrilha, que se emociona, se arrepia em ter sua arte realizada em cima do tablado”. (QEJ-10).

Encerrando essa categoria, conclui-se que muitos quadrilheiros destacam também a necessidade de ser valorizados como artistas culturais, os quais usam a arte da dança para encantar e despertar no público a curiosidade das inovações a cada apresentação. Por isso, o movimento junino busca por aceitação, por meio da realização de um trabalho interno onde se esforçam para obterem novos conhecimentos em várias áreas, a fim de inovar em suas apresentações.

A seguir apresenta-se a segunda categoria da ação e prática dos quadrilheiros com a dança quadrilha.

6.4 Prática educativa com a quadrilha junina

As próximas discussões abordam as análises do ponto de vista dos brincantes, como eles enxergam, ou não, a presença da educação não formal e da Educomunicação com a dança quadrilha.

O primeiro questionamento indagou se os brincantes **conseguiam perceber algum tipo de educação não formal com os envolvidos da dança**. Como resultado, 5 dos 20 entrevistados responderam que não. Sem mesmo questionar, alguns completaram: *“Não acho que educação não formal esteja interligado com o fato de a gente dançar quadrilha, talvez seja mais cultural”* (QEJ-06, 2023). Seguindo, com essa linha de pensamento, QZM-08 (2023), complementa: *“Acho que não, para mim educação não formal está mais ligado a educação escolar, fora do ambiente escolar, ou estou equivocado?”*.

É válido salientar que os entrevistados foram deixados bem à vontade para responderem o que estava em seus respectivos entendimentos, de modo que, não foram interrompidos e nem incitados a terem outro entendimento a respeito do questionamento.

Ainda diante dessa questão, QZM-01 (2023), finalizou *“Acho que dentro dos ensaios não, mas sim, quando levamos a dança com algum tema de conscientização para o público”*.

Outrossim, dos 15 entrevistados que conseguem perceber a educação não formal dentro dos ensaios as respostas de alguns brincantes da QEJ e QZM (2023) merecem destaques, são elas:

“Sim, o ato de dançar nos ensina a ter conhecimento de movimentos e coreografias com ritmo diferentes, nem tudo sabemos. E chegamos aqui para aprender músicas, passo, expressões, movimentos tudo novo, então estamos tendo conhecimento que antes não tínhamos e educação não formal.” (QEJ-01);

“Eu vejo a educação não formal, quando nos ensaios nos ensina a ter disciplina, responsabilidade, pontualidade, exigindo que a gente não seja apenas brincantes de quadrilha, mas que possamos buscar nos profissionalizar ou buscar sempre algo melhor.” (QEJ-02);

“Rapaz, eu vejo sim, esses meninos pensam que vem para só pra farrear, mas aqui eles aprendem a ter respeito, obedecendo uma hierarquia, que é necessário para termos um grupo organizado, o que acaba influenciando para

vida pessoal. Vixe, já chegou cada brincantes que se ajeitou aqui, e buscou terminar os estudos para conseguirem um emprego, então vejo sim.” (QEJ-03);

“Eu vejo, quando nos ensaios nos tira do tempo ocioso, e por meses trabalha com o nosso social e pessoal. O tempo de ensaios ajuda em muitas coisas, até mesmo indicações para cursos ou outras formações, criamos um ambiente em que um influencia o outro a conseguir algo.” (QZM-03);

“A dança é um campo educacional, aqui a gente aprende ser um cidadão melhor, apreendemos de tema que antes não conheciam, temas culturais, locais e sociais. Acredito que os ensaios além ser forma de nos profissionalizar como dançarinos nos ensina diversos conhecimentos.” (QZM-04).

Os brincantes que responderam afirmativamente, tanto os QZM (2023) como os QEJ (2023), destacaram em sua forma geral que a educação não formal está presente nos ensaios por meio, por exemplo, de capacitações culturais, como ser um bom cidadão, aprendizagens com novas habilidades em passos e coreografias na dança, novas interpretações teatrais, ética e moral, e ampliação de conhecimentos com a socialização nos ensaios. Ser um bom cidadão na perspectiva dos brincantes, é uma pessoa responsável e com boas maneiras de convívio social, buscando o melhor para si e contribuindo para a sociedade.

Outro ponto mencionado diz respeito as exigências de capacitação para entrarem no mercado de trabalho. Vale mencionar que as exigências de profissionalização estão vinculadas a questão de que os diretores são figuras políticas e que ajudam os brincantes a entrarem no mercado de trabalho, mas para isso, requerem deles cursos e formações.

Portanto, nesse questionamento conclui-se que para uma minoria (5 sujeitos) ainda não há o (re)conhecimento sobre a educação não formal inserida na dança quadrilha. Contudo, é importante ter em mente que esses sujeitos podem estar limitados em suas perspectivas, ou mesmo não concordam que o formato da educação não formal esteja presente nas aprendizagens com a socialização do cotidiano.

Para os que percebem essa ligação, a presença da educação não formal é vislumbrada por meio de ensinamentos que a vida oferece, compartilhando experiências socioculturais que contribuem para tornarem-se pessoas melhores.

Avançando com os questionamentos, as duas próximas análises das perguntas foram compreendidas conjuntamente, considerando que estão interligadas.

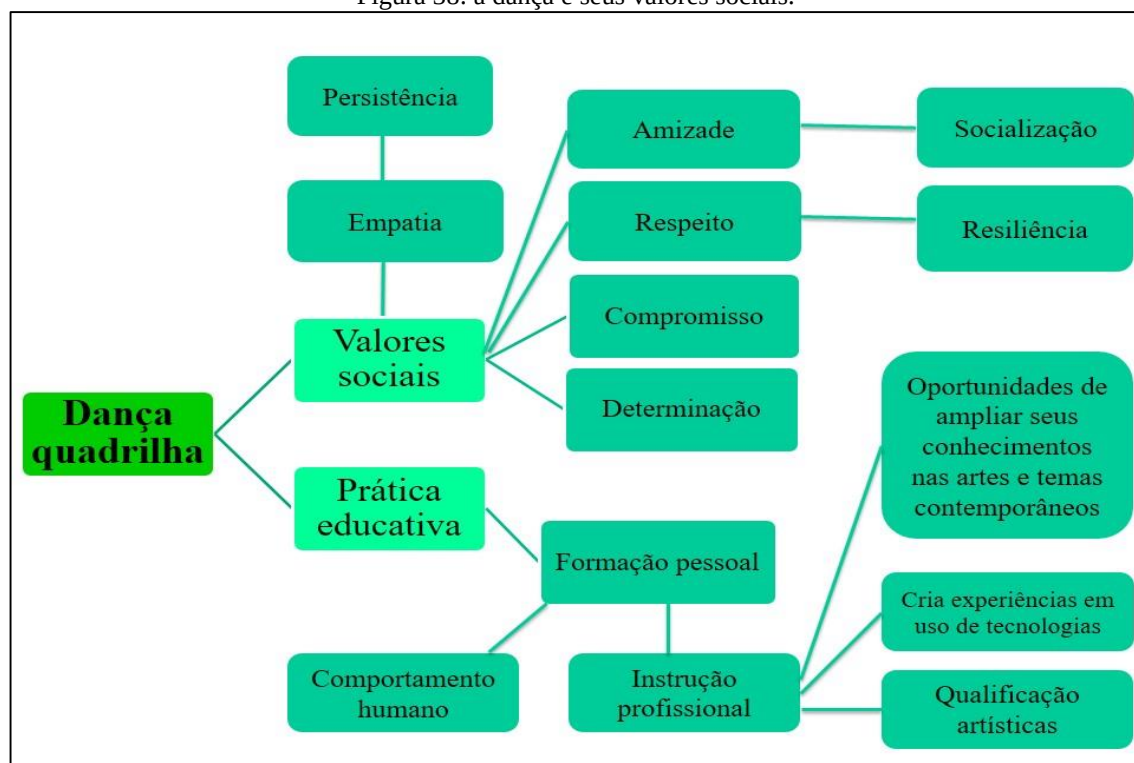
Quando questionados sobre **o valor social que eles constroem com a dança quadrilha** muitos tiveram um mesmo ponto levantado, dentre os pontos mais citados pelos entrevistados constam: compromisso, determinação, amizade, socialização e empatia.

A empatia foi um dos valores mais citados por todos, sendo que, segundo QEJ-07 (2023):

“Aqui criamos muita empatia com o próximo, em questão de desenvolvimento da coreografia, aqui nenhum de nós quer deixar ninguém sem assistência, alguns tem mais dificuldades e nem por isso, nos achamos mais. Na verdade, a gente pega esse, e ensina até ele ficar bem preparado. Aqui não tem individualismo, temos um compromisso com o todo da dança, e com grupo. Até porque, temos um objetivo comum, vencer. O foco em um grupo em alinhado em tudo.”

Além dos valores citados tem-se as **práticas educativas** que os brincantes podem construir e aderir com a dança quadrilha. A figura a seguir mostra os valores e as práticas educativas apontados pelos brincantes.

Figura 38: a dança e seus valores sociais.



Fonte: Silva (2023).

Os entrevistados destacaram como práticas educativas a formação pessoal, compreendida por QZM-09 (2023) do seguinte modo: *“a formação pessoal é o que temos de prática educativa, pois aqui, aprendemos valores sociais que nos fortalece enquanto cidadão”*. Complementando essa fala, QEJ-06 (2023), enfatiza:

“Eu mudei muito aqui, meu comportamento enquanto pessoa foi para melhor, aqui no grupo temos pessoas de bom coração que nos ajuda a ser melhor, e mesmo em um ambiente de descontração e leveza, eu aprendi ser uma pessoa melhor e buscar o melhor. Não por vergonha dos outros, mas por mim, de ter oportunidades na vida e deixar de ser alguém sem perspectiva de vida”.

Para os entrevistados a instrução profissional reside em profissionalizar-se na dança, no teatro e na criação artística como um todo, pois são os próprios brincantes que ajudam na construção das coreografias, dos movimentos, maquiagem e figurino. Ademais, a dança os possibilita ter experiências com ferramentas tecnológicas, quando os integrantes do grupo têm que manusear alguma tecnologia na hora da apresentação, quando tudo é feito por eles, e com isso gerando conhecimento contemporâneo, como menciona os QEJ (2023).

Seguindo com essa linha foi perguntado se as **quadrilhas juninas têm alguma relação com a Educomunicação**. Todos responderam afirmativamente. No entanto, a maioria não conseguiu se aprofundar caracterizando como seria essa relação. Eles lembram que na dança os diretores comentam bastante que o grupo precisa saber se comunicar com público e que a educação é a mensagem que eles levam, por isso precisa acontecer com o máximo de compreensão. Ou seja, os sujeitos possuem uma percepção, ainda que de forma intrínseca, de que a comunicação deve acontecer sem perder o enredo do tema, por meio do teatro, expressões, coreografia, figurino e adereços.

Outros, por sua vez, mencionaram como seria a relação com a Educomunicação. Para os QEJ-01 e QZM-03 (2023):

“A relação está, em a gente aprender ter um caráter julgador culturalmente, quando a gente aprende como é a linguagem da dança com o público e obedecendo, seguindo as normas dos julgadores, se torna mais fácil de construir essa comunicação com público e julgadores. Para mim, isso é Educomunicação presente, primeiro a gente se educa, vamos dizer assim, aprende o tema e depois temos de levar isso na nossa apresentação”; (QEJ-01);

“Educomunicação está em aprender várias coisas novas através do trabalho em grupo, cada ano eu aprendo algo novo, eu me educo com a comunicação com grupo, me socializando” (QZM-03);

E de acordo com QZM-05 (2023):

“Educomunicação, acredito eu, que esteja relacionado com a dança quando pensamos em um trabalho que possa se comunicar com os jurados, que eles entendam nossa apresentação desde o começo, por isso, tudo é muito organizado e pensado, como vamos levar essa comunicação por meio da dança e as músicas, nada é aleatório, ou qualquer música de São João. E a

comunicação com público, é a mensagem social de conscientização, teve quadrilhas que já levaram sobre violência doméstica, a tragédia ambiental que teve lá em Minas, preservação da Amazônia, garimpo ilegal, já teve tantos temas assim. Isso e informação por meio da cultura”.

De fato, ao observar essas falas, vinculando-as com a dança quadrilha e a Educomunicação, consegue-se perceber que elas se interligam visivelmente, por meio da mensagem que a dança almeja levar para quem assiste, no conteúdo dessa mensagem encontra-se o combate ao preconceito, a valorização do trabalho e das profissões, temas sociais, ambientais, culturais e políticos.

Outrossim, todos os entrevistados responderam que seguramente a dança **quadrilha consegue se comunicar com público e julgadores**, por meio da performance levada ao tablado. Para QEJ-07 (2023) *“a comunicação é feita com nossa interação corporal e musical”*, assim como, *“nos comunicamos por meio da história contada através dos sentimentos que carregamos nas apresentações com o tema”* (QEJ-09, 2023).

Sobre o **tipo de aprendizagem que os brincantes conseguem ter com a dança quadrilha**, a maioria respondeu que o principal aprendizado ocorre ao trabalhar em grupo, em equipe e com objetivo comum. Citaram também a união, comunicação (perda da timidez), a valorização da arte e da cultura local, assim como as aprendizagens que estão ligadas com o social do grupo, segundo os QZM (2023) e QEJ (2023).

No que se refere aos **valores simbólicos em fazer parte do grupo** as respostas constaram apenas dois valores: a tradição de família e o amor pela dança quadrilha. Tais valores se sobressaem em virtude de o grupo estar cada vez mais estruturado e organizado, conforme os QZM (2023) e QEJ (2023). Para QZM-01 (2023), por exemplo:

“O valor simbólico, foi minha mãe me forçar a dançar (risos), brincadeira. Eu acompanhei minha mãe nos ensaios e desde muito nova, ela sempre participou de quadrilhas e do grupo, e eu acompanhei e cresci nesse meio, e hoje estou aqui, seguindo uma tradição de família”.

Enquanto no que se refere ao amor pela dança, QEJ-04 (2023) frisou que:

“Eu sempre gostei de dançar, e aqui como a cultura é quadrilha junina, eu optei em entrar e participar, permanecendo até hoje no grupo, tenho familiares que são apaixonados pela dança de bumba-boi. Eu fui pela quadrilha. Amor pela dança é o maior valor simbólico que levo para mim”.

Entre valores da dança, adentra-se na indagação referente a se os brincantes entendiam sobre o que seria **educação não formal**. Dos 20 entrevistados, 11 brincantes

variaram as suas respostas afirmando entender do que se tratava, porém, não souberam explicar. Dos 9 restantes, obteve-se as seguintes respostas dos QEJ (2023) e QZM (2023):

“É uma educação sem avaliação do saber, o que aprendemos com nossas experiências” (QZM -01);

“É o que o indivíduo aprende no seu dia a dia, com sua maneira lidar com o mundo” (QZM -03);

“A educação não formal, é aquela que não preciso de uma instituição, eu aprendo só, com minha socialização (QZM -06);

“São as aprendizagens fora de sala de aula, apenas com as experiências sociais” (QZM -08);

“É a educação fora de sala de aula” (QEJ-01);

“Eu recebo educação não formal pela dança, aqui no grupo, ela me ensina várias coisas que levo para minha vida toda” (QEJ-03);

“Educação não formal é os ensinamentos que a pessoa aprende com a família, com convívio social, com suas batalhas diárias, lutas essas que a gente aprende ser uma pessoa melhor e buscar o melhor. Ou você aprende com suas experiências ou você se deixa levar pelas poucas coisas que não são boas” (QEJ-06);

“Educação não formal é as aprendizagens que temos através das interações socioculturais, o que aprendemos sobre a realidade de mundo, entender o mundo ao nosso redor” (QEJ-07);

“Eu entendo que educação não formal o é que aprendemos com mundo, hoje facilmente podemos aprender muitas coisas com apenas trocas de experiência, observar e fazer, conviver e se comunicar. Acredito que a comunicação, a fala no caso, seja a principal responsável pelas aprendizagens que podemos ter fora das escolas, se comunicar com outro você aprende. Aqui todos os dias eu troco meias palavrinhas, eu aprendo uma receita nova, aprendo a entender da realidade política do nosso país, entre tantas coisas. É a troca de experiências” (QEJ-09).

A conclusão que se pode tirar com essas falas é que a educação não formal é tão necessária quanto a formal. A realidade social ainda é bastante desigual e, portanto, toda e qualquer forma de aprendizagem deve ser valorizada, desde que ela seja favorável para o desenvolvimento do ser humano.

Para Gohn (2006, p. 03) “a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas”. Ainda de acordo com a autora Gohn (2006), a educação não formal consiste em aprender com o “mundo da vida”. Respectiva premissa serve como embasamento para compreender que os brincantes, com suas vivências e

experiências, estão tendo acesso a aprendizagem por meio das suas ações/contato com a dinâmica social, que no caso, ocorre na dança quadrilha.

Pirozzi, (2014, p. 36) contribui para o fortalecimento da discussão em torno da educação não formal, no âmbito das quadrilhas juninas, quando menciona que:

A Educação não formal destaca os processos educativos que têm uma intencionalidade na ação, pois prevê troca de conhecimento, envolve um processo interativo de ensino e aprendizagem e corrobora com a construção de aprendizagens de saberes coletivos, que, por sua vez, não têm a formalidade do ensino regular.

À vista disso, interpreta-se que a quadrilha junina apresenta as características da educação não formal, pois, a dança quadrilha se torna um conjunto de aprendizagens coletivas, por meio da interação e socialização do grupo, construindo saberes coletivos. Ela possui uma intencionalidade que está em dançar contando um enredo, uma temática, e tem a troca de conhecimentos com comunicações diárias, seja, sociais, artísticas, culturais, políticas ou mesmo econômicas.

Assim, a dança quadrilha oportuniza, além das aprendizagens técnicas e artísticas, que os sujeitos possam aprender com a troca de conhecimentos em suas atividades diárias. Nesse contexto salienta-se a comunicação entre os sujeitos, a qual configura-se na presença da Educomunicação dentro das danças quadrilha. Soares (2006, p.04) corrobora com essa perspectiva e destaca que

Educomunicação, mais do que um objeto a ser investigado, é um campo de relação de e entre saberes. É um espaço de questionamentos, de busca de conhecimentos e construções de saberes. É também um espaço de ações e experiências que levam a saberes ou partem deles em direção a outros. Uma das tantas singularidades da Educomunicação é que ela se constitui justamente das relações múltiplas que propicia. Trata-se, portanto, de um campo de ação política, entendida como o lugar de encontro e debate da diversidade de posturas, das diferenças e semelhanças, das aproximações e distanciamentos. Por excelência, uma área de transdiscursividade e, por isso, multidisciplinar e pluricultural.

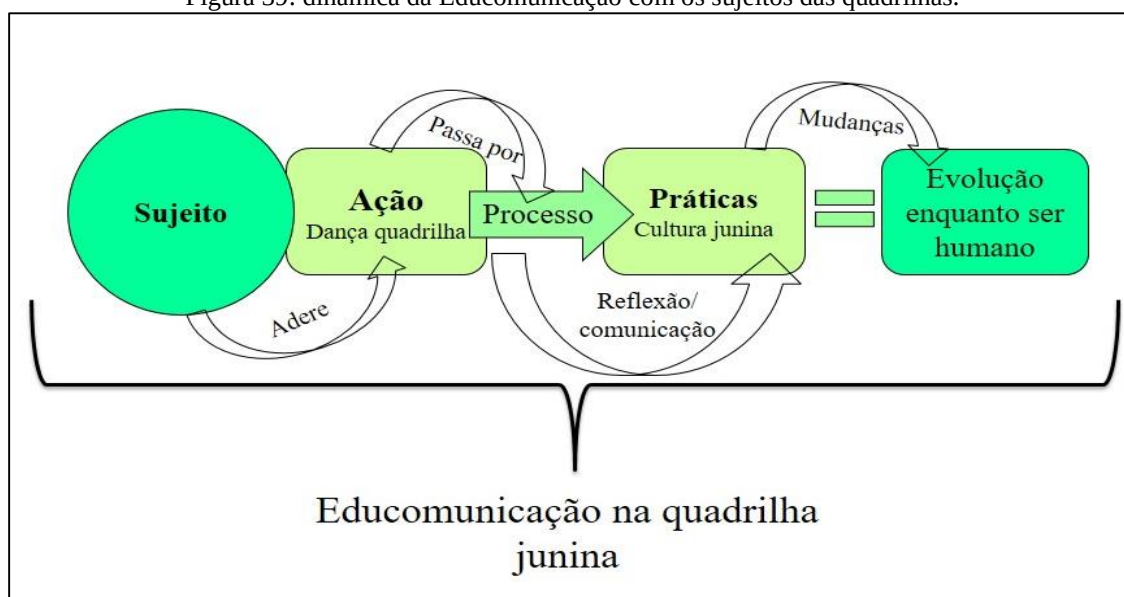
A Educomunicação, na concepção de Soares (2006), não é um modelo que deve ser seguido e generalizado, ela é uma realização que nasce dos grupos sociais, no qual o processo é que melhor define a Educomunicação. Portanto, entende-se que a Educomunicação é um conjunto de ação que passa pelo processo por meio de práticas.

Desta forma, as quadrilhas juninas estão inseridas dentro do campo educ comunicativo, por realizar ações nas quais os sujeitos envolvidos sofrem um processo/mudanças por meio de suas práticas culturais, em que o resultado dessa

dinâmica é a transformação do sujeito, enquanto ser humano, cidadão com caráter, conforme foi possível constatar nas falas dos entrevistados.

As falas foram repletas de afirmações de mudanças de cunho pessoal, social e profissional oriundas de quando passaram ter contato com o grupo de dança quadrilha. Sendo assim, infere-se que os grupos de quadrilhas se dedicam à cultura, com o social dos brincantes, buscando uma melhor qualidade de vida, na saúde física, mental, profissional e pessoal. O esquema a seguir resume essa dinâmica.

Figura 39: dinâmica da Educomunicação com os sujeitos das quadrilhas.



Fonte: Silva (2023).

A figura 39 representa a presença da Educomunicação dentro das quadrilhas juninas, quando o sujeito adere a dança quadrilha e ao adotar essa ação para suas atividades diárias, este sujeito passa por um processo. Processo esse, que ocorrerá por meio das reflexões que terá com a comunicação com o grupo. Ou seja, através das comunicações com a prática da cultura junina, o sujeito/brincante passará por mudanças na sua vida social e pessoal. A evolução enquanto ser humano, resulta em um caráter mais ético e questionador, passando a ter uma visão de mundo ao seu redor.

Seguindo com as duas últimas perguntas, ao averiguar **o que seria a cultura e educação?** As respostas nessa indagação foram vagas. Os entrevistados não souberam expressar aprofundadamente seus entendimentos sobre os termos com clareza, no entanto, resumiram o sentiam. Para QEJ-09 (2023) *“a cultura é viver a experiência com mundo junino, e a educação é o sujeito aprender com quem tiver na sua disposição, no seu alcance”*.

Ainda de acordo com essa pergunta, QZM-04 (2023) descreve: *“cultura é tudo que tem de diferente no brasil em termo de arte, de comportamento e ações, e a educação é o essencial para melhoria da sociedade, sendo o caminho para que todos possam ter qualidade de vida”*. Complementando essa fala QZM-10 (2023) enfatiza que *“a cultura é tudo que produzimos, como dança, comidas, músicas, religião, e outros por aí, já a educação é se educar de forma correto, seguindo normas éticas e de caráter”*.

Além disso, o QEJ-08 (2023), menciona que:

“A cultura é grupo de pessoas que adota para si uma arte de qualquer estilo e tradição e passa a experimentar e vivencia aquilo como parte de sua vida, sendo necessário e alegre viver aquilo. E que na educação há muitos jeitos de ensinamentos e métodos de aprendizado, que se torna um grande aliado para cultura ser valorizada e com isso educar-se por meio da cultura”.

As demais respostas se basearam em arte, culinária, dança cultural, festas culturais, comidas típicas, e comportamentos socioculturais. Portanto, a educação pode ser considerada como um caminho para o sujeito ter melhor qualidade de vida nas relações sociais e no desempenho profissional.

Finalmente, a última pergunta da categoria ação e prática, indaga o **que era a festa junina para eles**. Muitos resumiram o sentimento pela festa em frases, as quais são apresentadas na figura 40.

Figura 40: sentimento pela festa junina.



Fonte: Silva (2023).

A imagem da figura 40 aporta uma visão geral da importância da festa junina para os entrevistados, sendo que, a maioria iniciou dizendo que a festa junina é a melhor época do ano. Para QEJ-02 (2023), “*é a festa onde eu sinto que eu tenho o meu local de fala, que posso ter a identidade no qual eu me reconheço, e aqui, ninguém tem julgamentos para forma como eu me comporto, sonho em ainda que a sociedade possa ter essa consciência também*”. Conforme essa fala, QZM-08, (2023) complementa: “*é a festa da diversidade, uma festa que nos apresentamos como realmente somos, e talvez seja o único momento que a sociedade não nos julga por ser quem somos*”.

Ainda nesse caminho de interpretação da festa, QEJ-03 (2023) frisou: “*minha verdadeira identidade é mais visível e respeitada, além de me considerar parte desse movimento com uma identidade cultural também, por isso, nos identificamos como quadrilheiros, e temos até nosso dia que é 27 de junho*”. O QEJ-04 (2023), por sua vez, destacou o período da festa como sendo um “*movimento que agrega valores, e nela aprendemos muito sobre ter respeito com o próximo, ter disciplina e valorizar as amizades*”.

Com base nas observações e nas análises das entrevistas, todos entrevistados, tantos os brincantes como os diretores e animadores, realçaram a importância da quadrilha

e da festa junina como um movimento que contribui para a formação do caráter dos brincantes, aprendendo valores e respeito ao próximo. O QZM-10 (2023) corrobora com essa premissa ao resumir sua resposta dizendo que *“a festa junina é a festa da empatia”*.

Concomitantemente, houve aqueles que apontaram a festa junina como sua vida, sua paixão, amor pela cultura, tradição de família. De acordo com QZM-02 (2023) a festa *“é minha vida isso aqui, nasci e me criei dançando quadrilha e participando das festas”*. Assim como para QEJ-7 (20223), que destacou o seguinte:

“A festa junina para mim é tradição de família, meus pais dançaram quadrilhas e sempre os acompanhei, hoje eles não perdem uma festa e nem as apresentações, e eu sigo mantendo essa tradição da família. E temos até torcida, vamos todos para apuração, a família toda se emociona e curte o período junino”.

A festa junina é um movimento que desperta muitos sentimentos de pertencimento, por carregar uma bagagem histórica de tradição e evolução ao mesmo tempo, pontos esses, que foram destacados pelo QEJ-09 (2023), quando disse:

“É a festa da comunicação com as heranças históricas, pois a gente se preocupa em manter a semelhança das danças e das festas de muitos anos atrás, a gente sempre busca trazer essas heranças para o dia de hoje, tanto que em muitos lugares o vestido já foi customizado sendo curto, com um volume que quase não tem mais o giro da mulherada, e nós aqui, mantemos essa comunicação visual da dança com o passado, sem perder essa raízes”.

Tem-se também o destaque para a festa como uma inovação, onde o QEJ-01 (2023), destacou:

“Uma festa cultural cheia de emoção e inovação, a festa junina para mim é encontro com o passado e o presente. Sempre o presente valorizando as festa de lá atrás, valorizando sua identidade visual da festa, mas não deixa de acrescentar novos elementos para que ela não deixa de ser importante. Muitos esperam a festa junina pensado em como vai ser decoração desse ano, quais as novidades que terão, e isso desperta o interesse pelo público, além dele esperar um grande espetáculo no tablado. Esse ano pegamos firme na divulgação da apresentação da Eita, com objetivo de despertar o interesse e curiosidade em assistir a quadrilha, até mesmo porque, eles já esperam sempre uma novidade nas apresentações da Eita, e buscamos manter esse interesse sempre vivo no público”.

Da inovação à valorização, houve os que apontaram a festa junina como uma festa que valoriza a cultura e o desenvolvimento local. Para QZM-05 (2023), *“é um movimento cultural de muita importância para o desenvolvimento local, pois só as quadrilhas podem gerar muitas rendas as costureiras, e as pessoas que criam nossa arte como todo”*. E

QEJ-10 complementa dizendo: *“é uma cultura animada gerando economia local, o tanto de trabalhadores no local, os autônomos conseguem uma renda extra”*.

A festa também é considerada como ampliação dos saberes, quando nela eles aprendem novos conhecimentos que podem levar para a vida. Bem como, é considerada o festejo das culinárias caipiras, segundo o QZM-01 (2023) *“a festa da dança quadrilha e comidas típicas, para mim, a festa junina é esperar um ano para comer, pois, só tenho prazer em comer essas comidas em época de arraial, não sei explicar, elas ficam mais saborosas”*. A resposta de QEJ-04 (2023) vai ao encontro dessa percepção, o sujeito destaca que *“é uma emoção única que vivemos a cada ano, tudo é novo, mas, ao mesmo tempo já conhecemos”*. Assim, a festa junina é marcada como uma celebração rica em significados, pois cada um tem um desejo e diferentes expectativas em relação a festa, segundo os QZM (2023).

Interpreta-se nesta tese a dança quadrilha como um projeto que trabalha não somente com a dança cultural, mas com o social. Ela busca envolver os brincantes e a sociedade a fim de valorizar a cultura junina, por ser um movimento que vem se tornando importante para cidade de Boa Vista/RR, e que consegue gerar desenvolvimento local. Respectivos motivos fazem com que as exigências sejam maiores com o compromisso e dedicação por parte dos diretores e brincantes.

Ao representar o estado em apresentações nacionais, por vezes os grupos ficam entre as melhores quadrilhas e destacam Roraima como produtora de quadrilha junina, com um jeito único de fazer quadrilha, valorizando a cultura do estado e da cidade de Boa Vista. Por conseguinte, ganham o respeito por parte da sociedade local.

Em decorrência de parte da educação estar presente nas danças juninas, tem-se aqui falas que embasam e concretizam a presença da educação não formal nas quadrilhas. Respectiva educação aparece nas formações dos sujeitos, construindo conhecimentos de vida, valores técnicos e artísticos. Os conhecimentos de vida ocorrem nas constantes trocas de experiências por meio da comunicação com o outro. Enquanto os valores tratam da ética, moral, respeito, disciplina, empatia, compromisso e responsabilidade, que aderem quando fazem parte do grupo. Os valores nascem com o modo de fazer a arte da dança ser reconhecida e valorizada.

Os conhecimentos técnicos são as possibilidades que os sujeitos têm de criar todos os elementos que compõem a dança, figurino, maquiagem, adereços, músicas e coreografias. Sendo que, cada ano é uma oportunidade de evoluir em seus trabalhos,

chegando a ser profissionais, pelas experiências que têm com a construção da dança quadrilha.

Por fim, tem-se o conhecimento artístico, presente na construção do conhecimento sob as atuações teatrais, nas expressões faciais, nos movimentos da dança e ritmos a cada diferente gênero musical. Além disso, tem-se os conhecimentos que são adquiridos com os temas que vão apresentar, pois, conhecendo o tema torna-se mais fácil dançar e se comunicar com o público, levando mensagens de conscientização e informação.

O próximo capítulo contempla as análises dos questionários aplicados por meio do *google forms*. Uma observação feita quanto a coleta de dados foi a dificuldade que as pessoas ainda têm de usar a tecnologia a seu favor, sendo que houve dificuldades de obter retorno quanto aos questionários aplicados de forma online. As entrevistas, por outro lado, como foram feitas de forma presencial, não acarretaram problemas.

A proposta inicial era analisar 30 questionários de cada grupo. Porém, houve uma demora em responderem os questionários e alguns questionários não foram respondidos por completos. Vale destacar que os campos das respostas não eram obrigatórios de serem respondidos, os sujeitos poderiam enviar o questionário com o campo em branco, caso não soubessem as responder. 8 brincantes que assinaram o termo de consentimento alegaram não conseguir abrir o link, mesmo tentando acessar mais de uma vez. Dessa maneira, dos 60 questionários, 52 foram analisados.

Diante disso, analisou-se as respostas de forma geral. É pertinente destacar a necessidade de a sociedade aprender e se adaptar às ferramentas tecnológicas, e entender que elas não são somente para o lazer, sendo também ferramentas de suma importância para a realização de pesquisas científicas, tão relevantes como as feitas de forma presencial.

Devido a quantidade de questionários optou-se por identificá-los como Quadrilheiros, ou QDR-01, com numeração dos seus respectivos questionários, quando apresentar mais de uma resposta diferente. Para uma melhor compreensão dos dados criou-se a tabela 13 com as respectivas categorias e os tópicos das questões.

Tabela 13: organização das categorias de análises dos dados – questionário quadrilheiros.

QUESTIONÁRIOS AOS QUADRILHEIROS		
	CATEGORIA	TÓPICOS GUIAS
1.	IDENTIFICAÇÃO DO QUADRILHEIRO	• Idade; • Naturalidade; • Escolaridade; • Estado civil; • Profissão;

		• Tempo de ensaio, escolha dos destaques das quadrilhas e aderir a roupa; • Pertencimento ao grupo; • Valorização do poder público; • Representante da cultura junina.
2.	AÇÃO E PRÁTICA	• Ciclo Junino; • Avanço das quadrilhas; • A importância do BVJ; • Quadrilha e Educomunicação; • Educação não formal; • Aprendizagens com a dança;

Fonte: Silva (2023).

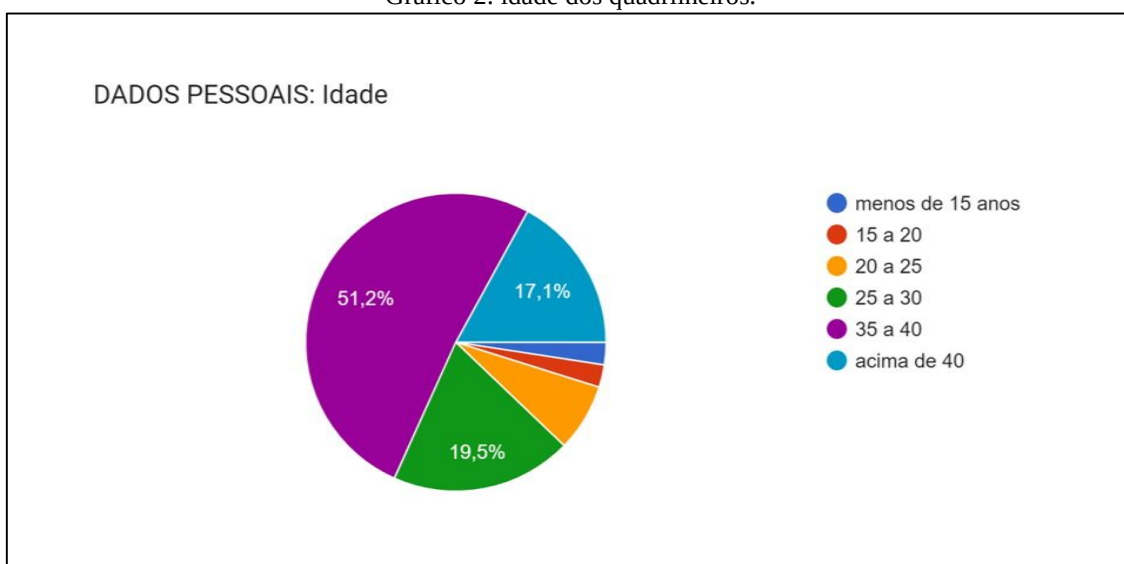
Os resultados obtidos podem ser observados na íntegra no capítulo a seguir.

7 CUMPRIMENTO ÀS DAMAS E CAVALHEIROS: QUEM SÃO OS SUJEITOS DA DANÇA QUADRILHA

Dançar quadrilha exige um requisito em que, segundo os diretores, os brincantes precisam ter disposição para se dedicar aos ensaios nos finais de semana. Como tratam-se de pessoas que produzem e vivem a cultura junina, se faz necessário analisar quem são esses sujeitos que participam das quadrilhas. As análises correspondem aos questionários aplicados aos brincantes.

Quanto **a idade dos quadrilheiros**, os brincantes estão em sua grande maioria na faixa de 35 a 40 anos (52,5%), 20% com tem idade de 25 a 30 anos e os brincantes acima de 40 anos ficam com 17,5%, dentre os 52 entrevistados. Os brincantes de 20 a 25 anos e de 15 a 20 anos não tiveram destaque expressivo, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 2: idade dos quadrilheiros.



Fonte: Silva (2023).

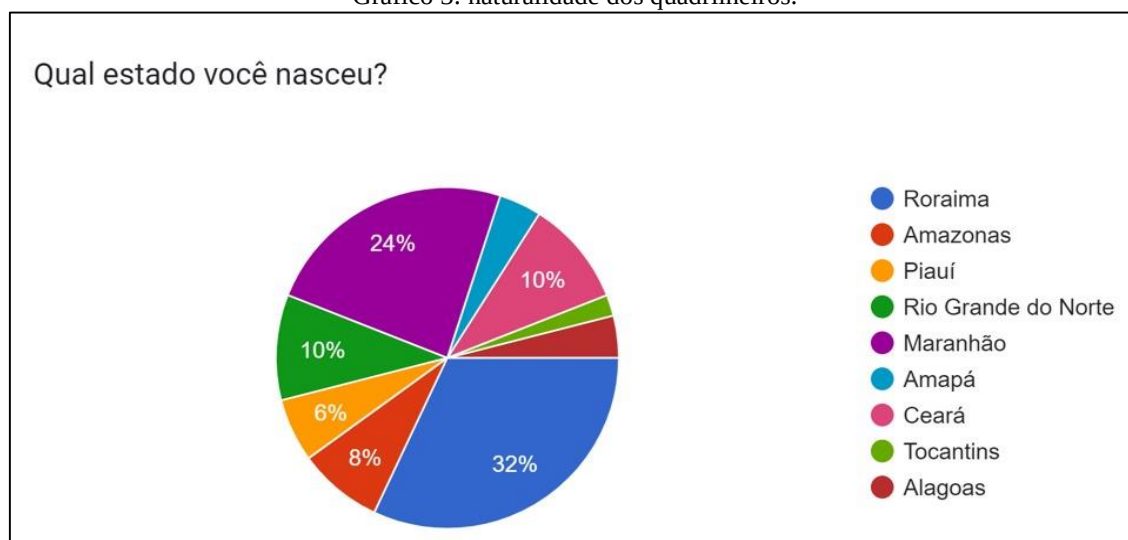
Diante desse resultado, entende-se que as quadrilhas têm um número significativo de pessoas com mais experiências de vida, com idade suficiente para entender da importância que é participar de um movimento cultural. O que talvez influencie na organização e profissionalismo, critérios esses, que ambos os grupos levam tão a sério. E, o que é visto nos tablados demonstra o resultado de toda essa dedicação, principalmente nos grupos especiais de Boa Vista/RR.

Contudo, apesar de muitos brincantes iniciarem na dança com idade entre 12 e 15 anos, os questionários apresentaram apenas um único brincante nessa faixa etária. Mas

lembrando que os questionários foram aplicados a apenas 30 brincantes, podendo ter até 60 brincantes em cada grupo, sendo que algum na respectiva faixa etária pode ter ficado de fora do estudo.

Outro ponto averiguado foi a **naturalidade dos brincantes**. A maioria dos quadrilheiros são do próprio Estado de Roraima, conforme demonstra o gráfico a seguir.

Gráfico 3: naturalidade dos quadrilheiros.



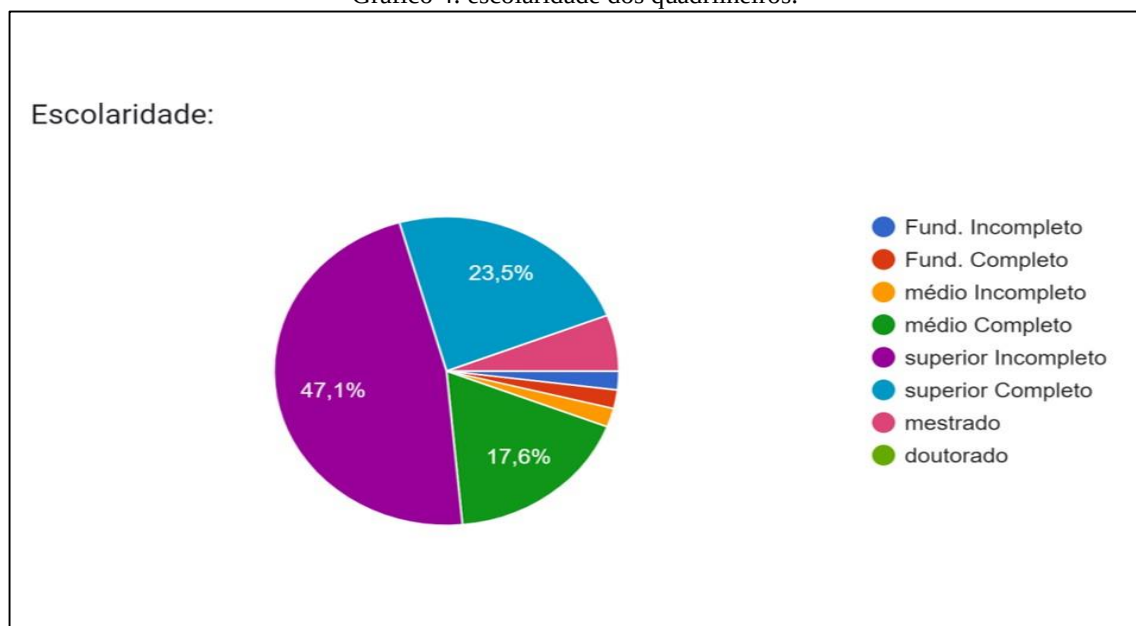
Fonte: Silva (2023).

Dos 52 entrevistados, 32%, são do estado de Roraima. O segundo estado a apresentar mais brincantes é do estado do Maranhão, com 24%. Enquanto com 10% cada tem-se o Rio Grande Norte e Ceará. Além disso, também foram apontadas naturalidades dos estados do Amapá, Tocantins, Piauí, Amazonas e Alagoas.

Esse resultado mostra apenas estados do norte e nordeste. Os quais são, inclusive, estados onde a cultura das festas juninas é mais expressivo. O que chama a atenção nesse resultado é o fato de que muitos brincantes são maranhenses, o que talvez esteja relacionado com o processo histórico do povoamento do estado de Roraima.

No que diz respeito a **escolaridade dos brincantes**, nota-se que a maioria, quase 50%, têm curso superior incompleto, como mostra o gráfico 4.

Gráfico 4: escolaridade dos quadrilheiros.



Fonte: Silva (2023).

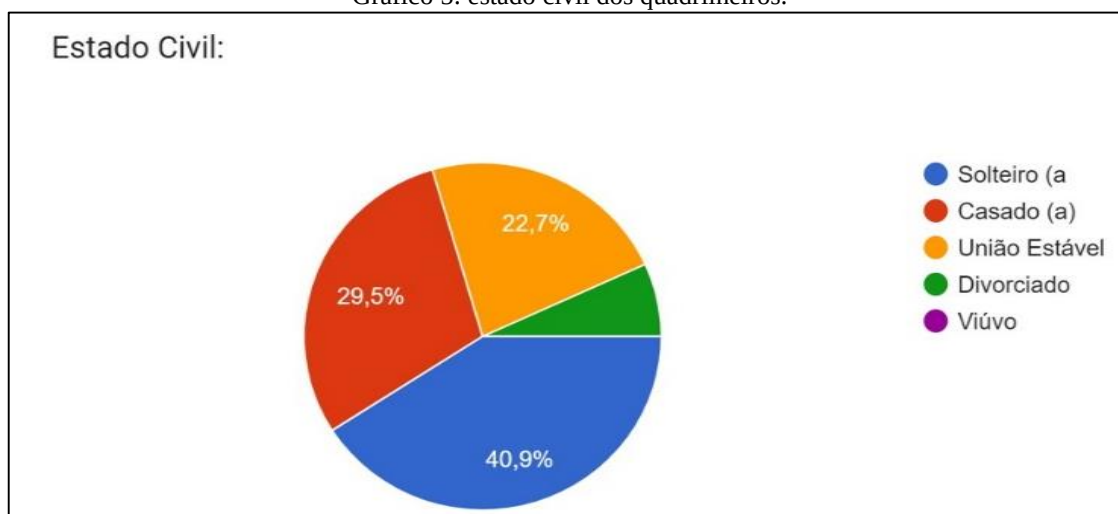
Enquanto 23,5% possuem curso superior completo e 17,6% dos brincantes têm ensino médio completo. Ademais, dois brincantes têm diploma de mestrado e nenhum possui doutorado. Os questionários apresentaram respostas que não foram expressivas nas escolaridades de ensino médio incompleto, fundamental completo e fundamental incompleto.

Respectivo resultado mostra que os brincantes têm suas formações ou mesmo estão buscando por elas. Nesse contexto, é pertinente recordar das falas dos diretores no ato das entrevistas, nas quais evidenciam que a visão social sobre os quadrilheiros ainda possui uma visão errônea, de que os quadrilheiros são pessoas sem ocupações. O gráfico acima mostra que boa parte dos brincantes têm cursos de nível superior ou está se encaminhando para isso. O que corresponde com as falas dos entrevistados, quando dizem que o grupo influencia na busca por melhor qualidade de vida e pela profissionalização.

Nesse cenário encontra-se mais uma forma de presenciar educação não formal nesse movimento, quando a vivência influencia os sujeitos que se socializam a buscarem por educação, e neste caso, trata-se da formação na procura de um diploma, onde possam ter mais visibilidade e oportunidades no mercado de trabalho. Por conseguinte, isso ajuda na imagem dos grupos, valorizando-os como pessoas com conhecimentos socioculturais, produzindo cultura de valor.

Em seguimento foi investigado o **estado civil dos brincantes**, cuja respectiva incidência pode ser visualizada no gráfico 5.

Gráfico 5: estado civil dos quadrilheiros.



Fonte: Silva (2023).

Contatou-se que 40,9% são solteiros. Somando os casados com aqueles que possuem união estável resultam em 52,5%, ou seja, a maioria são pessoas que formaram novas famílias e que têm responsabilidades sociais. Configurando a imagem de uma cultura ainda mais estabilizada e coerente de quão sério e importante é esse movimento. Onde pessoas com compromisso de pai/mãe, do lar, aderem participar da dança sem maiores prejuízos a seu caráter, valor ou compromisso.

Portanto, tem-se famílias participando das danças juninas o que faz com que muitos brincantes convivam com essa cultura desde cedo, ao ponto de mencionarem que a cultura junina está enraizada em suas histórias de vida, o que, evidentemente, influencia a manter a identidade de quadrilheiro. Muitos desses brincantes identificam as características em suas descrições nas redes sociais como “sou quadrilheiro”, logo abaixo de suas respectivas profissões.

No que se **refere as profissões desses sujeitos**, dos 52 que responderam ao questionário constatou-se diversas profissões, sintetizadas na tabela seguir.

Tabela 14: profissões dos quadrilheiros.

PROFISSÃO	QUANTIDADE
Professor	04
Pedagogo	03
Dentista	03
Advogado	02
Empresária	01
Autônomo	04
Engenheiro	01
Fisioterapeuta	04
Servidor público	08

PROFISSÃO	QUANTIDADE
Estudante	04
Gerente	02
Vigilante	01
Operadora de caixa	03
Administrador	01
Maquiador e cabeleireiro	03
Escrevente	01
Médico	01
Faxineiro	01
Vendedor	02
Assistente administrativo	02
Recepcionista	01

Fonte: Silva (2023).

A tabela mostra que dentro do grupo as profissões são bem diversificadas. Segundo os QJ (2023), nos ensaios não existe profissões e sim quadrilheiros. Pessoas que buscam um mesmo propósito com um objetivo em comum: fazer deles o melhor grupo estadual e nacional.

Este resultado enfatiza que os brincantes são pessoas com trabalhos e profissões, mas que também se dedicam à cultura junina. Os sujeitos das quadrilhas juninas são pessoas comuns, que vivem em sociedade, trabalhando, estudando, socializando e vivenciando anualmente a cultura junina, se dedicando por **seis a sete meses de ensaios**, corroborando com as falas dos diretores sobre o tempo de ensaios.

A **escolha do rei, rainha, casal de noivos, rainha da diversidade e dama do giro**, são os eventos que se destacaram durante os ensaios, e são escolhidos pela diretoria para representar a quadrilha, segundo os quadrilheiros (2023). Dessa forma, o desempenho dos brincantes é constantemente observado, sendo que essas categorias também podem levar a premiações nacionais. Ou também pode ocorrer “*concurso interno, que é aberto para todos que quiserem se inscrever e é avaliado por figuras importantes e reconhecidas no mundo junino*”, quadrilheiro (2023).

Sobre aderir as roupas e adereços das apresentações, todos responderam que muitos pagam com seu próprio dinheiro, porém, há auxílio da diretoria ao contribuir com vendas de rifas, feijoadas, sorteios, vendas de lanches, e o valor arrecadado por cada brincante ajuda no custeio de suas roupas. Assim, “*a direção da quadrilha ajuda nos prêmios das rifas, sorteios para a gente vender para a gente conseguir o valor da nossa roupagem*” (QUADRILHEIRO, 2023).

A união, de juntos conseguirem se estruturar **os faz sentir parte do grupo, com sentimento de pertencimento**. Todos responderam que se sentem parte da quadrilha.

Para fins de uma melhor compreensão e aprofundamento foram consideradas apenas as respostas que tiveram complemento além do “sim”. Os quadrilheiros (2023) destacaram o seguinte:

“Sim me sinto parte do grupo porque a gente chora, rir, passar mal de tanto dançar e passa muito raiva mais isso é muito bom” (QDR -02);

“Apesar de ser muito quieta e falar com poucos eu me sinto pertencente sim! É um local onde me sinto querida de verdade” (QDR -03);

“Sim!!! Pois, tenho 28 anos que danço na quadrilha Zé Monteiro” (QDR -04);

“Sim, são como uma família, sinto uma emoção de fazer parte de uma cultura mais linda do estado” (QDR -06);

“Sim, por ter amizades com todos e amor pelo tamanho do grupo que ele representa dentro e fora do estado” (QDR -08);

“Sim, o tempo de ensaio nos leva se sentir parte de uma comunidade/ grupo, seis meses anualmente é um bom tempo” (QDR -12);

“Sim, por ser uma família que preocupa com o bem estar do outro. Sinto que sou importante para esse movimento. Eu completo o grupo e eles me completam” (QDR -32);

“Sim, por dançar anualmente. Me sinto realizada com grupo e em dançar” (QDR -34).

Logo, esse sentimento de pertencimento faz com que eles busquem mais reconhecimento social e do poder público. O questionário apresentou uma pergunta que se **referia se o estado/prefeitura valoriza a cultura junina**. Todos responderam afirmativamente, em virtude do estado e da prefeitura realizarem as festas todos os anos, segundo os quadrilheiros (2023):

“Hoje em dia a meu ver a prefeitura valoriza mais que o estado” (QDR -02).

“Acredito que há grandes ganhos com isso, mas deixando de lado a questão financeira a meu ver outras coisas poderiam ser facilitadas de acordo com as necessidades das quadrilhas no processo de preparo para o meio do ano” (QDR -12);

“A prefeitura mais que o estado” (QDR -28);

“Sim, principalmente a prefeitura pela ornamentação” (QDR -22);

“Sim, por investir e promover anualmente” (QDR -33);

“Sim, com a realização e investimento na cultura junina” (QDR -40);

“Sim, colocando no calendário anual de eventos” (QDR -42).

Finalizando essa categoria de quem são os quadrilheiros, ao averiguar **se sentem representantes da cultura de Boa Vista/RR**, mais uma vez todos responderam afirmativamente. Dentre os que complementaram suas respostas foi destacado o seguinte:

“Me sinto representante e digo, sou orgulhosa de fazer parte, pois produzimos arte junina, produzimos um espetáculo de quadrilha que requer muita dedicação. Representar essa cultura é não deixar ela ser esquecida, e trazer elas todos os anos, mas com uma roupagem nova, coreografia nova, cenário novo, e trazendo muita iluminação e glamour” (QDR -10);

“Sim como ano passado a gente ganhou na prefeitura e representamos Boa vista no Nacional de quadrilhas Juninas em Belo Horizonte” (QDR -12);

“Sim, principalmente quando vamos dançar fora do estado, é bom olhar e sentir a emoção de que estamos representando bem nosso estado, sempre ficando em uma das melhores, caso, não seja a melhor” (QDR -17);

“Sim, produzimos arte junina, como os diretores costumam falar, vejo nos nacionais que não é porque, sou roraimense, mas Roraima tem produzido quadrilha muito melhor que muitos estados, mas acredito que sofremos um pouco de preconceito com em manter uma tradição. Principalmente por manter o vestido longo com giro da saia e com a mulherada gritando e cantando junto” (QDR -25).

Os sujeitos pesquisados se identificam como quadrilheiros por representar a cultura de Roraima por tantos anos, ganhando experiências e realçando a identidade popular histórica e ao mesmo tempo buscando por inovação. As próximas discussões referem-se aos quadrilheiros e sua relação com a festa e a dança junina.

7.1 Quadrilheiros e relação com a festa e dança junina

Neste subcapítulo os resultados das respostas estão organizados em tabelas, devido ao número expressivo de respostas e para melhor compreensão dos dados, sem repetições de respostas semelhantes. Optou-se por realizar uma “limpeza” das respostas parecidas e destaca-se as respostas com mais diversidades em justificativas. Dessa forma juntou-se os resultados em duas grandes tabelas.

A primeira tabela engloba três questionamentos: 1. Como você enxerga o ciclo junino? 2. Como vê a importância do Boa Vista Junina? 3. Como você analisa o avanço das quadrilhas juninas? Tais questionamentos encontram-se na primeira coluna, enquanto a sigla QDR corresponde ao quadrilheiro e na terceira coluna tem-se as respostas propriamente ditas, as quais podem ser observadas a seguir.

Tabela 15: respostas do questionário aplicado aos quadrilheiros acerca do BVJ e das quadrilhas.

	QDR	Resposta
Perguntas	01	<i>“É uma cultura popular que todos gostam”.</i>
	02	<i>“É momento de diversão, alegria, crendice, paquerar”.</i>
	03	<i>“Movimento cultural brasileiro, um dos mais importante para cultura”.</i>
	04	<i>“É uma cultura que envolve muita tradição, emoção e inovar o ciclo a cada ano”.</i>
	05	<i>“É uma festa com dança linda de se vê e apreciar”.</i>
	06	<i>“Uma manifestação única com gosto bem brasileiro”.</i>
	07	<i>“Eu vejo com muita importância, até porque eu danço...e pra mim é necessário esse ciclo”.</i>
	08	<i>“Como a melhor época de todos os anos”.</i>
	09	<i>“Como uma nova forma de expressão. Estou conhecendo esse ano esse universo e me encantando com suas nuances, é muito bonito”.</i>
	10	<i>“Eu vejo com um ensinamento para todos as pessoas que gosta de curtir a festa junina”.</i>
	11	<i>“Como um brincante participativo e amor a nossa cultura”.</i>
	12	<i>“Algo feito para se divertir e fazer o que gosta”.</i>
	13	<i>“Como um mês de festa, comida e quadrilha”.</i>
	14	<i>“O mês da dança quadrilha”.</i>
	15	<i>“Como uma cultura popular, tradição e inovação”.</i>
	16	<i>“Uma imersão de cultura”.</i>
	17	<i>“Como uma diversidade de comidas típicas, conjunto de arte da dança quadrilha e a participação do povo, curtindo a cultura onde não existe classe social”.</i>
	18	<i>“Como tradição e criatividade”.</i>
	19	<i>“Ciclo de renovação da tradição”.</i>
	20	<i>“Como ciclo de alegria, momento de celebrar uma tradição que não ficou no passado. Que mostram muito quem somos”.</i>
	21	<i>“Como um momento importante para economia e cultura local”.</i>
	22	<i>“De celebração da tradição que deu origem a nossa história”.</i>
	23	<i>“Momento de revolução da tradição”.</i>
	24	<i>“Como um movimento que ajuda a cultura e o social, leva renda extra e valoriza a cultura da nossa origens”.</i>
	25	<i>“É uma mistura de fé nos Santos e animação”.</i>
	26	<i>“Importante para imagem de Roraima”.</i>
	27	<i>“Como socialização da tradição levando tradição para os que estão chegando”</i>
	28	<i>“Necessário para sociedade”.</i>
	29	<i>“Importante para manter as tradições da nossa história de povoamento aqui no Brasil”.</i>
	30	<i>“Um momento de celebração da tradição da origem da cultura do Brasil”.</i>
	31	<i>“Importante para turismo de Roraima”.</i>
	32	<i>“Fortalecer os laços com o passado e sentir o gosto da infância”.</i>
	33	<i>“Valorização da cultura local”.</i>
	34	<i>“Manifestação de novas e respeito a essas identidades”.</i>
	35	<i>“Preservação da cultura junina”.</i>
	36	<i>“Celebração social, em que prioriza a dança quadrilha”.</i>
	37	<i>“Uma festa que honra os santos católicos e que agradecemos as boas ações”.</i>
	38	<i>“Cultura brasileira que mais liga com o passado da nossa história”</i>
	39	<i>“É ciclo de renovação da arte da junina”.</i>
	40	<i>“Uma festa de símbolos, de amor, respeito e tradição”.</i>

	QDR	Resposta
Como vê a importância do Boa Vista Junina?	01	<i>“Muito importante, pois o movimento junino de boa vista hoje em dia é o maior do norte”.</i>
	02	<i>“O melhor arraiaá de Boa Vista, sem ele não tem a melhor festa do Estado”.</i>
	03	<i>“Pra nós brincantes é muito gratificante, pois é onde mostramos todos os nossos trabalhos e esforço”.</i>
	04	<i>“Gastar com Uber, comida, roupa, daí eu ajudo a movimentar a economia rsrsr”.</i>
	05	<i>“Sem dúvida a melhor época do ano”.</i>
	06	<i>“Vem com uma renda extra para aquelas pessoas que estão precisando um pouco de dinheiro”.</i>
	07	<i>“É um evento que primeiramente move com a economia da cidade de forma muito significativa, gera emprego, renda, desenvolve e estimula o conhecimento pela cultura em quem assiste e participa”.</i>
	08	<i>“Para o desenvolvimento da cultura do estado, e isso é muito bom, e para os quadrilheiros melhor ainda”.</i>
	09	<i>“Desenvolvimento da cultura e turismo”.</i>
	10	<i>“A importância devida a cultura, onde a organização também são voltados à segurança, saúde e bem-estar da população no Boa Vista Junina”.</i>
	11	<i>“É importante para os quadrilheiros fazer o que gostam e para as pessoas trabalharem vendendo alimentos e bebidas”.</i>
	12	<i>“Como a festa que valoriza a cultura das quadrilhas dando voz e espaço para nós que amamos dançar”.</i>
	13	<i>“Como valorização da cultura local”.</i>
	14	<i>“Como uma ação social que valoriza os quadrilheiros, onde muitos amam essa cultura”.</i>
	15	<i>“Além de cultural, uma ótima movimentação da economia”.</i>
	16	<i>“Como uma fábrica cultural de quadrilhas, que vem valorizando a cultura local que está cada vez mais crescendo em seu espetáculo, na dança, criatividade, efeitos especiais, inovação e tradição”.</i>
	17	<i>“Para geração de empregos”.</i>
	18	<i>“Como uma ação social que leva tradição, investimento na cultura, e a educação é entender e valorizar que somos, cidadãos que respeitam a cultura da origem da nossa história”.</i>
	19	<i>“Valorização das pessoas que merecem um momento de lazer com uma estrutura organizada e com informação”.</i>
	20	<i>“Para o desenvolvimento local”.</i>
	21	<i>“Necessário pra Roraima ser visto pra outros estados, para o turismo”.</i>
	22	<i>“Para o turismo, que Roraima seja uma grande produtora de festa de junina”.</i>
	23	<i>“Para desenvolver a cidade”.</i>
	24	<i>“Como um evento que faz com que o turismo seja desenvolvido e que outras pessoas possam conhecer essa festa”.</i>
	25	<i>“Que valoriza nossas quadrilhas”.</i>
	26	<i>“Importante para cultura e para turismo”.</i>
	27	<i>“Para geração de empregos e renda extra”.</i>
	28	<i>“Posso dizer que sem dúvida é a valorização dos quadrilheiros, em poder mostrar sua arte, que fizeram com tanta dedicação”.</i>
	29	<i>“Essencial para promover lazer a sociedade”.</i>
	30	<i>“Festa da família, com segurança e organização, que a população merece”.</i>
Como você analisa o avanço	01	<i>“Importantíssimo inovar para não deixar cair no esquecimento, como muita cultura tradicionais que deixaram ser comemorados”.</i>
	02	<i>“Do tempo que danço o avanço virou uma coisa séria e agora é um espetáculo”.</i>
	03	<i>“Para valorizar a cultura”.</i>
	04	<i>“Como necessário para o público sempre ter gosto em acompanhar”.</i>

	QDR	Resposta
das quadrilhas juninas?	05	<i>“Cresceu muito...as juninas de hoje é bem mais preparada”.</i>
	06	<i>“Maravilhoso e cada dia mais vamos avançar”.</i>
	07	<i>“Hoje em dia as apresentações de quadrilhas são verdadeiros espetáculos, né? Aquela essência de roça meninas de trancinha e bolinhas no rosto, vestido quadriculado se perdeu e deu lugar a pedrarias, muito glitter e grandes produções! Não vejo isso como uma perda, mas uma adaptação ao tempo que segue sempre, o amago ainda permanece nas raízes quando você assiste, através das músicas, histórias e representações”.</i>
	08	<i>“Aqui no estado depende muito do financeiro de cada quadrilha. Umas buscam de fato inovar e investir pesado”.</i>
	09	<i>“Bom de mais, por isso estou aqui, a minha quadrilha não parou no tempo, inova sempre”.</i>
	10	<i>“O avanço das quadrilhas juninas foram o repasse dos recursos financeiros do Governo Estadual e da PMBV, para ajudar na apresentação do espetáculo que cada grupo folclórico tem no processo de transformação nos concursos de quadrilhas juninas”.</i>
	11	<i>“Vejo que melhorou muito, muito é graças aos esforços do grupo e compromisso”.</i>
	12	<i>“Como inovador para não perder a graça o encanto”.</i>
	13	<i>“Importante para despertar o interesse do público em assistir, sem graça seria se não tivesse público”.</i>
	14	<i>“Como cultura da inovação e modernidade sem perder sua identidade original”.</i>
	15	<i>“Maravilhosa essa inovação, a cada ano tem ganhado mais importância por poder acompanhar a modernidade”.</i>
	16	<i>“Como um fortalecimento do movimento junino em todo Brasil, no qual agora temos leis que destaca a festa junino como cultural nacional”.</i>
	17	<i>“Como moderno que acompanha as mudanças culturais e sociais”.</i>
	18	<i>“Como tecnológico, mas valorizando as raízes da dança”.</i>
	19	<i>“Como um movimento que acompanha as mudanças sociais, não parou no tempo, a gente inova e transforma o jeito de fazer cultura junina”.</i>
	20	<i>“Como uma tradição que busca melhorar sua própria tradição, sem ficar a mesma coisa todo ano”.</i>
	21	<i>“Criativo e tecnológico”.</i>
	22	<i>“Inovador, pois a sociedade merece assistir coisas novas e criativas. Eu vou mesmo sair da minha casa para assistir coisa de 20 anos atrás tudo no mesmo jeito. Então mudar é preciso, para ser fazer presente”.</i>

Fonte: Silva (2023).

Nessa primeira tabela é possível observar que em cada pergunta muitos demonstram interesses e sentimentos semelhantes. No primeiro questionamento as respostas denotam o ciclo junino como alegre, movimento que se inova a cada ano, que valoriza a cultura brasileira, uma tradição com criatividade, um mês da comida, da dança, da paquera, uma celebração dos santos católicos, assim como, contribui para o desenvolvimento da Roraima.

Na segunda pergunta sobre a **importância do Boa Vista Junina**, o evento é percebido como uma festa que gera uma grande dinâmica na economia local, que por sua vez, resulta na valorização da cultura do estado. Com isso, promovendo um momento de lazer para a população.

No último questionamento tem-se seus **olhares sobre os avanços das quadrilhas juninas**, no qual destaca-se que isso foi necessário para valorizar a cultura nos dias de hoje e, com isso, despertar o interesse por parte do público. As quadrilhas se inovaram sem perder a sua originalidade, apenas incrementando com criatividade a arte de fazer quadrilha.

Ao seguir com as próximas indagações do questionário não foi encontrada a necessidade de colocar as informações em tabela, devido ao fato de serem perguntas que resultariam em uma mesma resposta, quase literalmente. Mas nem por isso menos necessária para se obter uma base consolidada com a verdade da dinâmica da dança. Por isso as próximas perguntas serão descritas de forma geral sobre o que os sujeitos responderam.

Ao perguntar quais as **produções artísticas que eles percebem na dança quadrilha**, as respostas permearam por: cenário, iluminação, a coreografia, teatro, criação da música, criação do figurino, maquiagem, adereços e movimentos e giros sincronizados.

Assim como os **valores sociais que podem ter com a dança**, como já respondido pelos diretores/animadores e brincantes de quadrilhas nas entrevistas, nos questionários não foi diferente. Os quadrilheiros (2023) apontam o respeito, união, irmandade, compromisso, responsabilidade, empatia, inclusão, respeito aos LGBTs, desempenho, dedicação, companheirismo, formação do caráter, compromisso com arte, ética. Destaca-se na sequência algumas respostas diferenciadas, dos quadrilheiros (2023):

“Inclusão social, pois tira pessoas de ruas para não fazerem coisas piores” (QDR -14);

“Valores culturais e exercícios físicos” (QDR -17);

“O principal é tirar o jovem das coisas ruins” (QDR -18);

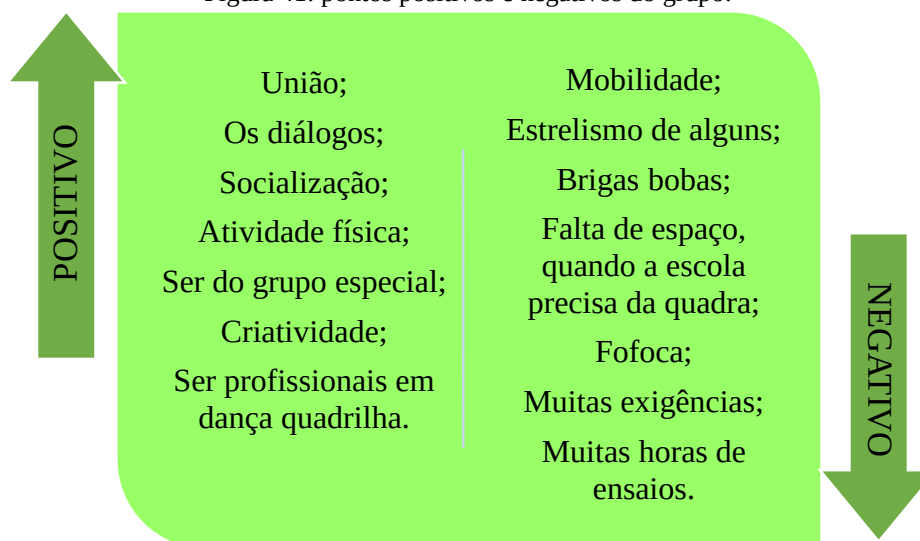
“Valor social e em construir uma sociedade cultural” (QDR -36);

“Quadrilhas são consideradas verdadeiras famílias. Especialmente na Zé Monteirão isso é muito perceptível desde seu primeiro dia na quadra! E quando se fala em família se traz todos os aspectos mesmo, os bons e os ruins, que de alguma forma se encaixam e fazem acontecer. É um local onde todos têm espaço pra evoluir como quadrilheiro e como pessoa” (QDR -39);

Para encerrar essa categoria de análise, explana-se em forma de esquema o que os quadrilheiros responderam sobre **pontos positivos e negativos do grupo**. A maioria

destacou que não tinha nada a declarar, outros, no entanto, citaram os pontos sintetizados na figura a seguir.

Figura 41: pontos positivos e negativos do grupo.



Fonte: Silva (2023).

Além disso, de acordo respectivos pontos, para o Quadrilheiros (2023):

“O positivo é ser como uma família, todos serão receptivos e se ajudam. Já o negativo, isso é inerente ao homem enquanto está em sociedade, os maus sentimentos se espalham sem que haja verdadeira má intenção. Então é comum que haja competitividade não saudável, inveja, fofoca, etc.”.

De fato, sabe-se que nem toda a socialização é satisfatória para o ser humano, e a simbologia de família também, por vezes, gera algumas desavenças, pelo simples fato de pensar diferente, independentemente de ser família. Isso é natural do ser humano, pensar, agir e ter comportamentos diferentes do outro. Nesse tocante, destaca-se que sujeitos que têm diversas personalidades não poderiam deixar de apontar as negatividades de viver em um grupo social e cultural, sobretudo, quando esse grupo quer atingir o objetivo de ser perfeito em suas performances. Consequentemente, as exigências serão maiores, levando a um possível nível de cansaço com a durabilidade dos ensaios.

Na sequência apresenta-se a tabela com as perguntas e respostas dos quadrilheiros, com foco na **educação não formal, comunicação e Educomunicação**.

Tabela 16: respostas do questionário aplicado aos quadrilheiros com foco na educação não formal, comunicação e educomunicação.

Perguntas	QDR	Resposta
Consegue perceber uma comunicação da dança com quem assiste?	01	<i>“Sim, todo nosso trabalho é pensando em se comunicar com o público e fazer eles se emocionarem com essa linguagem cultural”.</i>
	02	<i>“Dançar quadrilha é literalmente uma comunicação cultura. Todos compreendem a nossa dança, contamos histórias e sonhos”.</i>
	03	<i>“Para quem assisti sempre é um show e isso a gente sente com a energia deles vindo de fora gritando ou aplaudindo, então eles entendem nossa mensagem e respondem, logo a gente entende que estamos conseguindo nosso objetivo”.</i>
	04	<i>“Sim... e comunicação deles com a gente é quando eles ficam empolgados, gritando”.</i>
	05	<i>“Sim nas expressões dos nossos rostos e a cada movimento nosso, de cada passo da dança”.</i>
	06	<i>“Com certeza! tudo ali está dizendo algo sobre a mensagem que queremos passar, desde as roupas até os passos da coreografia e expressões usadas, tudo diz algo”.</i>
	07	<i>“Sim muito. Ao entrar e sair do tablado a gente se comunica com eles”.</i>
	08	<i>“Sim! Pela expressão que cada brincante repasse a comunidade na apresentação”.</i>
	09	<i>“Sim, por isso que buscamos a perfeição em tudo”.</i>
	10	<i>“A dança se comunica por levar um tema e uma mensagem”.</i>
	11	<i>“Sim, buscamos nos profissionalizar em casa ensaio para essa comunicação”.</i>
	12	<i>“Sim, a coreografia, expressão facial e a música são os maiores meios de comunicação com tema e espectadores”.</i>
	13	<i>“Sim, por isso a exigência máxima em aderir bem os passos, música que tenha o enredo com um processo de começo, meio e fim, afim de contar uma história ou tema”.</i>
	14	<i>“Ao entender os enredo que levamos ao tablado sem comunicar nada antes, apenas dançando”.</i>
	15	<i>“Quando eles entendeu o nosso tema e enredo”.</i>
	16	<i>“Quando eles entendem e se emocionam com as apresentações”.</i>
	17	<i>“Sim, pela roupa, música, teatro expressões faciais”.</i>
	18	<i>“Sim, o animador ajuda muito para que eles entendam”.</i>
	19	<i>“Nossa linguagem é cultural, e o público entende pois tem experiências em acompanhar as apresentações”.</i>
	20	<i>“Toda nossa estrutura se comunica, fala sobre o nosso tema e a dança vem para fortalecer o enredo dessa comunicação”.</i>
	21	<i>“Quando estão montando os cenários, esse elemento já inicia a nossa comunicação. Então, tudo se comunica com público”.</i>
	22	<i>“O tetro contribuem muito nessa comunicação”.</i>
Durante o processo de construção da dança(ensaio) conseguem enxergar	01	<i>“Sim, praticamente um trabalho social, que busca educar a gente”.</i>
	02	<i>“Sim, porque aprendemos muita coisa sobre as culturas e arte de dançar”.</i>
	03	<i>“Comunicação é conjunto que sempre é uma forma de aprender com o outro”.</i>
	04	<i>“Sim, eles prezam muito pelo nosso desempenho profissional”.</i>
	05	<i>“As ações que eles fazem com a gente, levar para aprender sobre a cultura que vamos dançar”.</i>
	06	<i>“Educando nosso jeito de ser, sem a gente perceber só por conviver com o outro”.</i>

Perguntas	QDR	Resposta
algum tipo de educação não formal com os envolvidos na dança?	07	<i>“Sim, na hora que o coreógrafo está passando a coreografia todos brincantes fica em silêncio só observando e aprendendo”.</i>
	08	<i>“Acredito que sim. Uma vez que as pessoas entram na quadrilha sem instruções profissional nenhuma e com nossos ensaios é possível e notório avanços na coordenação bem como no controle corporal entre outros”.</i>
	09	<i>“Além de conhecimento de vida, temos conhecimento profissional em produzir arte”.</i>
	10	<i>“Sim! O respeito e conjunto profissional que aprendemos com a dança e entre os brincantes”.</i>
	11	<i>“Sim, buscam educar a gente literalmente, até dando sermão de moral para ser pessoas melhores em tudo”.</i>
	12	<i>“Sim, com evolução das responsabilidades de cada um e com o tema, aprender para dançar”.</i>
	13	<i>“Sim aprender o tema e como dançar e se expressar”.</i>
	14	<i>“Sim, os ensinamentos social para vencer na vida, apoio dos organizadores em tentar ajudar individualmente dentro de suas possibilidades para que seus brincantes tenham uma vida digna”.</i>
	15	<i>“Sim, os ensinamentos de vida e a forma como os diretores nos incentivam para ter sucesso na vida pessoal e profissional”.</i>
	16	<i>“Sim, o trabalho social nas nossas vidas, como incentivar a crescer profissionalmente”.</i>
	17	<i>“Sim, nos incentivam, ser melhores e crescer na vida”.</i>
	18	<i>“Aprendi que a educação social passa pela cultura. Tô tendo muita educação em saber ser gente”.</i>
	19	<i>“Sim, a gente pensa e refleti sobre tudo, e não apenas em ser melhores produtores de dança quadrilha”.</i>
	20	<i>“Desenvolvimento de muitas habilidades que nem nós sabíamos que tinha”.</i>
	22	<i>“Sim, a nossa evolução social e profissional com arte de fazer dança quadrilha”.</i>
	23	<i>“Social feito dentro do grupo que são muitos”.</i>
Conhece o termo Educomunicação?	01	<i>“Sim, mas não sei conceituar, já ouvir falarem que tem uma relação da arte, da cultura levando novas informações para quem assisti, acompanhar alguma representação artística, ou pelo meios de comunicação. Ex: a cultura/apresentação sendo transmitida por meio da tv para quem não estar naquele lugar da ação”.</i>
	02	<i>“Não sei explicar, mas entendo ser a comunicação dentro da educação”.</i>
	03	<i>“Acho que sei, educar por meio das trocas de comunicação com o social”.</i>
	04	<i>“Acredito que seja educar com a comunicação que um grupo realiza com as trocas conhecimento”.</i>
	05	<i>“Educação por troca de informação socioculturais”.</i>
	06	<i>“Criar possibilidade de educar o social”.</i>
	07	<i>“Já escutei aqui no grupo, sobre vamos comunicar lavando educação para quem assisti”.</i>
	08	<i>“Educação sendo construída por meio da comunicação entres os grupos culturais”.</i>
	09	<i>“Educação mais comunicação. Logo pessoas educadas e transformada”.</i>
Qual o aprendizagem ou lição que você	01	<i>“Consegui uma qualidade de vida melhor, consegui ver a alegria e alegrar as pessoas”.</i>
	02	<i>“A dança faz com que esqueçamos os problemas de fora, de casa. Aprendo a saber lidar com as situações difíceis no dia a dia”.</i>
	03	<i>“Que se você não dança bem, o que sobra para você é o fundão. E o fundão é a sensação de rejeitado, por isso busco melhorar.”</i>

Perguntas	QDR	Resposta
consegue construir com a cultura da dança quadrilha?		<i>Hoje sou muito melhor quando entrei, então tive conhecimento e sabedoria de levar isso para vida. Em não ser a rejeitada, saber lidar com minhas limitações e melhorar”.</i>
	04	<i>“Pra mim em especial...aprendizado de vida danço a 28 anos, com trocas de experiências”.</i>
	05	<i>“A lição que eu aprendo que todos nós do grupo junino temos que ter união para focar no objetivo que a gente quer ganhar. Aprendendo dar o meu melhor em tudo. Levo isso para vida pessoal”.</i>
	06	<i>“Não ter medo de demonstrar paixão eu diria... Sou dançarina há anos mas é meu primeiro na quadrilha e a forma como os sentimentos transbordam enquanto você dança é surreal. Não há vergonha, não há medo, você grita, aquilo que você tá dançando e é lindo. Aprendi que a cultura nos molda para ser melhores”.</i>
	07	<i>“A flexibilidade no convívio e com outras pessoas, e nas constantes trocas de conversas é algo novo que levo para vida, nem que seja com os sermões”.</i>
	08	<i>“O desenvolvimento da dança me faz aprender a conhecer mais do meu corpo e da minha capacidade de fazer e aprender algo novo. Conhecimento artístico”.</i>
	09	<i>“Respeito, aprendizagem nos faz crescer pessoalmente e abre as portas para empregabilidade”.</i>
	10	<i>“Que é sempre bom levar algo lindo para apresentar para a cidade inteira, levando conhecimento cultural”.</i>
	11	<i>“De valorizar e respeitar o outro, e a oportunidade de conhecer outros lugares e outras culturas quando vamos dançar em outros estados”.</i>
	12	<i>“De acreditar que a cultura muda as pessoas a buscar uma vida melhor”.</i>
	13	<i>“Aprendizagem é a oportunidade de conhecer sobre temas culturais e sociais, e quando temos a oportunidade de ir a outros lugares levando a cultura de RR, e com isso conhecendo outras culturas e outros lugares que antes não conheciam”.</i>
	14	<i>“Aprendizagem de vida social, saber lidar com as diferenças”.</i>
	15	<i>“Aprendizado de vida em grupo, aprender sobre o outro e respeitar, além de ter conseguido descobrir que posso criar maquiagem únicas para apresentação do nosso grupo”.</i>
	16	<i>“De que a nossa arte também faz parte de uma gerar empregos e rendas no ciclo junino, não é apenas dançar, mas tirar muitos da zona da ansiedade e levar um pouco de esperança com quem trabalha nas festas, dinheiro que ajuda muitas famílias”.</i>
	17	<i>“De que posso ser uma pessoa melhor por dançar quadrilha, apenas, pois aprendo muitas coisas com a vivência em grupo”.</i>
	18	<i>“De que a cultura pode mudar as pessoas para melhor”.</i>
	19	<i>“De que posso me socializar sem preconceito do outro”.</i>
	20	<i>“Que eu passei a ter mais preocupação em ter uma profissão, aqui todos influenciam uns aos outros”.</i>
	21	<i>“Desenvolvo minhas habilidades em criar maquiagem para cada apresentação”.</i>
	22	<i>“Integrar com outro sem preconceito”.</i>

Fonte: Silva (2023).

Diante dos resultados constata-se que a comunicação existe na dança quadrilha em diversas maneiras, auxiliando uns aos outros durante os ensaios, no ato das apresentações e levando mensagens de acordo com as temáticas. Em 2023, por exemplo,

o grupo Zé Monteirão levou para festa junina o tema “O pão nosso de cada dia”, de modo que, segundo a diretoria da Zé (2023), a entrada remeteu o tema à simbologia da história do pão e dos festivais de colheita. Isto é, uma festa pagã, celebrando os deuses no antigo Egito, contexto no qual, conforme os dados da história, os pães assados em forno de barro ocorriam no Egito a 7.000 anos a.c., sendo mais tarde o começo do processo de fermentação.

Ainda segundo os diretores da Zé Monteirão (2023), sobre esse tema, o enredo trouxe o casamento entre o padeiro e a camponesa. Depois de casar e ter filhos, o casal passa por dificuldade de falta de água. Ambos clamam por Deus, o real dono da colheita. Levando uma mensagem de que nem a roça, nem o gado existem sem Deus. E que o amor seja para o mundo, o que o fermento é para o pão.

Então, tem-se aqui uma análise de que a dança quadrilha se comunica e leva a sua mensagem para o público, em busca de um mundo melhor. A mensagem, evidentemente, varia de um tema para outro, de um grupo para outro, mas é sempre com ela que os brincantes convivem durante meses, também é ela que promove uma aprendizagem para a vida do envolvidos. Muitas respostas constataram que tem na quadrilha aprendizagem para vida, evoluindo e sendo pessoas melhores, que inclusive, têm portas abertas para a empregabilidade.

No que se refere a Educomunicação, a maioria respondeu que desconhece o termo. Alguns mencionaram ser a educação por meio da comunicação, que ocorre através da troca de conhecimento social.

Sob outro viés, o subcapítulo a seguir compreende a visão do público em relação a temática discutida. Haja vista que, ao longo dos resultados os produtores da dança e organizadores da festa junina afirmam a existência da comunicação com os espectadores. Dessarte, expõe-se a perspectiva dos espectadores diante dessa discussão.

Primeiramente, contudo, é pertinente esclarecer como foi feita essa coleta de dados com o público. O questionário também foi aplicado de forma online, no qual disponibilizou-se o link, nos grupos de WhatsApp, com o auxílio de outras pessoas compartilhando. Novamente, houve pessoas que não conseguiram acessar, ou que o link apresentava a mensagem que tinha expirado, mesmo estando disponível para respostas. O objetivo era obter de 20 a 30 questionários a serem analisados. Devido as dificuldades tecnológicas, obteve-se 20 questionários respondidos, dentro do limite desejado. Para fins de síntese, seguiu-se a sequência de acordo com a tabela das categorias de análises.

Tabela 17: categorias de análises do público.

QUESTIONÁRIOS AOS QUADRILHEIROS		
	CATEGORIA	TÓPICOS GUIAS
1.	PÚBLICO	• Idade, naturalidade e escolaridade; • Estado civil e profissão; • Como enxerga e a cultura junina; • Entendimentos sobre os temas; • Linguagem da dança; • Educação não formal; • Tipo de aprendizagens; • Educomunicação.

Fonte: Silva (2023).

No subcapítulo a seguir podem ser observados os resultados obtidos acerca da comunicação da dança com o espectador.

7.2 E cumprimentou o público! A comunicação da dança com os espectadores

Para uma festa acontecer o mais importante é ter um público. Esta tese trata de uma festa que leva muitas pessoas a prestigiarem a cultura junina. Diante de toda a discussão sobre festa junina e comunicação com o público, nada mais necessário do que trazer as suas falas sobre essa investigação.

Antes de ir para as indagações destaca-se a identificação dos sujeitos quanto a sua faixa etária, escolaridade e naturalidade. De modo que, os sujeitos que responderam ao questionário foram pessoas com idade entre 30 e 35 anos e acima de 40 anos, incidindo em 40% das respostas em cada uma dessas faixas etárias. Isso remete a uma certa maturidade ao responder as perguntas.

Quanto a escolaridade, 75% são pessoas com curso superior completo, e mestrado e ensino superior incompleto em 10% cada, respectivamente. No tange as naturalidades, foram destacadas os seguintes estados: Paraíba, Amazonas, Minas, Pará, e a maioria sendo do maranhão, seguido por Roraima.

Assim, a primeira pergunta sem ser de identificação foi a respeito do **hábito de frequentar e assistir as quadrilhas juninas**. As respostas estão sintetizadas na tabela 18.

Tabela 18: costumes de assistir as apresentações das quadrilhas anualmente.

Público	Tem costumes de assistir as apresentações das quadrilhas anualmente?	Quantas noites frequenta o arraial
01	"Sim".	02
02	"Nem todas vezes, muito lotado".	03
03	"Sim".	02

Público	Tem costumes de assistir as apresentações das quadrilhas anualmente?	Quantas noites frequenta o arraial
04	<i>“Nem sempre.”</i>	03
05	<i>“Sempre prestígio com minha presença.”</i>	03
06	<i>“Sim, assisto até o fim.”</i>	02
07	<i>“Sim, quando tem vaga na arquibancada.”</i>	01
08	<i>“Só quando é quadrilhas dos meus amigos.”</i>	02
09	<i>“Às vezes quando tem espaço”.</i>	02
10	<i>“Sim”.</i>	01
11	<i>“Quando alguém conhecido dança”.</i>	02
12	<i>“Sim”.</i>	03
13	<i>“Não todos os dias”.</i>	Todas as noites
14	<i>“Depende do grupo”.</i>	04
15	<i>“Sim, assisto todas, quando eu vou”.</i>	03
16	<i>“Sim”.</i>	02
17	<i>“Quando tem meus familiares”.</i>	03
19	<i>“Às vezes”.</i>	03
20	<i>“Sim”.</i>	04

Fonte: Silva (2023).

Optou-se por iniciar com uma pergunta que é necessária para saber se os sujeitos que alcançados nos questionários têm o costume de frequentar as festas juninas/assistir as apresentações das quadrilhas anualmente. Considerando que para algumas pessoas esse ambiente não é o seu local de pertencimento, por questões religiosas ou outras, muitos não frequentam essa festa popular.

Frente a essa pergunta obteve-se 10 pessoas que afirmaram ter o costume de assistir as quadrilhas. De modo que, os 10 restante responderam “às vezes”, justificando suas respostas com “quando tem lugar nas arquibancadas” ou “para prestigiar as apresentações de amigos e familiares”.

Destaca-se que o ano de 2023, nas observações feitas pela autora desta tese, e conforme foi mencionado no ato das apresentações, as arquibancadas aumentaram. A estrutura contou com mais um lado preenchido de arquibancada, fechando assim um círculo, uma verdadeira arena junina, para melhor atender o público.

Para complementar essa pergunta (por essa razão ficou na mesma tabela), questionou-se também a **quantidade de noites que os espectadores costumam frequentar**. Como retorno, se sobressaíram de 2 a 3 noites. A minoria frequenta de 1 a 4 noites e uma única pessoa afirmou que frequenta todas as noites da festa.

Na questão seguinte se averiguou **como o público enxerga a cultura da quadrilha junina**. As respostas estão sintetizadas na tabela a seguir.

Tabela 19: como enxerga a cultura da quadrilha junina.

Pergunta	Público	Respostas
Como enxerga a cultura da quadrilha junina?	01	<i>“Como inovador, uma cultura que ainda está viva em uma sociedade que está em constante mudança”.</i>
	02	<i>“Boa forma de representar a cultura local”.</i>
	03	<i>“Uma tradição religiosa e antes de muita importância, hoje, não vejo com bons olhos”.</i>
	04	<i>“Uma fusão cultural do Brasil que une várias pessoas sem distinção de raça, cor, credo, opção sexual, enfim, uma festa importante para a manutenção da cultural e convívio harmônico na sociedade”.</i>
	05	<i>“Bem animados”.</i>
	06	<i>“Uma cultura cheia de histórias fascinantes, com cores, costumes, comidas, danças que nos levam à ser e querer viver isso”.</i>
	07	<i>“Algo que move/ajuda a economia local”.</i>
	08	<i>“Linda e rica... muita animação, festa alegre, sem violência”.</i>
	09	<i>“Falta mais incentivo”.</i>
	10	<i>“Um resgate as tradições, a cultura tradicional, a diversidade, o respeito ao ser humano”.</i>
	11	<i>“Cultura brasileira”.</i>
	12	<i>“Como uma cultura histórica que não deixou de fazer sentindo nos dias atuais, muitas coisas se perdem no tempo a quadrilha não”.</i>
	13	<i>“Como inovador principalmente as do grupo especial”.</i>
	14	<i>“Uma forma de levar alegria as pessoas”.</i>
	15	<i>“Um fato positivo para economia local”.</i>
	16	<i>“Muito enriquecedora e se faz necessário acompanhar de perto essa cultura”.</i>
	17	<i>“Maravilhosa, cultura e festa leve”.</i>
	19	<i>“Um espetáculo que transmite os costumes de um povo”.</i>
	20	<i>“Como inovador, diferente de antigamente, mas no mesmo estilo”.</i>

Fonte: Silva (2023).

O público vê a cultura da quadrilha junina como algo inovador, que acompanha as transformações sociais, mas, que está mantendo “viva” uma tradição brasileira, de origem europeia, que se aderiu de um jeito singular à cultura brasileira, quando se popularizou no Brasil. Com isso, o Brasil construiu uma rica cultura popular. Ainda conforme a visão do público, há também aqueles que enxergam a cultura como elemento necessário para mover a economia do local, porém, para eles, ainda falta mais investimentos.

Portanto, na visão do público a cultura junina é percebida como um movimento inovador, mas que mantém as raízes históricas da dança no Brasil, levando alegria e emoção para o público e contribuindo para o desenvolvimento do estado.

Aliado a essa premissa buscou-se compreender se **o público percebe ou não a valorização dessa cultura no estado**. As respostas acerca dessa questão são apresentadas na tabela 20.

Tabela 20: como analisa a valorização da cultura junina local.

Pergunta	Público	Respostas
Como analisa a valorização da cultura junina local?	01	<i>“Boa, acredito que ajuda a girar uma boa economia no estado”.</i>
	02	<i>“Sendo o Brasil um país de grande maioria cristã, acho que boa”.</i>
	03	<i>“Muito satisfatória, contudo, há a necessidade de investir muito mais, o norte não se resume em festa junina é boi bumba”.</i>
	04	<i>“Ótima. Bem valorizado”.</i>
	05	<i>“Ótima, tanto das entidades governamentais quanto da população”.</i>
	06	<i>“Satisfatório”.</i>
	07	<i>“Nós valorizamos a nossa cultura (me sinto roraimense). O poder público investe nos grupos de dança, o povo participa e gera renda pro município de Boa Vista e pro Estado”.</i>
	08	<i>“Precisa de mais incentivo”.</i>
	09	<i>“Extremamente importante e necessário”.</i>
	10	<i>“De suma importância para a cultura do estado”.</i>
	11	<i>“Bem valorizada tanto que todo ano tem um evento lindo e organizado”.</i>
	12	<i>“Percebo que é bem aceita aqui no estado pelo tanto de gente de frequente, e muitos buscam diversão em uma cidade de certa forma pequena”.</i>
	13	<i>“Além da expressão cultural, também contribuem para a receita do município”.</i>
	14	<i>“Positiva, pois é uma festa belíssima”.</i>
	15	<i>“Pouco valorizada devido aos poucos recursos e condições”.</i>
	16	<i>“Uma imersão de cultura”.</i>
	17	<i>“Apesar de vivenciais uma desvalorização de muitos costumes, podemos ver que a cultura junina tem seu espaço e reconhecimento”.</i>
	19	<i>“Acredito que seja bem valorizado pelo tamanho do então que eles organizam, o que é bom pra nós população, em ter algo diferente na cidade e que movimenta a economia”.</i>
	20	<i>“Um empreendimento e geração econômica”.</i>

Fonte: Silva (2023).

Sob os olhares do público, a valorização da cultura junina em Roraima é considerada boa, mas ainda necessita de valorização e investimentos. Por se tratar de uma festa de grande porte para o estado, há uma exigência maior do público em ter uma estrutura mais elaborada, que possa atender as demandas tanto locais como as turísticas. O evento é realizado anualmente e faz parte da cultura do estado, por esta razão os investimentos precisam ser feitos, a fim de promover uma festa com segurança, qualidade e organização para os que a frequentam, além de empreender a economia por meio da cultura.

A cultura da festa junina é, sem dúvidas, um caminho para o desenvolvimento do estado, pois, como já mencionado, a festa consegue envolver uma grande demanda de empregos diretos e indiretos, gerando renda extra para muitos autônomos, e consequentemente, gerando a valorização cultural, social e econômica.

Quanto ao **entendimento do tema da quadrilha e o entendimento sobre o enredo**, as respostas variaram, conforme é possível observar na tabela a seguir.

Tabela 21: entendimento sobre o tema que a quadrilha leva ao tablado.

Público	Consegue entender o tema que a quadrilha leva ao tablado?	Entende o enredo (começo e fim) do tema da quadrilha ao se apresentar?
01	“Sim”.	“Sim”
02	“Sim”.	“Na maioria sim, mas, já tiveram alguns que não entendi nada”.
03	“Geralmente”.	“Não”.
04	“Sim, os quadrilheiros estão cada dia mais empenhados em fazer o melhor ao público”.	“Sim. Geralmente eles fazem homenagem a alguém ou um santo da igreja católica”.
05	“Às vezes”.	“Sim”.
06	“Sim”.	“Sim”.
07	“Sim”.	“Sim”.
08	“Sim, a arte, teatro inicial, traz consigo a história”.	“Sim, gosto dos temas histórico”.
09	“Sim, as do grupo especial”.	“Sim pelo teatro”.
10	Sim, se eu acompanhar do começo ao fim”.	“Às vezes”.
11	“Quando estão bem elaboradas sim, facilmente entendo contexto e mensagem que querem passar, resalto que a importância da organização em todo conjunto da quadrilha é essencial para fazer nos entender o tema assim como a conscientização de algo que dançou”.	“Às vezes me perco”.
12	“Sim, do grupo especial sim”,	“Sim, dependendo da organização do grupo, geralmente as do grupo especial tem mais mensagem como conscientização de algo”.
13	“Geralmente só as do grupo especial”.	“Quando está bem elaborado sim”.
14	“Nem todas. Umas são bem fraquinhas”.	“Sim”.
15	“Só sentar na arquibancada”.	“Depende do grupo”.
16	“Sim, as vezes não”.	“Depende da organização”.
17	“Às vezes, depende da quadrilha”.	“Sim”.
19	“Sim”.	“Sim”.
20	“Sim”.	“Sim”.

Fonte: Silva (2023).

A duas perguntas foram dispostas em uma única tabela devido ao fato de se complementarem, sendo a segunda pergunta extensão da primeira, pois, conseguir entender o tema é muito mais fácil do que compreender o enredo do início ao fim, mas sem entender o tema dificilmente haverá compreensão sobre o enredo. Por vezes é possível entender o tema da quadrilha apenas com um olhar, através da comunicação visual que o grupo leva.

Por meio das respostas supramencionadas observa-se que todos conseguem entender o tema da quadrilha, porém, para alguns, o entendimento só acontece se o grupo estiver bem estruturado e organizado e com a ajuda do teatro principal. Devido a isso, os grupos vêm exigindo dos sujeitos cada vez mais profissionalismo e dedicação para dançar e fazer parte do grupo.

No que diz respeito a entender todo o enredo do começo ao fim, também, foi levantada a questão que parte dessa compreensão depende do desempenho do grupo. A organização nesse quesito de compreensão do enredo é a maior aliada para uma boa apresentação. O grupo precisa representar seu tema, e contar o enredo com começo, meio e fim, através de uma linguagem acessível e compreensível para todos, incluindo os julgadores do concurso.

Ressalta-se que a comunicação precisa ter uma linguagem de fácil compreensão para o público que deseja atingir. No caso das quadrilhas, a comunicação só se torna acessível quando o grupo leva uma dança estruturada, com enredo completo, no qual suas performances, ou mesmo as sequências dos passos, das músicas e teatros, tenham uma sequência lógica.

A dança quadrilha, em suma, tem uma intenção e um objetivo: contar uma história, um acontecimento, ou fato histórico-social. Sendo a dedicação dos brincantes a maior responsável para que isso aconteça. Nesse tocante, é interessante ressaltar que alguns grupos ainda não possuem a mesma estabilidade e investimento financeiro para preparar suas quadrilhas com mais riqueza nos detalhes. Isso acaba repercutindo em apresentações em que a comunicação pode ser um pouco menos compreensível, em detrimento dos grupos que recebem mais recursos. A valorização da cultura deve abranger todos os grupos de quadrilhas, para aprimorarem as suas apresentações.

No que diz respeito a **compreensão do público sobre a quadrilha junina como um processo de linguagem-comunicação com o público** as respostas foram as seguintes, expostas na tabela 22:

Tabela 22: compreensão acerca da quadrilha junina como processo de linguagem-comunicação com o público.

Pergunta	Público	Respostas
	01	<i>“Sim, com teatro, música e adereços”.</i>
	02	<i>“Sim, e tem atração”.</i>
	03	<i>“Sim, a partir do momento em que eles transmitem uma mensagem significativa e de tradição cultural relevante, a religião católica, se faz o <i>fid beck</i> entre público e quadrilha junina”.</i>

Pergunta	Público	Respostas
Compreende a quadrilha junina como um processo de linguagem-comunicação com o público? Como?	04	“Sim”.
	05	“Não”.
	06	“Sim, elas nos mostram temas reais. Como, por exemplo, quando em 2022 a quadrilha vencedora Zé Monteiro apresentou o tema “Do fim ao recomeço” (se não me engano), onde trazem uma reflexão pós pandemia”.
	07	“Sim. Através das expressões artísticas da música e da dança”.
	08	“Sim. Através da música, do roteirista que embala a quadrilha e a plateia que está assistindo. Os instrumentos utilizados na apresentação”.
	09	“Sim, é uma forma de trazer informações e cultura”.
	10	“Sim, o teatro inicial. A apresentação do cotidiano advindo do interior(origem)”.
	11	“Representação da vida real”.
	12	“Sim, dança e o teatro”.
	13	“Sim pelo tema”.
	14	“Sim, através do cenário, vestimentas e enredo”.
	15	“Sim, pela roupa, música e enredo”.
	16	“Sim. Uma vez assistir, uma que só a expressão da mulherada fala mais de mil linguagens, muito forte”.
	17	“Sim, pela dança, teatro e expressão. Lembro quando elas danças com expressão de mulheres do nordeste”.
	19	“Sim, pois a quadrilha transmite o costume nos movimentos da dança, na canção, trajes e etc”.
	20	“Sim, pela própria mensagem que eles levam com o tema da dança”.

Fonte: Silva (2023).

A dança quadrilha é vista por quase todos como um processo de linguagem-comunicação com o público. Apenas uma pessoa disse que não percebe a quadrilha dessa forma. Ademais, segundo o público, a atração principal dessa linguagem é a dança e seus elementos. Os elementos presentes nessa linguagem está inserido nos figurinos, teatro, música, adereços, cenário e expressões, além da mensagem que visam deixar ao público, em forma de conscientização. Respectivas mensagens representam significados na vivência social e no cotidiano.

Para os autores, Silva e Agostino (2005, p. 04) a linguagem é “como a capacidade humana de produzir signos de qualquer tipo, tais como sonoros, visuais, táteis, gestuais etc”. Essa afirmação sustenta a dança quadrilha como linguagem, pois, tem características sonoras, visuais e gestuais. Os movimentos das danças que são os gestos e expressões, também são considerados uma comunicação. Silva e Beresford (2004) mencionam que o corpo tem grande poder de comunicação pela expressão ou pela fala. Ainda conforme os autores, a comunicação verbal e não verbal representam códigos próprios de cada cultura ou meio social, a linguagem não verbal ocorre pelos gestos, poses, olhares, posturas,

expressões faciais, roupas, acessórios, distância interindividuais, e outros (SILVA E BERESFORD, 2004).

Seguindo com os questionamentos, foram compreendidos os **motivos de assistir as quadrilhas e o que o público percebe de inovador**. Foram duas perguntas em uma única tabela, pois as repostas de ambas se complementam, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 23: os motivos de assistir as quadrilhas e o que percebem de inovador.

Público	O que leva assistir as apresentações de quadrilhas?	O que consegue perceber de inovador nas quadrilhas juninas?
01	<i>“Conhecer mais da cultura”.</i>	<i>“As vestimentas”.</i>
02	<i>“Quando eu assistia, o estilo de música, a alegria e claro a dança em si”.</i>	<i>“Cada vez mais a vestimenta, o cenário, o tema, estão mais evoluídos e parecidos ao que se pretende transmitir”.</i>
03	<i>“A diversidade que há entre os participantes”.</i>	<i>“A mistura rítmica e as danças estão cada vez mais presentes”.</i>
04	<i>“Eu já estando lá e paro para assistir”.</i>	<i>“As roupas diferentes”.</i>
05	<i>“Temas das apresentações. Estrutura para as quadrilhas, como iluminação, segurança, organização, são as que mais me chamam a atenção”.</i>	<i>“A abordagem de diferentes temas, não apenas se prendendo apenas à referências nordestinas. Temas que englobam o país e o mundo”.</i>
06	<i>“Por eu já está lá no arraial e muitas vezes por convite de amigos que vão se apresentar no dia no tablado”.</i>	<i>“A maneira como a história é contada”.</i>
07	<i>“A animação, as roupas coloridas, prestigiar os amigos que estão dançando”.</i>	<i>“As coreografias e as misturas de músicas”.</i>
08	<i>“A música, o enredo, as tradições, etc”.</i>	<i>“A diversidade e a inovação”.</i>
09	<i>“A alegria de ver cores, a cultura, a história e principalmente voltar ao tempo, recorda infância”.</i>	<i>“O teatro inicial, não tinha antes nas quadrilhas juninas”.</i>
10	<i>“Alegria”.</i>	<i>“As técnicas nos passos e uso de tecnologia”.</i>
11	<i>“Às vezes pela propaganda que as quadrilhas fazem e nos desperta curiosidade”.</i>	<i>“Uso de tecnologia, troca de roupas”.</i>
12	<i>“O gosto de ver amigos dançando já que para eles é tão importante”.</i>	<i>“Uso de fogos, luzes e decoração”.</i>
13	<i>“Gosto dos temas, da interação”.</i>	<i>“A organização das danças, temas e organização”.</i>
14	<i>“O gosto pela temática”.</i>	<i>“Uso de tecnologia”.</i>
15	<i>“As belezas e as diferentes tipos de dança”.</i>	<i>“As inovações culturais e suas tecnologias”.</i>
16	<i>“O tema abordado”.</i>	<i>“A temática e as danças”.</i>
17	<i>“O amor pela cultura”.</i>	<i>As coreografias”.</i>
19	<i>“Aprecio o espetáculo cultural”.</i>	<i>“Os passes de danças”.</i>
20	<i>“A cultura d dança que inova e nos desperta o interesse de assistir, a propaganda e o marketing estão vindo com tudo, isso me fez pensar que isso</i>	<i>“Os efeitos especiais e tecnologia presente na dança”.</i>

Público	O que leva assistir as apresentações de quadrilhas?	O que consegue perceber de inovador nas quadrilhas juninas?
	<i>está se tornando um nível grande de cultura, tipo escolas de sambas”.</i>	

Fonte: Silva (2023).

Dentre os motivos que o público busca para acompanhar as quadrilhas juninas, estão: conhecer mais da cultura; a animação que os brincantes passam; a estrutura e iluminação que chama a atenção; o gosto por essa cultura; as variedades de temas. Outro motivo citado foi devido a convite de amigos e familiares que vão se apresentar. Além disso, um sujeito relatou que vai por curiosidade, devido a propaganda feita em torno das apresentações dos grupos.

Nessa conjuntura, destaca-se que as tecnologias estão sendo usadas para valorizar essa cultura. Nas observações feitas ao decorrer deste estudo, foi possível perceber que o marketing feito pelos grupos está em constante evolução e aperfeiçoamento, com propagandas em TV, rádios e redes sociais. Ou seja, tem-se uma movimentação feita para despertar o interesse social em ir prestigiar as apresentações. Isso fica nítido no ato da apresentação ao observar, por exemplo, a quantidade de pessoas que buscam um lugar nas arquibancadas para assistir. Sendo esta mais uma maneira da quadrilha se comunicar com o público, por meio de divulgações no próprio evento, atraindo o público até ela, o que, por sua vez, reflete na inovação das quadrilhas. O público apontou também como aspectos motivadores uma melhor estrutura e criatividade voltada às roupas, aos cenários, à abordagem diferenciada do tema, às coreografias e ao uso de tecnologias.

No que concerne a **educação não formal dentro das festas e quadrilhas juninas** não houve discrepância entre as respostas, conforme é observar perceber na tabela 24:

Tabela 24: consegue perceber a educação não formal presente nas festas juninas e nas quadrilhas.

Perguntas	Público	Respostas
Consegue perceber a educação não formal presente nas festas juninas e nas quadrilhas?	01	<i>“Sim”.</i>
	02	<i>“Sim, através das mensagens do tema, do envolvimento dos parceiros nos ritmos dançado, na atenção do público ao assistir, entre outros”.</i>
	03	<i>“Sim, observo o cunho educativo”.</i>
	04	<i>“Sim, muito”.</i>
	05	<i>“Sim. A cultura que vai passando de geração em geração. Os gestos, a representação caipira”.</i>
	06	<i>“Sim, a nossa cultura reavivada”.</i>
	07	<i>“Sim. Pelos temas interdisciplinares em cada apresentação”.</i>
	08	<i>“Sim, desde a ornamentação com espaços lúdicos e informativos, acredito ter com o trabalho das quadrilhas também com os quem participa”.</i>

Perguntas	Público	Respostas
	09	<i>“Sim, no trabalho com os quadrilheiros, alguns grupo buscam em fazer um trabalho social com quem participa, até ajudando em emprego, que já fiquei sabendo”.</i>
	10	<i>“Não”.</i>
	11	<i>“Sim, o tema que elas dançam geralmente é um tema social ou cultural que nos leva a refletir com as falas do animador”.</i>
	12	<i>“Sim”.</i>
	13	<i>“Sim, através das mensagens do tema, do envolvimento dos parceiros nos ritmos dançado, na atenção do público ao assistir, entre outros”.</i>
	14	<i>“Sim, observo o cunho educativo”.</i>
	15	<i>“Sim, muito”.</i>
	16	<i>“Os temas quando são bem trabalhados”.</i>
	17	<i>“Sim, pela informação cultural”.</i>
	19	<i>“Promover cultura é contribuir com a educação social”.</i>
	20	<i>“Qualquer cultura é educação social”.</i>

Fonte: Silva (2023).

Dentre as 20 respostas, apenas em uma o sujeito apontou não perceber a educação não formal presente nas festas e nas quadrilhas juninas. De modo que, é possível constatar que a educação não formal se permeia pelos temas socioculturais levados pelo grupo de quadrilha, com a passagem de tradição para novas gerações, pelos temas interdisciplinares, estrutura lúdica do arraial, etc. A informação cultural presente em todo o conjunto da festa, e a própria cultura junina, correspondem à educação social, conforme as respostas dos questionários.

Sobre informação cultural é interessante destacar que a organização do arraial tem uma estrutura que funciona como uma espécie de “museu junino”, que conta um pouco da estrutura e origens das festas juninas em Boa Vista/RR. O espaço armazena fotos e textos descritivos, assim como, exibe imagens dos recordes alcançados pelo Boa Vista Junina, como a maior paçoca do mundo, feita de carne de sol e farinha de mandioca, por exemplo.

Tem-se, portanto, cultura, educação, informação, juntos para ampliar o conhecimento social. A educação é feita pela socialização e trocas de experiências, como Paulo Freire (1997) descreveu. Educação, por meio da comunicação, torna a sociedade rica em diálogo, e os diálogos transformam a sociedade, seja qual for a comunicação. Comunicar-se gera novas aprendizagens.

Indo ao encontro dessa perspectiva, a pergunta seguinte abarcou os **tipos de aprendizagens construídas pelo sujeito ao assistir as apresentações de quadrilhas**. Como resultado obteve-se as seguintes respostas sintetizadas na tabela 25.

Tabela 25: tipos de aprendizagens que conseguem construir com cultura junina.

Perguntas	Público	Respostas
Que tipo de aprendizagem conseguem construir ao visitar as festas juninas e assistir a dança quadrilha?	01	<i>“Aprendizagem folclórica”.</i>
	02	<i>“A cultura culinária, religiosa, das músicas e a própria história transmitida pelas quadrilhas juninas”.</i>
	03	<i>“Aprendizagem do respeito, ética, solidariedade”.</i>
	04	<i>“De valorizar mais a nossa cultura”.</i>
	05	<i>“Reconhecimento da cultura. Os temas que as quadrilhas abordam sempre trazem reflexões sobre o passado, presente e/ou futuro. (Recentemente estive em uma apresentação que o tema era a Maria bonita e no fim os quadrilheiros fizeram uma representação da foto das cabeças dos cangaceiros cortadas onde Maria Bonita também estava, o que me levou a pesquisar o que era aquela cena, pois até então eu não sabia o que aquilo significava historicamente, foi espetacular)”.</i>
	06	<i>“Aprendizagem sociocultural”.</i>
	07	<i>“A gente constrói uma memória afetiva, porque mesmo que a gente não dança na quadrilha, mas remete ao nosso passado... apreciar as comidas típicas, se sentir representado dentro da cultura. As festas juninas são a identidade do brasileiro, assim como o carnaval. Está no nosso DNA”.</i>
	08	<i>“A música, as mensagens intrínsecas, a cultura, de etc”.</i>
	09	<i>“Aprendizagem interdisciplinar”.</i>
	10	<i>“Relembrar os valores culturais dos meus antepassados”.</i>
	11	<i>“Da valorização da cultura e do respeito ao outro, uma cultura que muitos se importam e querem mostrar quem são”.</i>
	12	<i>“O respeito a diversidade de gênero, vejo muitos casais com homossexuais não se importarem em dançar como são”.</i>
	13	<i>“Aprende-se conceitos de palavras relacionadas a festa, como passos das danças, nome de vestimentas, comidas típicas e outras”.</i>
	14	<i>“Os diferentes tipos de cultura que temos em nosso país”.</i>
	15	<i>“A forma que a temática é abordada é apresentada em forma de música e dança”.</i>
	16	<i>“Parceria, união, resulta num belo trabalho”.</i>
	17	<i>“Aprender sobre os costumes e tradição da nossa região”.</i>
	19	<i>“De valorizar a nossa cultura local”.</i>
	20	<i>“Temas culturais e sociais abordados com uma fácil linguagem de conscientização muitas das vezes”.</i>

Fonte: Silva (2023).

Entre as aprendizagens que podem ser construídas com a cultura junina, segundo os resultados, encontram-se as aprendizagens folclóricas, quando, por exemplo, alguns temas esquecidos podem ser contados em seus enredos. Também é comum as quadrilhas levarem temas de histórias lúdicas infantis, que talvez não estejam presente no convívio das crianças de hoje, já que muitas crianças têm uma infância com contato mais voltado às tecnologias.

O respeito ao próximo, a ética e a solidariedade também foram levantados como aprendizagens. Quando o público observa que a quadrilha tem casais com uma pessoa

LGBT, por exemplo, acredita-se que essa imagem pode influenciar a respeitar os próximos, por serem quem são. Outra aprendizagem citada foi a parceria entre o grupo, resultando em mostrar um trabalho bem feito e reconhecido, o que se pode levar de ensinamento para a vida.

A aprendizagem da valorização cultural consiste no público reconhecer as quadrilhas juninas como um movimento cultural que se dedica arduamente em levar um trabalho bem elaborado, pensado e criativo para o público, assim, o social passa a valorizar esse esforço. Os sujeitos saem admirados das apresentações que assistem e percebem o quão grande as quadrilhas estão, em termos de estrutura.

Outrossim, há aprendizagens por meio da conscientização dos temas levados pelas quadrilhas, além das mensagens deixadas pelos animadores, que refletem no comportamento social.

Por fim, os sujeitos foram indagados sobre a **Educomunicação**. Como retorno as respostas variaram bastante, como é possível perceber na tabela a seguir.

Tabela 26: ouviu falar sobre a Educomunicação.

Perguntas	Público	Respostas
Já ouviu falar sobre a Educomunicação? (Comunicação + educação)?	01	“Sim”.
	02	“Não”.
	03	“Não”.
	04	“Sim”.
	05	“A palavra parece ser nova”.
	06	“Não”.
	07	“Sim. Educomunicação faz parte do nosso dia a dia, os jornais escritos e falados... as rádios, redes sociais, qualquer forma de comunicação”.
	08	“Sim, a educação através da musicalidade”.
	09	“Sim. É a junção das duas que leva a informação correta, sem fakenews”.
	10	“Sim. Nessa pesquisa”.
	11	“Sim, mas acreditava ser apenas uso de ferramentas tecnológicas”.
	12	“Já escutei, mas não sei o que seria de fato”.
	13	“Sim”.
	14	“Não, mas acho que tem algo a ver como a comunicação sendo feita pela TV, já que as tv abertas estão transmitindo pela televisão as apresentações”.
	15	“Sim”.
	16	“Não”.
	17	“Não”.
	19	“Vejo a primeira vez aqui nesses questionários”.
	20	“Não sou capaz de conceituar”.

Fonte: Silva (2023).

Do público que respondeu aos questionários, 10 disseram não conhecer o termo, uns até mencionaram sendo esta a primeira vez a terem contato com essa palavra. Outros, descrevem que conheciam, mas acreditavam o este termo estivesse ligado apenas às aprendizagens tecnológicas. Uma outra resposta que chamou atenção foi a de que Educomunicação é a junção da educação e comunicação levando informações corretas, sem fazer uso de *fakenews*.

O interessante é que se vivencia um momento no qual as notícias correm em frações de segundos, se espalhando por todo o mundo. A era da tecnologia e da informação facilitou essa comunicação, mas também trouxe as informações, por vezes, distorcidas, editadas, que não aderem a verdade, facilitando a manipulação das notícias e dos dados.

A Educomunicação pode acontecer por meio da musicalidade como apontou um dos sujeitos e por intermédio de rádios, TV, jornais, redes de comunicações e outros. Nesse contexto percebe-se que aqueles que completaram suas respostas além do “sim” estão compreendendo o conceito de Educomunicação. Ademais, fica evidente que ela vai além das ferramentas tecnológicas e envolve toda e qualquer forma de aprendizagem, por meio das vivências, experiências e diálogos com a sociedade como um todo.

Em um panorama geral comprova-se que a cultura corresponde a experiências sociais, pessoais ou em grupo, que cria grandes significados. Somente a partir do momento em que o sujeito se coloca a viver o mundo, ele passa a ter experiências e novas aprendizagens. O sujeito deixa de ser passivo e passa a ser ativo frente às mudanças que estão seu redor, criando a capacidade de dialogar com fundamentos reais. Isso vai ao encontro com os fundamentos de Paulo Freire, o qual sempre priorizava em seus estudos as aprendizagens em toda sua forma, desde que o sujeito aprendesse com o dia a dia, com o cultural, o social e o político. Educomunicação é, portanto, aprender a partir das trocas de experiências e conhecimentos dentro de uma sociedade, grupo, ou com sujeito.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Boa Vista Junina conquistou um grande público, tornando-se um dos principais eventos culturais do estado de Roraima. Diante de todas as discussões supramencionadas sobre as dinâmicas que essa festa realiza, pode-se afirmar que o objetivo geral inicialmente proposto nesta tese foi atingido. Foi possível compreender como a ação do Boa Vista Junina, na qualidade de um movimento cultural, desenvolve as condutas da educação não formal e da Educomunicação dos sujeitos participantes.

As festas, em todo o seu conjunto, oferecem o que cada um quer receber, seja a diversão, comidas típicas, dançar quadrilha, prestigiar as danças, os músicos e as bandas, obter e disponibilizar conhecimento sociocultural ou formação social.

Por meio das análises dos dados contata-se que a cultura, a educação e a Educomunicação juntas realizam um trabalho que favorece o desenvolvimento do brincante, enquanto sujeito social, que o torna capaz de interagir e dialogar em seu meio, buscando melhorias para a sua vida social, profissional e pessoal.

Dessa forma, ao apresentar os grupos de quadrilhas de Boa Vista/RR, identifica-se que com passar dos anos alguns grupos vêm evoluindo, com uma organização mais rígida, a fim de obterem melhores resultados em suas apresentações e, com isso, surgem novos grupos com novas categorias. O que anteriormente correspondia apenas as categorias especial e de acesso (que eram as quadrilhas que ficavam sem se apresentar no ano seguinte), atualmente se apresentam como grupo emergente. Com essa nova organização todos os grupos podem se apresentar anualmente, favorecendo seus trabalhos. De modo que, o contato anual com a dança quadrilha ajuda para que obtenham mais experiências, ao ponto de crescerem culturalmente com apresentações mais organizadas e elaboradas.

Ao delimitar os grupos de quadrilhas como objetivo de estudo foi possível fazer um traçado histórico dos grupos Zé Monteirão e Eita Junino, de modo que, ambos os grupos passaram pelo processo de transformação e de desterritorialização. Isso significa que os grupos se transformaram com o passar do tempo e criaram meios de fazer a dança quadrilha, aderindo também às ferramentas tecnológicas. Os grupos buscaram e buscam constantemente apresentar um verdadeiro espetáculo, com inovação e criatividade. Ou seja, os anos se passaram, mas os grupos não deixaram de acompanhar as exigências do público, em consonância com as mudanças sociais.

As exigências do público são nítidas, quando, por exemplo, os mesmos deixam claro que sentem prazer em assistir as apresentações, pois sabem que a cada ano terão novidades repletas de criatividade e surpresas. Somado a isso, a evolução das apresentações também contribui para a assiduidade do público.

Concomitantemente, foi possível constatar que os grupos tiveram a necessidade de se desterritorializar dos espaços concretos e ocupar os lugares que as tecnologias oferecem. Inserem-se nesse meio as redes sociais, como o *Instagram*, *Facebook*, *Youtube*, e outros, caracterizando-se como novos provedores de reconhecimento da cultura. Com a utilização dessas ferramentas os grupos têm a possibilidade de divulgar seus eventos e atividades e aproximarem-se do público, mesmo fora do período das festas juninas, expondo ações sociais e fortalecendo a importância de valorizar a cultura da festa junina local. Neste ponto destaca-se a forte presença da Educomunicação, por meio do uso das ferramentas tecnológicas, com a finalidade de ampliar a comunicação e a informação da cultura junina.

Reitera-se que a Educomunicação é um termo com diferentes aplicabilidades. Nesta pesquisa foi adotada como um caminho para a ampliação da comunicação e do conhecimento entre sujeitos, por meio da cultura e das formas como essa respectiva cultura se desenvolve com os aparatos tecnológicos e nas mídias.

Ao divulgarem suas ações, as quadrilhas permitem que o público acompanhe o processo de construção da dança quadrilha, fazendo com que esses grupos sejam mais valorizados, demonstrando diante das redes sociais que eles trabalham com responsabilidade e buscam realizar as apresentações da melhor forma possível.

Para tanto, conclui-se que os grupos desterritorializam-se dos espaços concretos e territorializam-se nos espaços virtuais, buscando obterem visibilidade a partir do trabalho que eles realizam, por meio de suas ações e ensaios, em sincronia com a sociedade atual, a qual se utiliza das redes sociais para ter reconhecimento, trabalho, divulgações e propagandas, entre outras oportunidades. No entanto, é válido destacar que nem tudo é perfeito, as redes sociais geram também transtornos aos seus usuários.

Uma outra questão acerca do alcance dos objetivos propostos foi apontar as festas juninas de Boa Vista/RR como um saber da cultura amazônica. O Boa Vista junina contribui para a manutenção da tradição e da identidade das raízes da história brasileira e, principalmente, promove a preservação da cultura dos povos nordestinos que migraram e ainda migram para o estado de Roraima. Esses continuam a realizar as festas juninas,

mantendo suas identidades culturais e, simultaneamente, criam elementos dentro das festas juninas atuais em Boa Vista/RR.

A Amazônia é rica em diversidade natural e cultural, cada povo que vive nela realiza inúmeras atividades culturais, as quais devem ser respeitadas e valorizadas como um “saber amazônico”, haja vista que todo o saber é importante para o bom desenvolvimento social, cultural, político e científico do Brasil e, sobretudo, desta região tão rica do país.

Cada ação sociocultural realizada pelos sujeitos da Amazônia deve ser vista como “saberes amazônicos”, pois são criadas e recriadas dentro de um espaço em que a diversidade é um dos grandes marcos. Devido a sua riqueza em conhecimentos, sujeitos, espaços, e culturas, a Amazônia torna-se um grande palco para manter a sua própria cultura e identidade, capaz de receber novos saberes, incorporando elementos dos sujeitos e da cultura local, sem afetar a sua originalidade.

Com todos esses arranjos, as festas juninas de Boa Vista/RR tornam-se um saber da cultura amazônica, pois, são realizadas dentro desse âmbito e por sujeitos inseridos no contexto amazônico. As festas juninas conseguem aprimorar ainda mais essa cultura, dando-lhe uma originalidade da própria cultura local. Dessa forma, o trabalho realizado pelos grupos de quadrilhas e pela organização da festa evidenciam como a educação não formal e a Educomunicação permeiam essa dinâmica.

Fica claro que as ações dos grupos das quadrilhas e da organização interferem diretamente na vida dos sujeitos que participam dos grupos e daqueles que assistem. Porém, são os quadrilheiros que conseguem perceber, com maior significado, as mudanças pelas quais eles passam a partir do contato com a cultura e com o outro.

De acordo com as análises dos dados obtidos foi possível observar que os participantes das quadrilhas juninas, por meio do contato com a dança e com a socialização, conseguem construir e aprimorar valores sociais em suas atitudes e comportamentos, os quais repercutem e contribuem para o seu crescimento pessoal e profissional. O contato com a dança abre muitas portas para os quadrilheiros evoluírem enquanto sujeitos, tornando-os mais humanos, respeitando as diversidades sociais, e refletindo também na aquisição de conhecimentos voltados a formações profissionais. Uma preocupação levantada nos grupos foi quanto a atuação laboral, de modo que, a dança pode ser um sentimento passageiro, mas, para muitos, influencia na socialização pela busca de uma profissão.

À vista disso, mais uma vez, tem-se a presença da Educomunicação. Dessa vez, a Educomunicação se apresenta como responsável pela transformação do sujeito, por meio da interação com a cultura. Respectiva interação gera comunicação entre os sujeitos e, por conseguinte, constrói conhecimento para a vida social e profissional. Nesse tocante, a Educomunicação está presente na oportunidade e no acesso à informação cultural, em busca de serem melhores enquanto sujeitos sociais, criando nesses sujeitos um sentimento de importância para a cultura e para a sociedade. Dentro dos ensaios os sujeitos compartilham diálogos, os quais promovem o desejo de crescerem profissionalmente e, sincronicamente, favorecem o crescimento e desenvolvimento como cidadãos. São comunicações como as supramencionadas que geram conhecimento para a vida e resultam em uma melhor interação social, onde todos podem respeitar o espaço e a cultura do outro.

Além dos diversos conhecimentos que o grupo consegue construir para a vida, nota-se também que quando saem daquele meio cultural as mudanças em suas vidas estão presentes no seu dia a dia, quando compreendem, por exemplo, que estão melhores como humanos, mentalmente e fisicamente.

Tais análises somente foram possíveis pelo fato de realizar essa pesquisa sob o viés de entender se de fato era possível a educação não formal estar presente nesse movimento cultural. Identificou-se que sim, ficou evidente que o contato com a cultura interfere diretamente no pensar e no agir dos sujeitos que dela participam. O contato com a cultura se mostrou neste estudo como o fator que influencia e modifica, em diferentes formas, o desenvolvimento do sujeito. Por essa razão, foi necessário fazer entrevistas com os organizadores, presidentes/diretores e animadores, assim como, aplicou-se questionários aos quadrilheiros e aos espectadores, a fim de entender, entre os diferentes sujeitos, como seria possível educar-se por meio da cultura junina. Além disso, utilizou-se de observações em campo.

Quanto a resposta para a problemática desta tese “Como na dinâmica do Boa Vista Junina, enquanto movimento cultural permeado pelo processo de transformação e desterritorialização, a educação não formal e a Educomunicação dos sujeitos é trabalhada?” Pode-se inferir que a educação não formal e a Educomunicação são trabalhadas durante os meses de ensaios das quadrilhas, por meio de trocas de experiências e socialização, com respeito e dedicação, pautadas em aprender coisas novas em função da dança e da teatralização, considerando que são essas aprendizagens que conseguem levar uma boa comunicação ao público. Os brincantes aprendem valores

sociais, conhecimentos históricos e socioculturais, se profissionalizam nas danças e coreografias, teatros, ou mesmo em cursos profissionalizantes, conforme as mensagens deixadas pelos diretores dos grupos pesquisados, para cada um buscar o melhor para si.

Mensagens também são deixadas nas apresentações que chegam até os espectadores que buscam por interação cultural e, muitas vezes, saem com aprendizagem sobre respeito ao outro, livres de possíveis preconceitos. Bem como, os sujeitos adquirem informações e conhecimentos ao assistir uma apresentação com temas históricos, atuais, sociais e culturais. Devido a isso foi necessário limitar este estudo a apenas dois grupos de quadrilhas e a um quantitativo de questionários aplicados ao público, que fossem acessíveis de analisar minuciosamente, delimitando questões chaves para a compreensão do objetivo geral, focando na educação não formal e na Educomunicação.

Para tanto, apresentou-se nas discussões desta tese a importância e a originalidade do estudo. Ao reconhecer por meio dos dados levantados no estado do conhecimento que todos os trabalhos voltados para as discussões das festas juninas não tinham como objetivo analisar a presença da educação não formal e da Educomunicação como fator de desenvolvimento dos sujeitos envolvidos, reafirmou-se a relevância do desenvolvimento deste estudo. Sendo que, a partir deste estudo evidencia-se que as culturas locais e todas as demais manifestações podem e devem ser valorizadas, dado que toda a troca de experiências gera conhecimento e liberdade de dialogar com seu meio.

Paulo Freire (1967), de modo surpreendente, menciona que se educa em todas as suas formas ou mesmo por experiências do dia a dia, tornando-se livres e libertos de uma sociedade manipuladora. Quando se tem conhecimento para dialogar, tem-se educação, e a educação acontece em qualquer espaço sociocultural, com pessoas simples e/ou informatizadas, sendo que ambas têm o direito de comunicar-se para deixar o modismo de lado e participar das ações que as cercam.

Portanto, acredita-se que a festa junina, como um todo, corresponde a uma cultura que possui grande importância, haja vista que consegue diminuir os possíveis preconceitos sociais de quem dela participa, assim como, fomenta o desenvolvimento local e o turismo. Ademais, pode ser percebida como uma festa que leva a educação, intrínseca e extrinsecamente, como grande fator de desenvolvimento humano dos brincantes, realizando uma verdadeira ação social, na sua forma e essência de ser, colocando os sujeitos como centro de suas próprias falas, sem medo de ser quem são. Cria-se, dessa forma, comportamentos e valores que contribuem para uma socialização mais saudável, como pessoas que respeitam o espaço do outro.

As festas juninas em Boa Vista/RR criaram brincantes profissionais na arte da dança e do teatro da quadrilha, afinal, o que se vê em suas apresentações são performances sincronizadas e bem elaboradas. Tal fato coloca Roraima em um patamar de estado com as melhores quadrilhas e festas juninas do Brasil.

Por meio desta pesquisa espera-se que as festas juninas de Boa Vista obtenham a visibilidade que merecem e, eventualmente, venham a ser tombadas como Patrimônio Cultural Imaterial de Roraima, consagrando ainda mais a cultura junina e continuando a promover a educação para quem dela participa, por meio da Educomunicação.

Os resultados deste estudo convidam o leitor a refletir sobre o fato de que a educação ocorre no modo como os sujeitos se comunicam um com o outro e sobre como a comunicação é importante dentro do contexto social e para o desenvolvimento do ser humano. As conversas do dia a dia e as experiências trocadas criam no sujeito inúmeras manifestações de valor e de dignidade. Em suma, os diálogos são capazes de transformar o pensar e o agir do sujeito para que assim busque melhorias para a sua vida, e isso é de uma relevância tão interessante quanto desafiadora de ser estudada.

Por fim, conclui-se que as manifestações culturais, sobretudo as festas juninas, são espaços que envolvem uma diversidade de mudanças de quem delas participa. O contato com a cultura é capaz de despertar interesses e habilidades que, talvez, os sujeitos não conseguissem enxergar em si. Em uma analogia, os ensaios são como um refinamento para lapidar esses sujeitos para serem melhores como pessoas ou buscarem por uma profissionalização. Diante disso, a educação está presente no ato de transformar esses sujeitos, adotando nesse percurso a Educomunicação. Nesse contexto, a Educomunicação se apresenta na construção de sujeitos capazes de viver com mais dignidade, ao adotarem em seus comportamentos maneiras mais respeitosas de viver em grupo e, com isso, construir pontes para ter uma vida com mais qualidade.

Enfim, diante das premissas supramencionadas e das análises dos dados é possível afirmar que a quadrilha e a festa junina tratam-se de um movimento que gera a educação dos sujeitos envolvidos, a educação não formal, a qual foi trabalhada neste estudo como uma educação que gera conhecimento e desenvolvimento do ser humano por meio de suas experiências e socializações.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. Ed. Paz e Terra 5ª Edição. São Paulo, 2002.

ALEXANDRE, J. M. **A Festa do Zé Bagunça em Bueno Brandão-MG (1982-2016): histórias e memórias**. 31/03/2017. 170 f. Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Biblioteca Depositária: PUC/SP, 2017.

ALMEIDA, F. L. De. **Rituais e Folkcomunicação – Um sistema de comunicação simbólico no São João do Maranhão**. 04/10/2018. 281 f. Doutorado em comunicação social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Irmão José Otão, 2018.

ALMEIDA, L. B. C. de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615065/mod_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.

ALMEIDA, M. A; GRIPPA, G. **Informação, cultura e tecnologia: novas mediações para a produção e o consumo cultural**. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/viewFile/3227/2353>>. Acesso em: 02 mar. 2021.

AMARAL, R. C de M. P. **Povo-de-santo, Povo-de-festa**. Um estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. S/d. S/f. Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de São Paulo. Biblioteca depositária: PPGAS-USP, 1998.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 14. ed.1990.

BAHIA, L. A. **Alternativas do Estado Territorial**. Encontros Internacionais da UnB, Brasília: UnB. 1979.

BARBERO, J. M. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 18, p. 51-61, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>>. Acesso em: 03 de mar. 2021.

BARBIERI, J. B. P. **Relação entre Psicologia e Fenomenologia a partir da obra “Psicologia e Fenomenologia” (1917) de Edmund Husserl**. S/d, s/f. Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Biblioteca depositária: PUC – USP, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARROSO, F. M. **Festa e Cidade: Desafios e percursos metodológicos na investigação das festas urbanas**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR, 2017.

BARTHES, R. **Mitologias**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BAUER, M. W. e GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2002.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BONNEMAISON, J. “Viagem em torno do território”. In: Rosendahl, Z. e Corrêa, R.L. (orgs). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1981.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAMPOS, C. A. **CURRÍCULO COM MÚSICA: normaliza ou faz dançar?** 11/04/2018 176 f. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG, 2018.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: Estratégias para sair e entrar na modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANEDO, D. “**Cultura é o quê?**” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes público. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, faculdade de Comunicação/UFBA, 2009.

CARDONA, M. J. Para uma pedagogia da educação pré-escolar: fundamentos e conceitos. **Da Investigação às Práticas** - Estudos de Natureza Educacional. 2008, Vol VIII N° 1. Disponível em: <https://www.eselx.ipl.pt/sites/default/files/media/2016/02_m_joao_cardona.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

CARLOMAGNO, M. C; ROCHA, L. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista eletrônica de ciência política**, vol. 7, n. 1, 173, 2016.

CARMO, F. S. do. PADOVAN, L. **A importância da dança no desenvolvimento e na transformação sociocultural da população**. Departamento de Arquitetura e Urbanismo–Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM, 2015.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. Trad. Caezar Souza. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CESNIK, F. S.; BELTRAME, P. **A Globalização da cultura**. Barueri: Manole, 2005.

CHARLOT, B. **Globalização e educação**. Texto de Conferência no Fórum Mundial de Educação, 2007.

CHAVES. C. de, A. **Festas da Política: Uma etnografia da modernidade no sertão** [Buritis- MG]. Relume Dumará, 2003.

CHIANCA, L. de. O. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal, RN: EDUFRN – Editora UFRN, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 10. ed., 2009.

CITELLI, A. O. Tecnocultura e Educomunicação. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 63, dezembro, 2015.

_____. **Educar para a comunicação**. Sesc TV, São Paulo, n. 92, p. 10, nov. 2014. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/fe5d256f-41aa-4f75-8033-188753312624.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

CLAVAL, P. C. Geografia cultural: um balanço géographie culturelle: un solde. **Revista Geografia** (Londrina), v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez. 2011.

CNS - Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde - Secretaria Executiva. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS**, Brasília, 24 de fevereiro de 2021.

CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Departamento de Geografia – UFRJ, 2009.

COSTA, B. P. da. Microterritorializações urbanas: análise das microapropriações espaciais de agregados sociais de indivíduos same sex oriented em Porto Alegre/RS. In: Heidrich, A. L. **A emergência da multiterritorialidade**: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

COSTA, S. P. V. A. **O maior São João do mundo, Campina Grande - PB e as concepções de desenvolvimento**; uma análise de conteúdo das falas de atores envolvidos em sua formação e realização. 05/07/2016 113 f. Mestrado em desenvolvimento regional. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. Biblioteca Depositária: biblioteca central da UEPB, 2016.

CUCHE. D. **A noção de culturas nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 2ª ed. Tradução: Viviane Ribeiro, 2002.

DAMATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

DANTAS, M. F. Dança e linguagem: construção de sentidos coreográficos. **Perfil**. Ano 1, Nº 1, 1997.

DEBOARD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DESCHAMPS, J.C.; MOLINER, P. **As representações identitárias**. A identidade em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2009.

DINIZ, A. M. A; SANTOS, R. Onofre. **Fluxos Migratórios e Formação da Rede Urbana de Roraima**. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DUARTE, J. C. **Territórios de identidade e multiterritorialidade, paradigmas para a formulação de uma nova regionalização da Bahia**. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. **As regras do método sociológico**. Martins fontes. 2007.

DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F Raposo Fontanelle. Fortaleza, edições Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

EAGLETON, T. **A idéia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FAURÉ, E. **Aprender a ser**. La educación del futuro. Madrid: Alianza Editorial, 1973.

FÁVERO, O. (org.). **Cultura popular educação popular memória dos anos 60**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FERNANDES, D. Território e territorialidade: algumas contribuições de Raffestin. **Perspectivas Em Políticas Públicas**, 2(4), 59–68. 2009. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/view/954>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

FERRAREZI JR. C. **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERREIRA, M. N. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. As Festas Populares. **Comunicação e Informação**, v. 9, n. 1, p. 111 - í 1 7 - jan/jun. 2006.

FETEC, Fundação de Educação, Turismo, Esporte e Cultura de Boa Vista. **Inventário do Patrimônio Cultural de Boa Vista**. Boa Vista/RR Gráfica Ióris, 2011.

FRANCO, S.C. **Cultura inclusão e diversidade**. São Paulo: Moderna, 2010.

FRAXE, T. J. P. **Cultura cabocla/ribeirinha: mito, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

FREIRE, P. **Educação com prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, J. V. Educomunicação: contextualizando o processo de atribuição de sentidos e significados no delineamento do conceito. **Revbea**, São Paulo, v..10, n. 2: 149-162, 2015.

GARCIA, Â; HAAS, A. N. Ritmo e dança. Canoas: 2 ed: ULBRA, 2006. LABAN, R. **Domínio do movimento**. Edição organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto Salomão. São Paulo: Summus, 1978.

GARNIER, J. B. **Geografia Urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas. 6. ed. 2012.

GIDRÃO, M. S. M. e. MARTINS, A. Educomunicação como ensino de arte e cultura: reflexões sobre um projeto de videoaula para crianças. **Revista Polyphonia**, 27(2), 71–84, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/44696> >. Acesso em: 20 mai. 2021.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, Educação não-formal na pedagogia social. Anais do I Congresso Internacional de Pedagogia Social São Paulo, 2006. Disponível em: <scielo.php?pid=msc &script=sci_arttext>. Acesso em: 29 out. 2023.

_____. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação** - II^a Série, Número 1, 2014.

GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, E. B. C. **Adeus Maio! Salve junho! Narrativas e representações dos festejos juninos nos anos de 1950**. 08/01/2016 135 f. Mestrado em História. Universidade Federal do Pará. Belém Biblioteca Depositária: UFPA, 2016.

GOMES, R. D. J. **Redes, teias e laços na produção de fogos:** tradição e ressignificação em Estância/SE. 25/07/2017 s/f. Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. Biblioteca Depositária: UFS, 2017.

GREGORY, D. Teoria social e geografia humana. 90-122. IN: GREGORY, D; MARTIN, R; SMITH (Org). **Geografia Humana:** Sociedade, Espaços e Ciência Social. RJ: Jorge Zahar editor, 1996.

GUMIERO, R. G. **Políticas de desenvolvimento da Amazônia:** balanço do planejamento multiescalar da PAS-PDRS e os PPAS do Pará. XVIII ENANPUR 2019.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade:** a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: Eduff, 1997.

_____. Concepção de território para entender a desterritorialização. In. **Território territórios**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em geógrafa Universidade Federal de Fluminense, 2002.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.

_____. **Regional-global**. Dilemas da região e da globalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2010.

HALL, S. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, p. 131-159, 2023.

_____. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. (Org's) Tomaz Tadeu da Silva; Stuart Hall; Kathryn Woodward. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ. 9ª ed. Ed. Vozes, 2009.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, 11º ed. DP&A editora, 2011.

HELLER, A. Estrutura da vida cotidiana. In: **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 17-42. LEO MAAR, Wolfgang. Adorno, semiformação e educação. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, ago. 2003.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1990.

IPHAN. **Carta de Fortaleza**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf>>. Acesso em: 09 ju. 2021.

_____. **Patrimônio cultural imaterial para saber mais**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Departamento do Patrimônio Imaterial, Brasília, agosto de 2009. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermas_web.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2023.

ITANNI, A. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

JESUS, P. de. Desenvolvimento local. In CATTANI, Antonio David. **A outra economia**. São Paulo. Veraz, 2003

KAPLÚM, M. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, Moderna/Eca-Usp, jan./abr. p. 68-75, 1999.

_____. **Una pedagogía de la comunicación (el comunicador popular)**. La Hanban: Editorial Camions, 2002.

KRAMSCH, C. **Language and culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LANTENARI, V. **Festa, carisma, apocalisse**. Palermo: Sellerio, 1989.

LARAIA, R. de. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LAVILLE, C. DIONNE, J. **A construção do saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Editora. UFMG Reimpressão 2008.

LEIS, H. R. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. ISSN 1678-7730 Nº 73-FPOLIS. **Caderno de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**, 2005

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutura dois**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 366 p., 1993.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos para quê?** São Paulo. Editora Cortez, 2002.

_____. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. José Carlos Libâneo. Educar, Curitiba, Editora da UFP, 2001.

LINDNER, M. H. e. ROSSINI. I. S. A dança como linguagem corporal. **Revista Caminhos**, On-line, “Saúde”, Rio do Sul, a. 4 n. 7, p. 19-27, jul./set, 2013.

LÓSSIO, R. A. R. PEREIRA, C. de M. **A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local**. III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, entre os dias 23 a 25 de maio de 2007.

LUCENA, D. O. L. De. **Folkmarketing e as políticas públicas para o desenvolvimento local na festa junina de Campina Grande-PB**. 22/09/2016 76 f. Mestrado em Políticas Públicas. Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes. Biblioteca Depositária: UMC, 2016.

MACEDO, R. C. **GALERA, A GENTE VAI BOMBAR! Sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas do espaço urbano em Juazeiro do Norte-CE**. 25/02/2016 132 f. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária, 2016.

MACHADO, E. S. **Pelos caminhos de Alice: vivências na educomunicação e a dialogicidade no educom.tv**. S/d/ 162f. Doutorado em comunicação. Universidade de São Paulo. Depositária: USP, 2009.

MARCONI, M. de. A. LAKATOS, E. M. **Fundamento de metodologia científica**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MÁRQUES, F. T. e. TALARICO, B. S. L. U. Da educomunicação popular à educomunicação: reflexões no campo da “educomunicação como cultura”. **Atos de Pesquisa em Educação** – ISSN 1809-0354. Blumeneau – v. 1, agosto de 2016.

MARQUES, J. A. S. **As Territorialidades da Festa Junina De Campina Grande (PB)**. 27/03/2018 116 f. Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Zila Mamede, 2018.

MARQUES, P. C. P. e BORGES, J. J. de. S. **Educomunicação: origens e conexões de uma nova área de conhecimento**. III CONUDU – Congresso nacional de Educação, 2016.

MARTINS, R. S. **Festas Juninas Escolares como elementos constitutivos da cultura escolar e seus desafios contemporâneos**. 26/06/2020 178 f. Mestrado em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo. Biblioteca Depositária: FEUSP, 2020.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In. GREGORY, D. MARTIN, R e SMITH, G. **Geografia Humana: Sociedade, Espaços, Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MELLO, A. F, de. Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável da Amazônia: O caso brasileiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 107, 2015.

MELO, L. De. Q. “NA MINHA QUADRILHA SÓ TEM GENTE QUE BRILHA”: corporalidades dissidentes e Direitos Humanos nas Quadrilhas Juninas do Recife/PE. 28/02/2018 148 f. Mestrado em Direitos Humanos. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central UFPE, 2018.

MELLO, L.G. de. **Antropologia Cultural**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MESSAGI, M.J. (Coord.). Projeto Nossa mídia. **Educomunicação**. Universidade Federal do Paraná, 2010.

MINAYO, M. C. de. C. (Org.) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: 2003.

MORAES, A. A. de; et al. **A dança enquanto linguagem expressiva**. UFG/Campus Jataí Comunicação livre Cultura e processos educacionais, 2010.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAIS, J. Da. S. **Discursividade sobre cultura de Roraima produzida pelo estado**. 01/09/2016 s/f. Mestrado em Letras. Fundação Universidade Federal de Roraima, Boa Vista. Biblioteca Depositária: UFRR, 2016.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 9. ed. 1997.

MOROSINI, M.C.; FERNANDES, C.M.B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

MUNARO, Luís Francisco. As mídias e a modernidade no início do século XX amazônico. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 97-119, ago. 2017.

NANNI, D. **Dança e Educação: Princípios, Métodos e Técnicas**. Rio de Janeiro: 4. ed.: Sprint, 2000.

NOLETO, R. Da. S. **Brilham estrelas de São João: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém**. 09/12/2016 351 f. Doutorado em Ciência social (antropologia social). Universidade de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: FFLCH, 2016.

NUNES, B. **Um conceito de cultura**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 24 p., 2004.

ONUKI, S. M. Da S. **O Parque Infantil do Jardim Casqueiro e Vila Bandeirantes (1956-1966)**. 20/02/2019 121 f. Mestrado em Educação. Universidade Católica de Santos, Santos. Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Católica de Santos, 2019.

PAULA, S. G. **Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador**. 14/12/2020 s/f. Mestrado em Dança. Universidade Federal da Bahia, Salvador. Biblioteca Depositária: UFBA, 2020.

PEREIRA, F. J. Os usos políticos da festa: religião e política festejam o sagrado coração de Jesus. V REA, XIV ABANNE. **Direitos diferenciados, conflitos e produção do conhecimento**. 19-22 de julho, Maceió, 2015.

PIRROZI, G. P. Pedagogia em espaços não escolares: qual é o papel do pedagogo? **Revista Educare**, s/p. 2014.

PUIGGRÓS, A. **De Simón Rodríguez a Paulo Freire: Educación para la integración iberoamericana**. Colômbia: Edición del Convenio Andress Bello, 2005.

RABELO, I. N. **Uma Festa “Nordestina”**: identidade e espetáculo na Feira de Artes de Banabuiú – Banartes (1989 A 2012). 28/06/2021 137 f. Mestrado em Interdisciplinar Em História e Letras – MIHL. Universidade Estadual do Ceará, Quixadá. Biblioteca Depositária: Universidade Estadual do Ceará, 2021.

RAFFESTIN, C. Repères pour une théorie de la territorialité humaine. **Cahier/Groupe/Réseaux**, (7), 263-279, 1987.

_____. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

RAMOS, C. S. **VIVENDO ENTRE TAMBORES**: Relações entre o bumba-meu-boi e o tambor de mina em São Luís do Maranhão. 27/06/2019 189 f. Mestrado em Ciência

Social (Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo. Biblioteca Depositária: USP, 2019.

RATZEL, F. El territorio, la sociedad y el Estado. In: MENDOZA, Josefina Gómez, JIMÉNEZ, Julio Muñoz y CANTERO, Nicolás Ortega. **El pensamiento geográfico**. Madrid: Alianza Editorial. p. 193-203, 1982.

REPETTO, M. O conceito de interculturalidade: trajetórias e conflitos desde américa latina. **Textos e Debates**, Boa Vista, n.33, p. 69-88, 2019.

REVISTA ANARRIÊ. Boa Vista: Gráfica Ioris, Ed: 2010, 2011, 2013, 2015 e 2016.

REVISTA SOMOS AMAZÔNIA. Ano VIII. Edição 81. Maio/junho.2015.

RIBEIRO, T. C. C. **É UMA DANÇA PORTUGUESA, COM CERTEZA? Um estudo sobre formas de pertencimentos, processos de criação e influências da Dança Portuguesa do Maranhão**. 16/08/2016 240 f. Doutorado em Artes visuais. Universidade de Brasília, Brasília. Biblioteca Depositária: Universidade de Brasília, 2016.

RODRIGUES, A. L. C. A Complexidade da cultura amazônica e seu reflexo para a organização e representação da informação. **AtoZ**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 10-25, jan./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

RODRIGUES, A. S. B; MENEZES, G. M. de; LOPES, R. de F. Jornalismo e Processos Socioculturais na Amazônia: ressonâncias ideológicas na cobertura ambiental. **Aturá** Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 2, n. 2, p. 19-47, Mai-ago. 2018.

ROSENDAHL, Z. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, Universidade de São Paulo, 2005

SÁ, E. P. De. **LAZER E EMPRESA: Uma análise da percepção de associados da GREMIG que trabalham na CEMIG**. 15/06/2020 190 f. Doutorado em Estudos do Lazer. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital UFMG, 2020.

SACK, R. **Human territoriality: Its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

_____. **Espaço do Cidadão**. 7ª. Ed. São Paulo: Editora da USP, 2007.

_____. “O dinheiro e o território”, **Geografia**, Niterói, v. 1 n. 1, p. 7-13, 1999.

_____. **Técnica, Espaço e Tempo**. São Paulo, 5. ed. Edusp, 2008.

_____. **Natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, N. P. D. **Políticas públicas, economia e poder. O Estado de Roraima entre 1970 e 2000.** S/d/ 270f. Doutorado em História Núcleo de Altos Estudos da Amazônia, Universidade Federal do Pará. Biblioteca depositária: UFPA, 2004.

SANTOS, R. R. “**A festa que é a mesma, sendo continuamente outra**”: A ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha Ceará através das mudanças e continuidades. S/d, s/f. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/PB. Biblioteca Depositária: UFPB, 2015.

SAQUET, M. Marcos et al. Paisagem, espaço e território: uma questão de método. In: **JORNADA CIENTÍFICA DA UNIOESTE**, 2, Toledo. Anais Toledo/PR. CD-ROM, 2003.

_____. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e Desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

_____. Entender a produção do espaço geográfico para compreender o território. In: SPOSITO, E. S. (Org.). **Produção do espaço e redefinições regionais**: a construção de uma temática. Presidente Prudente: UNESP/GAsPERR, p. 35-52, 2005

_____. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, jan./jun. 2007.

_____. **Por uma abordagem territorial**. Colegiado de Geografia da Unioeste – Francisco Beltrão Grupo de Estudos Territoriais – GETERR, 2009.

_____. **Abordagens e concepções de território**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SARMENTO, P. B; MARTINUZZO, J.A. Jornalismo na internet e territorialidades contemporâneas: reflexões acerca da experiência do capixaba Século Diário. **ECCOM**, v. 10, n. 20, jul./dez. 2019.

SAVIANI, D. Contribuições da filosofia para a educação. Em Aberto. Brasília, ano 9. n 45, p. 3-9. jan.-mar. 1990.

SCHMITZ, L. L. **Entre a educação infantil e o ensino fundamental**: uma análise das vivências espaço-temporais das infâncias. 1 ed. Curitiba, PR: CVR, 2012. SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. 5ª ed. São Paulo. Perspectiva, 2010.

SELTON, M. da G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?scriptsci_arttext&pidS151797022002000100008&lngpt&nrmiso>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SHIMIZU, C. M.V. O ensino da dança: reflexões para construção de uma pedagogia emancipatória. Trabalho apresentado para a sessão temática do **VIII Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais**: a questão do novo milênio. Coimbra, 2004.

SILVA, G. D. **O maior arraial da Amazônia**”: Um olhar geográfico sobre o “Patrimônio Imaterial dos Festejos Juninos” em Boa Vista/RR. Dissertação/ UFRR, 2017.

SILVA, G. O. Da. **CULTURA, IMAGINÁRIO E ARTE A Festa Junina na jornada de religação de saberes e de afetos na escola**. 24/08/2017 232 f. Doutorado em educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá, 2017.

SILVA, I. L. e. BERESFORD, H. Percepção da linguagem não-verbal ou corporal como meio de se interpretar o moral ou estado de ânimo de atletas submetidos a um treinamento de alto nível de performance. **Fit Perí J**, Rio de Janeiro, 3, 6, 352. Nov/dez 2004.

SILVA, J. H. Da. **Quadrilha Junina Babaçu: processos folkcomunicacionais, identidade e representações culturais**. 24/02/2017 97 f. Mestrado em Estudos da Mídia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Zilla Mamede, 2017.

SILVA, L. C. da. **Os festejos Juninos e a reinvenção das Identidades Culturais no contexto paraibano**. Campina Grande: PA, 2006.

SILVA, L. C. De. S. **A HISTÓRIA DE UM LUGAR: o núcleo fundacional de Porangatu (GO)**. 25/04/2017 155 f. Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Biblioteca Depositária: PUC GOIÁS, 2017.

SILVA, M. T. da. Uma análise crítica do método fenomenológico e a sua relação com as “geografias” humanistas. **Geografia em Questão**. V. 2, n. 022013, p. 63-93 ISSN 2178-0234. 2013.

SILVEIRA, B. S. FIGUEIREDO, V. O corpo tem a capacidade de se manifestar, o que, na expressão corporal, se apresenta através do vivido corporal, da experiência do corpo seja em situações do cotidiano ou da arte. **III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino**, 2009.

SOARES, D. **Educomunicação - o que é isto?** Instituto Gens De Educação e Cultura. São Paulo, 2006.

SOARES, I. de O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In: **Revista Comunicação & Educação**, Salesiana: São Paulo, n. 23, jan./abr. 2002, p. 16-25.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação** contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, Brasil, v. 19, n. 2, p. 15-26, set. 2014.

SOARES, M. O corpo que dança: a linguagem artística como forma de expressão e tomada de consciência, uma leitura da abordagem fenomenológica. **Transformações em psicologia**, São Paulo, vol. 5 (n. 1), 2014.

- SOKOLOWSKI, R. **Introdução a fenomenologia**. Ed. Loyola. São Paulo, 2004.
- SOUSA, N. C. De. **O corpo na festa junina: reflexões simbólicas e estéticas para a Educação Física**. 06/07/2018 s/f. Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Biblioteca Depositária: UFRN, 2018.
- SOUZA, E. A; PEDON, N. R. Território e identidade. In: **Revista eletrônica da Associação dos Geógrafos**. Três Lagoas/MS. V. 1, nr. 6, Ano 4, Nov, 2007.
- SPOSITO, E. S. **Território e territorialidades: teoria, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 95-120.
- STEFFEN, C. Espaços digitais: a territorialidade midiática. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 7, n. 14, jul./dez., 2008.
- STELLA, H. de. T. **A integração econômica da Amazônia (1930-1980)**. S/d, s/f. Mestrado em Desenvolvimento econômico. Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP. Biblioteca Depositária: UNICAMP, 2009.
- TEIXEIRA, A. Ciência e a arte de ensinar. **Educação e Ciências Sociais**. v.2, n.5, ago. p.5-22, 1957. Disponível em <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/ciencia.html>>. Acesso em: 02 jun. 2023.
- THERRIEN, J. LOIOLA, F. A. Experiência e competência no ensino: pistas de reflexões sobre a natureza do saber-ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, 2000.
- _____. Experiência e competência no ensino: o diálogo do conhecimento pessoal com a ação na construção do saber ensinar. **Educação em Debate**. Fortaleza, Ano 2s, v. I. nº 4s, 2003.
- TILIO, R. Reflexões acerca do conceito de cultura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. ISSN-1678-3182 Volume VII Número XXVIII, 2009.
- TIRINTAN, M. M. OKIVEIRA, R. C. Os impactos da experiência da dança em sua relação com a saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31(4), 2021.
- TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida - uma interpretação da Amazônia**. Manaus: Valer/Edições Governo do Estado, 2000.
- TONETO, L. C. **A representação das Festas de São João pela arte naif no olhar de Prazeres, Djanira e Silva**. 26/08/2019 150 f. Doutorado em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: FFLCH USP, 2019.
- TOURINHO, H. L. Z.; SILVA, M. G. C. A. da. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 3, p. 633-651, set.-dez. 2016.

VERAS, A. T. R. Produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima. Artigo no **XVII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**. Belém, Pará – Brasil, 2007.

WANDERLEY, R. G. **Guerreiros do Fogo**: uma etnografia da “morte anunciada”. 30/09/2016 136 f. Mestrado em Antropologia. Universidade de Brasília, Brasília. Biblioteca Depositária: BCE/UnB, 2016.

ZARATIM, S. R. **A PERFORMATIVIDADE DAS QUADRILHAS JUNINAS**: reminiscências da tradição e a espetacularização da dança. 24/06/2020 279 f. Doutorado em Performances Culturais. Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Biblioteca Depositária: UFG, 2020.

ANEXOS

ANEXO A: APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA

Antes de iniciarmos a investigação, consideramos que a pesquisa envolveu seres humanos, e por isso submetemos a pesquisa à Plataforma Brasil. Após aprovação da proposta e gerado o número de registro junto ao Comitê de Ética Nacional foi possível iniciar a aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Destacamos que cada etapa do trabalho foi informada e esclarecida ao sujeito investigado. Os riscos foram mínimos, no máximo, algum desconforto ou constrangimento provocados em alguma etapa dos questionário, por não saber o significado de um termo, mas nada que gerasse desconforto em continuar a responder.

Quanto aos benefícios, a pesquisa possibilitou uma reflexão dos sujeitos investigados acerca dos processos educacionais como proposta para impulsionar a educação não formal, tendo como objetivo os movimentos culturais, principalmente, as festas/quadrilhas juninas, campo que concentrou nossa discussão. Garantimos que o interesse da pesquisa foi científico, sem intenção de promover ou macular a imagem de quem quer que seja. Além disso, não houve nenhum fim lucrativo para a participação na pesquisa, tendo a pretensão apenas de desenvolver o trabalho de investigação. Dessa forma, participaram apenas voluntários de forma gratuita, onde puderam fazer questionamentos a qualquer momento.

O número da provação no comitê de ética consta: 53987016.0.0000.5302. Segue a imagem dos dados de aprovação.

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA	
DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA Título da Pesquisa: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE O PATRIMÔNIO IMATERIAL DOS FESTEJOS JUNINOS EM BOA VISTA/RR Pesquisador Responsável: GLAUCIENE DUTRA SILVA Área Temática: Versão: 1 CAAE: 53987016.0.0000.5302 Submetido em: 18/02/2016 Instituição Proponente: Universidade Federal de Roraima - UFR Situação da Versão do Projeto: Aprovado Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável Patrocinador Principal: Financiamento Próprio 	
Comprovante de Recepção:	 PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_661390

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA FETEC

ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA - VIA GOOGLE MEET FETEC	
1) DADOS PESSOAIS	
Nome:	Telefone: ()
Cargo:	
2) RELAÇÃO COM A FESTA	
1 – Quantos anos participa da organização do Boa Vista Junina?	
2 – Quantos meses ocorre para preparação interna da festa junina?	
3 – A FETEC oferece cursos de alguma expressão artísticas?	
4 – Como o Boa Vista Junina é visto pelos organizadores?	
5 – Qual a probabilidade do Boa Vista Junina ser tombada como patrimônio imaterial cultural de Boa Vista?	
6 – Quais os valores sociais que o BVJ pode oferecer ao social?	
7 – Quais os investimentos que a prefeitura oferta para realizar a festa?	
8 – Como você analisa o avanço e o desenvolvimento do BVJ?	
9 – Existe alguma exigência ou limitação para os grupos se apresentarem no BVJ?	
10- Como é feita a passagem dos grupos (grupo emergente, grupo acesso, grupo especial)? Quem delibera sobre isso?	
3) AÇÃO/PRÁTICA	
1 – Como se dá a escolha do tema geral da festa junina?	
2 – Como é feita a seleção para os jurados?	
3- Durante o processo de construção da festa conseguem enxergar algum tipo de educação não formal com os envolvidos com a festa e dança quadrilha?	
4 – A festa e as quadrilhas juninas tem alguma relação com a educomunicação? (Comunicação + educação)?	
5 – Com a sua experiências de organização do BVJ, acreditam que a dança e a festa consegue se comunicar com os telespectadores e jurados?	
6 – Que tipo de aprendizagem conseguem ter com a cultura da dança quadrilha?	
7 – Qual o valor simbólico ou motivos que levam a permanecer com a cultura da BVJ em Boa Vista?	
8- O que você entende por educação não formal?	
9 – O que é cultura e educação? Eles podem estar juntos?	
10 – O que é a festa junina para você?	

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PRESIDENTE E ANIMADOR

ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA - VIA GOOGLE MEET		
Presidente e animador da quadrilha		
1) DADOS PESSOAIS		
Nome:	Telefone: ()	
Data de Nascimento: / /	Idade:	Sexo: () Feminino () Masculino
Naturalidade:	Cidade e Estado em que nasceu:	Qual o nível escolar?
Estado Civil: () Solteiro (a) () Casado (a) () União Estável () Separado/Divorciado () Viúvo (a)		
2) CONSTRUÇÃO DA DANÇA		
1 – Quantos anos está atuante no grupo?		
2 – Existe alguma formação para animar a quadrilha?		
3 – Costuma participar de cursos de alguma expressão artísticas?		
4 – Quem cria/desenvolve?		
a) Animação:		
b) Coreografia:		
c) Figurino:		
d) Criatividade:		
e) Desenvolvimento do tema:		
f) Repertório:		
5 – Tem algum requisito para participar do grupo?		
3) AÇÃO/PRÁTICA		
1 – Quantos meses de ensaio?		
2 – Qual e que tipo de treinamentos os brincantes de quadrilha passam durante a preparação da dança?		
3- Existe alguma limitação para ser parte de grupo?		
4 – Durante o processo de construção da dança(ensaio) conseguem enxergar algum tipo de educação não formal com os envolvidos na dança?		
5 – Os quadrilheiros conseguem construir através da dança alguma formação/construção de valor para sua vida social?		
6 – A quadrilha oferece alguma prática educativa para os envolvidos?		
7 – Quais as metodologias para repassar o tema/coreografia aos quadrilheiros?		
8- A festa e as quadrilhas juninas tem alguma relação com a educomunicação? (Comunicação + educação)?		
9 – Com as experiências de dança e público, acreditam que a dança consegue se comunicar com os telespectadores e jurados?		
10 – Que tipo de aprendizagem conseguem ter com a cultura da dança quadrilha?		
11- Qual o valor simbólico ou motivos que levam a estar na frente desse grupo?		
12- O que difere o seu grupo para os demais?		

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA QUADRILHEIROS

ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA - VIA GOOGLE MEET		
Quadrilheiros		
1) DADOS PESSOAIS		
Nome:	Telefone: ()	
Data de Nascimento: / /	Idade:	Sexo: () Feminino () Masculino
Naturalidade:	Cidade e Estado em que nasceu:	Qual o nível escolar?
Estado Civil: () Solteiro (a) () Casado (a) () União Estável () Separado/Divorciado () Viúvo (a)		
2) RELAÇÃO COM O GRUPO		
1 – Quantos anos está atuante no grupo?		
2 – Qual a motivação que o leva a dançar quadrilha?		
3 – Costuma participar de cursos de alguma expressão artísticas?		
4 – Os responsável pelo grupo oferece alguma formação artísticas aos brincantes (dança, teatro ou outros)?		
5 – O que seria ser Quadrilheiro?		
6 – Como é a relação do grupo no período dos ensaios?		
7 – Já participou de outros grupo de quadrilha?		
8 – Caso sim, quais as semelhança e as diferenças entres os grupos que participou?		
9 – Existe alguma exigência pelos responsáveis do grupo em fazer parte da dança? Quais?		
3) AÇÃO/PRÁTICA		
1 – Durante o processo de construção da dança(ensaio) conseguem enxergar algum tipo de educação não formal com os envolvidos na dança?		
2 – Você consegue construir através da dança alguma formação/construção de valor para sua vida social?		
3- A quadrilha oferece alguma prática educativa para você?		
4 – A festa e as quadrilhas juninas tem alguma relação com a educomunicação? (Comunicação + educação)?		
5 – Com as experiências de dança e público, acreditam que a dança consegue se comunicar com os telespectadores e jurados?		
6 – Que tipo de aprendizagem conseguem ter com a cultura da dança quadrilha?		
7 – Qual o valor simbólico ou motivos que levam fazer parte do grupo?		
8- O que você entende por educação não formal?		
9 – O que é cultura e educação? Eles podem estar juntos?		
10 – O que é a festa junina para você?		

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO QUADRILHEIROS

Questionários aos quadrilheiros
1) DADOS PESSOAIS
Idade: menos de 15 anos () 15 a 20 () 20 25 anos () 25 a 30 anos () 30 a 35 anos () 35 a 40 anos () acima de 40 anos ()
Escolaridade: Fund. Incompleto () Fund. Completo () médio Incompleto () médio Completo () superior Incompleto () superior Completo () mestrado () doutorado ()
Sexo: () Feminino () Masculino () outros ()
Naturalidade: cidade que nasceu:
Estado Civil: () Solteiro (a) () Casado (a) () União Estável () Separado/Divorciado () Viúvo (a)
2) RELAÇÃO COM A FESTA
1 – Como você enxerga o ciclo junino?
2 – Quantos meses se dedica para os ensaios da quadrilha?
3 – O que observa de produção artísticas dentro das quadrilhas juninas?
4 – Como vê a importância do Boa Vista Junina?
5 – Quais os valores sociais que o grupo de quadrilha pode oferecer para quem participa?
6 – Como você analisa o avanço das quadrilhas juninas?
7- Um ponto positivo do grupo: Um ponto negativo do grupo:
8- Qual sentimento ao representar a cultura de Roraima fora do estado?
9 – O estado/prefeitura valoriza essa cultura?
10 – Se sentem representante da cultura de Boa Vista/RR?
3) AÇÃO/PRÁTICA
1 – Como é feito para aderir as roupas?
2 – Durante o processo de construção da dança(ensaio) conseguem enxergar algum tipo de educação não formal com os envolvidos na dança?
3- Consegue perceber uma comunicação da dança com quem assiste, através dos passos, adereços e expressões?
4 – Como é feito as escolhas dos destaques da quadrilhas (casal de noivos, rei e rainha...)?
5– Conhece o termo educomunicação?
6 - O grupo se preocupa em levar alguma mensagem educativa ao público? Como?
7 – Qual o aprendizagem ou lição que você consegue construir com a cultura da dança quadrilha?
8 – Se sente parte com grupo? Tens sentimento de pertencimento com grupo?
9 – O que você descreveria sobre dançar quadrilha?
10 – Dançando quadrilha junina consegue construir algum conhecimento que antes era desconhecido, exemplo com o tema da dança?

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO AO PÚBLICO

Questionário ao público
1) DADOS PESSOAIS
Idade: menos de 15 anos () 15 a 20 () 20 25 anos () 25 a 30 anos () 30 a 35 anos () 35 a 40 anos () acima de 40 anos ()
Escolaridade: Fund. Incompleto () Fund. Completo () médio Incompleto () médio Completo () superior Incompleto () superior Completo () mestrado () doutorado ()
Nacionalidade: cidade que nasceu:
2) RELAÇÃO COM A FESTA
1 – O que leva (motivos) a frequentar o Boa Vista Junina?
2 – Quantas noites visita a festa?
3 – Tem costumes de assistir as apresentações das quadrilhas anualmente?
4 – Como enxerga a cultura da quadrilha junina?
5 – Como analisa a valorização da cultura junina local?
3) AÇÃO/PRÁTICA
1 – Consegue entender o tema que a quadrilha leva ao tablado?
2- Entende o enredo (começo e fim) do tema da quadrilha ao se apresentar?
3 – Compreende a quadrilha junina como um processo de linguagem-comunicação com o público? Como?
4- O que leva assistir as apresentações de quadrilhas?
5 – O que consegue perceber de inovador nas quadrilhas juninas?
6– Já ouviu falar sobre a educomunicação? (Comunicação + educação)?
7- Consegue perceber a educação não formal presente nas festas juninas e nas quadrilhas?
8 – Que tipo de aprendizagem conseguem construir ao visitar as festas juninas e assistir a dança quadrilha?